

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

TESE

**Comunidades Intencionais: Experiências Significativas na Relação
com a ComVivência Pedagógica**

Marcela de Marco Sobral

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**COMUNIDADES INTENCIONAIS: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS
NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA PEDAGÓGICA**

MARCELA DE MARCO SOBRAL

Sob a Orientação do Professor

Mauro Guimarães

e Co-orientação da Professora

Ana Margarida Moura de Oliveira Arroz

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ

Abril de 2021

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S677c Sobral, Marcela de Marco Sobral, 1971-
Comunidades intencionais: experiências
significativas na relação com a ComVivência pedagógica
/ Marcela de Marco Sobral Sobral. - Seropédica ; Nova
Iguaçu, 2021.
275 f.: il.

Orientador: Mauro Guimarães.
Coorientadora: Ana Margarida Moura de Oliveira
Arroz.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro, Programa de Pós- graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2021.

1. Educação Ambiental. 2. comunidades intencionais.
3. ComVivência Pedagógica. 4. experiência
significativa. I. Guimarães, Mauro, 1963-, orient.
II. Arroz, Ana Margarida Moura de Oliveira, 1963-,
coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós- graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. IV.
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



TERMO Nº 642 / 2021 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.042704/2021-15

Seropédica-RJ, 18 de junho de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

MARCELA DE MARCO SOBRAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 27/04/2021.

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Membros da banca:

Mauro Guimaraes. Dr. UFRRJ (Orientador /Presidente da Banca).

Ana Maria Dantas Soares. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

Carlos Roberto de Carvalho. Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

Vicente Paulo dos Santos Pinto. Dr. UFJF (Examinador Externo à Instituição).

Martha Tristão. Dra. UFES (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 22/06/2021 10:46)
ANA MARIA DANTAS SOARES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 386253

(Assinado digitalmente em 21/06/2021 11:28)
CARLOS ROBERTO DE CARVALHO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1607701

(Assinado digitalmente em 19/06/2021 06:49)
MAURO GUIMARAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matrícula: 1542313

(Assinado digitalmente em 30/07/2021 13:05)
MARTHA TRISTÃO FERREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 675.215.687-53

(Assinado digitalmente em 22/06/2021 10:48)
VICENTE PAULO DOS SANTOS PINTO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 485.206.756-20

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **642**, ano:
2021, tipo: **TERMO**, data de emissão: **18/06/2021** e o código de verificação: **8fdcc929c0**

DEDICATÓRIA

- A todos aqueles que atuam em evitar que o planeta Terra se torne ruínas arqueológicas para turistas alienígenas.

- A Srii Srii Anandamurti que inspira tantos à evitar que isso aconteça para que alcancem todos uma vida de bem-aventurança.

AGRADECIMENTOS

À Consciência Cósmica que se manifesta em todos os seres e que em mim me abriu as portas para ser conduzida, com ética, empenho, determinação e devoção, sempre em sua direção.

Aos meus pais, que com seu amor me fizeram presente e me presentearam com o melhor deles mesmos.

Ao meu companheiro de vida Moacyr, por seu vínculo amoroso e apoio incondicional, não só nos árduos tempos da tese, como nas guinadas de vida que demos juntos e que me possibilitam ser cada vez mais, eu mesma.

À minha filha, Luara, fonte de inspiração e admiração, que me faz aprender ainda mais sobre a vida e sobre o que realmente tem valor. Uma menina já mulher que espelha tanta luz no início de uma jornada. Sou grata pelo aprendizado intenso!

Esse trabalho não teria chegado até aqui sem o apoio de meus dois orientadores: Ana Moura Arroz, amiga e orientadora de outras etapas, pela dedicação e todo o suporte, sempre me provocando a reescrever narrativas e ir mais fundo na reflexão sobre as “verdades”. Mauro Guimarães, pelo acolhimento integral no meu percurso, pelo engajamento inspirador e disponibilidade permanente em dialogar e a orientar.

Aos queridos amigos Edison Durval e Jeniffer Faria, que dedicaram energia na leitura do manuscrito e me guiaram em momentos difíceis.

Ao Francisco Irigoyen que com seus kiirtans, conversas e comidinhas tornaram ainda mais especial estar nessa escrita.

Muitas outras pessoas, foram fundamentais para essa investigação. Todos os respondentes da pesquisa e em especial à família espiritual de Ananda Kalyani, onde fui recebida como membro da família e desfrutei de práticas elevadas de meditação, jogos coletivos, pizza e fogueira, num lugar lindo. Impossível colocar em poucas palavras toda a gratidão por esses tempos.

Aos integrantes do GEPEADS pela troca, convívio e apoio nas discussões sobre a educação Ambiental e a ComVivência Pedagógica.

Aos colegas de doutorado do PPGEDUC que teceram uma rede de carinho e confiança onde não faltou incentivo, apoio e reciprocidade.

Aos vizinhos, comunitários e integrantes da família espiritual da Ananda Marga cujo pertencimento me desafia, me afeta e me permite inovar-me.

À Sandrinha, que com seu sorriso doce me acompanha e me auxilia no cotidiano da vida, me concedendo o seu tempo para que eu tenha o meu.

Aos integrantes do GBA Grupo de Biodiversidade dos Açores da Universidade dos Açores, pelos momentos de troca, em especial ao acolhimento da Profa. Rosalina Gabriel e do Prof. Paulo Borges.

E, por último, mas não menos importante, à CAPES que me propiciou um ano de estudos em Portugal, no Programa de “doutorado sanduíche” permitindo aprofundar-me no objeto dessa investigação.

RESUMO

SOBRAL, Marcela de Marco. **Comunidades intencionais: experiências significativas na relação com a ComVivência Pedagógica**. 2021. 275 p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021.

Esta tese, concentra-se em conhecer os aspectos subjetivos de pessoas que vivem em comunidades intencionais (CI), para perceber quem são, quais as suas visões de mundo, satisfação com a vida, desenvolvimento espiritual, motivações e as transformações percebidas; e relacionar com percepções e práticas dos educadores ambientais, para estabelecer relações das experiências significativas destes comunitários, e observar aspectos relevantes que podem vir a ser valorizados na formação de Educadores Ambientais por meio da proposição da ComVivência Pedagógica. Para isso, foi realizada uma análise sistemática sobre comunidades intencionais e conduzida uma investigação exploratória, voltada a desvelar percepções de comunitários e educadores, usando um método misto, com inquérito por questionário e entrevistas semiestruturadas, visando a complementaridade dos dados. Os resultados mostram que os comunitários se enquadram em uma visão de mundo integrativa, com elevado nível de desenvolvimento espiritual e de satisfação com a vida, relativamente mais altos do que os encontrados nos educadores ambientais. Há alguma semelhança em dimensões relacionadas à efetivação de estratégias que visavam o desenvolvimento pessoal em ambos os grupos, como a meditação. Dentre as intencionalidades que impulsionaram os comunitários à vida comunitária encontram-se elementos de promoção de uma vida sustentável de ligação com a natureza, de desenvolvimento pessoal e de outros seres humanos, o pertencimento e a união de esforços para construir um mundo melhor, o que gerou impactos positivos em diversos aspectos de suas vidas comunitárias. Elementos que buscamos relacionar aos princípios formativos da proposta em construção da ComVivência Pedagógica.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Comunidades intencionais. Experiência significativa. ComVivência Pedagógica.

ABSTRACT

SOBRAL, Marcela de Marco. **Intentional communities: significant experiences in the relationship with the “ComVivência Pedagógica”**. 2021. 275 p. Thesis (Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021.

This thesis, focuses on knowing the subjective aspects of people living in intentional communities (IC), to understand who they are, what are their worldviews, life satisfaction, spiritual development, motivations and perceived transformations; and relate with perceptions and practices of environmental educators, to establish relationships of significant experiences of these communities, and observe relevant aspects that may be valued in the training of Environmental Educators through the proposition of “ComVivência Pedagógica”. To this end, a systematic analysis of intentional communities was carried out and an exploratory research was conducted, aimed at unveiling the perceptions of community members and educators, using a mixed method, with a survey by questionnaire and semi-structured interviews, with a view to complementing the data. The results show that the community members fit into an integrative worldview, with a high level of spiritual development and life satisfaction, relatively higher than those found among environmental educators. There is some similarity in dimensions related to the implementation of strategies aimed at personal development in both groups, such as meditation. Among the intentionalities that drove community members towards community life are elements of the promotion of a sustainable life in connection with nature, of personal development and of other human beings, of belonging and of joining forces to build a better world, which generated positive impacts in several aspects of their community life. Elements that we seek to relate to the formative principles of the proposal under construction of the “ComVivência Pedagógica”.

Keywords: Environmental Education. Intentional communities. significant experience. Pedagogical Living.

LISTA DE FIGURAS/TABELAS

Figura 1 - Estrutura da tese	34
Figura 2 – Tipos de filtro nos diferentes perfis	43
Quadro 1 - Redes de contatos para Educação Ambiental e Permacultura.....	44
Figura 3 - Tipos de comunidades referidas nos artigos.....	79
Quadro 2 – Base de Dados dos estudos identificados	84
Quadro 3 – Número de estudos sobre CI identificados em cada domínio científico	84
Figura 4 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos analisados (N=30).....	86
Quadro 4 -Modelo de Análise	87
Figura 5 - País de origem dos investigadores.....	88
Figura 6 - Gênero dos 1º. autores dos artigos.....	89
Figura 7 – Unidades de análises dos estudos	91
Figura 8 – Principais objetivos encontrados com foco no coletivo das comunidades	92
Quadro 5 – Objetivos do estudo com comunitários	96
Figura 9 – Abordagens metodológicas encontradas nos estudos	98
Figura 10 – Abordagens epistemológicas dos estudos.....	99
Figura 11 – Modelo de análise	124
Quadro 6 – perfil dos entrevistados.....	132
Quadro 7 - Tipos de Comunidades Intencionais em que vivem (N=152).....	136
Figura 12 – visões de mundo com que os inquiridos mais e menos se identificam (N=49)	140
Quadro 8- Correlações entre as visões de mundo tradicional, moderna, pós-moderna e integrativa (N=49)	140
Quadro 9 – Categorias das práticas cotidianas de desenvolvimento pessoal	144
Quadro 10- Motivos para viver em CI - fase extensiva do estudo (N _{resp.} =158)	147
Figura 13a, 13b – Percepção dos moradores acerca da importância e dos impactos de lá viverem (N=77).....	151
Quadro 12 – Impactos percebidos de viver em CI expressos na fase extensiva do estudo: subcategorias (N _{resp.} =79)	152
Quadro 13 – Redes de contatos para Educação Ambiental e Permacultura.....	185
Quadro 14 – Idade e distribuição da amostra em CI e EA	187
Figura 14 - Nível educacional dos participantes, distribuídos entre CI e EA (n=163)	188
Figura 15 - Níveis de estudo EA x CI	189
Quadro 15 – Alimentação adotada por comunitários e educadores ambientais	191
Figura 16 - Alimentação adotada por comunitários e educadores ambientais	191

Figura 17- Comparação da escala de satisfação com a vida entre CI e EA	193
Figura 18 a,b - Comparação da escala de espiritualidade entre CI e EA	195
Figura 19 a, b - Retrato das dimensões da espiritualidade de comunitários e educadores ambientais.....	196
Figura 20 - Práticas mais frequentes de desenvolvimento pessoal, CI e EA	197
Figura 21 - As comunidades intencionais na ComVivência Pedagógica 1	224

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRASCA - Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis

ALBAN – América Latina Bolsas de Alto Nível

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CI – Comunidade Intencional

EA - Educação Ambiental

FIC - Foundation for Intentional Community

GEN – Global Ecovillage Network

GEPEADS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade

MEC - Ministério da Educação

MG – Minas Gerais

ONG – Organização não governamental

PANC(s)– Plantas alimentícias não convencionais

PDSE – Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior

PPGEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

PUC - Pontifícia Universidade Católica

SP – São Paulo

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO DA TESE	15
Inquietudes geradoras da pesquisa	15
Opções e concepções metodológicas	25
Foco e contexto das questões de estudo	26
Abordagem metodológica	29
▪ Estrutura da tese	33
Trajetória de pesquisa	37
Produção de dados	40
▪ Fase extensiva	40
▪ Fase Intensiva	45
Análise de dados	47
Procedimentos éticos	47
CAPÍTULO I – DE PARADIGMA A UTOPIAS	49
O atual paradigma... Base para um novo paradigma?	50
O paradigma e a utopia	56
As comunidades intencionais: vislumbre de possibilidades	61
CAPÍTULO II – MODOS DE VIDA EMERGENTES EM UMA TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE COMUNIDADES INTENCIONAIS	68
INTRODUÇÃO	69
O conhecimento científico: as comunidades intencionais em cena	69
Comunidades como alternativa: intenções de uma vida com princípios sustentáveis	72
2.2 MATERIAL E MÉTODOS	82
2.2.1 Técnica de coleta de dados	82
▪ Idioma	83
▪ Período pesquisado	83
▪ Termos de busca (string)	83
▪ Tipos de estudo	83
▪ Seleção dos estudos	84
2.2.2 Análise dos dados	85
2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	87
2.3.1 Localização e autorias dos investimentos científicos acerca das comunidades intencionais	87
2.3.2 Objetos de estudo	89
▪ Objetivos dos estudos	89
▪ As comunidades	91

▪ Os comunitários	95
Abordagens metodológicas dos estudos	97
Abordagens epistemológicas dos estudos	99
▪ Formas de gestão/governança	101
▪ Utopismo	102
▪ Qualidade de vida	104
2.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
CAPÍTULO III –AS SUBJETIVIDADES DE QUEM VIVE A SUSTENTABILIDADE	113
RESUMO	114
ABSTRACT	115
INTRODUÇÃO	116
Às margens do paradigma: a presença de comunidades na contracultura	116
Os comunitários: quem são e o que pensam	118
3.2 MATERIAL E MÉTODOS	123
Fase Extensiva	124
Fase Intensiva	130
▪ Estudo de caso: os comunitários de Ananda Kalyani	130
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	134
Quem são os comunitários - Perfil	134
▪ Visões de mundo e perspectivas sobre a vida	138
▪ Satisfação com a vida	141
▪ Espiritualidade e desenvolvimento interior	143
As motivações para se inserir em uma comunidade intencional, impactos e a importância percebida dessa escolha de vida	145
▪ Motivações para a vida em uma comunidade intencional	145
▪ Impactos percebidos da mudança de vida decorrente de ingressar numa CI	150
▪ Causas atribuídas às mudanças percebidas	155
3.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
CAPÍTULO IV – CONTEMPLANDO AS SUBJETIVIDADES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	168
RESUMO	169
ABSTRACT	170
INTRODUÇÃO	171
Ser Sustentável: os educadores ambientais e os comunitários	174
Satisfação com a vida	179
Espiritualidade	180
4.2 MATERIAL E MÉTODOS	182
O inquérito por questionário	182

4.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	187
	Caracterização dos Participantes no Estudo	187
	Satisfação com a vida	192
	Espiritualidade	194
4.4	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200
	CAPÍTULO V– COMUNIDADES INTENCIONAIS NA COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA	207
	O educador, Ser mais ambiental	210
	Dimensões das comunidades intencionais na conexão com a ComVivência Pedagógica	214
	As interfaces com uma experiência significativa	219
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	226
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	232
	ANEXOS	242

INTRODUÇÃO DA TESE

... aprender a complexidade ambiental implica um processo de ‘desconstrução’ do pensado para pensar o ainda não pensado, para desentranhar o mais entranhável de nossos saberes e para dar curso ao inédito, arriscando-nos a desbaratar nossas últimas certezas e a questionar o edifício da ciência. (LEFF, 2003, p.19-23)

Inquietudes geradoras da pesquisa

A sociedade contemporânea tem sido marcada por um vasto pluralismo de ideias, conceitos e práticas. Esse pluralismo é fruto da diversidade de cultura, de modos de vida e de tradições misturadas com os avanços tecnológicos e desafios de um mundo, onde tudo acontece muito rápido.

Embora haja essa diversidade no mundo, há também uma lógica dominante, globalizante e que tende a homogeneizar diversas culturas e a determinar modos de vida e prioridades, que nos submete a uma crise sem precedentes.

A questão ambiental e o uso exploratório dos recursos, o contraste econômico-social, a comida envenenada, violência e miséria, o genocídio, a pandemia, os padrões de consumo, as atitudes, os hábitos, são frutos do modelo econômico vigente e refletem-se num trabalho incessante em que todos andamos como “formiguinhas” em direção a um abismo.

A comunicação fácil e rápida, associada ao desenvolvimento tecnológico tem uma lógica pautada no modelo socioeconômico estabelecido e influencia muito a forma de grande parte dos seres humanos agirem apesar dos múltiplos contextos. Assim, os meios de produção afetam os nossos valores sociais e éticos, ou a forma de estarmos na sociedade, e enfatiza a necessidade de um consumo exacerbado de objetos materiais ou abstratos (por exemplo, a quantidade tremenda de informação), fugazes, sem importância, e que nos prende num círculo frenético em busca de mais e mais. Uma consequência do paradigma materialista, da modernidade.

Como já enunciado em vários alertas, esse consumo desenfreado se sustenta pela lógica de exploração, oriunda da base desse sistema dominante, capitalista e que tem nos empurrado para uma crise ambiental com dimensões complexas, interdependentes e multifacetada. Uma crise que ameaça à própria civilização humana e que cresce por uma atuação massiva, cada vez mais padronizada, numa marcha incessante, veloz e

inconsciente rumo ao abismo civilizatório. Não é à toa que os abusos e a simplificação ou imediatismo ambicioso, que desconsidera a complexidade da vida, tenha colocado no momento atual toda a humanidade diante da pandemia de COVID-19. No momento de escrita desse relatório, todos os países e seus sistemas políticos e econômicos estão tendo que lidar com um vírus invisível que provoca estragos não apenas na saúde dos cidadãos, mas torna ainda mais evidente o descaso e o desgoverno no Brasil, em relação ao que é prioritário - a vida.

Dada a perspectiva dos impactos globais já tão largamente anunciados, as questões atuais configuram-se especialmente no campo ambiental (as mudanças climáticas ou a própria origem do Corona vírus, por exemplo), não restrita a ele, mas sim, a concretização de uma crise generalizada, fruto de como a humanidade tem se colocado na sociedade atual.

Na perspectiva de LEFF “a problemática ambiental mais que uma crise, é um questionamento do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia” (LEFF, 2003, p.19) ao qual precisamos superar já que estamos claramente imersos em uma crise paradigmática “e da recíproca crise de paradigmas de um modelo societário que se disseminou em escala planetária” (GUIMARÃES; PRADO, 2014, p. 78).

Ao mesmo tempo, o atual sistema capitalista é ineficaz para garantir a qualidade de vida e o necessário equilíbrio que coordene as várias esferas da vida que possam propiciar a felicidade humana. Basta verificar o enorme desequilíbrio entre as oportunidades de acesso dos vários povos, ou o profundo contraste entre os dois hemisférios terrestres, ou mesmo dentro de um mesmo país ou cidade, no caso brasileiro.

O que encontramos lado a lado é desperdício e escassez, cuja miséria e fome convivem com o consumo sofisticado e a fartura econômica (que refletem no contraste entre a abundância e a miséria, também na educação, cultura, saúde, habitação e qualidade de vida, entre outros); uma sociedade cuja disparidade se apresenta na fome, violência, degradação ambiental, tragédias ambientais, doenças, desmatamentos, extermínio e aculturação de povos e comunidades tradicionais.

Autores reforçam que no atual modelo hegemônico, as relações humanas e as relações com a natureza, têm-se estabelecido mediante produção e consumo, evidenciando a exploração dos recursos e das pessoas, assim como a supremacia da hierarquia de poder como pilar central da sociedade. (GUIMARÃES e PRADO, 2014)

Como possível solução a tudo isso, o próprio capitalismo se apropriou do termo “sustentabilidade” utilizando-o como argumento para um crescimento econômico que

ampararia um desenvolvimento sustentável que não acontece e que acachapa cada vez mais a sustentabilidade ecológica e social (DIAS *et al.*, 2017), agravando os problemas ambientais que avançam em passos firmes e sorrateiros, fruto desse modelo de desenvolvimento que explora, esgota e mata, privilegiando coisas e não a vida.

Na realidade essa problemática está entrelaçada com o atual paradigma, suportada por este mesmo modelo hegemônico e está tão arraigada em nossas subjetividades e visões de mundo que nos impede de superar os atuais conflitos, sem gerar outros conflitos. O filme “Planeta dos humanos” (GIBBS, 2020) ilustra bem como as soluções para a superação do paradigma de utilização dos combustíveis fósseis em direção às energias renováveis são aparentes e apenas reproduzem o mesmo modelo condicionante ao qual a sociedade está submetida.

A crise ecológica que se apresenta se relaciona com atitudes práticas, mas teóricos afirmam que não há como aplicá-las sem desenvolver a consciência ambiental crítica. Por conseguinte, que no campo da Educação, se reproduz as bases do pensamento liberal e seus modelos, que pretende preparar os indivíduos para se moverem conforme os parâmetros estabelecidos, os das leis do mercado, inclusive retirando do currículo, na nova Base Nacional Curricular – BNCC, a obrigatoriedade das disciplinas filosóficas e sociais (FUNDAÇÃO LEMANN, 2020; MEC, 2017), reduzindo o espaço de reflexão e aprofundamento que poderiam colaborar para a tarefa emancipatória da Educação e da Educação Ambiental tornando-a um mecanismo meramente instrumental (GUIMARÃES; PINTO, 2017).

Segura (2001) discute a Educação Ambiental em escolas em sua dissertação de mestrado, apontando a dificuldade dos professores em inserir a questão ambiental na escola num “contexto massacrado pela rotina de trabalho” (SEGURA, 2001), criando um hiato, uma disruptura entre ação e intenção (SOBRAL, 2009).

Mauro Guimarães, (2004) situa a visão hegemônica que estrutura o paradigma da sociedade também no campo da Educação Ambiental, no embate entre paradigmas antagônicos, cujo campo ambiental se contrapõe ao paradigma hegemônico das elites e do poder, perfazendo a visão de mundo da sociedade moderna, na qual estamos inconscientemente mergulhados.

Uma questão que se coloca, é que mesmo com a “racionalidade ambiental” (LEFF, 2003a; LEFF; CABRAL, 2006), a construção de uma nova realidade ambiental estruturada de um novo modelo (GUIMARÃES, 2004) não tem se concretizado na sociedade, apesar dos esforços de reflexão de muitos autores sobre a suas práticas, os

princípios e metodologias que tem sido feitas por tantos educadores ambientais, ao longo das últimas décadas (DIAS, G. F., 1992; GADOTTI, 2000; GRUN, 2011; JACOBI, 2005; LOUREIRO, 2003, [s. d.]; LOUREIRO *et al.*, 2002; REIGOTA, 1999; SOBRAL, 2014; SORRENTINO, 2000; WATANABE, 2011) especialmente no debate sobre a Educação Ambiental Crítica. (CARVALHO, 2004; GUIMARÃES, 2004; LEFF, 2003b; LOUREIRO *et al.*, 2002; SOBRAL, 2014)

Apesar de Educação Ambiental crítica, discutir e ambicionar a promoção da transformação para outro paradigma, de uma sociedade justa e equilibrada ambientalmente, ela também se encontra subordinada aos mesmos dilemas societários, e se depara com as mesmas barreiras que impedem que práticas pedagógicas emancipatórias e transformadoras realmente ultrapassem os limites do modelo estruturante da sociedade. Estes limites podem ser vistos, por exemplo, na dificuldade de criar uma *práxis* que resulte na superação da “armadilha paradigmática” (BARCELOS, 2015; GUIMARÃES, 2004, 2011, 2018; GUIMARÃES; GRANIER, 2017) e na formação de educadores e educandos alinhados com a identidade de um “sujeito ecológico” (CARVALHO, 2004).

Por mais que se lute, mais a sociedade se desequilibra e mais notamos as desigualdades sociais. Sem dúvida, que a Educação Ambiental crítica tem levantado e questionado estas disparidades. Acompanho de perto, as discussões no grupo de WhatsApp, OBSERVARE¹ e a quantidade de informação que circula é altamente esclarecedora e qualificada, demonstrando que temos educadores ambientais, altamente capazes, engajados e até resilientes atuando.

Entretanto, permanece a inquietude que tem me acompanhado ao longo de toda a minha prática como educadora. Apesar de notório o debate social que discute as bases do modelo vigente na *práxis* da Educação Ambiental e ainda que haja todos esses recursos sociais, filosóficos e o horizonte emancipatório fomentando o pensamento crítico, ainda assim, não temos conseguido conquistas que tenham sido suficientes para alterar minimamente esse modelo hegemônico. Ao contrário, a sociedade humana vem agravando o abismo civilizatório, desde um paradigma que em instância planetária e da

¹ OBSERVARE é um grupo do WhatsApp formado por 189 educadores ambientais, focados “em diálogos, manifestos, atos e táticas para não sucumbir ao processo desintegrador instaurado pela necropolítica. É um grupo com princípios de RESISTÊNCIA e R-EXISTÊNCIA”, (Dados do grupo) criado em 2009. Possui também um página na internet <https://observatorioea.blogspot.com/p/nos-educadores-e-educadoras-ambientais.html> e foi recém-migrado para o Telegram.

nossa espécie é suicida, sem que consiga avançar rumo a um modelo emancipatório que realmente direcione os seres humanos para a superação desse paradigma tão desigual.

Estas constatações são intensamente inquietantes e frustrantes, pois se assiste na nossa realidade atual uma enorme dificuldade na superação do que está posto. A sociedade está submersa em uma forma de agir e pensar, e deste ponto estrutura a sua visão de mundo e seu fazer social.

Trata-se de uma leitura de mudo entre exploradores e explorados e os recursos ambientais são um ponto chave nessa relação de exploração, onde os mais abastados usufruem de grande porcentagem dos recursos naturais e financeiros, e conseqüentemente, os recursos sociais existentes. Como falar em sustentabilidade diante dessa situação?

É irônico que na práxis a Educação Ambiental não escape a esse modelo linear e homogêneo estabelecido e ao qual pretende superar, na perspectiva de consolidar a racionalidade ambiental (LEFF, 2003a; LEFF; CABRAL, 2006). Martha Tristão reflete sobre esse tema e reconhece a predominância de um conhecimento que se reduz à mente e à razão e propõe a inclusão de outras narrativas, que promovam a autoconsciência e o saber solidário (TRISTÃO, 2005).

Essas reflexões têm permeado a minha trajetória de vida, desde a minha história familiar. Nasci em uma casa em que meus pais ousavam transgredir a ditadura militar enquanto participantes do Partido Comunista Brasileiro, que estava na clandestinidade. Assim, cresci em um ambiente de reuniões e encontros políticos. Ganhei dos meus pais “1984” de George Orwell (1980) aos 14 anos e “1968: o ano que não terminou”, de Zuenir Ventura, aos dezoito; e as conversas políticas e de necessidade de mudança social estavam presentes literalmente à mesa.

Mais tarde me tornei educadora e tive oportunidade de refletir mais profundamente sobre as vivências de homogeneização do ambiente escolar. Sofri isso como aluna e também como professora, e me dei conta do quão difícil é transformar algo no qual se está imerso.

Depois de trabalhar em projetos sociais de lazer e cidadania na Prefeitura de Santo André e em várias unidades do SESC (Bertioga, São Caetano, Ipiranga, Pompéia e Vila Mariana) expandindo minha atuação para a multidisciplinariedade e para a educação não-formal, saí da capital de São Paulo e fui morar em Ilhabela-SP, dar aulas em escolas municipais de grande vulnerabilidade social, o que me levou à interação de perto com os intensos, apesar de muitas vezes ocultos, conflitos socioambientais.

Como servidora das Prefeituras de Ilhabela e Prefeitura de São Sebastião e voluntária em ONGs locais, me engajei em projetos socioambientais locais e em espaços participativos de discussão da região, como o Comitê de Gestão do Parques Estadual de Ilhabela e o Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral Norte, o que me levou a atuar na prática em projetos socioambientais, a me posicionar politicamente e me incitou a me aprofundar na práxis da Educação Ambiental e em estudos de pós-graduação na área.

Após a finalização do mestrado em Portugal, demarcado pelo projeto de pesquisa lá desenvolvido, que buscava uma Educação Ambiental que considerasse os “saberes” locais e que estivesse condizente com as questões vivenciadas pelos agricultores das ilhas açorianas, onde eu vivi; retornei ao Brasil e me afastei da Prefeitura e do litoral norte de São Paulo e fui me estabelecer em uma comunidade alternativa, uma comunidade intencional em Minas Gerais. Fui em busca de maior qualidade de vida, de uma educação mais qualificada para minha filha de nove anos (na pedagogia Waldorf) e de um local que potencializasse o meu desenvolvimento pessoal em todas as suas dimensões. Eu queria priorizar também a possibilidade de mergulhar ainda mais fundo nas práticas de meditação que eu já praticava, e viver em maior conexão espiritual.

A partir desse salto, e embora toda a minha vivência anterior com as questões ambientais tivesse sido pautada pela reflexão crítica acerca das escolhas mais sustentáveis no meu dia a dia familiar e profissional, ir viver em uma comunidade espiritual, rural, sem telefone e menos ainda internet, me fez dar-me conta de como o meu mundo era circunscrito pela minha urbanidade paulistana e como isso era condicionado em mim.

Ao mesmo tempo, sentia que me desconstruía e aprendia a vivenciar uma outra realidade, com outros parâmetros, em que são essenciais a geração de renda local, a ética, a permacultura, o respeito e a justiça ambiental, a vitalidade comunitária, a alimentação saudável, o uso de plantas alimentícias não convencionais (PANC), o respeito aos animais, a meditação, a yoga, a conexão cósmica, entre outros. Desde então, tenho me permitido estar aberta a uma nova visão de mundo, que vem se constituindo a cada dia e mais profundamente a partir das reflexões sobre meus hábitos e práticas pessoais cotidianas, venho transformando não só a minha rotina ou a forma de me alimentar, prioritariamente orgânica e em sintonia com uma ética com os animais, mas também o meu agir e pensar, refletindo sob esta outra perspectiva acerca das conexões ser humano-natureza-sociedade, da Educação, da sociedade e da efetividade da Educação Ambiental atualmente difundida.

Enquanto eu migrava para um “fazer”, pensar e agir mais natural, mais ambiental, assistia as comunidades locais do entorno se “modernizarem” a cada dia, não pelo maior acesso ou benefícios, isso não acontecia, mas por irem se entranhando no paradigma moderno, especialmente os jovens, sem dar alternativas para a reflexão crítica, nem ao menos nas escolas.

Eu vivia numa coletividade, alternativa, com intencionalidade sustentável e espiritual formadas por pessoas que saíram de cidades em busca de implementar outros modos de viver, seja a partir de práticas permaculturais, agroecológicas, e ou espirituais; de práticas que foram em alguma instância pensadas, organizadas e refletidas, o que difere da maioria dos moradores da zona rural, que seguem uma tradição familiar de cultivo e lida com a terra que tendem a desvalorizar as técnicas sustentáveis ancestrais de cultivo mais em sintonia com a natureza, e que quando as fazem é “porque sempre foi assim”, ou rompem com tais tradições para acessarem “pacotes tecnológicos” como os da Revolução Verde (SOBRAL, 2009).

O que tenho presenciado, residindo na zona rural de Minas Gerais, nos últimos 11 anos, é que muitos dos habitantes da zona rural, apesar da vida no campo, também estão condicionados pelo mesmo sistema que impera na vida urbana, seguindo o mesmo modelo imposto pelos que vivem nas cidades. Por exemplo, a aquisição de itens da alimentação básica é feita nos mercados da cidade mais próxima, com o consumo preferencial por alimentos industrializados, caros, com substâncias que sequer sabemos como expressar seus nomes ou o efeito que terão na nossa saúde; que produzem resíduos de toda ordem, gerando externalidades, e impactos no planeta.

Como não estranhar que, quase a maioria absoluta da população passou por processos educativos estruturados, formais ou informais e ainda assim, apesar dos avanços tecnológicos e científicos, a nossa sociedade, composta por seres humanos “educados” vislumbra os recursos naturais como se fossem infinitos. Ora, lidar com recursos finitos como se fossem infinitos só nos encaminha, mais apressadamente para o abismo, para o insustentável, para o caos e para maiores e mais profundas desigualdades.

Por estas reflexões e por minha trajetória, se tornou fundamental e ainda mais importante rever a Educação Ambiental, e refletir em como reconstruir seus processos formativos, para que esta se torne realmente capaz de contribuir efetivamente no desenvolvimento de outro paradigma da sociedade, rompendo com as inconsciências que nos amarra na visão de mundo materialista e dicotômica que se traduz nas relações sujeito-objeto; humano-natureza; eu-outro (TARNAS, 2009).

Como fazer para contribuir efetiva e coerentemente para a estruturação de um novo mundo? Ou seja, como atuar de forma engajada para que a Educação Ambiental possa realmente fomentar as bases de uma sociedade regenerativa e equânime e de um ser humano mais ambiental, ético, responsável e feliz.

Com o compromisso de engajamento que tem orientado o meu percurso de vida, não posso me furtar de observar que muitas dessas pessoas, também “educadas” nesse mesmo paradigma, têm abdicado de uma vida mais convencional para ousar viver uma forma de vida alternativa. São pessoas vivendo em coletividades, afastadas do ritmo social que conhecemos, com intencionalidades próprias, geralmente orientadas por princípios de equanimidade, sustentabilidade, qualidade de vida, espiritualidade, solidariedade e vitalidade comunitária ou outros. Elas procuram criar e aplicar um conjunto de técnicas marginais como a agricultura orgânica, a permacultura, as relações comunitárias, a comunicação não-violenta, a meditação, yoga, medicina natural, vibracional entre outras, e em vários países do mundo.

Dessa forma, observo, por um lado uma luta política e engajada de educadores ambientais críticos, pesquisadores e atuantes que batalham por um mundo melhor, repleta de “premissas previamente aceitas pelas linguagens totalizantes que impregnam os campos do sentido da Educação Ambiental” (TRISTÃO, 2005, p. 255); e por outro, moradores de comunidades intencionais (ainda pouco estudados) que têm vivenciado em seu modo de vida, um outro modelo, procurando criar ou sustentar a consolidação de um paradigma emergente, em (com) suas próprias vidas.

O que torna isso possível? O desenvolvimento da consciência pela práxis? Se sim, como a consciência foi desenvolvida a fim de possibilitar um agir diferenciado na sociedade? E mais, como ela poderia ser adquirida, cultivada, desenvolvida? Quais aspectos estão imbricados no seu desenvolvimento? Será a experiência vivenciada nessas sociedades ausentes (SOUZA SANTOS, 2002) um contributivo importante para refletirmos a prática da Educação Ambiental?

Esses questionamentos, impulsionaram uma primeira reflexão na constituição desse estudo e orientaram a trajetória de pesquisa buscando estabelecer percursos metodológicos que auxiliassem na exploração de questões mais específicas nesses temas visando contribuir para princípios que componham os processos formativos de Educação Ambiental para a estruturação desse outro paradigma, isto é, de um novo modelo estruturante societal.

Estudos sobre comunidades intencionais² (BRITTO, 2018; GÓMEZ-ULLATE GARCÍA DE LEÓN, 2007; LOCKYER *et al.*, 2011; ROYSEN, 2018; ROYSEN; MERTENS, 2016; SANTOS JUNIOR, 2016; STACH; SHENKER, 1987; SULLIVAN, 2016), reforçam que nelas existe um esforço para se afastar do “massacre do sistema”.

... as ecovilas funcionam, têm funcionado, historicamente, como pontos de convergência de esforços de síntese socioculturais, através do que poderíamos chamar “redes de consciência”, ou, se preferirem, de um “inconsciente coletivo”, visando a “formulação” e “difusão”, também em rede, de elementos que possam servir de base para as transições de um modelo de civilização para outro, sucessivamente. (Scortecci, 2004, p. 4 apud SANTOS JUNIOR, 2015, p.211)

Vale lembrar que uma outra forma de abordar o conceito de comunidade é justamente pela relação complementar e oposta ao do significado de sociedade, onde “comunidade” se caracteriza pela profundidade, continuidade, plenitude e conexão emocional que formam os laços sociais; e “sociedade”, pressupõe impessoalidade, com base em relações não emocionais, bem refletidas, racionais e contratuais (Bădescu, 2005 apud MARDACHE, 2016).

... as ecovilas se situam no caminho da construção de uma sustentabilidade ética que se oferece como cultura, na medida em que propõe novos códigos técnicos e valorativos nas relações da pessoa (indivíduo e coletividade) com o mundo e com a Terra. Nessa abordagem é incorporada uma perspectiva que se apoia no caráter propositivo da construção de uma subjetividade aberta à incorporação das pessoas como sustento substantivo da trama socioespacial. No contexto das ecovilas genuínas, essa nova subjetividade se relaciona tanto com o conteúdo presente nas dimensões incorpóreas quanto com na construção material e territorial do grupo e oferece caráter de enraizamento à aventura de uma vida coletiva zelosa. (SANTOS JUNIOR, 2015, p. 212)

² Comunidades intencionais foi a expressão escolhida no decurso desta tese, por ser um termo inclusivo para: “ecovilas, coabitações, comunidades, land trusts, comunas, cooperativas estudantis, cooperativas urbanas habitacionais, moradia intencional, comunidades alternativas, vida cooperativa e outros projetos em que as pessoas se esforçam em conjunto com uma visão comum.” (CUNNINGHAM, 2014; GEN, 2012)

Entretanto, é imperativo compreender se de fato, os que vivem nas “comunidades intencionais” tem em seus valores outras referências que contribuem (ou não) para um outro modo de vida, mais sustentável e com qualidade de vida. Será que estudar os comunitários nos pode levar a identificar os fatores determinantes para promover mais consciência ecológica e práticas mais sustentáveis? Ou seja, desvendaria aos educadores ambientais as variáveis que naqueles foram determinantes para a mudança de práticas – contribuindo assim para esclarecer o processo da Educação Ambiental tanto em termos de variáveis críticas a serem trabalhadas e consideradas em seus processos pedagógicos (a gerir) como das estratégias a se utilizar.

Por todo esse contexto se justifica compreender melhor as características desses moradores, e como a experiência de viver em comunidade intencional influenciou e transformou suas vidas.

Seriam os comunitários pessoas que pensam de forma diferente sobre o mundo? Quais suas cosmovisões? Quais suas percepções sobre a vida? O que os fez romper com uma vida mais convencional e os motivou a crer em novas formas de organização social? Quais estratégias diárias conseguem viabilizar que se coadunam com princípios sustentáveis? E que transformações reconhecem em si como decorrentes destas vivências?

Nesse sentido, o presente estudo investigou as componentes subjetivas dos integrantes das comunidades intencionais, buscando elementos que possam ser transpostos para refletir e planejar processos educativos em Educação Ambiental, que colaborem na suplantação das barreiras assentadas pelo paradigma hegemônico. Ou seja, na formação integral dos cidadãos, possibilitando-os ter melhores condições para avançar, avaliar, ter uma participação ativa de superação da atual crise civilizatória em que nos encontramos.

Considerando, que em alguma instância, os comunitários possuem um percurso que busca superar as limitações e os problemas do modelo capitalista vigente, espera-se contribuir com maior relevância para o campo educacional, subsidiando com o incremento de outras variáveis a formulação de percursos formativos de educadores atuantes na Educação Ambiental como o da ComVivência Pedagógica.

A necessidade de compreender com mais profundidade essa relação entre a ação cotidiana e a intenção, ou entre o discurso e a prática dos comunitários encaminhou o trabalho de investigação para as subjetividades, as práticas e as motivações que os impulsionaram a se lançarem nesse tipo de vida em uma relação mais próxima com a

natureza. Após o mergulho nesse universo dos comunitários as práticas e os elementos subjetivos foram cotejados em relação aos educadores ambientais, a título de verificar semelhanças e diferenças.

Para perceber o que os diferenciam (ou não) foram ampliados alguns aspectos que os influenciam diretamente em seus cotidianos, subjetivos, e aos quais se pressupõe ter alguma indicação de possíveis investimentos a serem feitos em processos educativos que superem a “armadilha pedagógica.” Vale ressaltar que se considera que pelos menos em alguma medida, estes comunitários têm buscado atuar com alguma coerência no seu cotidiano, na práxis, na construção da sustentabilidade.

Em suma, o objetivo deste trabalho é explorar os aspectos de desenvolvimento interior, bem-estar, espiritualidade e estratégias relacionadas que são realizadas pelos comunitários no decurso de suas vidas, no sentido de subsidiar a reflexão na formulação de processos formativos de educadores ambientais. Ou seja, investigar como a percepção desses sujeitos que se estabeleceram no cotidiano de um modo de vida que procura romper com a “armadilha paradigmática” (GUIMARÃES, 2011), em uma comunidade utópica/sustentável, podem contribuir na proposição de novas perspectivas na formação de um “sujeito ecológico”(CARVALHO, 2004, 2001) de um educador autônomo que efetive em sua *práxis*, a construção de um “Ser mais ambiental” (GRANIER, 2015, 2017).

Dessa forma, o rumo desse trabalho segue em direção às comunidades intencionais e seus membros, no intuito de ampliar os horizontes e as interfaces da Educação Ambiental com outras iniciativas e dimensões, corroborando que,

a saída é refletirmos sobre os caminhos explicativos que temos seguido, sobre os perigos da padronização exaustiva dos nossos discursos e tentar encontrar outros caminhos possíveis ao caminhar, estratégias mais solidárias em relação ao meio ambiente e novos rumos que nos possibilitem uma viagem ao desconhecido (TRISTÃO, 2005, p. 256).

Opções e concepções metodológicas

As metodologias não apenas revelam, mas também, em alguns aspectos, constituem os fenômenos sob investigação. O que chamamos de "fatos", em outras palavras, não está pronto, mas surge em um processo complexo de negociação perceptiva, emocional e cognitiva

entre conhecedor e conhecido.... A Teoria Integral afirma que a consciência está incorporada na carne, incorporada na natureza e enredada nos sistemas eco-sociais. (Esbjörn-Hargens e Zimmerman, 2009, p. 35 apud CHALQUIST, 2011)

FOCO E CONTEXTO DAS QUESTÕES DE ESTUDO

A presente investigação foi desenhada a partir da necessidade de conhecer mais sobre os integrantes das comunidades intencionais, considerando-os como potencial para informar a estruturação de processos formativos para a Educação Ambiental. A ideia era refletir acerca de como suas subjetividades poderiam colaborar na relação com os pressupostos referentes ao papel da Educação Ambiental, na construção de um novo paradigma.

Dessa forma, buscando integrar e destacar as realidades percebidas pelos comunitários e pelos educadores ambientais sobre seu desenvolvimento pessoal, suas práticas, satisfação e transformação na vida, criou-se um espaço de construção analítica, e interpretação das possíveis relações existentes entre a interioridade de quem vive a vida comunitária e o contexto da ComVivência Pedagógica³, uma proposta teórico metodológica de formação de educadores que vem sendo desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade – GEPEADS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, coordenado pelo professor Dr. Mauro Guimarães.

Neste sentido, esse estudo tem como foco compreender elementos subjetivos de pessoas que passaram a dedicar suas vidas ao propósito de um viver mais sustentável e próximos à natureza, em comunidades intencionais e explorar como esses elementos subjetivos poderiam gerar possíveis efeitos à processos formativos em Educação Ambiental e quiçá para a sociedade.

A partir das inquietações vivenciadas em minha trajetória atuando na Educação Ambiental e a constatação de que, mesmo com todo o esforço em diferentes campos da pesquisa em ciências humanas e sociais, a forma como vivemos na sociedade, continua nos levando ao “abismo civilizatório” sem que possamos, enquanto sociedade global,

^{3 3} Para saber mais sobre essa abordagem, veja: Granier, (2015, 2017); Ferreira, (2016); Guimarães e Medeiros, (2016); Guimarães e Granier, (2017); Guimarães e Pinto (2017); Guimarães, (2018); Guimarães; Granier; Klein, (2020); Faria, (2021) e acesse (<https://gepeadsim.wordpress.com/historico/>).

implementar um modo de vida sustentável ou conquanto pouco mais sustentável; empreendi a presente investigação visando discernir possíveis elementos presentes nas pessoas que residem em pequenas iniciativas sustentáveis como as comunidades intencionais, que pudessem contribuir para o desenvolvimento de uma Educação Ambiental mais efetiva.

O percurso da Educação Ambiental crítica foi construído com lutas, reflexões e conquistas que espelham em seu campo, as disputas do modelo capitalista *versus* um modelo sustentável, cuja pauta sempre se orientou pela construção e produção do conhecimento, em base freireana, e não em sua mera transmissão. Por isso parto do pressuposto que a EA teria um papel importante na prossecução de um modo de vida, de uma sociedade planetária, includente e equilibrada. Não seria a única, mas sem dúvida, em seu campo de atuação está permeado a urgência de superar o desafio da crise civilizatória, que nos condiciona e nos ata em seus tentáculos, e cocriar novas premissas na transição a um outro paradigma, outra sociedade cuja vida seja a referência, uma sociedade neohumanista⁴.

Com base nisso e na minha experiência no cotidiano de uma comunidade intencional, me lancei a explorar o que pensam essas pessoas que romperam com parâmetros mais convencionais da nossa sociedade para irem viver na margem do sistema e de forma mais sustentável, os moradores de comunidades intencionais (CI).

Dessa forma, procurei levantar aspectos subjetivos dessas pessoas para colher elementos que possam vir a enriquecer uma abordagem de Educação Ambiental que se efetive, a partir dos avanços já obtidos, cognitivos, críticos e práticos, em suas dimensões políticas, sociais, econômicas, epistêmicas, culturais, etc; mas que também contemple a complexidade ambiental pela vivência, experiência, empatia, conexão com os seres, com a natureza, com o todo, numa expansão de percepções e relações para além do tangível e visível. Considerando que se quisermos superar o paradigma condicionante e condicionado temos que extrapolá-lo a partir de outras possibilidades, com criatividade.

Assim, toda a trajetória de pesquisa foi elaborada com o foco em levantar elementos subjetivos dos comunitários, identificá-los, perceber se estão presentes no

⁴ "Neohumanismo" é um termo cunhado por Sarkar que supera e se contrapõe ao humanismo, surgido durante o Renascimento na Europa e negava a existência de um Deus transcendente, coloca a espécie humana como centro do universo e negligencia outras espécies. O neohumanismo, expressa o processo de expansão do sentimento egocentrado e da fidelidade dogmática a crenças de base (mesmo que inconscientes) à empatia com a vida, em parcelas cada vez mais ampla no universo. Está fundado na ecologia espiritual que reconhece o sentimento de uma família universal (SARKAR, 2001).

cotidiano de um modo de vida sustentável e como estes elementos poderiam subsidiar processos educativos da Educação Ambiental.

Em termos de finalidade esta será uma pesquisa empírica, de natureza exploratória, baseada na perspectiva do raciocínio indutivo (GUERRA, 2006). Para melhor responder às questões norteadoras dessa tese e o alcance de seus objetivos centrais abordagem metodológica analítica utilizada previu a combinação de métodos, conhecida como metodologia multimétodo ou método misto.

De acordo com as afirmações de Reason (apud GOMÉZ; FLORES; JIMÉNEZ, 1996) sobre os processos de investigação, esse estudo orienta-se pelo conhecimento e experiências que as pessoas acumulam, pois para o autor, é a partir desse conhecimento que se pode perceber a essência embutida nos percursos das pessoas e obter informações de como se construíram suas transformações.

Dessa forma, na pesquisa empírica, a postura metodológica assumida

... reconhece o saber do sujeito enquanto ator social e na interação da sua objetividade e subjetividade com a dinâmica das suas relações com o seu papel social com o meio em que se insere, implicando-o na produção de conhecimento, tal como preconizado como um dos pressupostos da EA, e mediando as dimensões relacionadas nesse processo. (SOBRAL, 2009, p.68)

Neste contexto, esse estudo pretende se aprofundar nas comunidades intencionais e verificar quais são os elementos de inspiração desses habitantes e de que forma suas perspectivas e experiências pessoais, construídas no cotidiano coletivo dessas comunidades, contém elementos de interesse para a Educação Ambiental, procurando identificar com base nestas subjetividades, elementos significativos estruturantes educativos. Para tanto, os principais objetivos são:

- Conhecer o que se tem produzido nos artigos mais recentes sobre comunidades intencionais;
- Conhecer as características, subjetividades e práticas dos sujeitos comunitários que deliberadamente buscaram romper com o sistema vigente ao se inserirem em comunidades alternativas construídas a partir de suas intencionalidades;

- Identificar quais as motivações que inspiraram/inspiram os habitantes dessas comunidades para efetivarem essa mudança em suas vidas;
- Verificar em que medida aspectos subjetivos e as práticas adotadas dos comunitários se assemelham ou se diferenciam dos educadores ambientais;
- Interpretar que elementos estão presentes na vida comunitária que podem contribuir em processos formativos em Educação Ambiental, especificamente na proposição da ComVivência Pedagógica.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Ao afirmar os pressupostos de emancipação e transformação social de uma Educação Ambiental que contribua na transição para um novo paradigma, foi feita a escolha por uma abordagem metodológica integrada que propiciasse avançar rumo aos objetivos norteadores desse estudo e que contemplasse os atores sociais envolvidos, suas práticas, significados e interpretações que fazem de si mesmos e de suas próprias ações (GUERRA, 2006).

Para isso foi mobilizado um design plural, apoiado, em dados quantitativos convocados numa ótica descritivo-interpretativa com vista a captar os significados subjetivos nos sujeitos com instrumentos reconhecidos na Psicologia, procurando destacar os constructos e que poderiam ser mobilizados em processos formativos.

Esta pluralidade como opção metodológica foi adotada na tentativa de sustentar a obtenção de dados em dois diferentes contextos sociais: o de educadores e dos comunitários, por meio de suas percepções individuais e cuja exploração nos permitisse maior aproximação com os eixos e princípios formativos fundantes da ComVivência Pedagógica.

Desde muito tempo, vem sendo discutido na Ciência as vantagens e desvantagens das abordagens quantitativas e qualitativas, sendo amplamente conhecidas a dicotomia e a oposição constante entre ambos. Essa oposição tem sido objeto de forte debate, revelando o antagonismo entre duas visões de mundo (DE WITT, 2013) que orientam projetos de investigação desde sua concepção, procedimentos, análises e interpretações dos resultados.

As investigações, em geral, se norteiam por um ou outro sistema, situados em dois extremos. De um lado, temos a ciência (pós)positiva que enfatiza a lógica dedutiva e as

relações de causa e efeito, baseados em métodos quantitativos; e de outro, os cientistas sociais enfatizando os processos indutivos, ou a teoria fundamentada, focados na compreensão profunda dos fenômenos e se apoiando em métodos qualitativos. (DE WITT, 2013)

Ao mesmo tempo em que há esse confronto dicotômico pelas singularidades de cada método, alguns autores ressaltam as vantagens da combinação de ambas as abordagens metodológicas, no sentido de superar lacunas que poderiam ocorrer ao se adotar apenas uma das perspectivas.(MARQUES *et al.*, 2007; OLIVEIRA, 2015; PARANHOS *et al.*, 2016). Além disso, a polêmica sobre métodos e o melhor uso de suas técnicas é desprovida de sentido científico (MARQUES *et al.*, 2007), pois o avanço da ciência e sua produção depende da diversidade de argumentos e interpretações sobre os fenômenos, e elas devem ser requeridas conforme o objeto e o seu conjunto de objetivos e questões (MARQUES *et al.*, 2007).

Ao mesmo tempo em que há esse confronto dicotômico entre as singularidades de cada método, alguns autores ressaltam as vantagens da combinação de ambas as abordagens metodológicas, no sentido de superar lacunas que poderiam ocorrer ao se adotar apenas uma das perspectivas. (MARQUES *et al.*, 2007; PARANHOS *et al.*, 2016).

No contexto dessa pesquisa, procuramos valorizar as características de cada uma, procurando ultrapassar a visão dual e de confronto para focar nos benefícios e virtudes de cada uma das abordagens.

Alguns desses benefícios incluem os mecanismos de confirmação assim como também os de complementariedade (ARROZ, 2004; OLIVEIRA, 2015; PARANHOS *et al.*, 2016). Uma discussão mais profunda sobre a utilização de métodos mistos é feita por Creswell (2009; 2012; *apud* PARANHOS *et al.*, 2016) onde ele apresenta diversos argumentos para que a integração entre vários métodos aconteça. PARANHOS *et al.* (2016) afirmam que "a vantagem fundamental da integração é maximizar a quantidade de informações incorporadas ao desenho de pesquisa, favorecendo o seu aprimoramento e elevando a qualidade das conclusões do trabalho" (PARANHOS *et al.*, 2016, p. 390). Ou seja, numa abordagem multimétodo, se assume mais de uma forma de observar e dar significado ao tema da pesquisa, e pode ser utilizado tanto na coleta como na análise de dados (*idem*), alcançando, dessa forma, mais aprofundamento da investigação, considerando que

a explicação desenhada exclusivamente em resultados empíricos a nível estatístico pode negligenciar o papel de microprocessos sociais; ou porque resultados exploratórios precisam ser generalizados, uma vez que resultados baseados exclusivamente em dados qualitativos podem contar apenas parte da história. (OLIVEIRA, 2015, p. 138)

Denzin também sinaliza a força da abordagem mista para a triangulação pelo fato de avaliar, validar ou confirmar, corroborando o material investigado sob diferentes perspectivas. (Denzin, 1970 apud PARANHOS et al, 2016). Ao mesmo tempo, verifica-se que a triangulação se baseia em três aspectos. Sendo que justamente, o de validação mútua tem sido o motivo pelo qual essa abordagem recebe maior quantidade de críticas. (OLIVEIRA, 2015)

Os questionamentos à validação mútua, na triangulação, vêm sendo sinalizados na literatura como muito frágeis (OLIVEIRA, 2015), pois surgem a partir do entendimento de que abordagens diferentes, produzem resultados diferentes, já que os dados são diferentes. Para Oliveira (2015), isso anula a possibilidade de que os métodos qualitativos e quantitativos possam verificar-se um ao outro. Entretanto, além da questionada corroboração entre os dados, a integração de métodos possui ainda, outras duas consideráveis relevâncias a serem contempladas numa investigação: o da complementariedade e o da amplitude

O aspecto da complementariedade está subsidiado pela importância de se conhecer um determinado fenômeno por diferentes óticas. Esta variedade de perspectivas traria maior compreensão do fenômeno estudado (ARROZ, 2012), possibilitando uma melhor construção dos raciocínios e explicações inerentes ao conhecimento dos temas pesquisados.

Em relação aos aspectos da amplitude, Kelle (2005, apud OLIVEIRA, 2015, p. 102) defende que, a integração dos diferentes métodos, possibilitaria maior riqueza, por alcançar maior abrangência ao lidar com problemas ontológicos e epistemológicos, pois a obtenção de dados em cada método, apresenta resultados distintos para as proposições orientadoras dos estudos e, essa diversidade de respostas, traz contribuições mais significativas às pesquisas, por haver questões que podem ser mais bem verificadas com dados quantitativos, outras, por dados qualitativos e ainda outras por ambos os métodos.

Gómez et al (1996) enfatiza que, na pesquisa qualitativa, os dois aspectos: teoria e prática, se combinam e invocam aspectos educativos como meio de empoderamento, de

uma posição política emancipadora. Kelle (2005, apud OLIVEIRA, 2015) considera que os resultados obtidos por ambas as abordagens podem ocorrer em três vias:

(i) resultados obtidos a partir dos métodos qualitativos e quantitativos convergem, ou seja, levam às mesmas conclusões; (ii) resultados qualitativos e quantitativos dizem respeito a diferentes aspectos do fenômeno, mas podem ser complementares uns aos outros, e (iii) resultados qualitativos e quantitativos divergem ou são contraditórios. (Kelle, 2005, apud OLIVEIRA, 2015, p. 102)

Essas três possibilidades de sentidos, fundamentam a defesa da amplitude como componente de maior importância na triangulação, em detrimento da corroboração. (idem) e é nessa direção que se orienta esse trabalho.

Nesse sentido, com fundamento nos benefícios da abordagem multimétodo, e considerando os objetivos dessa investigação, bem como o caráter pouco explorado sobre as subjetividades de habitantes de comunidades intencionais e as possíveis contribuições que possam ser erguidas com base nos resultados para a Educação Ambiental, foi construído o desenho dessa investigação, com um método misto, integrativo.

Dessa forma, procurou-se garantir especialmente, a robustez da complementaridade das abordagens qualitativa e quantitativa e a amplitude que a natureza das questões da pesquisa requer para a sua melhor compreensão.

Procura-se assim, superar qualquer incompatibilidade entre os métodos quantitativos e qualitativos, gerando uma rica e salutar combinação e, integrando-os para se obter uma compreensão holística, mais profunda e global (ARROZ, 2004).

Essa decisão quanto à trajetória de investigação também se alinha com a investigação realizada por DE WITT⁵ (2013) onde argumenta que o momento de crise em que se encontra a humanidade, e diante dos problemas contemporâneos, as questões de sustentabilidade requerem uma abordagem mista que combine as qualidades de ambos os paradigmas ao invés de suprimir mutuamente uma ou outra. A autora cita os

⁵ Annick de Witt usa o termo abordagem integrativa de métodos mistos para descrever a metodologia que foi utilizada em seu trabalho. Essa abordagem está associada à pesquisa integrativa de visões de mundo e filosofias “(como pragmatismo, realismo crítico, teoria integral), que tentam, de forma explícita, integrar e sintetizar o (pós) positivismo e construtivismo social e métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa” (DE WITT, 2013, p. 36) (em tradução livre).

argumentos de Hedlund⁶ (2010 apud DE WITT, 2013) que defende que em face do entrelaçamento dos multifacetados problemas planetários, ambas as perspectivas metodológicas permitiriam uma integração necessária à obtenção das respostas para questões complexas. (DE WITT, 2013).

- **Estrutura da tese**

Os objetivos dessa investigação devem funcionar como meta a ser perseguida no que tange às decisões que tem que ser tomadas para o seu alcance. Com vistas a abrir a discussão, iniciamos este documento da tese com um capítulo teórico que insere uma base conceitual sobre paradigmas, utopias e comunidades intencionais sustentáveis.

Em seguida iniciamos o trabalho de investigação, a partir da definição de instrumentos e procedimentos. Assim, o primeiro passo foi a realização de uma revisão sistemática da literatura; seguida pela pesquisa empírica no contexto de comunitários e de educadores ambientais.

A investigação no universo dos comunitários contou com a execução em duas etapas: 1) com a realização de uma fase extensiva, para levantamento de dados o mais amplo possível, cujo foco era obter dados acerca das pessoas que vivem em comunidades intencionais espalhadas pelo mundo; 2) a operacionalização de fase intensiva por meio de estudo de caso múltiplo, a partir da realização de entrevista com moradores de uma comunidade intencional. Com os educadores ambientais, foi realizado apenas uma fase extensiva, no sentido de obter informações, diante da perspectiva adotada neste estudo, sobre esses sujeitos.

Após o envolvimento com os procedimentos de pesquisa e já com dados de campo disponíveis fruto da aplicação dos instrumentos, o capítulo final retorna à Educação Ambiental, especificamente na proposição da ComVivência Pedagógica, para invocar os aspectos teóricos e científicos que incidiram no material levantado e, a partir dos dados empíricos e das inferências da pesquisadora (GUERRA, 2006), interagir com a proposição educativa que vem sendo formulada.

As várias dimensões do dispositivo mobilizado que orientaram o percurso de pesquisa mobilizado para exploração das questões de interesse, entretanto, com o intuito de deixar mais claro e organizada a informação por tópicos trabalhado, o relatório da

⁶ Hedlund (2010 apud DE WITT, 2013), cita que a abordagem multimétodo cria uma oportunidade de criar um espaço de pesquisa fundamentado em uma abordagem sistemática na Teoria Integral de Ken Wilber, a Pesquisa Integral (veja Integral Research (IR) de Sean Esbjorn-Hargens, (2006)

investigação, o texto desta tese foi estruturada não de forma linear ao percurso investigativo realizado, mas de acordo com os sujeitos da pesquisa e os resultados obtidos, constituindo-se em capítulos, no formato de artigos independentes.

A estrutura em artigos prioriza o foco em questões específicas do que se pretendia explorar em cada um deles, propiciando dar maior objetividade nos resultados obtidos. Além disso, esse tipo de estrutura facilita a difusão científica, por meio da publicação em revistas científicas. Um outro aspecto, não tão favorável é o fato de que cada artigo pode parecer um pouco desconectado um do outro, por possuírem objetivos diferentes. Entretanto, como estudo exploratório, os levantamentos obtidos podem ajudar a criar relações e conexões com a necessidade de inserir outras dimensões no campo da Educação Ambiental, não só neste mas também em futuros estudos e quem sabe provocar novas reflexões que contribuam significativamente para a área.

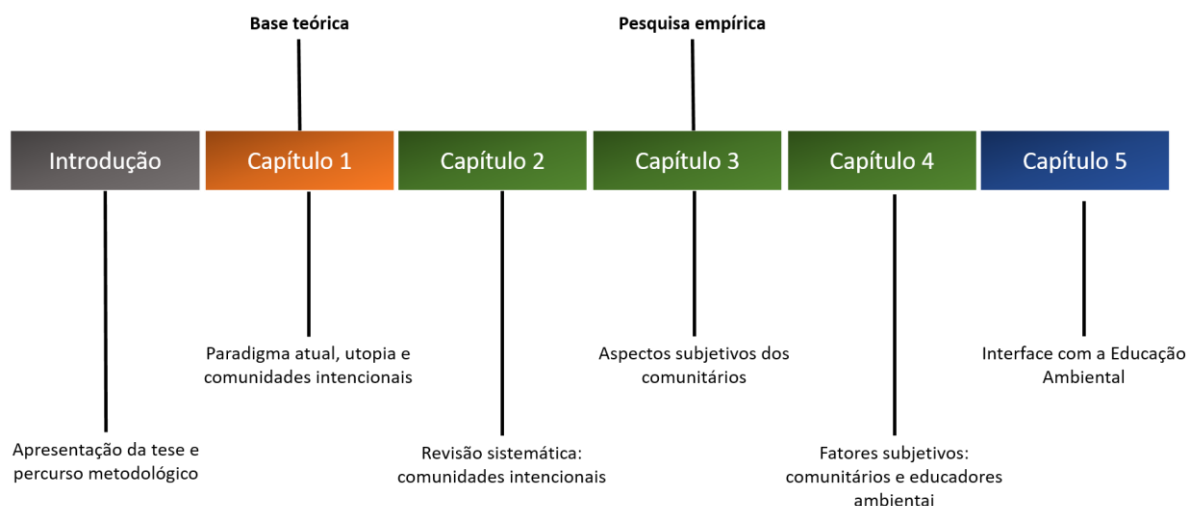


FIGURA 1 - ESTRUTURA DA TESE

Dessa forma, o segundo capítulo faz uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de levantar a produção científica afim de compreender quais eram os propósitos dos investigadores quando se debruçaram sobre a temática das comunidades intencionais em seus trabalhos. Saber mais sobre o que se conhece acerca desse tema, se tornou uma necessidade para melhor guiar quanto aos atributos de interesse dos pesquisadores e observar o propósito do que vem sendo investigado, as unidades de análise, e o que já se sabe em relação às subjetividades de seus membros, assim como as abordagens que tem guiado estes estudos.

Assim, foi realizada uma revisão sistemática da literatura no intuito de responder às seguintes perguntas:

- O que tem sido investigado sobre comunidades intencionais nos últimos dez anos?
- Como as comunidades intencionais foram entendidas e conceituadas?
- Que finalidades orientam as investigações neste campo? Focam nas comunidades ou nos sujeitos?
- Quais são as abordagens teóricas que predominam e as orientações metodológicas que encontramos neste campo?
- Quais são suas bases teóricas?

Em uma comunidade intencional as relações sociais privadas estão estruturadas numa outra lógica cotidiana, que inclui diferentes modelos de governança, de propriedade, de relação com os outros e com os recursos naturais. Uma situação bem diversa da estrutura organizada por laços familiares estreitos, em estruturas familiares urbanas cada vez menores, do modelo hegemônico que conhecemos. Estas comunidades intencionais são formadas por afinidades e laços mais abrangentes entre membros, e provavelmente, mais ideológicos, que o de uma estrutura familiar convencional.

Por ser uma experiência de viver muito diferente da maneira que vive a maior parte da população moderna ocidental, o foco do terceiro artigo se concentra nos comunitários. Busca operacionalizar uma maior compreensão nos mecanismos que desencadearam e fundamentaram a mudança para a vida comunitária, assim como o de perceber as características subjetivas que orientaram essa escolha, que subjazem suas visões de mundo, suas percepções sobre bem-estar, desenvolvimento pessoal, espiritualidade e estratégias pessoais que utilizam em suas vidas cotidianas na comunidade.

Os instrumentos mobilizados para essa operacionalização foram o inquérito por questionário (online) e um roteiro semiestruturado para a realização da entrevista em profundidade com os integrantes de uma comunidade em Portugal (Ananda Kalyani).

Neste sentido, procuro responder como os comunitários interpretam o seu modo de vida em relação às seguintes questões:

- Qual o perfil desses moradores, proveniência educacional, gênero e escolha alimentar;
- Se possuem vínculos estáveis com a comunidade?

- Quais são suas visões de mundo, seu nível de satisfação com a vida e desenvolvimento espiritual?
- Quais são as estratégias aplicadas para o desenvolvimento pessoal?
- Quais foram as motivações para ir viver em uma comunidade?
- O quanto consideram importante viver em uma comunidade?
- Em que aspectos as mudanças foram percebidas e quais as causas que foram identificadas?

A seguir às análises realizadas sobre os comunitários, buscou-se avaliar algumas dessas variáveis, no capítulo 4, em confronto às pessoas que se identificaram como educador(a) ambiental, visando verificar se, entre eles, estas conotações subjetivas se assemelham ou se diferenciam. Para isso, foram analisadas as escolhas alimentares, o grau de satisfação com a vida e da espiritualidade e quais as práticas utilizadas para o desenvolvimento pessoal dos sujeitos em ambos os grupos.

Na lógica de perceber como esses atributos se diferenciam (ou não) entre os dois públicos, buscou-se analisar os dados a partir das seguintes questões:

- Qual o perfil dos comunitários e dos educadores ambientais?
- Quais são suas escolhas alimentares?
- Como se sentem em relação a satisfação com a própria vida?
- Como se enquadram seus níveis de desenvolvimento espiritual?

Neste contexto, chamo a atenção que devido ao fato de as estratégias e os métodos utilizados serem similares haver, na descrição dos materiais e métodos utilizados, uma parte da informação que é a mesma, num trecho em ambos os capítulos.

Por último, no quinto capítulo, busco discorrer sobre aspectos que ajude a traçar um panorama que considere a interioridade dos indivíduos e como práticas que conectam o ser humano, consigo mesmo, com os demais, com a natureza e o divino podem ser interessantes a serem considerados no desenvolvimento de uma consciência mais ampla, que englobe não apenas a temática ambiental, que urge, mas a necessária emancipação do ser humano para a superação da atual crise civilizatória, passando pela construção de um Ser mais ambiental que tenha coerência interna com propósitos alinhados com a vida, numa visão macro, integrativa e planetária.

Embora já existam muitas pesquisas que buscam avaliar essas relações do indivíduo com a maneira de encarar os desafios globais, e ainda, muitas outras pesquisas que buscam inferir o comportamento ou a forma como as pessoas pensam e se desenvolvem ou os colocam em prática na sua vida pessoal cotidiana são raras as pesquisas que focam em como os sujeitos que vivenciam diariamente, uma vida mais sustentável ou como os moradores de comunidades intencionais a percebem no seu cotidiano.

Por isso, num texto mais autoral, pautado pelo fluxo dos aprendizados vivenciados na pesquisa, procuro refletir sobre os dados encontrados nos capítulos anteriores pela vivência comunitária dos sujeitos, para contribuir com a Educação Ambiental, especificamente com a proposição teórico metodológica da ComVivência Pedagógica, seus eixos e princípios formativos, ao relacionar os aspectos dessa proposição com as descobertas da pesquisa empírica, visando ressaltar componentes subjetivos ou experienciais dos sujeitos de comunidades intencionais (sustentáveis) que possam ser mais aproveitados e aprofundados no sentido de maior efetividade dos processos educativos.

Para orientar a construção dessas ideias com base nas lições aprendidas procuro refletir sobre os componentes da ComVivência Pedagógica que estão presentes nas comunidades intencionais e que influenciaram seus membros por vivenciarem um modo de vida mais sustentável, em comunidades, que poderiam contribuir para introduzir variáveis que considerem o ser humano de forma integral, com sentimentos, percepções, emoções para além da capacidade racional e crítica, nos processos formativos da Educação Ambiental.

Por último, em função da organização da tese, cada artigo (capítulos. 2, 3 e 4) possuem as suas referências bibliográficas sinalizadas após os resultados e discussões, no final de cada artigo, enquanto que as referências utilizadas na Introdução, no capítulo 1 e no capítulo final estão colocadas nas páginas finais do documento.

TRAJETÓRIA DE PESQUISA

a) Revisão sistemática da literatura

O primeiro objetivo foi o de gerar compreensão sobre as comunidades intencionais. Em uma comunidade intencional as relações sociais privadas estão estruturadas numa lógica bem diversa da estrutura que conhecemos organizada por laços

familiares estreitos e, em estruturas familiares urbanas cada vez menores. Isso difere bastante da vida rural difusa, convergindo para um maior interesse nas comunidades intencionais por serem formadas por afinidades, propósitos e laços mais abrangentes e talvez mais ideológicos, que de uma estrutura familiar convencional. Saber mais sobre o que se conhece acerca das comunidades intencionais se tornou uma necessidade para melhor guiar quais os atributos que se deveriam investigar, do ponto de vista pessoal dos moradores e compreender sobre quais desses aspectos já há uma literatura existente.

Para essa busca, era de suma importância perceber inicialmente, quais são objetivos dos estudos que foram produzidos nos últimos dez anos pela comunidade científica. Assim, foi realizado uma revisão sistemática da literatura, que descrevo mais profundamente no capítulo 2.

O levantamento da literatura de existente para a revisão sistemática tem a pretensão de clarificar os tópicos pesquisados relativos à temática em questão, ou seja, possibilita ao pesquisador uma melhor compreensão do “estado da arte” do conhecimento científico já apurados. Esse trabalho se revela fundamental para orientar a presente pesquisa de modo a situar e orientar a pesquisa em curso, alimentando-a de novas questões e direcionando o seu trajeto conceitual, metodológico e substantivo em função das áreas lacunares e prioridades eventualmente detectadas. (ARROZ, 2004)

Segundo Botelho et al (2011) há duas possibilidades de revisões de literatura: a revisão narrativa e a revisão sistemática que se subdivide em quatro outros métodos Rother (2007 apud BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011), sendo que a revisão sistemática se divide em meta-análise, revisão sistemática, revisão qualitativa e revisão integrativa.

A principal distinção entre as duas possibilidades de revisão refere-se ao fato de que, enquanto a revisão sistemática planeja os requisitos da pesquisa de forma a encontrar potenciais respostas a questionamentos específicos, utilizando-se de métodos definidos e sistemáticos; e apresenta a metodologia utilizada na busca de referências, suas fontes de informação, os critérios utilizados na consideração ou não dos estudos levantados (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011), enquanto a revisão narrativa baseia-se na análise crítica e interpretação pessoal do pesquisador (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011) e estão totalmente dependentes dos seus propósitos, caracterizando-se pelos interesses (ou permissividades) das teses que pretendem defender (ARROZ, 2004).

Com base nesse contexto, o levantamento das produções científicas acerca das comunidades intencionais delimitou-se pela adoção de estratégias preconizadas pela

revisão sistemática, no intuito de se aprofundar na problematização do foco do estudo, com vistas a compor uma visão bem sedimentada das variáveis encontradas.

Esta busca por rigor vem de encontro ao propósito de minimizar possíveis enviesamentos, admitindo que possuo uma base social e política já desenvolvida em certos campos e que estes podem vir a interferir na condução dessa pesquisa. Assim, coloco-me imbuída de alcançar uma atitude investigativa que melhor se aproxime do rigor científico necessário a que Arroz (2004) se refere, que não se pretende isenta, contudo, atenta e balizada por procedimentos claros.

Neste contexto, foram levantados os relatos científicos das pesquisas empíricas realizadas com comunidades intencionais, no período compreendido entre 2008 e 2018, para se apropriar da nomenclatura utilizada, para traçar um panorama do que já foi produzido, e compreender as finalidades e abordagens metodológicas das investigações nesse campo, em vistas de se alcançar maior entendimento sobre as pesquisas existentes em comunidades intencionais em relação a quais abordagens temáticas.

b) Pesquisa empírica

Depois de mergulhar nas produções científicas e formar um panorama do que tem sido pesquisado até agora, coloquei o meu olhar de forma mais concentrada nas pessoas que vivem em uma CI, uma experiência de viver muito diferente da maneira que vemos a maior parte das populações que se enquadram nos moldes mais convencionais.

A partir da perspectiva metodológica assumida, cabe agora explicitar as estratégias empreendidas para dar resposta às questões de estudo. Assim, as técnicas de produção e análise de dados foram construídas a partir da necessidade de responder às inquietudes embutidas em cada objetivo da pesquisa, com base na formulação de um dispositivo de análise (Anexo 1) que melhor direcionasse a elaboração dos instrumentos de coleta e análise de dados

No sentido de buscar apreender as práticas e modos de vida dos moradores de comunidades intencionais, concentrei-me nas experiências dos sujeitos, tal como é significado por eles mesmos, em sua lógica cognitiva e vivencial e na estruturação dos seus campos experienciais cotidianos. Daí que foi elaborado um percurso baseado numa perspectiva de investigação de segunda ordem (ARROZ, 2004), isto é, de esclarecimento das concepções dos sujeitos procurando captar os seus pontos de vista.

A partir desse modo de vida em CI procuro operacionalizar o segundo objetivo dessa investigação, para compreender melhor quem são os comunitários, seus perfis e

características sociais, aspectos de suas subjetividades como visões de mundo, bem-estar subjetivos, espiritualidade, percepção de transformação interior com a vivência comunitária. Assim como perceber quais foram os mecanismos existentes que impulsionaram a mudança para esse modo de vida, suas práticas subjetivas diárias e o que pensam acerca do que essa experiência tem demarcado em suas vidas.

Essa intencionalidade condicionou as estratégias adotadas para a melhor compreensão desses significados descortinando as realidades desse modo de vida em comunidade intencional, pelas suas propriedades descritivas⁷ e reveladoras das dimensões mobilizadas por estes sujeitos, pelo que identificam em seus contextos e se consolidou na aplicação de um itinerário empírico que perpassou duas fases de pesquisa – extensiva e intensiva.

Um pouco antes vimos que uma das grandes forças do método misto é justamente a capacidade de combinar dados de uma amostra (maior ou mais diversificada) com a profundidade do estudo de caso (OLIVEIRA, 2015; YIN, 2003) assim, a fase extensiva, visou dar amplitude aos dados, e por isso, foi essencialmente quantitativa. Caracterizou-se no âmbito coletivo dos moradores de comunidades de vários países, por uma coleta de dados feita por questionário e pela análise de dados que envolveu tanto operações estatísticas básicas, de validação e inferências (quantitativas), como atividades interpretativas (qualitativas).

Já a fase intensiva, foi marcada pela realização de um “estudo de caso múltiplo”, com integrantes de uma comunidade intencional em Portugal, cuja “unidade de análise” foi o sujeito, tendo sido utilizado para a coleta de dados - entrevista semiestruturada, e análise de conteúdo dos dados da entrevista com inferências integrativas.

A metodologia detalhada empreendida em cada fase, estão relatadas em cada capítulo/artigo (ver capítulos 2, 3 e 4 especificamente).

PRODUÇÃO DE DADOS

▪ Fase extensiva

i. Modelo de análise

⁷ O termo descritivo aqui se relaciona com o tipo de compreensão visado, como explicado por ARROZ (2004) “na medida em que nada é intencionalmente manipulado com vista a promover a predição de distintos modos de conceptualização ou de atuação nem a corroboração de relações de causalidade explicativas da sua emergência.” (ARROZ, 2004, p.50).

Nesta etapa da pesquisa, o objetivo era conhecer o universo dos integrantes das comunidades intencionais e obter informações acerca das dimensões a serem mobilizadas para esta investigação (ver dispositivo de análise no Anexo 1), a fim de obtermos uma visão mais ampla sobre como aspectos específicos subjetivos dos comunitários poderiam contribuir com a Educação Ambiental, observando, a seguir, nesta fase, o rebatimento destes mesmos aspectos com os educadores ambientais

A construção do modelo de análise (anexo 1) envolveu várias operações como a busca por literatura referenciada por pares nas várias dimensões pretendidas na pesquisa, num constante ir e vir entre os autores e na tarefa cognitiva de refletir sobre como se poderia proceder para melhor levantar os dados de interesse sobre os comunitários. Essa tarefa foi se consolidando nas dimensões, subdimensões e instrumentos a serem mobilizados para obter os indicadores operacionais das questões da investigação, primeiramente na elaboração do questionário e num segundo momento, na formulação das questões a serem abordadas no roteiro da entrevista em profundidade.

ii. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário vem sendo amplamente utilizado em investigações enquanto técnica de produção de dados, uma das formas mais utilizadas em pesquisa, sobretudo em métodos de análise quantitativos (GÓMEZ; FLORES; JIMÉNEZ, 1996) Como todo instrumento de pesquisa, apresenta limitações, sendo confrontado muitas vezes com a alegação de oferecer respostas superficiais. ou o fato de apenas medir o que as pessoas pensam, que acreditam, ou o que dizem que fazem (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998). O que neste caso, era do nosso interesse, para identificar as percepções dos sujeitos da pesquisa, além do fato de ser de grande valia para a descoberta de padrões, ações, comportamentos que se transformaram, crenças sobre fatos e sentimentos que causaram transformações, a importância atribuída, suas causas e os impactos percebidos.

O questionário (ver anexo 2), foi criado com perguntas fechadas (GÓMEZ; FLORES; JIMÉNEZ, 1996), contendo dados pessoais e de escolaridade, dados sobre a comunidade em que se inserem, escalas psicométricas acerca da satisfação pessoal (DIENER *et al.*, 1985), espiritualidade (DELANEY, 2005), de percepção sobre desenvolvimento pessoal (CHEN; BAO; HUANG, 2014; CHEN; HUANG, 2017) e uma escala ipsativa sobre visão de mundo (HEDLUND-DE WITT, 2012); e perguntas abertas, que possibilitaram respostas descritivas que permitiram explorar com maior profundidade

e detalhes, oferecendo respostas sobre as motivações, práticas de desenvolvimento pessoal, causas e impactos de transformação percebidos pelos comunitários pela vivência em uma comunidade intencional.

O público-alvo dessa pesquisa foi composto prioritariamente de: 1) moradores e membros de comunidades intencionais em diversos países do mundo; 2) pessoas que atuam ou atuaram com Educação Ambiental, tendo ou não formação específica para isso; No sentido de ampliar o número de participantes foram ainda acionadas redes e contatos de um terceiro grupo, por consideramos que eles fariam uma interface ou poderiam orbitar (se relacionar) tanto as pessoas do grupo prioritário 1) como do grupo 2). Tratam-se de pessoas envolvidas em atividades de permacultura, agroflorestas, etc., ou também relacionadas às práticas de desenvolvimento espiritual como yoga, meditação, *mindfulness*, entre outras. O questionário foi disponibilizado em inglês e português, a escolher, pelo público-alvo conforme o que lhe fosse mais confortável.

No início do instrumento aparece um conjunto de três questões principais que tinham como propósito caracterizar a que grupo pertencia o participante, a partir das perguntas: Se mora/ou em uma comunidade intencional? Se atua/ou com Educação Ambiental? E, se atua/ou com práticas de permacultura, agrofloresta, etc. Essas perguntas foram utilizadas como filtro automático do dispositivo online, para direcionar pessoas que vivem em comunidades intencionais para um subconjunto específico de perguntas que não eram apresentadas a quem não pertencia a este perfil. Esse filtro, foi usado especialmente para eliminar as perguntas do conjunto “eu comunitário” para os demais participantes. Os indivíduos que não pertenciam a nenhum dos três grupos elencados, foram descartados.

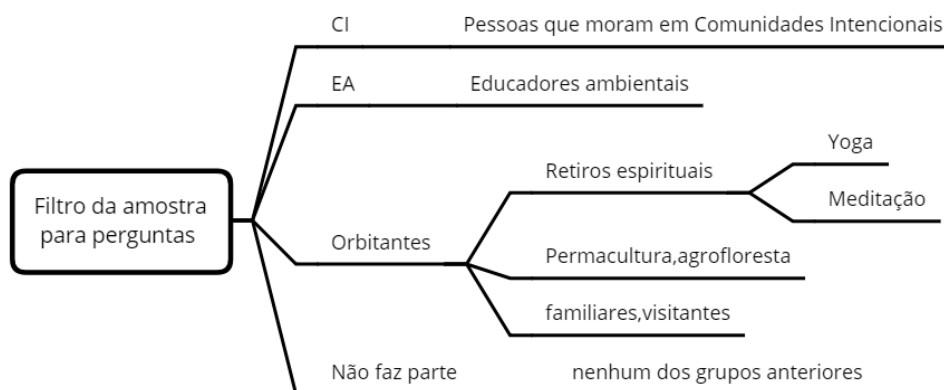


FIGURA 2 – TIPOS DE FILTRO NOS DIFERENTES PERFIS

As questões seguintes foram organizadas em subconjuntos cuja sequência priorizava obter prioritariamente as questões mais fundamentais relativas ao sujeito, procurando obter o maior número de respostas, considerando se tratar de um questionário que necessitava de um tempo grande a ser dedicado (em torno de 40 minutos). Assim, dados básicos sobre o perfil do inquirido, escolha alimentar e outros dados de caracterização foram preenchidos apenas no final (ver o questionário completo no anexo 2).

O primeiro subconjunto se centrava nas questões subjetivas, o “Eu existencial” e é composto por perguntas da escala *Integrative Worldview Framework* - IWF (DE WITT, 2013; DE WITT *et al.*, 2016; HEDLUND-DE WITT, 2012); da Escala de Satisfação com a Vida – ESV (DIENER *et al.*, 1985); da Escala da Espiritualidade – EE (DELANEY, 2005) contendo ainda perguntas de múltiplas escolhas em relação às práticas que realiza para o desenvolvimento pessoal e os propósitos dessas práticas. Veja mais detalhes no capítulo 3.

O segundo subconjunto, só era acionado, a partir do filtro descrito acima e está direcionado especificamente às pessoas que vivem em comunidades intencionais, pois incluem questões relativas aos motivos que os levaram a viver em uma comunidade intencional; em como viver em CI impactou a sua vida – aspectos e causas atribuídas, além de perguntas de avaliação sobre a importância de se viver na CI mensuradas por escala de Lickert e uma escala de desenvolvimento pessoal, a *Backpacker`s Personal Development* – BPD (CHEN; BAO; HUANG, 2014).⁸

O terceiro subconjunto também só estava destinado aos comunitários e inquiria sobre a comunidade ao qual o respondente está inserido. Era constituído de perguntas abertas sobre os dados básicos da comunidade, a localização, a fundação, número de residentes, área, o ano da mudança, o tipo de vínculo; além de perguntas de múltipla escolha sobre as atividades que são desenvolvidas e como se dá a composição e dinâmica familiar. Ressalta-se que este subconjunto não foi utilizado nas análises, pelo foco deste trabalho estar concentrado nos aspectos subjetivos e pessoais dos comunitários, além de ter havido muitas respostas em branco. Entretanto, alguns dados referentes ao tipo de

comunidade, ano de fundação e tipo de vínculo, foram utilizados a título de variáveis de caracterização.

Para identificar o público 1) das comunidades intencionais foram utilizados o *Global Network Ecovillages* (GEN)⁹, a *Foundation International Community* (FIC)¹⁰ e o Mapeamento de Ecovilas e Comunidades Alternativas do Brasil (MAC)¹¹.

Em relação ao público ligado à: 2) Educação Ambiental e 3) Permacultura e agrofloresta, e também relacionadas à práticas de desenvolvimento espiritual, etc.; foram utilizadas as informações disponíveis em sites ou no Facebook (veja o quadro 1 abaixo), além de contatos oriundos dos grupos ou listas de e-mails, especialmente do Brasil e Portugal, da qual a autora faz parte ou recebe boletins e informações. Entre elas podemos citar: Comitê de Bacias Hidrográficas, entidades ambientalistas, grupos de permacultura, professores de escolas, grupos de educadores ambientais no WhatsApp, educadores de projetos sociais, entre outras.

QUADRO 1 - REDES DE CONTATOS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PERMACULTURA

Nome	Contato
Rede Brasileira de Educação Ambiental	https://www.rebea.org.br/index.php/fale-conosco
Rede de Educadores Ambientais do IFES	https://www.facebook.com/rea.ifes/
Associação Portuguesa de Educação Ambiental	aspea@aspea.org
Rede de Centros de Educação Ambiental	geral@cm-porto.pt
Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado	info@ecocentro.org ; WhatsApp: 62 9 9909 1512
Rede Brasileira de Centros de Educação Ambiental	redceas@esalq.usp.br

Os e-mails foram enviados pela ferramenta de distribuição de e-mails da plataforma Online Pesquisa (foram enviados 237 e-mails em inglês e 656 em português).

As perguntas poderiam ser respondidas tanto pelo computador como pelo celular. Juntamente com o envio do link, a mensagem fazia um estímulo explícito para que fossem convidadas outras pessoas de seus relacionamentos que tivessem alguma relação com um dos temas da pesquisa. Com isso, se objetivou expandir a amostra pelos próprios

⁹ <https://ecovillage.org/>

¹⁰ <https://www.ic.org/directory/>

¹¹ <https://mac.arq.br/mapeamento-de-ecovilas-e-comunidades-alternativas-no-brasil/>

participantes, definindo-se pela disponibilidade, tipo não probabilístico e por “bola de neve” (VINUTO, 2014).

Toda essa mobilização resultou no preenchimento de 276 inquéritos respondidos em português e 115 advindos de outros diversos países (em inglês), perfazendo um total de 391 questionários respondidos. Vários motivos podem ter gerado um baixo índice de retorno, desde não sentirem que a pesquisa era aplicável a elas, a não identificação formal de um cadastro de educadores ambientais e a possível dificuldade de acesso à internet em zonas remotas e rurais, no caso das comunidades.

Do total dos participantes que responderam de ambas as versões, mais da metade afirmou já terem atuado em áreas relacionadas ao meio ambiente ou a sustentabilidade.

O instrumento de coleta de dados foi formatado na plataforma com a inclusão de regras que direcionavam os participantes a responderem questões específicas conforme o perfil: a) moradores de comunidades intencionais; b) atuantes (presente ou passado) com Educação Ambiental e, c) pessoas ligadas a atividades ambientais como permacultura, agrofloresta etc. e/ou práticas de meditação, yoga, desenvolvimento espiritual, entre outras. Cabe ressaltar que não é o foco dessa investigação os resultados coletados com o terceiro grupo (item c) que nem moram em CI e nem atuam com Educação Ambiental e assim, para efeito deste estudo, foram descartados (n=80) e poderão ser tratados em uma outra oportunidade.

O acompanhamento do preenchimento foi feito dia a dia, verificando-se a quantidade de respondentes que iam se avolumando na plataforma, isso permitiu que se tomasse ações de reenvio dos convites e de reforço aos que tinham iniciado e depois paralisado, além de estender um pouco mais o prazo de término para as respostas, o que foi necessário, por termos observado possíveis dificuldades na aplicação do questionário.

- **Fase Intensiva**

- i. - Entrevista Semiestruturada**

Durante a fase intensiva, recorreu-se a entrevista como instrumento para conhecer mais de perto os sujeitos da pesquisa, que vivem em uma comunidade intencional, buscando explorar aspectos de suas subjetividades.

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em pesquisa qualitativa, permitindo à pesquisadora colocar-se frente a frente com os sujeitos, o que permite uma melhor compreensão das perspectivas que estes fazem sobre temas de suas vidas, em

dimensões subjetivas como o que pensam, os valores que atribuem e na identificação do que tem significado (EISMAN; BRAVO; PINA, 1998).

Com base, nos dados levantados na fase anterior, já se tinha uma ideia acerca dos comunitários, sobre quem são, o que pensam e o que os impulsionou a viver em uma comunidade. No entanto, nesta fase, se intencionava complementar os dados levantados a partir de seus pontos de vista, de suas linguagens, formas de se expressar e das experiências as quais atribuem significado (GÓMEZ; FLORES; JIMÉNEZ, 1996). Além de poder conduzir esta etapa da investigação, por uma inserção na atmosfera comunitária, onde o conjunto de comunitários vive.

Diferentemente de se ter uma estrutura rígida, mas sem perder o foco nas questões pertinentes ao estudo, foi planejado um roteiro semiestruturado, para permitir alguma flexibilidade dos assuntos que surgiam conforme a conversação avançava, de forma a ser estruturada a partir dos fenômenos, memórias e conexões do entrevistado, conforme os assuntos relevantes fossem surgindo.

Ressaltando que o roteiro que foi organizado para a entrevista semiestruturada (anexo 3) era orientado para a informação e do tipo fenomenológico (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2005), cujo propósito é o de investigar as percepções que os comunitários tem sobre os aspectos que os influenciaram na adoção da vida comunitária, suas motivações e propósitos.

Todas as entrevistas decorreram em ambiente tranquilo e sem interrupções, e seguiram essa e outras sugestões de situações de entrevista de Gómez; Flores; Jiménez, (1996), quanto ao “clima” e premissas de não emissão de julgamentos, atenção, postura e empatia. (p. 173)

Inicialmente, foi explicado aos entrevistados o tema da e o propósito do estudo, em seguida foi explicado a possibilidade de negar qualquer tipo de informação a qualquer pergunta, bem como suspender e dar por finalizada a entrevista em qualquer momento, culminando com a obtenção do consentimento livre e esclarecido, que foi gravado.

Toda a entrevista foi gravada, em áudio pelo celular e também no computador, sendo utilizado o próprio gravador de voz do Windows, que aconteceram à distância em função do isolamento social imposto nesta altura pelo governo português, por causa da pandemia do COVID-19.

A partir do consentimento, introduzi as primeiras questões previstas no roteiro pré-elaborado deixando espaço para que os sujeitos pudessem refletir e discorrer à vontade sobre cada provocação, me colocando num processo de escuta ativa, de interação

e de aprendizagem guiando, quando necessário, a conversação para alguma das questões relacionadas ao momento, para que não se perdesse o propósito explícito da entrevista.

Na composição do roteiro, foram utilizadas perguntas demográficas ou biográficas, de conduta e descritivas de experiência (GÓMEZ; FLORES; JIMÉNEZ, 1996, p. 174–176). Os temas foram definidos, tal qual os levantados no questionário, conforme as dimensões presentes no Modelo de Análise (Anexo 1), porém sem ficar preso à mesma linha sequencial, durante a entrevista, para que se permitisse melhor fluidez.

A seleção dos sujeitos para participar da fase intensiva foi constituída por conveniência, pelas pessoas que integram a comunidade intencional de Ananda Kalyani, localizada na região Centro de Portugal, que se dispuseram a participar da presente investigação. O fato dessa amostra ser por conveniência, pode representar uma limitação no que se refere à questão da representatividade dos resultados, entretanto, o objetivo era a possibilidade de aprofundamento com os sujeitos dos temas da pesquisa, já que como citado anteriormente, o objetivo era o da complementaridade, no intuito de compor um panorama mais fidedigno das questões investigadas.

ANÁLISE DE DADOS

Na análise de dados se estabeleceu procedimentos necessários ao tratamento dos dados. Durante a fase extensiva, os dados obtidos por meio do formulário online foram organizados no Excel, e depois realizados procedimentos primários de análises com as tabelas dinâmicas e de análises descritivas usando o software R.

Na fase intensiva, as entrevistas foram gravadas e inseridas no *Atlas.ti*, onde foram ouvidas várias vezes e codificadas conforme o tema. Após essa categorização e a sistematização, os dados, foram então organizados em “redes” (uma facilidade do próprio software), visando estabelecer categorias de análise e a atividade cognitiva de interpretação (ALMEIDA e FREIRE, 2007).

Os resultados obtidos foram interpretados (THIOLLENT, 1986), e em seguida colocados em relação com os dados obtidos na fase intensiva do estudo

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O presente projeto de pesquisa está situado no campo das ciências humanas e sociais, especificamente com relação ao artigo XVI da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, não oferecendo nenhum tipo de risco aos participantes. Assim sendo, as atividades desenvolvidas junto à população pesquisada, foram desenvolvidas a partir da

anuência do participante na pesquisa no questionário e na entrevista, ou seja, por seu assentimento livre e esclarecido após a “apresentação clara e acessível sobre a natureza da pesquisa, justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), portanto, não foram sujeitos à submissão do Conselho Nacional de Saúde. Neste sentido, foram também considerados a privacidade e a confidencialidade das informações dadas pelos participantes.

O consentimento foi obtido diretamente de cada participante, tanto no formulário online como nas entrevistas, logo após serem informados que poderiam não responder a qualquer questão ou suspender a sua participação em qualquer momento. Em seguida assinalaram, logo como primeira pergunta, no formulário online, o “Termo de consentimento livre e esclarecido” e deram a anuência verbal, gravada, no caso da entrevista, à qual se procedeu à informação acerca da confidencialidade do estudo, a qual foi totalmente garantida.

CAPÍTULO I – DE PARADIGMA A UTOPIAS

O ATUAL PARADIGMA... BASE PARA UM NOVO PARADIGMA?

A noção de paradigma é discutida por Kuhn¹² (apud BOEIRA; KOSLOWSKI, 2009) para ele, é algo que os membros de uma comunidade partilham, sendo impossível que apenas um indivíduo isolado tenha um paradigma. Para esse autor, é a posse conjunta de um paradigma comum que identifica uma comunidade, mesmo que os indivíduos sejam diferentes em outros aspectos. Ou seja, paradigma é uma propriedade de um grupo social.

A noção clara de como se constitui um paradigma é fundamental nesse trabalho, que busca compreender os elementos que possam ser importantes para uma transição paradigmática e no que seria necessário perceber no sentido de superar o paradigma atual.

A noção fundamental de paradigma desenvolvida por Kuhn, é especialmente valorizada por Edgar Morin (idem) pela grande contribuição de ter evidenciado um fundo coletivo que estava oculto, mas que determina os pressupostos e os postulados científicos. Morin o utiliza como conceito central na compreensão da sociedade, confirmando que há um campo subjacente aos saberes coletivos, que comandam e controlam os esquemas do pensamento social, das crenças e que tem uma imensa força e domínio sobre as teorias e compreensão de determinada sociedade, ao mesmo tempo em que é difuso, porque permeia todo o tecido social, por meio de diversos sentidos, inidentificáveis, vagos, mas que gera a adesão (inconsciente) a uma determinada visão de mundo (BOEIRA; KOSLOWSKI, 2009; PELEGRINI, 2012).

Schmelzer, (2015) usa o termo “paradigma do crescimento” para descrever

...um conjunto específico de discursos, teorias e standards estatísticos da sociedade, políticos e acadêmicos que em conjunto afirmam e justificam a visão de que o crescimento económico, tal como definido convencionalmente, é desejável, imperativo e essencialmente sem limites. Estes assumem que (1) o PIB, com todas as suas reduções, premissas e exclusões registadas, mede adequadamente a atividade económica; (2) o crescimento foi uma panaceia para uma multitude de desafios socioeconómicos (muitas vezes em mudança); (3) o crescimento foi praticamente o mesmo ou um meio necessário para atingir alguns dos maiores objetivos essenciais da sociedade, tais como

¹² Kuhn discute a noção de paradigma em relação à produção realizada pela comunidade científica.

o progresso, bem-estar, ou poder nacional; e (4) o crescimento foi essencialmente ilimitado, desde que as políticas governamentais e intergovernamentais corretas tenham sido exercidas. (SCHMELZER, 2015, p.264)

Para Morin (2002 apud BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009) são os registros culturais do paradigma existente, presentes em cada indivíduo, que determinam como esses sujeitos aprendem, pensam e agem, orientando, governando e controlando como os raciocínios individuais se organizam e quais os sistemas de ideias que lhes regem. Daí que, “um paradigma determina a inteligibilidade e dá o sentido; logicamente, determina as operações principais e, ideologicamente, é o princípio primeiro de associação, eliminação e seleção que determina as condições de organização das ideias” (Morin, 2002, p. 304 apud BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009).

Com base nesses princípios o autor ressalta dois aspectos fundamentais na compreensão de paradigma: 1) Promoção/seleção da categoria-chave e da inteligibilidade, cujos conceitos são selecionados e selecionadores, já que estabelecem ou eliminam os conceitos que estão contrapostos a essas categorias, por exemplo, nas concepções espiritualistas, a categoria-chave é o espírito e tem como antinômico a matéria; 2) Determinação das operações lógicas-chave, o paradigma se estabelece por disjunção ou exclusão. (MORIN, 2002, p. 304 apud BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009)

Nas palavras de MORIN (2002)

... o paradigma parece remeter à lógica (exclusão-inclusão, disjunção-conjunção, implicação-negação), mas, na realidade, esconde-se sob a lógica e seleciona as operações lógicas que se tornam, ao mesmo tempo, preponderantes, pertinentes e evidentes sob a sua influência. É ele que prescreve a utilização cognitiva da disjunção ou da conjunção. É ele que concede privilégio a certas operações lógicas em detrimento de outras; é ele que dá validade e universalidade à lógica eleita. Através disso, dá aos discursos e teorias que controla os aspectos de necessidade e de verdade. Designa as categorias fundamentais da inteligibilidade e opera o controle e o emprego delas. É a partir dele que se determinam as hierarquias, classes, séries conceituais. É a partir dele que se determinam as regras de inferência. Situa-se, então, no núcleo não apenas de todo sistema de ideias e de todo discurso, mas também de

qualquer cogitação. (Morin, 2002, p.305 apud BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009, p.101).

O filósofo francês enaltece a qualidade da detecção realizada por Kuhn na noção do paradigma e aponta que é justamente a obscuridade que o caracteriza, que o protege imerso no inconsciente individual e coletivo. Neste sentido, o paradigma é algo que está entranhado e embaralhado no tecido social e se difunde por meio de ramos que se desdobram em todas as áreas, desde a lógica ou da comunicação e suas estruturas linguísticas, até os componentes sociais, culturais, filosóficos e ou psíquicos.

BOEIRA E KOSLOWSKI (2009) fazem um resumo das principais características da noção de paradigma elaborada por Morin

1. Trata-se de conceito não passível de falsificação, isto é, encontra-se ao abrigo de qualquer verificação empírica, embora as teorias científicas que dele dependem sejam passíveis de refutação;
2. Dispõe de princípio de autoridade axiomática. Embora não se confunda com os axiomas, é o seu fundador, e a autoridade do axioma legitima retroativamente o paradigma;
3. Esta noção dispõe de um princípio de exclusão: exclui não só os dados, os enunciados e as ideias que não se ajustam ao que ela prescreve, mas também os problemas que não reconhece;
4. Aquilo que o paradigma exclui por não existir torna-se um ponto cego. Assim, segundo o paradigma estruturalista, o sujeito e o devir seriam ficções;
5. O paradigma é invisível. Situado na ordem inconsciente e na ordem sobreconsciente, ele é o organizador invisível do núcleo organizacional da teoria, em que dispõe de um lugar. É assim invisível na organização consciente que controla. É um princípio sempre virtual que constantemente se manifesta no que gera. Não se pode falar dele senão a partir das suas atualizações, as quais, como diz o sentido grego da palavra, o exemplificam: ele só aparece através dos seus exemplos;

6. O paradigma cria a evidência auto ocultando-se. Como é invisível, aquele que lhe está submetido pensa obedecer aos fatos, à experiência, à lógica, quando a verdade é que a ele que obedece em primeiro lugar;

7. O paradigma é co-gerador do sentimento de realidade, visto que o enquadramento conceitual e lógico do que é percebido como real tem a ver com a determinação paradigmática. Assim, aquele que obedece ao paradigma da Ordem pensa que todos os fenômenos deterministas são fatos reais, e que os aleatórios são apenas aparências;

8. A invisibilidade do paradigma torna-o invulnerável. Contudo, seu ponto fraco pode ser identificado: em toda sociedade, em todo grupo, existem indivíduos desviantes, anônimos, em relação ao paradigma reinante. Além disso, por raras que sejam, há revoluções de pensamento (paradigmáticas);

9. Há incompreensão e antinomia entre paradigmas diferentes, isto é, entre pensamentos, discursos, sistemas de ideias comandados por paradigmas diferentes

10. O paradigma está recursivamente ligado aos discursos e sistemas que ele gera. Ele apoia aquilo que o apoia. Como em toda organização recursiva viva, o gerador tem constantemente necessidade de ser regenerado pelo que ele gera, e tem, portanto, necessidade de confirmação, provas, etc.;

11. Um grande paradigma determina, via teorias e ideologias, uma mentalidade, uma visão de mundo. Uma revolução paradigmática modifica o nosso mundo. Um grande paradigma comanda a visão da ciência, da filosofia, da razão, da política e da moral;

12. Invisível e invulnerável, um paradigma não pode ser atacado, contestado ou vencido diretamente. É preciso que ele tenha fissuras, erosões, corrosões no edifício das concepções e teorias que sustenta. É preciso que surjam novas teses ou hipóteses que deixem de obedecer a esse paradigma, e que se multipliquem as verificações e confirmações de novas teses ali onde fracassaram as antigas; é preciso, em resumo, ida e volta corrosiva e crítica dos dados, observações, experiências, para

que, então, possa ocorrer o desmoronamento integral do edifício minado, arrastando consigo o paradigma, cuja morte poderá, tal como a sua vida, manter-se invisível... (BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009, p.103).

No resumo acima, chama a atenção alguns aspectos que interessam particularmente no âmbito dessa investigação.

No ponto 4 (4.) Morin (apud BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009), refere-se a pontos cegos do paradigma vigente, que não são vistos (excluídos) pela sociedade. Muitos autores e iniciativas têm se debruçado sobre essas iniciativas e tem tornado visíveis outras narrativas e discursos que não os do sistema. Souza Santos, (2002), por exemplo, desenvolveu estudos com o intuito de identificar esses pontos cegos no que ele denomina como “conflitos entre a globalização neoliberal hegemônica e a globalização contra hegemônica” (SOUZA SANTOS, 2002, p.237).

O problema é que o modelo do paradigma do crescimento econômico ilimitado, tem criado externalidades com enormes custos sociais e ecológicos. Vivemos num mundo de injustiças sociais em que as alterações climáticas aumentam ainda mais a dívida acumulada pelo Hemisfério Norte em relação ao Hemisfério Sul, num contraste impossível de ultrapassar dentro desse paradigma.

O tamanho do impacto é incomensurável, o aumento do PIB como meta, condena os mais pobres a serem cada vez mais pobres e a expansão global desse modelo destrói culturas e saberes que durante pelo menos centenas de anos foram bem-sucedidos. Isso não é uma apologia de retorno ao primitivo, mas também não se pode negar que o avanço econômico é restrito e pouco tem contribuído para uma vida mais sustentável no planeta, restringindo o conceito de prosperidade apenas àqueles que acessam maiores oportunidades. (SCHMELZER, 2015)

Em “... seu ponto fraco pode ser identificado: em toda sociedade, em todo grupo, existem indivíduos desviantes, anônimos, em relação ao paradigma reinante. Além disso, por raras que sejam, há revoluções de pensamento (paradigmáticas)” (ver ponto 8., no resumo feito na página anterior, BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009, p.103); e as antinomias (ponto 9), revela-se um aspecto que se relaciona com o foco desse estudo, pois diz respeito às pessoas que tem buscado construir e se relacionar entre si de uma forma diferente do atual paradigma dominante, buscando desenvolver novas formas de vida, mais sustentáveis e que tem como base pilares diferentes do sistema capitalista, que busca

constantemente o crescimento. Seriam estas iniciativas, a das comunidades intencionais, tentativas de erodir o atual modelo e operar a demolição do *status quo* para um paradigma mais sustentável e que considere todos os seres vivos?

Existem apelos para abandonar o paradigma do crescimento económico (AZEVEDO, 2016; MARTÍNEZ-ALIER *et al.*, 2010) e incluir no conceito de prosperidade, as dimensões: social, política, ambiental e psicológica. Isso significa expandir os pressupostos para além do crescimento económico (material) e confrontar o paradigma atual pela perspectiva das suas fissuras e corrosões, dos seus pontos fracos e das iniciativas desviantes e anónimos (BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009). “Mas, mais importante que isso, envolveria uma mudança de valores, de estilos de vida, de estruturas sociais, que libertem as sociedades da lógica social do consumismo” (PIRES, 2012).

O crescimento não é meramente um processo socioeconómico ou tecnológico ou o resultado de relações de poder, é também um “estado mental particular (...), uma percepção que modela a realidade, um mito que conforta as sociedades e uma fantasia que liberta paixões” (Sachs, 1992 apud AZEVEDO, 2016, p. 7)

Dessa forma, podemos afirmar que as estruturas de pensamento que estão inconscientes (Morin 1999, 2002 apud BOEIRA; KOSLOWSKI, 2009; PELEGRINI, 2012; GUIMARÃES; PRADO, 2014; GUIMARÃES; MEDEIROS, 2016) tornam a percepção da realidade ...

... de forma disjuntiva, separando do todo as partes que a constitui, fragmentando-a. Ao focar em uma dessas partes, priorizando-a, secundariza as relações de integração entre as partes, dando a parte priorizada (indivíduo humano) e ao particular (propriedade privada), um aspecto fundamental de estruturação da visão liberal de mundo e, portanto, reciprocamente, de organização deste mundo. Tudo isso, coloca a sociedade privatista de um lado e natureza de outro; assim como, estabelece uma contradição conflituosa inerente entre os interesses privados e o meio ambiente como um bem coletivo. (GUIMARÃES E MEDEIROS, 2016, p. 51)

O paradigma disjuntivo é aquele universal, dominante, que elimina o que é histórico e eventual, reduz o conhecimento dos sistemas ao conhecimento de partes e estabelece leis e constâncias, segue um caminho único na explicação dos eventos, de

forma linear, atribuindo a designação de erro a toda contradição ou aleatoriedade que emergem e separando, o sujeito do objeto e o isolando da relação com a natureza (Morin, 1999; BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009).

Em confronto ao paradigma disjuntor- redutor (dominante) está o paradigma da complexidade, denominado emergente. Ambos coexistem e é do primeiro que emergirá as oportunidades de transformação da sociedade. Ou seja, as iniciativas que rompem com o pano de fundo da sociedade irão possibilitar o caminhar da humanidade em direção a uma sociedade humana justa, equilibrada e sustentável. Será que estaríamos vivendo então, uma gradual superação do velho paradigma pelo novo paradigma, um momento de transição paradigmática em que novas iniciativas, anônimas e excluídas, são as fissuras no mecanismo do paradigma vigente de produzir e reproduzir a própria cultura, que o sustenta?

O PARADIGMA E A UTOPIA

Alguns autores (DE WITT, 2013; HEDLUND-DE WITT, 2012, 2012, 2013; O'BRIEN; WOLF, 2010; WAMSLER; BRINK, 2018) afirmam que além da crise ter como fonte as questões mais perceptíveis: ambientais, econômicas, políticas, tecnológicas e ou institucionais, possuem na verdade sua base estrutural no pensamento filosófico, psicológico, existencial, cultural e espiritual. Essas dimensões aparentemente invisíveis são inerentes e determinantes do atual paradigma que condicionam as questões de sustentabilidade global ou de mudanças climáticas.

Nesse sentido, De Witt, 2013, 2015) dialoga com Mike Hulme em que o autor afirma que a discordância sobre mudanças climáticas "são disputas sobre nós mesmos; sobre nossos sonhos, nossos medos, nossas suposições, ou seja, sobre nossas visões de mundo." (Hulme, 2009 apud DE WITT, 2013, p. 24). As práticas humanas estão fundamentadas, cada uma, num imaginário e estas por si são essenciais na composição do paradigma atual da sociedade.

Este é um ponto central nas discussões sobre a sustentabilidade (DE WITT, 2013), pois é na composição do imaginário social, ou seja, da vida social coletiva de uma determinada sociedade (Taylor, 2004 apud (DE WITT, 2013; HEDLUND-DE WITT, 2011, 2012) que estão calcadas o modo de vida cotidiano, os anseios e as práticas, e essas, se pautam a partir das cosmovisões existentes. O que sugere a importância de ampliar as perspectivas para um pensar ou um olhar que supere a dualidade que norteie o campo social para uma visão sistêmica, em que a complexidade reorienta a visão de mundo para

um outro paradigma. Um paradigma a ser construído e inventado, que transite pela ousadia de desconstruir a globalização hegemônica e refazer caminhos com a audácia do absurdo e inimaginável.

Se por um lado, a sociedade está se tornando cada vez mais globalizada e aculturada; por outro, é possível identificar na nossa sociedade uma incrível pluralidade cultural, e de pequenas iniciativas e cultivo de tradições que ainda sobrevivem apesar de estarmos mergulhados num modelo cada vez mais mono cultural e padronizado (SOUZA SANTOS, 2002).

Ao olhar mais atentamente pode-se perceber a uma sobreposição de fortes tradições culturais e iniciativas novas, que permeiam a expressão hegemônica usual, e que, se manifestam em diferentes concepções e referenciais de organização da vida, em prol da inclusão da multiplicidade cultural e por modos de vida mais sustentáveis, equilibrados e saudáveis. Sedimentam-se em uma miríade de alternativas, individuais, coletivas ou em rede com o intuito de experimentar outras formas de agir socialmente. Inclui experimentar na prática outros modelos cotidianos, alterando rotinas convencionalmente aceitas, seja rejeitando a industrialização dos alimentos enquanto ousam plantar sua própria comida ou não se alimentar de animais; evitar consumir, partilhar cozinha, transporte; criar métodos para gerar energia e minimizar seus excessos e integrar moradias na natureza aliando técnicas modernas e ancestrais – numa bioconstrução.

Todas essas iniciativas buscam, em alguma medida, se desvincular do atual modelo dominante e têm contribuído para a impingir como laboratórios práticos, o vislumbre de um novo paradigma, não para ser unanimemente replicado, mas mostrando que a somatória de inteligência, ética, responsabilidade e criatividade, por exemplo, é possível reinventar o que fazemos automaticamente, que nos foi dado como natural ou normal.

Não são comportamentos, ações e modos de vida fáceis de implementar, pois estão à margem da sociedade e contra a corrente que empurra a humanidade como um todo na direção do mesmo abismo. Isso exige refletir e colocar em prática a vontade de superar esse modelo. Apesar de ficarem à margem da sociedade e classificados como movimentos alternativos, têm se estabelecido lentamente como iniciativas utópicas e mais sustentáveis.

Segundo (INGLEHART, 1995) a intensificação de movimentos populares, de iniciativas ecológicas e ambientais e o aprofundamento no exercício da democracia que

temos visto se difundir pelo planeta, já demonstram uma mudança profunda que vem ocorrendo em diversos atores sociais e tem gerado uma mudança social, ainda que, por ora, seja em pequena escala ou pontual. Uma transformação que perpassa a superação do paradigma atual de crescimento.

No fundo, estes são movimentos de transição que permeiam o que se conhece em busca do novo, algo que, de fato, é criado na concretude das atitudes e práticas das pessoas que se dispuseram a viver com base em outro paradigma. Esse tal “novo paradigma” não tem uma forma pronta ou já previamente definida. Refere-se muito mais ao conceito da mudança e da transição para um outro fazer. Um fazer que indique caminhos para ultrapassar os reflexos da crise atual que a sociedade humana vivencia.

No estudo realizado por De Witt (2013) sobre visões de mundo, a autora demonstra que há muitas barreiras estruturais (econômicas, de infraestrutura, institucionais, de práticas sociais etc.) a serem superadas para que possamos alcançar (como sociedade) um modo de vida mais sustentável. Avançar nessa direção envolve transformar e refletir os vários aspectos do estilo de vida individual e coletivo. Portanto, são lentos e muito difíceis de alterar já que se sustentam na realidade como se conhece e estão "profundamente enraizados nas visões de mundo, valores, associações culturais e hábitos" (DE WITT, 2013, p.30), algo difícil de superar por estar inserido em uma “armadilha paradigmática” (GUIMARÃES, 2004).

De Witt (2013) reitera que não vemos as coisas exatamente como elas são, mas como pensamos que elas são e isso nos confronta com um desafio na construção de um paradigma planetário sustentável; em como interromper ou desviar a atual forma de estar e agir, totalmente imersa nos parâmetros dados por um sistema capitalista. O que seria, na realidade, a instalação global de um “epistemicídio¹³” que nos leva rumo a um “ecocídio”.

Se para vivermos um outro modelo, mais sustentável, é fundamental uma mudança no estilo de vida das sociedades e isso, passará certamente pela adoção de novos estilos de vida pelos indivíduos que, por sua vez, precisam apoiar a transformação de suas práticas em uma decisão de mudança interna. Assim, a transformação coletiva depende

¹³ O processo de homogeneizar o mundo reduzindo a sua diversidade epistemológica, cultural e política foi definida por Boaventura Souza Santos como o processo que a ciência dominante, que detém o único conhecimento válido, promove em relação a outras formas de saberes. (GUIMARÃES; MEDEIROS, 2016)

da decisão individual, de apostar em novas possibilidades e romper com o que está dado, mas potencializada pelas ações do e no coletivo.

Vale lembrar que as visões de mundo, são a sustentação de como a sociedade humana se dinamiza no planeta, e se passarem a se alicerçar em uma abordagem que possa ser integrativa e que ultrapasse as fronteiras históricas e “naturais” da sociedade homogênea, podem ir se somando e se sobrepondo, remoldando um novo modelo; que emerge.

Embora outros atores tenham papéis sociais importantes, como por exemplo na formulação de políticas públicas, temos que considerar que para estabelecer sociedades sustentáveis o sujeito e as suas decisões pessoais na forma de viver, são também essenciais para consolidar escolhas significativas, que não só representem mudanças em suas atitudes, nas intervenções no mundo, políticas e sociais e para a transição a um novo paradigma.

Neste conceito, pode-se fazer jus às definições de Bossy (2014) sobre “utopia individual”, onde a crença de que a sociedade pode e deve ser transformada, vem de um estado de espírito do indivíduo; de que a mudança é desejável. Nas palavras de Gamson pela “consciência de que é possível alterar condições ou políticas através de ação coletiva” (Gamson, 1995, p. 90 apud BOSSY, 2014).

Além da “utopia individual”, a autora ressalta também a existência de uma “utopia coletiva”, no nível de agrupamentos e de movimentos sociais, como um processo de negociação constante entre membros de uma construção coletiva. E por último, a “meta-utopia” num nível mais alto e amplo, também fruto de uma interação coletiva, mas que se difunde por todo o tecido social. (BOSSY, 2014).

Uma linha de investigação em estudos futuros invoca a utopia como centro para ações inovadoras para a sociedade e é consenso que o termo utopia é empregado justamente para situações ou modelos inalcançáveis, ou o que Paulo Freire chamaria de “inédito viável” (FREIRE, 1987, 1992). Contudo, historicamente, o termo utopia tem sido utilizado tanto como a base do discurso teórico, quanto para um conjunto de práticas que podem ser realizadas no cotidiano (BOSSY, 2014).

Schiffer (2018) demonstra em seu estudo, a capacidade do capitalismo em se apropriar de ações utópicas intencionais, denominado como “capitalismo recuperativo”,

ou seja, vai engolindo tudo o que emerge¹⁴ como novo paradigma e o digere, transformando-os em apenas mais um elemento do paradigma dominante.

No uso da terminologia da sustentabilidade, por exemplo, muitos empreendimentos se utilizam da nomenclatura, mas não passam de uma estratégia do modelo hegemônico, com a utilização de ferramentas de marketing, que estendem a manutenção do foco no lucro, no capital (DIAS *et al.*, 2017). É evidente que o capitalismo recuperativo teve um profundo impacto sobre os tipos de utopismo encontrados em movimentos comunitários intencionais contemporâneos, como habitação e ecovilas. (SCHIFFER, 2018)

Apesar dessa apropriação deturpada, há várias linhas de investigações na área dos Estudos Utópicos, que situam as comunidades intencionais, como exemplos em pequena escala de utopias (BOSSY, 2014; LEVIATAN, 2013; SARGISSON, 2010; SCHIFFER, 2018). Aliás, esses agrupamentos se caracterizariam, entre outras, por um compromisso entre os membros do grupo com suas metas compartilhadas, o que as definiria como “comunidades utópicas” (Kanter, 1972 apud MEIJERING, 2006) e “utopias dinâmicas” (BINDER, 2016).

A utopia entendida tanto como discurso que inclui, primeiro, uma rejeição da sociedade existente, e, se não uma clara concepção de como um outro mundo pode parecer, pelo menos a ideia de que outra sociedade é possível e desejável, e segundo, um conjunto de práticas que precisam ser uma tentativa de criar aqui e agora, um “movimento coletivo conjunto”, sinérgico, em que 1 com 1 > 2 (Guimarães e Viegas, 2004 apud GRANIER, 2015) e; com características utópicas na esperança de se espalhar para o resto da sociedade (BOSSY, 2014).

Para SARGISSON (2010) essas comunidades são fundadas a partir de um descontentamento com o presente, numa visão compartilhada que cria um melhor modo de vida, experimentando vivenciar na prática os sonhos utópicos, e incorporando no dia a dia suas aspirações. Aos olhos desses comunitários, os objetivos envolvem a ideia de viver um mundo melhor ((BINDER, 2016), 2016) e de que suas vidas são melhores do que a vida no *mainstream*. (Scher, 1997, apud AGUILAR, 2012)

Sob esta ótica, podemos refletir que os modos de vida criados nessas comunidades poderiam ser uma possibilidade real de consolidar em nosso horizonte futuro, a desejável viabilidade quotidiana da utopia da qualidade de vida, associada a um mundo mais

¹⁴ Ao que a teoria marxista denomina de “cooptação ideológica” (COSTA, 2010).

equilibrado e justo, o que seria uma alternativa ao atual paradigma. (GUTIERREZ; PRADO, 1999)

Isabel Carvalho reforça a necessidade da utopia societária na formação da identidade do sujeito ecológico. Ela diz que os sujeitos ecológicos são “um tipo ideal que alude simultaneamente a um perfil identitário e a uma utopia societária. Diz respeito ao campo ambiental, mas, na medida em que este ganha legitimidade, se oferece ao conjunto da sociedade como modelo ético para o estar no mundo” (CARVALHO, 2001, p. 184).

AS COMUNIDADES INTENCIONAIS: VISLUMBRE DE POSSIBILIDADES

Na Era Moderna, Arruda (2018) revela três momentos históricos do surgimento das comunidades intencionais, em que se agrupavam pessoas que se contra identificavam com a hegemonia de pensamento e da vida em determinadas épocas. São eles: a) **pioneiro**: de “estranhamento à modernidade capitalista” no período entre 1815 a 1848; b) **rebelde**: “estranhamento à sociedade tecnocrática e repressora do pós-guerra”, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970; ambos principalmente na Europa e Estados Unidos sendo que a fase “rebelde” com irradiações para outros países; e c) **contemporâneo**, já no contexto da globalização do capitalismo neoliberal e cujos problemas sociais e ambientais preexistentes se ampliaram e alcançaram todos os continentes (ARRUDA, 2018).

Arruda (2018) considera os utopistas que viviam em comunidades do séc. XIX como membros de comunidades intencionais, já que possuíam uma predisposição singular em estar num outro contexto cultural e de transformação social. Entretanto, a primeira comunidade intencional remete a Pitágoras em 525 AC, no sul da Itália, e reunia centenas de moradores que compartilhavam seus bens e a alimentação vegetariana, e realizavam estudos e práticas místicas. (Metcalf; 2003 apud SCHETTERT, 2016). Assim como os essênios, no século II (Metcalf; 2003 apud SCHETTERT, 2016).

Ainda no século XIX, as comunidades utópicas bem-sucedidas criaram outras formas de lidar com a propriedade, o trabalho e o grupo e essas novas relações determinaram a vontade de continuar, a comunhão, os compromissos, motivações e a coesão de grupo e esses elementos têm sido a base das comunidades intencionais ainda nos dias de hoje (AGUILAR, 2012, p. 37)

Na fase contemporânea, a primeira comunidade fundada conhecida foi Findhorn, em 1962, no norte da Escócia, uma ecovila¹⁵ criada em um momento de crise por três integrantes, possui atualmente em torno de 500 habitantes oriundos de mais de 40 países, demonstrando o quanto tem sido bem-sucedida e como esse tipo de comunidade tem exercido forte atração para aqueles que buscam viver uma vida mais sustentável.

Santos Jr (2016) relembra que um articulador brasileiro de ecovilas¹⁶¹⁷, o Eknath, reforçava a ideia de busca de uma vida em comum, alternativa, que se contrapõe aos sistemas, está presente desde tempos antigos e sempre carregou em si propostas de colaboração, fraternidade e união na superação das dificuldades enfrentadas. (SANTOS JUNIOR, 2016).

Essas propostas viabilizadas na prática pelos comunitários, aliadas com a realização cotidiana de atividades que priorizam a minoração do impacto ambiental gerado, nos colocam diante da necessidade de compreender cada vez mais os integrantes de movimentos de comunidades intencionais, com a expectativa de perceber elementos que subsidiem uma reflexão sobre a potencialidade destes para uma educação transformadora especialmente voltada à uma sociedade sustentável. Apesar de serem movimentos que avançam, ocultamente (ARRUDA, 2018), reconhecê-los no mundo contemporâneo pode incitar novas perspectivas e proposições pedagógicas para a Educação Ambiental no sentido de identificar aspectos que possam subsidiar a reflexão necessária à processos mais efetivos a serem desenvolvidos no planejamento de formações de educadores ambientais.

Os comunitários possuem, a priori; elementos que podem nos ajudar a vislumbrar esse outro paradigma já que possuem a disponibilidade em se trabalhar no coletivo, em territórios rurais, onde compartilham o cotidiano, (refeições, plantio de alimentos, limpeza) em torno de elementos culturais (ideias, crenças, modo de vida ecológico, escolha alimentar) (GRINDE *et al.*, 2018; LEHAVI, 2008; MEIJERING, 2006; MORÃO,

¹⁵ Em 1990 Gilman cunhou o termo ecovila em uma combinação de design ecológico de construção de comunidade. (ERGAS, 2010)

¹⁶ Num estudo, Santos Jr (2016) identificou que quase todos os grupos que se identificaram como ecovilas (96,2% do total que ele inquiriu) se consideravam uma comunidade intencional. (SANTOS JR, 2016, p. 211). Entretanto, é importante ressaltar que nem toda comunidade intencional é uma ecovila.

¹⁷ No ano de 1998, as ecovilas foram reconhecidas pela ONU como: “uma das 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável, como modelo excelência de vida sustentável” (SANTOS JR, 2006, p.9; SCHETTERT, 2016)

2017), filosóficos (princípios, ética) e de práticas espirituais (reza, meditação, trabalho com energia) (MARDACHE, 2016; GRINDE et al, 2018).

Estes princípios formam uma identidade e uma intimidade com o grupo, com o propósito de criar a sustentabilidade, não só ambiental ou ecológica, mas também das relações e do modo de estar no mundo. A força desse tipo de comunidade encontra-se na sustentabilidade íntima que se manifesta em cada indivíduo e em seus (ARRUDA, 2018).

Isso significa um grupo de pessoas próximas que partilham um estilo de vida, uma cultura e o mesmo propósito (Metcalf, 2004 apud SIQUEIRA, 2012) num terreno específico ou em suas adjacências (SIQUEIRA, 2015; SIQUEIRA, 2012) isoladas funcionalmente (LEHAVI, 2009), com “algum grau de separação da sociedade circundante” (VAN DE GRIFT et al., 2017). Um estilo de vida de trabalho cooperativo, que reflete “valores centrais compartilhados” (Kozeny, 1995, p. 18; apud ERGAS, 2010), de melhoria de suas vidas e da sociedade em geral (Sargent, 1994 apud SARGISSON, 2010), “através de um design consciente”.

Outra característica é a de ter se formado a partir de um deslocamento voluntário, de um jeito de viver conhecido, para um outro modelo, inovador, desconhecido, mas apoiado no poder de um grupo escolher, conscientemente, outros (novos) princípios e regras (Capello, 2013 apud LEHAVI, 2009).

Os laços compartilhados são importantes e estreitam as possibilidades de implantação de um movimento político, demonstrado na forma de atuar (HONG; VICDAN, 2016).

“Buscando construir utopias possíveis e singulares, elas têm ensaiado, na prática, a criação de vivências coletivas onde rebeldia significa justiça e liberdade entre seres humanos, na Terra, a partir do zelo com a terra.” (SANTOS JR, 2016, p.174)

Mais do que um movimento de protesto as comunidades intencionais compõem um movimento afirmativo imbuídos de propósitos e propostas para a crise global. Nos países ricos do Norte, essas iniciativas buscam revitalizar a vida social e reduzir o consumo enquanto que nos países em desenvolvimento, do Sul, elevam os padrões de vida de forma sustentável, incorporando tecnologias ecológicas, ao mesmo tempo em que preservam os aspectos culturais locais. (HONG; VICDAN, 2016)

São diversas as intencionalidades incitaram à criação desses movimentos: o compromisso de reverter práticas de degradação ambiental (GEN, 2012) as crenças

religiosas (MEIJEERING, 2006; ARRUDA, 2018), o desenvolvimento espiritual (MARDACHE, 2017); a redução no custo de vida e da pegada ecológica, melhoria na saúde e na segurança; aumento das relações gratificantes e no desenvolvimento pessoal profundo (SIQUEIRA, 2012); a possibilidade de ativamente diminuir a poluição e os impactos nas mudanças climáticas; a insatisfação com exploração estrutural da sociedade (MARDACHE, 2016); e o "inconformismo" com o sistema vigente em seus múltiplos aspectos: social, econômico, religioso, educacional, cultural e espiritual" (SANTOS JR, 2016, p. 174).

Os motivos são múltiplos e se situam desde uma esfera interior de transformação pessoal (ERGAS; CLEMENT, 2016, p. 1208) e de satisfação do desejo de estar mais próximo e em harmonia com a natureza enquanto se vivencia a síntese entre teoria e prática (SIQUEIRA, 2012); até as ações em uma esfera mais pragmáticas como alcançar a autossuficiência alimentar e energética, via a permacultura (MARDACHE, 2016, 2017).

Aspectos mais convencionais da sociedade também tem valor e incluem a possibilidade de viver em um local seguro para se criar os filhos, aumentar a qualidade de vida ou poder criar ecoempresas. Todas essas possibilidades são implantadas, a partir de diferentes formatos de relação entre comunitários-proprietários e de legalização da propriedade (LEHAVI, 2008).

Como exemplo, na comunidade intencional Tamera, em Portugal, os membros reconhecem ter havido um "encantamento" (CARVALHO, 2016, p.97), quando visitaram a comunidade pela primeira vez, o que consolidou a decisão de mudar do "seu lugar social" onde já possuíam um histórico ativista, para "vivenciar a possibilidade de realização de sonhos dentro do núcleo comunitário" e que incluía, "o aspecto da sexualidade livre" (idem). Enquanto, para outros integrantes da Tamera, "a motivação principal para sua chegada foi a possibilidade de exercer sua profissão em um projeto comprometido com a sustentabilidade." (CARVALHO, 2016, p.97)

Não é de espantar que alguns estudos (CARVALHO, F. F. De, 2016; ROYSEN, 2018) revelaram que já havia antecedentes com preocupações ecológicas e ambientais no comunitários que os levou a considerar completamente natural a escolha de ir viver em uma comunidade com propósitos sustentáveis (BORELLI, 2014). Entretanto, ao verificar com mais detalhe, esse "processo natural" parece ser resultado de situações que trouxeram decisões importantes, em que pessoas se sentiram numa espécie de encruzilhada, da ordem de renúncias ou crises profissionais, o nascimento de um filho, a influência de amigos, o contato prévio com outras comunidades ou a existência de relações próximas à

natureza e à simplicidade. (BORELLI, 2014). Outros, vivenciaram dificuldades em efetivar atitudes ecológicas em seus lares pregressos, muitas vezes por causa da própria família ou de outros desafios de interações sociais, o que gerou a necessidade da sustentabilidade social como horizonte importante na decisão de mudar para uma ecovila (VICDAN; HONG, 2018)).

Este panorama ilustra a infinidade de objetivos sobrepostos presentes na constituição de uma comunidade intencional, colocando-a num lugar diferenciado em relação aos modelos sociais existentes, ao mesmo tempo que possibilita aos seus membros uma conexão interior e com o entorno (os outros e a natureza), que se nutrem dos significados partilhados com outros semelhantes (CASEY; LICHROU; O'MALLEY, 2017), firmando-se, ao mesmo tempo, como espaços utópicos (AGUILAR, 2012), de contracultura (ARRUDA, 2018) e resistência com um leque de motivações importantes à superação dos desafios ambientais e sociais, de forma pacífica e inovadora. (ROYSEN, 2013, 2018; ROYSEN; MERTENS, 2016).

Santos Jr (2015) revela que dentre as prioridades, para se viver em uma ecovila, estão “motivações mais simbólicas e/ou subjetivas do que a percepção mais pragmática por trás do sentido expresso pelo —viver com baixo impacto ambiental”. (SANTOS JUNIOR, 2016, p. 211).

Apesar de exigir um afastamento da sociedade consumista convencional, Morão (2015) concorda que o desafio de viver em comunidades intencionais envolve mudanças profundas internas e externas e identificou que todos os entrevistados tinham o desejo de obter uma vida melhor, em um lugar com mais contato com a natureza e cuja prioridade era viver com paz e sossego, especialmente onde pudessem estar mais conectados com a terra e consigo mesmo.

No mesmo sentido, Roysen (2018) constatou que a dimensão da mudança pessoal e a valorização do autoconhecimento, foram elementos importantes para uma vida direcionada à sustentabilidade, pois provoca a necessária reflexividade para que se possa romper os hábitos

Para Schettert (2016) são as motivações humanas que constroem laços, a partir do desejo de pertencimento e de partilha, cujo compromisso de comungar uma interioridade recíproca seria maior que o mero desejo de estar junto, criando a identidade e a

identificação com a comunidade, com o que partilhar, ao que pertencer e defender, ou seja, com a intencionalidade maior da comunidade, a “cola”¹⁸.

Nesse despertar interior relacionam-se desde experiências espirituais ou *insights* obtidos por dificuldades mundanas que como vimos, pode levar a uma infinidade de propósitos com a vida comunitária, com objetivos e interfaces variadas e sobrepostas. Contudo, o indivíduo que pertence e que partilha seus sonhos e planos cria a “cola” comunitária, amarra os laços de seus propósitos e práticas enquanto substancia a utopia cotidiana na forma de viver coletivamente, melhorando a sua qualidade de vida e tornando-se mais sustentável.

Esta nova utopia societária em comunidades intencionais se coadunaria com a intencionalidade transformadora¹⁹ um dos cinco princípios que constitui os elementos formativos da proposição da ComVivência Pedagógica como processo de ruptura epistemológica na formação do educador. Neste contexto, a intencionalidade transformadora pressupõe a atitude de engajamento, individual e coletiva dos comunitários, numa postura conectiva²⁰, ativa, em que os sujeitos seriam capazes “de identificar problemas e participar dos destinos e decisões que afetam seu campo de existência individual e coletivo” (CARVALHO, 2004, p.187).

O fato de o sujeito desenvolver um “olhar para dentro” propiciaria a “percepção de que suas ações e escolhas afetam o meio da mesma forma em que são por ele afetadas, o que o predispõe simultaneamente a “um olhar para fora”(GUIMARÃES; GRANIER; KLEIN, 2020), numa perspectiva de transformação que transcenderia o individual.

Isso nos leva ao principal interesse desse estudo, o de perceber a experiência subjetiva dos comunitários, buscando encontrar o significado das motivações que os levaram à ousadia de viver de outro modo e, como esses elementos impulsionadores e subjetivos, que os inseriram na “cola” de uma comunidade, podem levantar referências a serem aprofundadas nas práticas educativas da Educação Ambiental.

¹⁸ Schettert, resume que “as motivações de uma ecovila são denominadas “cola”, o que se refere justamente à intenção maior daquela comunidade e sua inspiração conceitual.” (SCHETTERT, 2016, p. 15).

¹⁹ A *intencionalidade transformadora*, seria o “princípio provocador da construção de sentido da práxis do educador” segundo (FARIA, 2021, p. 128).

²⁰ A *postura conectiva* juntamente com a *reflexão crítica*, *indignação ética*, *intencionalidade transformadora* e *desestabilização criativa*; formam os cinco princípios presentes na proposição da abordagem teórico-metodológica ComVivência Pedagógica como percurso educativo.

Diante do exposto espera-se identificar os aspectos que subjazem a interioridade de um sujeito que se transforma, recria e sustenta a transição para um outro paradigma, que emerge, no sentido de pautar estratégias de como fomentar o imaginário e as subjetividades dos educadores ambientais e sua práxis, para a expansão da cosmovisão hegemônica rumo a um mundo, mais equânime e sustentável.

Intui-se aqui, que a perspectiva de compreender os sujeitos presentes nesses coletivos mobilizadores de novas realidades, poderiam contribuir nessa tarefa, partindo do pressuposto de que as comunidades intencionais seriam, ao menos, vislumbres de uma utopia societária por agregarem em seus cotidianos, tanto o polo ambiental quanto amoroso, solidário. Contribuir em como potencializar o emergir desses elementos, na realidade dada, possibilitaria uma via na construção da transformação necessária para um futuro melhor, equacionando, na prática, as bases para sobrepor o modelo atual hegemônico reprodutório e anti-utópico, e, portanto, “desagregador dos laços societários e solidários” (CARVALHO, 2001, p. 286)

**CAPÍTULO II – MODOS DE VIDA EMERGENTES EM UMA
TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA
DOS ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE COMUNIDADES
INTENCIONAIS**

INTRODUÇÃO

Com a finalidade de compreender o conhecimento científico já produzido empiricamente sobre as comunidades intencionais e os tipos de estudos que se realizam neste campo, levantou-se as produções científicas realizadas no formato de artigos científicos, revisados por pares, no período de dez anos.

As comunidades intencionais são ainda relativamente desconhecidas e com pouca produção científica. O intuito é explorar aspectos epistemológicos e das metodologias e propósitos dos estudos que tem sido feitos, para que se possa encontrar em suas potencialidades elementos que possam contribuir para conhecer mais acerca dos comunitários, considerando-os como sujeitos que vivem mais em sintonia com a natureza, e que fizeram em alguma instância, reflexões que os fizeram optar por um tipo de vida mais afastado do paradigma hegemônico, como o das comunidades, cujo esforço tem sido no estabelecimento de uma vida mais sustentável.

Para guiar o trabalho de pesquisa, a leitura dos artigos foi orientada no sentido de compreender como as comunidades intencionais tem sido classificadas e conceituadas, observando as suas orientações metodológicas, identificar as principais finalidades dos estudos encontrados e discernir sob que abordagens teóricas epistemológicas os pesquisadores se basearam.

Na primeira parte deste artigo se discorre sobre as nomenclaturas e conceitos sobre os vários tipos de comunidades intencionais levantados. Apesar deste já ser um resultado da pesquisa bibliográfica realizada, optou-se por puxar esta discussão para a parte anterior ao relato metodológico para permitir, já de início, maior aprofundamento nos conceitos envolvidos na denominação de uma comunidade intencional, um termo que não é unânime e possui muitas variantes.

Na segunda se discorre sobre percurso metodológico que orientou essa revisão bibliográfica, e por fim, os resultados e discussão do que foi levantado, quanto aos objetos de estudo, situando-os em termos de localização de pesquisa e autorias, os objetivos, metodologias adotadas e bases epistemológicas.

O conhecimento científico: as comunidades intencionais em cena

O que se espera de um indivíduo dessa sociedade atual é que ele aja como todo mundo age, num movimento de massa globalizado e no qual para ser aceito ou reconhecido precisa seguir padrões estabelecidos por esta mesma sociedade no

andamento de sua vida particular, seja por meio das escolhas que faz em suas roupas, mesmo que em custem caras e em seis meses caiam da moda; ou nos aparelhos eletrônicos com vida curta e em demais objetos cotidianos de fácil descarte; ou ainda em quais são os itens essenciais (os alimentos que tem que estar empacotados ou engarrafados em cores e materiais para que, aos nossos olhos, pareçam tão atraentes e essenciais, mesmo que se trate de um complexo com substâncias químicas, ineleáveis e sem nutrientes). Nota-se que nesse contexto, a sustentabilidade tem sido um grande desafio para o momento atual da humanidade.

Na década de 60, uma parte da juventude da época, começou a confrontar o modo de vida vigente, o consumo de químicos na natureza e os seus efeitos no futuro. O *status quo* passou a ser confrontado gerando a necessidade de ruptura com o modelo de sociedade que estava estabelecido. Surgem também manifestações sociais e movimentos como os de oposição à Guerra do Vietnam, um novo jeito provocativo de fazer música, se assumem as drogas como fonte de prazer e de busca pela expansão da consciência, além de muitos outros movimentos, com base da contracultura. Neste meio, nasce também o impulso do movimento ambientalista²¹, marcado entre outros, pela “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson (1969) e pelos documentos do Clube de Roma²² (MEADOWS *et al.*, 1978).

Esses movimentos alternativos (coletivos) pretendiam, de forma geral, uma maior aproximação com a natureza e manifestavam-se em uma nova forma de se vestir, de morar, se relacionar, se alimentar e até dançar, tornando exposto não só o distanciamento da humanidade com a natureza, mas também do homem com a sua própria essência, em decorrência da forma de organização da sociedade, suas normas, o modo de vida urbano e industrial e a artificialidade tecnológica que passaram a imperar. Muitos destes movimentos se tornaram autônomos e sobrevivem por décadas, se aperfeiçoando pela

²¹ ...a Conferência de Estocolmo (MEC, 1977) marcou um novo período na sociedade humana. O período em que o homem começa a enxergar a natureza e os seus recursos, como escassos e limitados (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1988) e não mais como fonte inesgotável de matéria-prima, esse aspecto ampliou o olhar sobre o ambiente, que passa a ser olhado não só como um conjunto de elementos biofísicos mas com relação ao homem e as várias instâncias da sua estrutura social. (SOBRAL, 2009, p.58)

²² Em 1968 trinta especialistas de diversas áreas do conhecimento fundaram o Clube de Roma que publicou um relatório, em 1972, chamado “Os limites do crescimento” apontando o custo ambiental para o planeta da busca de vários países pelo crescimento econômico.

busca de uma autossuficiência integrada com o ambiente em prol de um mundo melhor. (Santos Junior, 2006 apud BELLEZE et al., 2017).

Esse cenário tão fértil e de questionamentos, foi propício para o aparecimento de comunidades “alternativas” que eram formadas por pessoas oriundas de zonas urbanas (na maioria jovens), que buscavam vivenciar no seu cotidiano práticas sustentáveis, e pretendiam gerar o mínimo impacto ambiental, rompendo com o *status quo* ao mesmo tempo que criavam uma nova forma de vida.

A partir da minha própria vivência de ir morar em uma comunidade intencional e do desafio de “nadar contra a corrente”; das dificuldades enfrentadas como cidadã de uma sociedade tão injusta e incoerente; e do meu papel como educadora ambiental crítica, passei a me inquirir quais seriam os elementos cruciais que impulsionam os moradores de comunidades intencionais a ousar romper com o conforto da sociedade moderna e lidar com uma série de dificuldades para viver de uma forma mais equilibrada com a natureza e, talvez mais coerente com suas consciências.

Viver em uma comunidade dessas implica se afastar (no mínimo fisicamente) de um bombardeio massificado que se torna a cada dia mais abrangente no planeta globalizado. Num mundo em que as pessoas se tornam cada vez mais individualistas e solitárias, é no mínimo interessante conhecer um pouco mais a respeito de pessoas que tem direcionado a sua própria vida e seu cotidiano em experiências coletivas e em geral, sustentáveis, dois aspectos cada vez mais escassos nesse atual mundo globalizado.

Nesse sentido, e por ser um assunto um tanto desconhecido na nossa sociedade, foi fundamental aprofundar-se na literatura e realizar uma síntese das investigações já feitas para melhor compreender o conhecimento científico já existente, com vistas a orientar o percurso investigativo com base nas concepções já formuladas e nos resultados obtidos por outros pesquisadores. Para tanto, foi desenhada uma meta-análise qualitativa acerca das pesquisas realizadas em relação às comunidades intencionais ao longo dos últimos dez anos.

O modelo de análise foi definido com base em dimensões que pudessem dar um panorama das pesquisas que tem sido desenvolvidas e ao mesmo tempo apoiar o percurso a ser seguido para a pesquisa empírica, considerando o pouco que se sabe sobre as comunidades intencionais, principalmente nos quesitos inerentes às pessoas que se motivaram a ir viver nesses locais. Assim, buscando compreender a proveniência dos estudos, suas autorias, objetivos, metodologias e epistemologias em que se assentam,

pretendi constituir, enquanto pesquisadora, alguns caminhos que poderiam ser escolhidos para o aprofundamento futuro, em termos do que pesquisar sobre as características dos comunitários, que possivelmente os pudessem tê-los colocados em um papel de um “sujeito ecológico”, mais ambiental. Essa é uma premissa, a de que estes sujeitos, mudaram de vida e dedicam suas vidas a modelos coletivos, solidários, de conexão e pertencimento, cuidado e zelo com a natureza, por terem em si, esses princípios como guias, como norteadores de suas práticas cotidianas.

Como em um ato de “tatear”, neste ponto da pesquisa, ainda era uma incógnita, como imersa em uma nebulosa, definir como se poderia captar elementos subjetivos dos comunitários que poderiam contribuir na reflexão do que poderia ser incrementado em práticas educativas. No fundo, era tatear e descobrir, como se poderia chegar mais perto de identificar o que esses comunitários, tem, são ou fazem ou fizeram que tenha fomentado uma “maior consciência”, ou uma consciência ecológica, uma práxis cotidiana, aparentemente óbvia, natural e coerente com um mundo mais sustentável.

Essa tarefa possibilitou identificar e problematizar o que tem sido mais relevante nessa temática pela comunidade científica e permitiu situar esta pesquisa e as decisões necessárias de como abordar empiricamente as pessoas engajadas nesse fenômeno. Este foi o principal foco, por isso, nesta revisão não há, inicialmente, a preocupação com os resultados que os pesquisadores obtiveram, enquanto pergunta norteadora, mas sim as questões de pesquisa, os métodos utilizados e as bases teóricas. Alguns resultados que se mostraram pertinentes ao foco de investigação geral da tese foram considerados em cada estudo.

Para melhor conhecer o que tem sido investigado sobre comunidades intencionais na última década, a linha norteadora desse estudo seguiu as seguintes indagações:

- Como as comunidades intencionais foram entendidas e conceituadas?
- Quais são as linhas de investigação e orientações metodológicas que aparecem nesta área?
- Que finalidades orientam as investigações neste campo?
- Sob quais abordagens teóricas se têm investigado as comunidades?

Comunidades como alternativa: intenções de uma vida com princípios sustentáveis

Um dos aspectos importantes da revisão era justamente assinalar como esses conceitos aparecem na literatura e que tipo de vida comunitária eles nomeiam, optando-

se por um conceito que fosse utilizado de forma abrangente e inclusiva do tipo de comunidade que interessa no contexto dessa investigação.

Como veremos a seguir, o termo “comunidade intencional” não é unívoco e muitas vezes se confunde com outros conceitos e formas de vida como coabitações, ecovilas, comunidades sustentáveis, ecoaldeias e outros tantos. Podemos observar que não há um consenso entre os investigadores nesse quesito, embora isso não seja abordado e discutido como objeto central nos artigos encontrados é possível identificar que diferentes autores se utilizam de termos diferentes para o mesmo tipo de comunidade ou, também o contrário, mesmo termo para tipos de comunidades diversas entre si.

Charvet (2014 apud BOTTA, 2016) aponta que as comunidades sustentáveis são extremamente heterogêneas, não tem um perfil claro, podem ser formadas por apenas alguns membros ou por centenas; podem ser lideradas por algum líder carismático, com alguma hierarquia, ou são mais horizontais, com forte compromisso com o consenso.

Não existe nem mesmo uma nomenclatura única e clara, sobre o que caracteriza uma comunidade desse tipo. Frazer define comunidade (etimologicamente) como derivada de “Communitas”,

... o que significa um simbólico universo da alma; e, para muitos autores, a comunidade é o lugar onde a comunhão com as almas das outras pessoas é alcançada. Outra raiz etimológica parece ser “comunitas”, no sentido de um grupo de pessoas que operam pelo consenso dos seus membros, sendo esta conotação oposta à das “societas”, o que significa associação, e ao de “civitas” (cidade). Comunas eram associações territoriais, às vezes por motivos de função, como, por exemplo, os religiosos. (PRECUPEȚU, 2006, p.73 apud MARDACHE, 2016).

O termo comunidade é caracterizado por “uma população que vive dentro dos limites legalmente estabelecidos de uma cidade” (International Encyclopedia of the Social Sciences, 1972 apud MARDACHE, 2016) ou como

“uma formação social duradoura, reunindo um número relativamente baixo de indivíduos, com antecedentes culturais e status social semelhantes, que vivem com superfície extensa e entre os quais há cooperação bem estabelecida e persistente relações sociais, gerindo

assim o exercício de um controle social eficiente em nível de grupo”.
(Enciclopedia Dezvoltării Sociale, 2007 apud MARDACHE, 2016).

Bădescu (2005), utiliza-se do conceito de Nisbet, e define comunidade com um sentido oposto e complementar ao de sociedade, onde “comunidade” se caracteriza pela profundidade, continuidade, plenitude e conexão emocional que formam os laços sociais; e “sociedade”, pressupõe impessoalidade, com base em relações não emocionais, bem refletidas e contratuais (Bădescu, 2005 apud MARDACHE, 2016). Uma comunidade seria um lugar potencial para experiências significativas.

Grundmann (apud BERNDT, 2008), define comunidades sociais quando há a "expressão do desejo comum na união de atores individuais através de motivos comuns. Esses motivos podem ser valores, interesses ou objetivos."

Belleze (2017), afirma que nessas comunidades intencionais, há uma busca

pela incorporação de questões éticas, ambientais, sociais e culturais, as quais são normalmente consideradas pelo pensamento econômico clássico dominante como “externalidades”. (p. 229)

Na literatura é possível encontrar diversas formas de agrupamento de pessoas, com um propósito de se auto organizarem, caracterizando-se como coletivos de agricultura orgânica, movimentos de coabitação (co-housing) urbanas ou rurais, ecovilas²³, ecoaldeias, comunas, ou comunidades intencionais, comunidades sustentáveis, comunidades do arco-íris (FIC, 2019; GEN, 2012; MARDACHE, 2016, 2017; SARGISSON, 2010), além das comunidades tradicionais alocadas em geral no lado mais pobre da linha do Equador. (DIAS et al, 2017).

Meijering (2006) em sua tese de doutorado, realizou um profundo estudo sobre comunidades intencionais no noroeste da Europa e como resultado propôs quatro diferentes tipologias para classificar as comunidades intencionais: religiosas, ecológicas, comunais e práticas. Uma classificação semelhante é feita por Morão (2017).

²³ No ano de 1998, as ecovilas foram reconhecidas pela ONU como: “uma das 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável, como modelo excelência de vida sustentável” (SANTOS JUNIOR, 2006, p. 9; SCHETTERT, 2016).

De toda forma, existem muitas descrições das várias possibilidades de organização em comunidades, podendo-se saborear um largo espectro de empreendimentos modestos, mas conscientemente utópicos.

Aliás, no campo dos Estudos Utópicos aparecem muitos estudos sobre comunidades intencionais, justamente por se revelarem como uma possibilidade concreta de se viver a utopia de forma pragmática.

Na visão de Schiffer (2018):

... comunidades intencionais, ecovilas, permaculturas, retiros religiosos e seculares, projetos de co-habitação, projetos de habitação de “baixo impacto” e projetos de posseiros na cidade e no campo

(...) Estas iniciativas nos mostram que estes são projetos para um mundo melhor, com plena consciência dos fracassos do passado e a necessidade de acatar essas lições. Eles também nos mostram que a redução da ambição, a mudança para o local à luz do global, precisa não menos, mas ainda mais imaginação e mais pensamento... (Kumar apud SCHIFFER, 2018, p. 69)

Um dos achados de Schiffer (2018) em seu trabalho é o de que os moradores da Ecovila Yarrow vivem o seu cotidiano como uma “espécie de trabalho de autoaperfeiçoamento”, que eleva a consciência e melhora a sociedade norte americana. Ele cita que esses moradores

estavam engajados em uma espécie de práxis autoconsciente em que atividades aparentemente triviais ou mundanas podiam ser infundidas com um grande propósito, se alguém simplesmente prestasse atenção às palavras, pensamentos e ações de alguém. (SCHIFFER, 2018, p. 10)

A percepção desses moradores de que as suas atitudes cotidianas impactam na sociedade se amplificando, tem sido objeto dos desafios das diversas linhas da Educação Ambiental, pois toca na necessidade de mudanças de atitudes e da reflexão crítica acerca das decisões de cada indivíduo. Aliás, esse é um ponto que sugere um grande desafio por ser constantemente caracterizado como algo do campo da idealização e sonho, parecendo ser inalcançável ou utópico.

Muitas comunidades foram criadas com um forte senso de idealismo utópico (AGUILAR, 2012) por possuírem semelhanças entre os aspectos intencionais e utópicos (SARGISSON, 2012), e compartilharemos atributos e características como: “distância do *mainstream*, desafio ao status quo e naturezas coletivistas” (HONG E VICDAN (2016), p. 121).

As nove características mais centrais propostas por Leviatan (2013)²⁴ para que uma comunidade seja considerada utópica são similares às características observadas em vários estudos sobre as comunidades intencionais,

Em contraponto, Hong e Vicdan (2016), discutem que as ecovilas (comunidades intencionais) são uma alternativa para o ambientalismo presente na sociedade, mas que isso não as caracterizariam como espaços utópicos, mas como “modos de vida alternativos e complementares aos estilos de vida dominante, mas ainda assim, baseados no paradigma social hegemônico. (Kilbourne et al, 1997, apud HONG E VICDAN, 2016; Visconti et al, 2014, apud HONG E VICDAN, 2016).

Há uma gama de sobreposições entre os conceitos e Botta (2016) assinala a confusão entre as várias designações de comunidades sustentáveis e de comunidades intencionais, ora colocando uma ou a outra como as mais amplas. Podem incluir “comunas”, “comunidades alternativas”, “comunidades utópicas” (Kanter 1972 apud SARGISSON, 2010) e “utopias dinâmicas” (Schehr 1997 apud SARGISSON, 2010).

²⁴ O autor propõe nove características: “1. Os membros vivem nela por seu livre arbítrio: juntam-se a ela sem coerção e com o conhecimento de outras opções de vida e têm a possibilidade de deixar quando quiserem; 2. A comunidade se relaciona com seus membros como indivíduos únicos; 3. Permite a todos os seus membros satisfazer de maneira sustentável (no presente, no futuro próximo e no futuro distante) todas as suas necessidades e maximizar a expressão de seu potencial humano; 4. Apresenta a eles oportunidades de controlar democraticamente e determinar o destino e o destino de seus habitantes e o da vida de sua comunidade; 5. Os membros vivem em uma comunidade de igualdade, solidariedade, cooperação e fraternidade, de acordo com suas necessidades e potenciais humanos únicos; 6. Implementa ativamente esses valores 'fora' de seus limites para incluir outras partes da sociedade em geral. Atua para promover justiça social, igualdade, solidariedade, cooperação e falta de conflito nas maiores partes possíveis da sociedade ao seu redor; 7. As características de "comunidades utópicas" perfeitas, embora importantes em si mesmas, também devem formar comunidades sustentáveis; 8. Os membros dessas comunidades são felizes com suas vidas, e seu bem-estar e saúde são mais altos, e não menores, do que os de outras populações ao seu redor; 9. Finalmente, as características listadas acima (ideais / expressões de valores) são desejadas, aspiradas e compartilhadas pelo menos pela maioria de seus membros, uma condição necessária para manter os membros juntos em uma comunidade comunitária.” (LEVIATAN, 2013, p. 250).

Existem páginas na internet que classificam as comunidades intencionais ao redor do mundo. Entre eles o site da FIC²⁵, e do o GEN²⁶ e um mapeamento feito pela ABRASCA²⁷.

O Global Ecovillage Network descreve uma comunidade intencional como um termo inclusivo para: ecovilas, coabitações, comunidades, land trusts, comunas, cooperativas estudantis, cooperativas urbanas habitacionais, moradia intencional, comunidades alternativas, vida cooperativa e outros projetos em que as pessoas se esforçam em conjunto com uma visão comum." (CUNNINGHAM, 2014; GEN, 2012)

O conceito de ecovila muitas vezes se confunde com o termo de comunidade intencional tornando-se quase impossível separar ou perceber as diferenças entre eles. Pode-se afirmar, na realidade, que uma ecovila²⁸ é uma comunidade intencional. (GEN; FIC, 2019; MORAIS e DONAIRE, 2019)

Este conceito de ecovila

... começou a ser utilizado amplamente a partir de um relatório que os ativistas Robert e Diane Gilman realizaram em 1991: eles descreveram assentamentos ao redor do mundo que poderiam servir como base de inspiração para o que seriam comunidades de transição para uma sociedade sustentável, as quais passaram a denominar “ecovilas” (Dawson, 2015 apud DIAS *et al.*, 2017, p. 82).

Hong e Vicdan (2016) afirmam que as ecovilas são alternativas aos modelos societários de planejamento urbano, de práticas de consumo, de agricultura etc. e enfocam (mas não se limitam) em ações de responsabilidade do consumidor, autossuficiência agrícola, colaboração de nível macro e motivações para a transformação sociocultural. Entretanto, nos dias atuais, esse termo também tem sido apropriado pelo sistema, pelo capitalismo, e vem se descaracterizando, perdendo o significado original e sendo

²⁵ FIC - Foundation for Intentional Community. Ver mais em <https://www.ic.org/>

²⁶ GEN - Global Ecovillage Network, foi criado em 1995, como uma iniciativa de articulação do movimento de ecovilas. Ver mais em <https://ecovillage.org/>

²⁷ ABRASCA - Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis. Ver mais em <https://irradiandoluz.com.br/2015/10/ecovilas-e-comunidades-no-brasil.html>

²⁸ Num estudo, SANTOS JR (2016) identificou que quase todos os grupos que se identificaram como ecovilas (96,2% do total que ele inquiriu) se consideravam uma comunidade intencional. (SANTOS JR, 2016, p. 211)

empregado para denominar desde as ecovilas originais com princípios sinceros de autossuficiência e sustentabilidade, como até mesmo um conjunto de casas num condomínio afastado que se diferenciam por ter um aquecimento solar, ou seja, um mero empreendimento com fins lucrativos e com um “apelo” (marketing) ambiental ou sustentável.

O problema é que não há uma classificação detalhada ou um processo sistematizado que seja amplo e aceito. Apesar dos estudos de que classificam os tipos de comunidades (MEIJERING, 2006; MORÃO, 2015), em geral, são as próprias comunidades que se autodefinem e muitas não conhecem a nomenclatura disponível ou os conceitos atribuídos, além do fato de que a maior parte desses conceitos são recentes e discutidos em esferas bem específicas, como a acadêmica ou redes próprias.

... ‘quem` são as ecovilas (...) e como e com que intensidade interferem na dinâmica societária. A própria base de dados da GEN reflete isso: funcionando a partir de um autocadastramento livre, constam ali algumas ‘ecovilas` que dificilmente seriam reconhecidas como tal (há, por exemplo, algumas que são claramente eco-resorts). (DIAS et al, 2017).

Outro aspecto refere-se a dificuldade de classificar justamente por existirem muitas formas para se estabelecer a convivência de indivíduos coletivamente, cada uma com suas especificidades próprias e que podem (ou não) se identificar com uma terminologia ainda mais flutuante e dinâmica do que o próprio movimento específico em si, uma característica do que Zygmunt Bauman se refere como a pós-modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

Dawson (2013 apud DIAS *et al*, 2017) por outro lado, identifica majoritariamente, dois grandes tipos de ecovilas e faz uma relação de cada um desses tipos com a típica divisão socioeconômica mundial: a) ecovilas no norte global, pequenas comunidades intencionais experimentais e b) ecovilas no sul global: “comunidades ou redes de comunidades tradicionais (vilas e vilarejos) cujos líderes locais buscam retomar o controle sobre seus recursos culturais, ecológicos e econômicos.” (DIAS et al, 2017, p.83)

Está é uma divisão interessante, onde os autores incorporam e questionam a relação *top-down* existente no planeta a necessidade de dar voz a grupos excluídos juntamente com seu modo de vida e tradições (DIAS et al, 2017). Nessa lógica, que

também é partilhada pelo GEN, se inserem comunidades que sempre estiveram à margem da sociedade e que vem sendo sobrepujadas na história. Valorizam assim coletivos oriundos especialmente do Hemisfério Sul, como os quilombolas, as aldeias indígenas, caiçaras, incas, africanos e outras tantas comunidades tradicionais, mesmo que estas nem sempre estejam tão organizadas ou se nomeiem como comunidades sociais, ecovilas, comunidades intencionais etc.

Dierschke et al. (apud BERNDT, 2008) confirma que no campo de pesquisa de comunidades intencionais coexistem muitas formas e variantes tornando-se uma dificuldade defini-lo ou delineá-lo. Quanto a tipologia, por exemplo, é possível encontrar várias formas de as classificar, sendo que as mais comuns são: religiosas (ou espirituais), ecológicas (ecovilas), comunais (FIC, 2019; GEN, 2012; MEIJERING, 2006), pragmáticas (MEIJERING, 2006) e cohousings (FIC, 2019).

Visando compreender melhor de que forma esses diversos tipos aparecem, procurei fazer o exercício de organizar graficamente (Figura 3) os vários tipos de comunidades mencionados e seus vários pontos de intersecção (ou de mistura ou confusão).

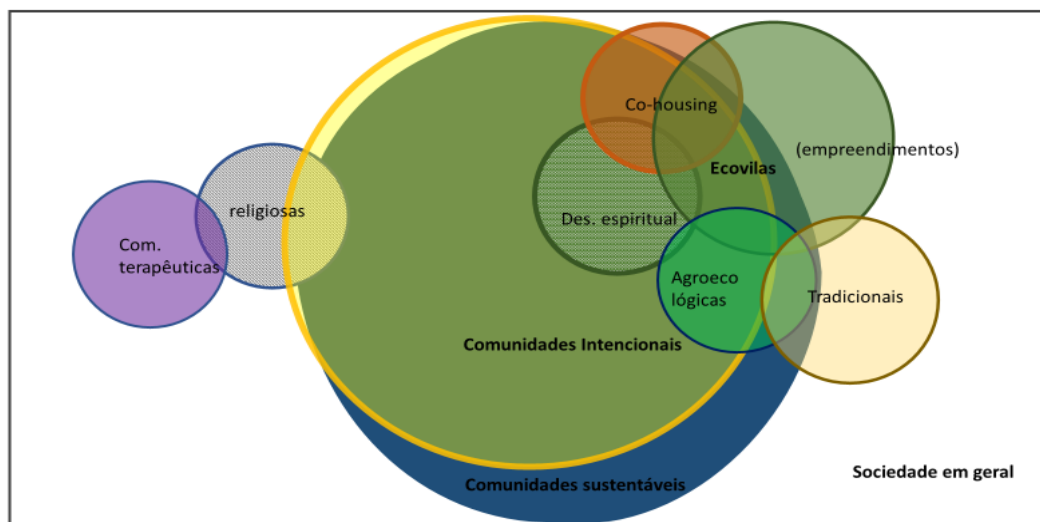


FIGURA 3 - TIPOS DE COMUNIDADES REFERIDAS NOS ARTIGOS

Veja que o retângulo (em branco) no entorno representa o espaço da sociedade em geral ao qual estamos imersos. Os círculos representam os vários tipos de comunidades encontrados. Dessa forma, fazem parte das comunidades sustentáveis, por exemplo, as

comunidades intencionais (algumas sustentáveis, com uma pequena fatia alinhada aos atuais modelos societais); as ecovilas, as agroecológicas, as tradicionais e outras.

O importante é notar que existem vários pontos de intersecção entre um tipo de comunidade e outra, sendo que algumas fazem parte de um modelo sustentável e outras como as religiosas ou comunidades terapêuticas (por exemplo, de tratamentos) estão fora do contexto foco desse estudo.

Importante também ressaltar que existem muitos empreendimentos que se intitulam “ecovilas”, por isso uma parte do círculo de ecovilas está contido dentro das comunidades intencionais e sustentáveis representando as ecovilas que tem, de fato, esse propósito intencional de sustentabilidade em contraste com as ecovilas, que fazem parte do *mainstream* e que são na realidade, empreendimentos comerciais.

O mais importante identificador, que podemos salientar, é o fato de que os moradores de comunidades intencionais compartilham os elementos cotidianos, (refeições, plantio de alimentos, limpeza) em torno de elementos culturais (ideias, crenças, modo de vida ecológico, escolha alimentar) (MEIJERING, 2006; LEHAVI, 2009; MORÃO, 2015; GRINDE et al., 2018) filosóficos (princípios, ética) ou de práticas espirituais (reza, meditação, trabalho com energia) (MARDACHE, 2016; GRINDE et al, 2018).

Muitos desses *ecovillagers*²⁹, também se utilizam de processos participativos e buscam agir nas quatro dimensões da sustentabilidade (social, cultura, ecologia e economia) resgatando tradições naturais, sociais e ambientais. (GEN, 2012; HAUSKNOST *et al.*, 2018). Sobretudo, eles dividem responsabilidades e recursos para a sustentabilidade visando um objetivo comum (MARDACHE, 2016; BOTTA, 2016) e também uma mudança social (ERGAS, 2010).

Além disso, como resultado da criação de economias de subsistência enraizadas localmente, essas comunidades são capazes de restaurar o sentido e o significado dos lugares, recriando uma continuidade simbólica, social, cultural e geográfica com o território. (BROMBIN, 2015, p. 470)

²⁹ Nomenclatura utilizada por vários autores para os moradores de comunidades intencionais, como as ecovilas. No contexto deste trabalho os *ecovillagers* são considerados comunitários, uma expressão que os incluem e mas que é mais ampla na inclusão de todas as pessoas que vivem em comunidades intencionais.

Resumidamente, as principais características encontradas na literatura que podem identificar uma comunidade intencional são: 1) uma reunião de cinco ou mais pessoas, 2) com pelo menos alguns sem relação de sangue, matrimonial ou de adoção; 3) em uma mesma localidade geográfica; 4) “trabalhando cooperativamente para criar um estilo de vida que reflete seus valores centrais compartilhados” (Kozeny, 1995, p. 18; apud ERGAS, 2010) e de melhoria de suas vidas e da sociedade em geral (Sargent, 1994 apud SARGISSON, 2010), “através de um design consciente” e, 5) “algum grau de separação da sociedade circundante” (VAN DE GRIFT et al., 2017).

SARGISSON (2010) reforça que a palavra “comunidade intencional” insere concretamente suas principais características e aspectos em seus dois termos, o das atividades coletivas e de espaço compartilhado (comunidade); e o propósito comum, da intenção das pessoas que, justamente por isso, fizeram a escolha intencional de viver ou trabalhar juntos superando o modelo de relações fincadas em laços familiares ou das tradições. Para ele, cita que as comunidades intencionais são lugares em que as pessoas buscam viver os seus sonhos diariamente (SARGISSON e SARGENT, 2004 apud SARGISSON, 2010) servindo como “exemplos em pequena escala de utopias pragmáticas” (SCHIFFER, 2018) em que se reinterpreta colaborativa e coletivamente a ordem social das relações de trabalho (CUNNINGHAM, 2014), das propriedades, do compartilhamento da renda e do uso racional dos recursos naturais (BROMBIN, 2015), ou seja, se concentram em bens e interesses comuns em detrimento dos benefícios individuais e privados.

A maior parte delas possuem mecanismos de propriedade coletiva da terra e de recursos, formando uma estrutura de governança particular, fincada em suas próprias ideologias, visões social, política, religiosa e valores éticos. Acima de tudo, elas pretendem criar um ambiente harmonioso e com um estilo de vida alternativo fora do sistema dominante. (NEWMAN e NIXON, 2014)

Litfin (2009 apud CHAVES *et al.*, 2018) conceitua que as comunidades intencionais seriam comunidades de “conhecimento planetário fundamentado em uma ontologia holística” que buscam “construir sistemas viáveis de vida como uma alternativa ao legado insustentável da modernidade”. (Litfin, 2009, p. 125 apud CHAVES *et al.*, 2018, p. 154).

A visão comum, política, social ou espiritual é o elemento de ligação - a essência (BOTTA, 2016), a “cola” entre os membros. Essa “cola” reflete um posicionamento e

uma ideologia que organiza o estilo de vida e busca superar as fraquezas e as ausências existentes na cultura majoritária, da sociedade, (Christian, 2003 apud MARDACHE, 2016) ao que Andelson (2002, apud BOTTA, 2016) define como “sociogênese ideológica.” (BOTTA, 2016).

"A busca do ideal faz algum sentido para nós; os seres humanos são criaturas naturalmente curiosas que tendem a conceber um mundo melhor - em algum lugar lá fora - um mundo melhor que poderíamos perceber se apenas tentarmos. Ao criar uma comunidade intencional (isto é, uma comunidade construída explicitamente em torno de uma ideologia ou objetivo central), os construtores de comunidades acreditam que suas vidas individuais são melhoradas por estarem com outras pessoas afins em um lugar onde seus ideais possam ser livremente explorados. (BINDER, 2016)

No decorrer de todo esse trabalho, nos apropriaremos do conceito de *comunidade intencional*, por conter elementos comuns, mais abrangentes do que os demais tipos de nomenclaturas de comunidades encontradas, como visto na figura 3 acima, além de se configurarem no aspecto essencial em relação ao propósito e a intencionalidade do grupo que se une e assim estabelece uma nova forma de viver e de se relacionar, comunitariamente e com território e seu ambiente.

2.2 MATERIAL E MÉTODOS

A abordagem utilizada para essa revisão sistemática, consistiu em examinar os artigos publicados em periódicos científicos revisados por pares, dos últimos dez anos, com o objetivo de analisar o conjunto de objetivos e análises empreendidos por outros investigadores em seus estudos, numa proposta claramente meta-analítica.

2.2.1 Técnica de coleta de dados

As buscas dos artigos para revisão bibliográfica foram realizadas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O portal

é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza (...) o melhor da produção científica internacional. (...) com um acervo de mais de 45 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais ... (CAPES, s/d)

- **Idioma**

Foram selecionados todos os artigos a partir de palavras chave em inglês, e em português. Todos os idiomas que contivessem essas palavras foram considerados para a análise da revisão. O Google tradutor foi utilizado como recurso para a compreensão dos artigos escritos em diferentes idiomas, que português, espanhol ou inglês. Foi também utilizado como recurso de apoio para a tradução de algumas palavras em inglês.

- **Período pesquisado**

Os artigos foram selecionados num período dos dez últimos anos, ou seja, entre 2008 e 2018. A pesquisa de artigos foi realizada em 7 de julho de 2018 e atualizada em 7 de abril de 2019, visando completar os artigos publicados até dezembro de 2018.

- **Termos de busca (string)**

As buscas foram realizadas na opção busca por assunto e foram utilizados os termos “comunidade intencional”, “comunidades intencionais”, “intentional communities”, “intentional community”. Cabe aqui ressaltar que deliberadamente não foram incluídos os termos “ecovila” ou “ecovillage” pelo fato de o objeto dessa investigação ter como base a questão da intencionalidade, algo que nem todas as ecovilas possuem a priori, como por exemplo, as comunidades tradicionais situadas no sul global (DIAS *et al.*, 2017). Entretanto, buscando incluir os artigos que tem como foco as ecovilas, enquanto comunidades com intencionalidades próprias, foram também realizadas buscas na opção “busca avançada” da CAPES, utilizando as palavras (“intentional communit*” AND ecovillage”).

- **Tipos de estudo**

Foram considerados os estudos empíricos, publicados em periódicos científicos e que tenham sido revisados por pares. Não foram considerados os textos oriundos de livros, teses ou dissertações e revistas de opinião. Os estudos obtidos foram ordenados por ordem de relevância.

- **Seleção dos estudos**

Inicialmente foi feita uma verificação geral dos 488 artigos identificados em diversos idiomas e fruto de várias Bases de dados (Quadro 2). A seguir foram excluídos trabalhos duplicados, restando 481 em diferentes tópicos (Quadro 3).

QUADRO 2 – BASE DE DADOS DOS ESTUDOS IDENTIFICADOS

Scopus (Elsevier)
OneFile (GALE)
Social Sciences Citation Index (Web of Science)
Sage Journals (Sage Publications)
Materials Science & Engineering Database
ERIC (U.S. Dept. of Education)
ScienceDirect Journals (Elsevier)
Science Citation Index Expanded (Web of Science)
Oxford Journals (Oxford University Press)
Directory of Open Access Journals (DOAJ)
Advanced Technologies Database with Aerospace

QUADRO 3 – NÚMERO DE ESTUDOS SOBRE CI IDENTIFICADOS EM CADA DOMÍNIO CIENTÍFICO

Tópicos	n
Sociology	68
Sociology & Social History	58
Community	55
Economics	44
Sustainability	35
Religion	61
Intentional Communities	20
Housing	24
Philosophy	18
Social Change	14
Anthropology	18
Sustainable Development	22
Ethnography	14
Social Movements	10
Utopia	13
Intentional Community	13
Cohousing	1

2.2.2 Análise dos dados

Uma primeira leitura dos títulos eliminou 172 trabalhos que não se referiam ao foco do estudo. Uma segunda leitura foi realizada em todos os 316 resumos e aplicados critérios de inclusão e exclusão dos estudos, tais como o fato de serem comunidades com finalidades de cura como o tratamento de dependentes, ou as iniciativas Camphil ligadas à Antroposofia mas que congrega objetivos de aprendizagem e apoio terapêutico, também de idosos; resultando em 56 artigos para uma avaliação a partir da leitura na íntegra.

Em primeiro lugar, foi estruturado um banco de arquivos³⁰ com os cinquenta e seis artigos selecionados, realizou-se uma primeira leitura completa de todos os artigos visando a) identificar se os artigos tinham como objeto de estudo comunidades intencionais; b) extrair os conceitos e definições que são usados pelos investigadores e as diversas nomenclaturas relativas às comunidades intencionais; c) verificar se os artigos tratavam de estudos empíricos; Veja com mais detalhe na Figura 4, abaixo.

Após a leitura na íntegra dos 56 artigos, outros 26 também foram descartados por não focarem diretamente as comunidades intencionais com propósitos sustentáveis definidos, como as experiências de ecovilas (empreendimentos residenciais) ou co-habitações urbanas ou outras iniciativas de transição, de baixo carbono. Além disso, foram utilizados critérios metodológicos para o descarte, como o fato de não se tratarem de estudos empíricos revisados, mas de ensaios críticos ou teóricos, obras literárias, relatos de experiências ou ainda, por um deles estar disponível apenas no idioma japonês. Essa seleção resultou em 30 artigos para análise.

Em seguida, foi realizada uma segunda leitura, mais aprofundada em que, foi-se identificando os elementos textuais, em cada um desses artigos, e um conjunto de dimensões e subdimensões analíticas, conforme o modelo de análise (quadro 4). A partir disso, foram gerados códigos preparados a priori, a partir dos parâmetros realizados no estudo de ARROZ (2004) e que foram adaptados em sintonia com o nosso contexto de investigação.

³⁰ Para a análise dos artigos foi criado um banco de artigos no software *Atlas.ti* 8 em sua versão disponível para estudantes. O *Atlas.ti* 8 consiste em um software de análise de dados qualitativos (Computer-Assisted Qualitative Data Analysis Software – CAQDAS) e permite uma estratégia de análise sistemática, o que permite maior objetividade nos procedimentos de codificação tanto de classificação do texto em relação às dimensões analíticas supracitadas, como na análise de conteúdo temática (WALTER; BACH, 2015).

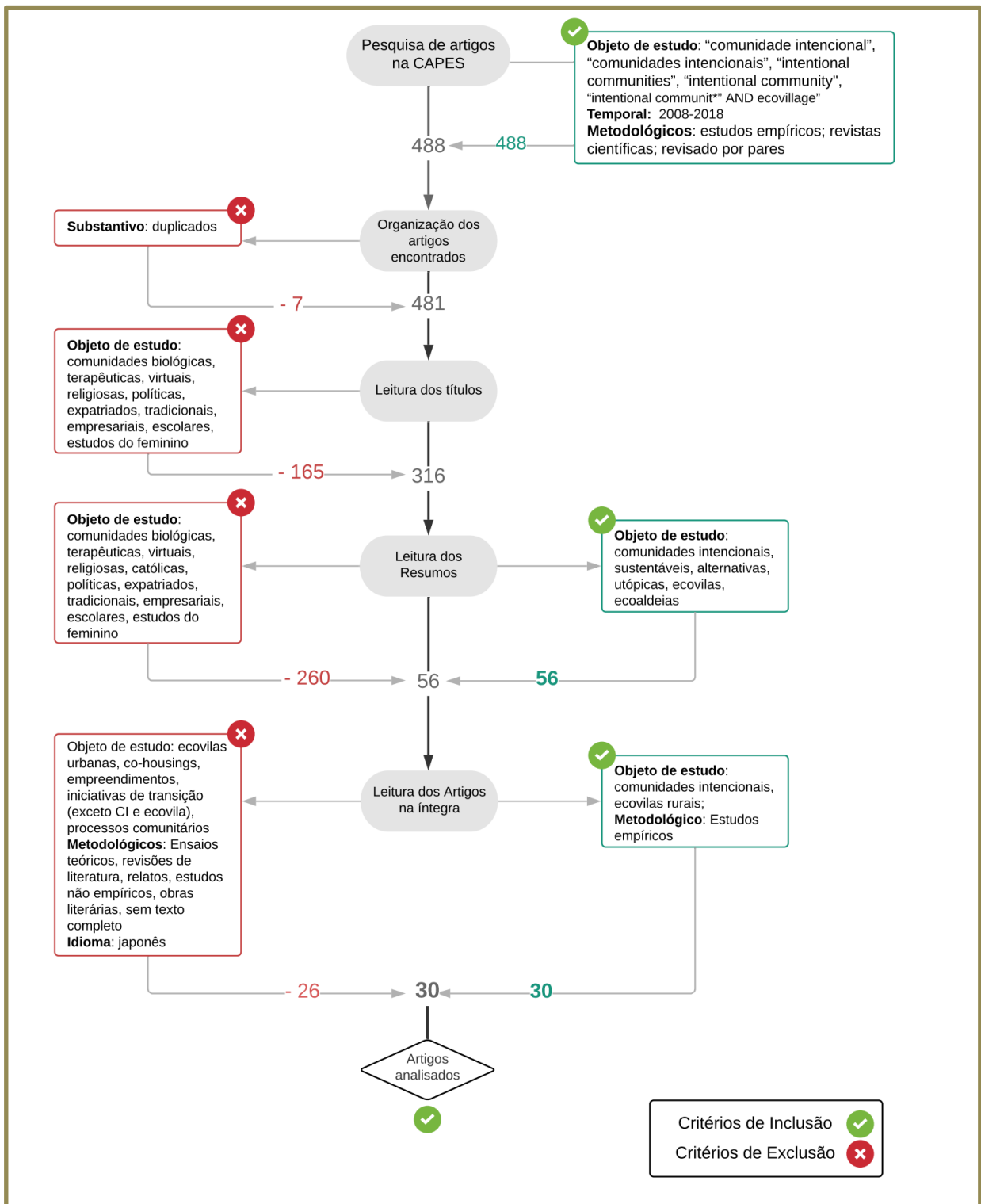


FIGURA 4 - FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS ANALISADOS (N=30)

QUADRO 4 -MODELO DE ANÁLISE

Dimensões	Subdimensões
Proveniência do estudo	Autor(es), País do 1º. autor, Instituição do 1º. Autor, Gênero do 1º autor
Objeto de estudo	Base teórica, objetivos, questões de pesquisa
Metodologia	Design, estratégia de investigação, instrumento de coleta de dados, análise de dados, unidade de análise

Num terceiro momento, outros códigos foram criados com base em achados, definições ou relações relevantes que surgiram durante a leitura, ou seja, categorias que foram emergindo no processo de aprofundamento, percepção e interpretação dos estudos. Essa categorização, ocorreu com mais frequência em relação aos resultados encontrados pelos investigadores. Nesta fase, também foram criados “memos”³¹, com ideias ou insights que pudessem contribuir para a análise posterior.

A seguir, para apoiar a fase interpretativa da revisão, foram criadas “redes”³² com os códigos e respectivos trechos encontrados em cada subdimensão e estes foram organizados em categorias e subcategorias, utilizando a ferramentas de ligação entre os temas afins de cada categoria de cada trecho identificado em cada documento.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.3.1 Localização e autorias dos investimentos científicos acerca das comunidades intencionais

Dos trinta estudos de comunidades intencionais (CI) analisados, constata-se que esta temática vem transversalmente suscitando a curiosidade científica. A produção empírica dos últimos dez anos, mostra uma dispersão das investigações em vários países do globo, com destaque para o continente europeu³³ (63,33%), seguido por quatro estudos

³¹ O *Atlas.ti* 8 possui uma ferramenta chamada “memo”, que permite registrar opiniões, notas, hipóteses ou qualquer tipo de comentário, tanto sobre os códigos aplicados como sobre o documento em análise.

³² Redes são uma outra ferramenta do software *Atlas.ti* 8 (em formato gráfico), que permite reunir as diferentes categorias e seus respectivos trechos codificados, criando de forma dinâmica novas categorias, a partir do que foi encontrado e fazendo cruzamentos entre todas essas informações.

³³ incluindo países como a Romênia, Itália, Holanda, França, Alemanha, Noruega, Espanha, Dinamarca, Áustria, Reino Unido e Irlanda

pode suscitar, contribuindo por tornar mais abrangente e multifacetado a produção que focalize os diferentes caminhos de compreensão sobre esse modo de vida particular.

Outro ponto a ser destacado é o fato de, nestes vários centros de pesquisa do mundo, estarem as pesquisadoras mulheres se debruçando a compreender as várias perspectivas no tema das comunidades intencionais, ao longo do tempo. Quando verificamos apenas os primeiros autores dos trinta artigos selecionados, vemos que a maior parte das investigações foram realizadas por mulheres (60%, n=18), (Figura 6).

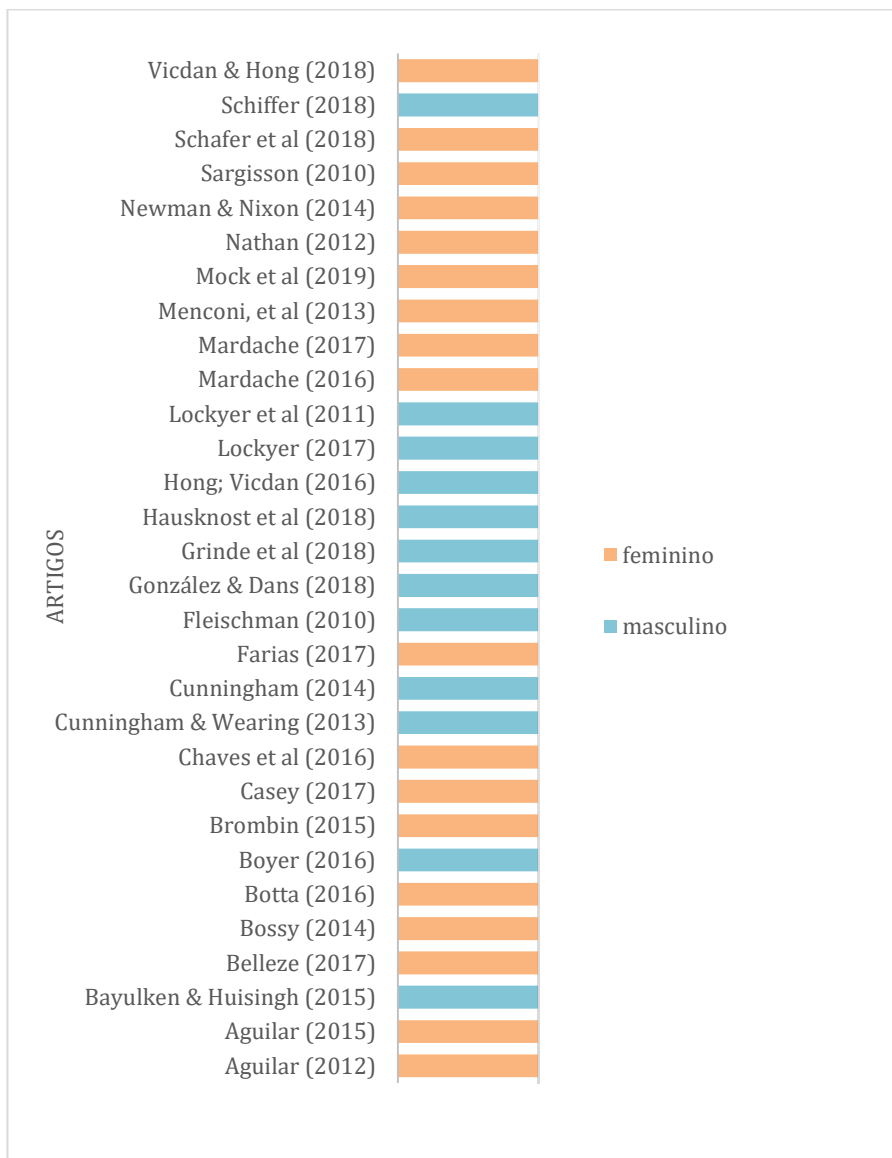


FIGURA 6 - GÊNERO DOS 1º. AUTORES DOS ARTIGOS

2.3.2 Objetos de estudo

- **Objetivos dos estudos**

Relativamente aos propósitos dos estudos, identificamos que os 30 artigos possuem foco em variadas dimensões e perspectivas das comunidades intencionais. Em termos das unidades de análises encontradas nas pesquisas podemos agrupar os objetivos dos estudos em duas tipologias:

a) aqueles que objetivaram investigar o desenvolvimento da **comunidade** do ponto de vista do *conjunto* do agrupamento coletivo (n=24), ou seja, de aspectos da comunidade intencional como um todo (FLEISCHMAN et al., 2010; SARGISSON, 2010; AGUILAR, 2012, 2015; NATHAN, 2012; CUNNINGHAM; WEARING, 2013; MENCONI et al, 2013; BOSSY, 2014; CUNNINGHAM, 2014; NEWMAN; NIXON, 2014; BROMBIN, 2015; BOTTA, 2016; BOYER, 2016; HONG; VICDAN, 2016; MARDACHE, 2016); SULLIVAN, 2016; BELLEZE et al., 2017; CASEY et al, 2017; FARIAS, 2017; VAN DE GRIFT et al, 2017; CHAVES et al., 2018; GONZÁLEZ; DANS, 2018; GRINDE et al., 2018; HAUSKNOST et al., 2018; SCHIFFER, 2018; SCHÄFER et al., 2018; VICDAN; HONG, 2018);

b) aqueles que avaliaram, em diversas perspectivas, o indivíduo **comunitário** (n=11), em geral do ponto de vista mais subjetivo, ou nos aspectos específicos das suas vidas, como moradores e membros de uma comunidade intencional – os sujeitos (AGUILAR, 2012; BAYULKEN; HUISINGH, 2015; BOSSY, 2014; BROMBIN, 2015; GRINDE et al., 2018; LOCKYER, 2017; LOCKYER et al., 2011, 2011; MARDACHE, 2017; MOCK et al., 2019; SARGISSON, 2010; SCHIFFER, 2018), (Figura 7).

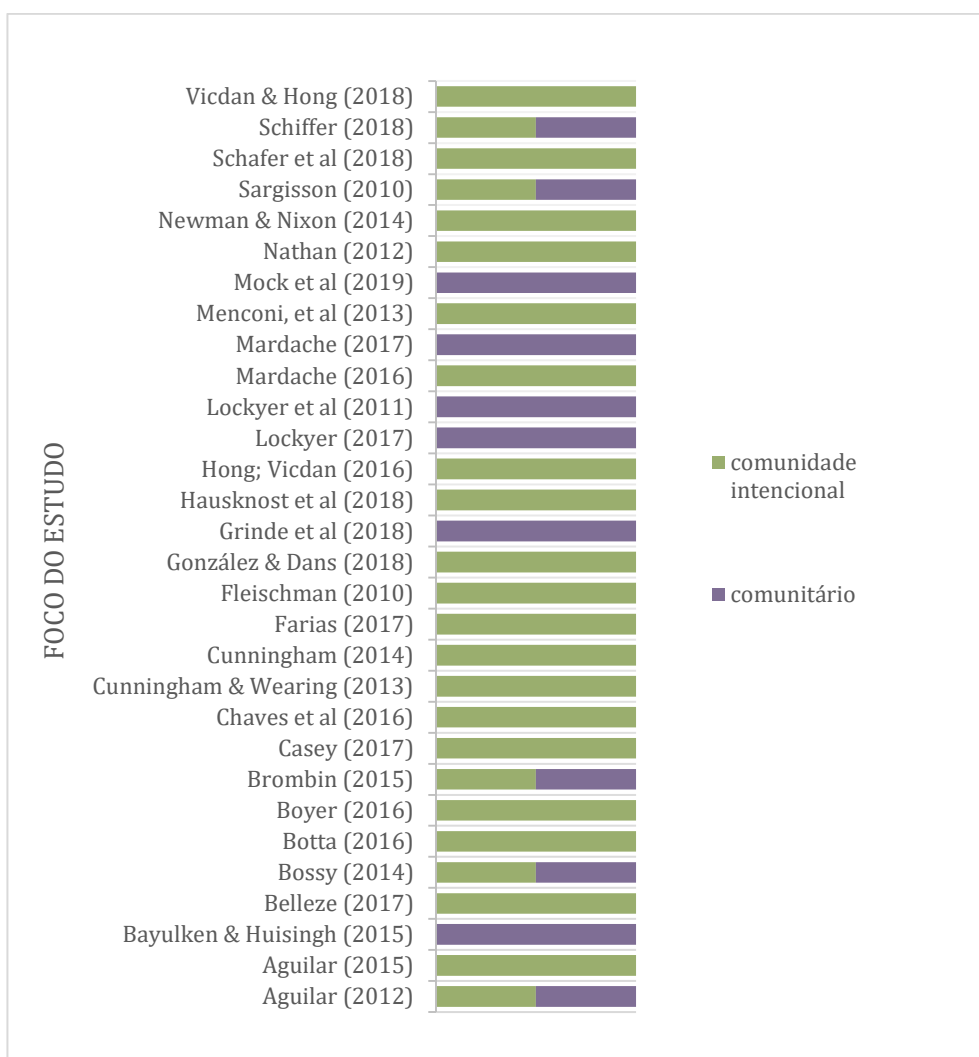


FIGURA 7 – UNIDADES DE ANÁLISES DOS ESTUDOS

▪ **As comunidades**

No grupo de artigos que focavam o aspecto coletivo, as comunidades em si mesmas, podemos agrupar os objetivos dos estudos em quatro categorias: prever, caracterizar, avaliar e projetar.

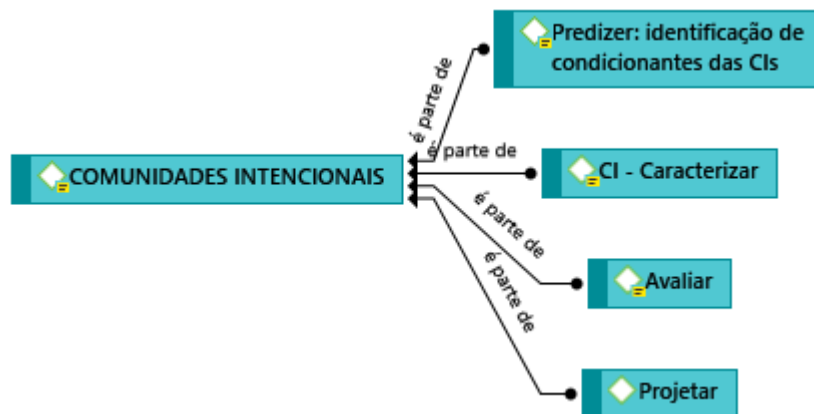


FIGURA 8 – PRINCIPAIS OBJETIVOS ENCONTRADOS COM FOCO NO COLETIVO DAS COMUNIDADES

Com o intuito de **predizer** as condicionantes de adesão à comunidade intencional, um estudo direcionou seus esforços buscando provar se as comunidades intencionais seriam inclusivas. Para isso foi realizado o estudo indireto de um objeto, isto é, foi avaliado como se tomam os processos de decisão alimentares dos comunitários, em relação às restrições que condicionam o tipo de alimentação servido ou permitido em algumas delas. As restrições de dieta vegetariana por exemplo. Aguilar (2015) investigou o quanto a classe social e a raça influenciam, ou podem prever, o compromisso com a simplicidade voluntária e com as restrições alimentares, assim como o sentido de pertencimento (AGUILAR, 2015);

Outro propósito encontrado nas investigações encontradas buscavam **caracterizar** as **práticas** encontradas nas comunidades e como elas se relacionam com: a *mudança social e cultural* (BROMBIN, 2015; CASEY et al, 2017); em como refletem a *visão utópica* de seus moradores e se elas se concretizam em uma aplicação da *utopia na vida cotidiana* (SCHIFFER, 2018)³⁴; de *sustentabilidade*, em que se buscou indicadores reconhecidos, no caso o do IBGE, para avaliar em quanto a vida na comunidade seria mais sustentável do que as medições obtidas na sociedade convencional

³⁴ O autor reflete sobre a extinção dos programas utópicos do socialismo radical. Entretanto, ele enfatiza o surgimento de projetos criativos e cotidianos, baseados em um “lugar bom” ressignificando o “utopismo programático” para um “utopismo cotidiano”. (SCHIFFER, 2018).

(BELLEZE et al., 2017); de *amizade* e de suporte social podem ser um elemento importante como fonte de empoderamento dos comunitários (FARIAS, 2017);

Ainda visando **caracterizar** as **práticas**, se pretendeu evidenciar quais eram os *condicionantes de adesão* em termos das atitudes que ocorrem nas comunidades (BOYER, 2016); e se estes seriam locais em que o modo de vida estaria relacionado com o bem viver, o “buen vivir” (CHAVES et al., 2018);

No sentido de resgatar o histórico de fundação de uma comunidade na Romênia, Mardache (2016) caracteriza como foi esse processo desde a sua origem da CI (MARDACHE, 2016);

A *configuração espacial no território* e o dualismo existentes entre diferentes usos, o residencial e o agrícola, foram caracterizados por Newman e Nixon, (2014); Assim, no sentido de melhor caracterizar o conjunto coletivo dessas comunidades encontramos ainda, estudos que visavam identificar quais seriam as *características distintivas* e funcionais de comunidades sustentáveis (BOTTA, 2016), os *valores e ideologias*, inerentes a determinadas CI, como se dão os *processos cooperativos e de diálogo* (HONG; VICDAN, 2016), como extrair implicações políticas para a criação de *novos negócios* (HONG; VICDAN, 2016); como conceitualizam o *patrimônio e a herança* (GONZÁLEZ; DANS, 2018) e, as visões prevalentes nestes contextos, sobre o que seria o bem viver (CHAVES et al., 2018).

Em outros estudos os autores buscaram essencialmente a atividade de avaliação. Para isso, objetivaram **avaliar**:

1) a **eficácia de métodos** em relação a:

a) *governança* e aos modos de tomadas de decisão nas CIs, se acontece por tomada de decisão por abordagem consensual ou outras formas, identificamos três artigos abordando o tema de como os membros de comunidades intencionais interagem na gestão desses coletivos. (CUNNINGHAM; WEARING, 2013; CUNNINGHAM, 2014).

b) *uso de ferramentas de informação para a sustentabilidade*, se esse uso acontece de forma análoga ao tipo de comunicação que acontece em demais instâncias da sociedade e se há uma forma específica para comunicar assuntos relacionados à sustentabilidade (NATHAN, 2012);

2) **processos de adaptação e mudança que sustentam o grupo** em relação a persistência e sua permanência na CI. Nos processos avaliados foram identificados aspectos relacionados a alta rotatividade dos membros (AGUILAR, 2012) e sua robustez

social determinada pelos distúrbios que enfrentam e as formas como respondem a esses distúrbios e dificuldades (FLEISCHMAN *et al.*, 2010).

3) **Resultado e impacto** no *desenvolvimento da sustentabilidade* gerados pela CI, comparando com iniciativas do paradigma dominante, como iniciativas de baixo carbono e verificando a potencialidade da natureza transformadora das CI ao considerar parâmetros reconhecidos de desenvolvimento sustentável (HAUSKNOST *et al.*, 2018; SCHÄFER *et al.*, 2018); observando os significados e transformação e os estudos anteriores (HONG; VICDAN, 2016).

Quando o objetivo era avaliar o desenvolvimento sustentável ou a sustentabilidade das CI, alguns estudos intentaram perceber as CI por meio da referência com parâmetros utilizados na sociedade dominante, como os municípios de baixo carbono (HAUSKNOST *et al.*, 2018; SCHÄFER *et al.*, 2018), a pegada ecológica (MENCONI *et al.*, 2013) ou os indicadores do IBGE (BELLEZE *et al.*, 2017), comparando as iniciativas das CI com elementos utilizados para avaliar desenvolvimento sustentável no paradigma convencional.

A quarta atividade de pesquisa empreendida nos artigos selecionados visava especificamente **projetar** um modelo de assentamento rural sustentável, para isso o investigador se utilizou de indicadores que mensurassem a autossuficiência alimentar (MENCONI *et al.*, 2013)

Ficou evidente, que as comunidades intencionais se sobressaem no quesito sustentabilidade em todos os estudos que buscaram esse tipo de comparação, revelando que esta seria uma vida de mais qualidade.

No mesmo sentido, Newman & Nixon (2014), concluíram que as CI exercem um poder de atração para uma vida mais saudável já que muitas pessoas se mudaram para lá (Yarrow) justamente para viver perto da produção de seus próprios alimentos orgânicos e dos benefícios desse tipo de vida. Isso revela que as CI podem exercer um importante papel na agricultura e na segurança alimentar periurbana, evitando as tensões e os conflitos de interesses dessas áreas, mesmo quando estes locais já desenvolvem agricultura, mas baseadas em modelos de agricultura convencional. Newman e Nixon (2014) atribuem essa discrepância entre os dois modelos, ao fato de, na CI haver compartilhamento de objetivos e um sistema de governança comunitária das terras e das residências na CI, em comparação com a ausência de métodos participativos de gestão e de afinidades coletivas nas iniciativas convencionais, possibilitando maior coexistência

pacífica apesar da sobreposição de usos entre uso residencial e agrícola. (NEWMAN e NIXON, 2014).

- **Os comunitários**

Do ponto de vista do indivíduo, as pesquisas que foram realizadas tinham essencialmente dois objetivos principais:

Predizer o **bem estar** dos sujeitos a partir de diversos elementos, seja das *características pessoais* dos sujeitos como o nível educacional, estado civil, idade, vínculo identitário e personalidade (GRINDE et al., 2018); seja a partir dos *fatores* decorrentes dos seus *estilos de vida* como a satisfação com a comunidade, tempo desde a sua adesão, sentido da vida, suporte social, atividade religiosa e o sentido de comunidade

Caracterizar/Identificar aspectos dos comunitários no sentido de apreender sobre os seus *estados emocionais percebidos* e relacionando-os com a qualidade de vida e bem estar subjetivo (BAYULKEN; HUISINGH, 2015) e também ao nível de bem estar psicológico (MOCK et al., 2019).

Bayulken e Huisingh, (2015) também se concentraram em perceber o que os membros pensam acerca da vida na comunidade intencional. Para isso analisaram, com base em respostas dadas por esses sujeitos nos estudos, as suas **perspectivas** e se utilizaram de variáveis como: **a qualidade da vizinhança**, **a satisfação com a saúde** e os **serviços governamentais** locais disponíveis avaliando seus *benefícios e insuficiências*; assim como as **políticas** que incidem no bem estar e na saúde do indivíduo e que possam alavancar oportunidades da comunidade (Lockyer et al., 2011). Schiffer (2018) e Bossy (2014) estavam interessados em identificar perspectivas, em relação às *práticas de utopias*; e, ao mesmo tempo, qual a compreensão que os comunitários têm do que é **utopia** (BOSSY, 2014). Outros autores, buscaram analisar quais eram os **valores e ideologias** acerca do que seria um consumo crítico sustentável (BOSSY, 2014; BROMBIN, 2015).

Lockyer et al., 2011 também se concentrou em captar nas **perspectivas** dos sujeitos, quais eram os **impactos percebidos de viver na CI**. Com esta intenção ele associou essas perspectivas aos **perfis sociodemográfico** (renda, religião, nível educacional, emprego, classe social e raça). O autor também objetivou, assim como Mardache (2017), caracterizar os membros e as suas **motivações para fazer parte** de uma comunidade intencional (LOCKYER et al., 2011; MARDACHE, 2017).

Ainda com a intenção de caracterizar as **práticas** dos sujeitos, dois estudos que analisaram os ideais **utópicos** presentes, isto é, ações que colocadas em **prática** desafiem as narrativas dominantes em prol de ideais (BOSSY, 2014; SARGISSON, 2010).

No quadro 5 é possível ver os objetivos do estudo que foram desenvolvidos com comunitários

QUADRO 5 – OBJETIVOS DO ESTUDO COM COMUNITÁRIOS

	Objetivo	Foco	variáveis	indicadores	
COMUNITÁRIOS	Predizer/identificar condicionantes	Bem-estar	fatores de estilo de vida	tempo de adesão à CI	
				suporte/vínculo social	
				sentido da vida	
				sentido de comunidade	
				satisfação com a comunidade	
			atividade religiosa		
			fatores de características pessoais	personalidade	
				nível educacional	
				idade	
				vínculo identitário	
	estado civil				
	Caracterizar/identificar	Perspectivas		valores e ideologias	consumo crítico sustentável
				qualidade da vizinhança	
				compreensão de utopia	
				impactos percebidos da vida na CI	benefícios
				sobre a utopia	insuficiências
				sobre serviços governamentais disponíveis	
				satisfação com a saúde	
				obstáculos e oportunidades	
				políticas públicas p/ bem-estar	
				Práticas	utópicas
		Perfil socio demográfico	renda		
			religião		
			raça		
			nível educacional		
			emprego		
		Motivações para fazer parte			
Estados emocionais percebidos	bem-estar		qualidade de vida		
			bem-estar subjetivo		
			bem-estar psicológico		

ABORDAGENS METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS

O processo de produção científica envolve necessariamente o conhecimento do que se tem produzido na área do seu objeto de estudo. Daí, que uma outra tarefa da revisão de literatura realizada foi a de identificar as abordagens metodológicas que foram encontradas nos estudos das comunidades intencionais (figura 8).

A abordagem qualitativa foi a mais largamente utilizada em vinte e seis dos artigos analisados (AGUILAR, 2012, 2015; BOSSY, 2014; BOYER, 2016; BROMBIN, 2015; CASEY; LICHROU; O'MALLEY, 2017; CHAVES *et al.*, 2018; CUNNINGHAM, 2014; CUNNINGHAM; WEARING, 2013; FARIAS, 2017; GONZÁLEZ; DANS, 2018; HONG; VICDAN, 2016; LOCKYER, 2017; LOCKYER *et al.*, 2011; MARDACHE, 2016, 2017; MOCK *et al.*, 2019; NATHAN, 2012; NEWMAN; NIXON, 2014; SARGISSON, 2010; SCHIFFER, 2018; VICDAN; HONG, 2018), incluindo quatro que utilizaram a abordagem qualitativa e quantitativa (BAYULKEN; HUISINGH, 2015; BOTTA, 2016; HAUSKNOST *et al.*, 2018; SCHÄFER *et al.*, 2018).

Apenas quatro autores se utilizaram da abordagem quantitativa (BELLEZE *et al.*, 2017; FLEISCHMAN *et al.*, 2010; GRINDE *et al.*, 2018; MENCONI; STELLA; GROHMANN, 2013). A estratégia de pesquisa mais utilizada foi a entrevista em 93% dos artigos demonstrando a necessidade de conhecer a percepção dos comunitários sobre suas vidas. Muitos autores, também associaram outros instrumentos a etnografia, a pesquisa-ação-participante, observação e questionários às entrevistas, como instrumento de coleta de dados.

A Figura 8 abaixo apresenta uma síntese das abordagens metodológicas adotadas nos estudos empíricos analisados.

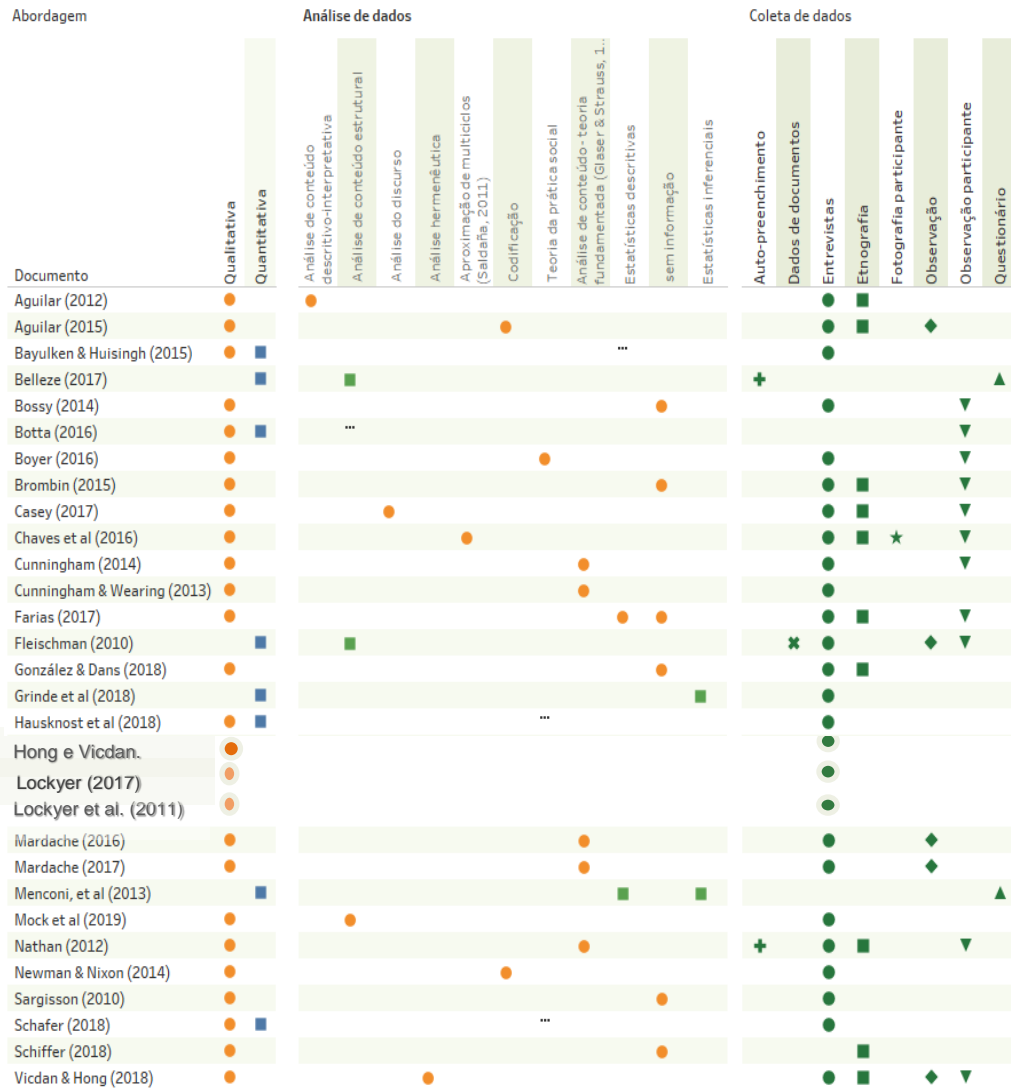


FIGURA 9 – ABORDAGENS METODOLÓGICAS ENCONTRADAS NOS ESTUDOS

ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS

Diante da diversidade de pesquisas sobre as comunidades intencionais, foi possível verificar que os artigos empíricos se filiam a diversas correntes epistemológicas de investigação e partem de diferentes filiações teóricas conceituais. Essas bases epistemológicas, foram organizadas em grandes temas e se constituiu pela codificação realizada a partir das várias abordagens encontradas nos estudos demonstrando que os artigos estudados se fundamentam principalmente nas seguintes abordagens teóricas: *formas de gestão/governança; qualidade de vida; utopismo (e estudos do cotidiano); políticas; inserção no território e; estruturantes* (Figura 9).

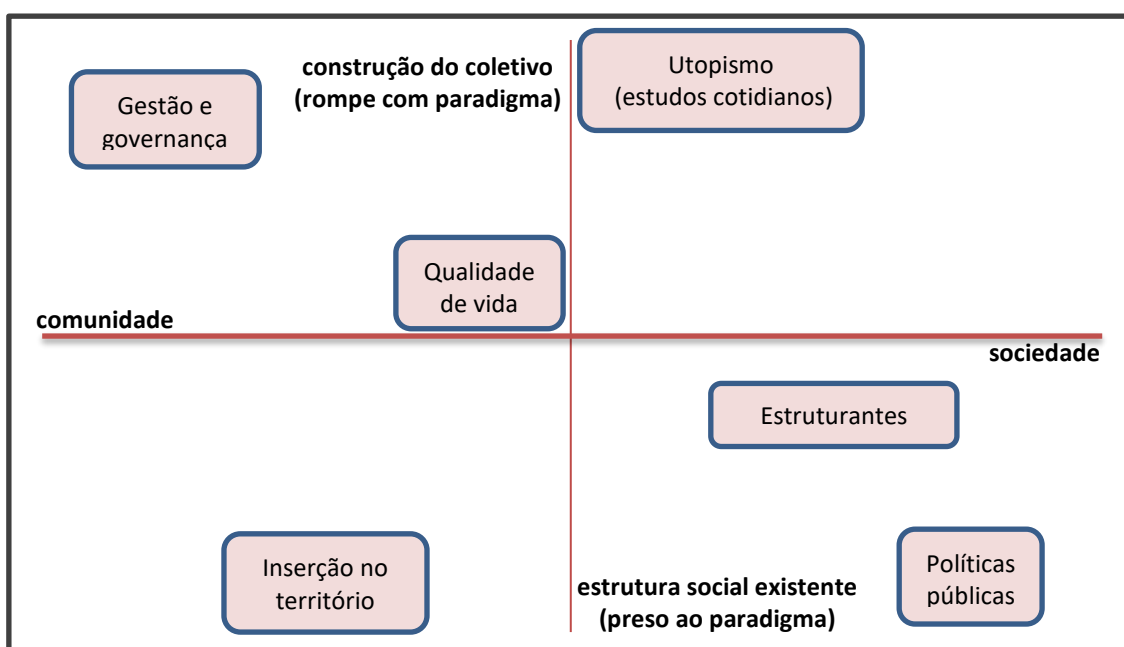


FIGURA 10 – ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS

Se analisarmos a abordagem teórica utilizada pelos autores em quadrantes, vemos que em um eixo, se posicionam dois aspectos: 1) *construção do coletivo* que busca romper com o paradigma vigente, mergulhando na vida da comunidade e buscando perceber os processos que lá são criados em termos de gestão, dos seus cotidianos e utopias 2) *estrutura social existente*, construídas a partir das estruturas já concebidas e conhecidas na sociedade. Além disso, os estudos analisados foram alocados a partir de suas abordagens epistemológicas ao longo de um eixo horizontal, em dois polos, ou seja, que situa o “olhar” do pesquisador, desde uma ótica da *comunidade* e pelos elementos que são inerentes ao modo de vida das comunidades, por exemplo pelos impactos e possibilidades

que práticas realizadas pela comunidade em relação a agricultura, qualidade de vida, outras formas de gestão, utopismo; até a ótica da *sociedade*, em que situam a vida nas comunidade, mas buscando equipará-las ao que acontece na sociedade atual, seja como contraposição ou não, mas tomando as construções sociais do atual modelo capitalista ocidental como base para discussão nos artigos, sejam em iniciativas ou as diferentes formas de ocupação do território, como possíveis modelos para políticas públicas que possam ser estruturantes da sociedade.

Na perspectiva dos pressupostos que são discutidos pela *construção do coletivo*, ou seja a criação coletiva da comunidade, encontram-se estudos que tem os princípios essenciais da *base comunitária* como compreensão para novas formas de “criar desenvolvimento social que não sejam de natureza capitalista” (MARDACHE, 2017) e que se compõe pelo consentimento e pelo “potencial de concordar” de uma “coleção de pessoas, que não são claramente definidas ou circunscritas, mas que concordam com algo rejeitado pelos outros, e que conferem autoridade a essas crenças” (Bauman e May, 2008, p.65 apud MARDACHE, 2016, p. 2). Seguindo o eixo em direção a ótica da sociedade, observam-se estudos que se aprofundam a partir de referências sobre o *bem estar* dos atores de uma comunidade (GRINDE, 2018) e da *Qualidade de vida* percebida (BAYULKEN e HUISINGH, 2015) valorizando uma felicidade que não prejudica outros seres, se aplica no cotidiano (*sustentabilidade cotidiana*) (BOSSY, 2014) e está conectada com todo um “sistema de significado” que dá à vida um total sentido de propósito percebido aos indivíduos (BAYULKEN e HUISINGH, 2015).

Com o olhar nos temas que possam se relacionar com o objeto de estudo, ou seja, em refletir sobre a possibilidade de as comunidades intencionais serem consideradas experiências significativas para a Educação Ambiental e que podem repercutir, pelas suas bases, em modelos coletivos horizontais de gestão e mais sustentável; que possa colaborar à transição a outros paradigmas; que considere o ser humano integral, um Ser mais ambiental (GRANIER, 2017) o que incluiria sua interioridade, com uma qualidade de vida dada na relação com a natureza e apoiada em bem-estar (satisfação com a vida), no desenvolvimento pessoal e da espiritualidade, e na expansão das visões de mundo, em direções utópica e inovadoras.

Neste contexto, a partir dos dados levantados, apresento três aspectos das abordagens encontradas, para afunilar os artigos que pudessem ser de maior interesse para o decurso dessa investigação. Assim, tomamos os estudos cuja base epistemológica

discutiam questões com alguma intencionalidade em romper com o *status quo*, prioritariamente em termos da governança e utopismo, e da qualidade de vida em especial, já que insere a temática subjetiva do sujeito como cerne de quem vive na comunidade intencional. Algo, de particular interesse, para refletir sobre a realidade de pessoas que vivem comunitariamente buscando a sustentabilidade e que, provavelmente, se inicia com um elemento impulsionador interno na relação construída entre sociedade e história pessoal; ao mesmo tempo que outros indivíduos, apesar de todo acesso a informação, conhecimento e da urgência ambiental e planetária, não parecem se incomodar em reflexões que possam se converter em práxis.

- **Formas de gestão/governança**

Nestes artigos aparecem as questões e aprofundamento relacionados aos *processos de tomada de decisão* (NATHAN, 2012; CUNNINGHAM e WEARING, 2013; CUNNINGHAM, 2014): em que se busca compreender a organização e estratégias de governança de uma comunidade intencional e se estes processos de gestão se afinam com os “ideias da comunidade”, fornecendo “uma indicação de quanto se afastou dos desafios do domínio neoliberal” (CUNNINGHAM e WEARING, 2013) e se as abordagens “de tomada de decisão baseadas no consenso adotado” (CUNNINGHAM, 2014) são pela necessidade de se “estabelecer uma forma mais simples, significativa e de estilo de vida sustentável centrado na democracia participativa dentro da comunidade local.” (CUNNINGHAM, 2014). Já na pesquisa de NATHAN (2012), a abordagem está mais voltada a compreender as *ferramentas de informação* que são produzidos dentro das formas de gestão. Estes pontos podem ser de interessante aprofundamento, haja visto que outras estruturas de poder e decisão são avaliadas por estes estudos e podem contribuir não só na reflexão para a criação de novas formas de organização social como para a superação dos desafios de uma comunicação eficaz na construção de modelos sustentáveis.

A revisão desses artigos estimulou a reflexão sobre uma série de questões sociais relevantes e que instigam a um maior aprofundamento futuro em pesquisas. Algumas destas pesquisas estavam relacionadas aos modelos de governança ao qual estamos habituados no sistema e outras que partiram da necessidade de melhor compreender as subjetividades dos sujeitos e como se constituem em suas mentes a temática do que é viver de forma sustentável. Por exemplo, em relação à governança, na forma de

organização da sociedade ocidental, difere em muito do tipo de processo que as comunidades persistem em implantar. As pesquisas demonstram que, nelas, os métodos utilizados para tomada de decisão, gestão e governança, se aprofundam no consenso e em como isso realmente pode funcionar ou ser implantado no dia a dia.

Os estudos apontam que o fato de haver afinidades em termos de valores, cultura, identidade, pertencimento, crenças e senso de lugar, cria um campo propício para processos de igualdade e de compartilhamento de poder (CUNNINGHAM e WEARING, 2013; CUNNINGHAM, 2014). Para os autores, a maneira pela qual a comunidade se organiza e se autogoverna pode ser um indicativo do quanto ela está se distanciando do *mainstream* e da aplicação dos ideais comunitários, de equidade, justiça social, e identidade cultural no seu. Isso porque diferentemente do que acontece na sociedade, elas teriam um compromisso com o corpo coletivo e com a tomada de decisão baseada na igualdade e em modelos participativos. Algo a se pensar em termos dos processos de individualização e de falta de conexão com o entorno que experimentamos atualmente no cotidiano e que poderia ser aprofundado para ser replicado.

Vale lembrar também que Sullivan (2016) identificou, em sua investigação com comunidades urbanas, certa tensão e constrangimento nas decisões participativas dos membros da comunidade, por perceber uma sutil hierarquia em relação aos membros mais antigos e/ou com maior habilidade e influência. Algo que também acontece no paradigma vigente, pelas relações suscetíveis às influências do capital afetando o processo realmente participativo e horizontal desejado e comprometendo o processo por um tipo de dilema corrente na nossa sociedade (ver mais em GRINDE, 2009; GRINDE et al., 2018), e que está na contramão do potencial de construção coletiva que se é suposto nestas iniciativas mais sustentáveis.

▪ **Utopismo**

Observamos uma incidência de vários autores (SARGISSON, 2010; BOSSY, 2014; BROMBIN, 2015; CASEY, 2017; SCHIFFER, 2018) que se baseiam no *utopismo*, como base epistemológica fundamental nas discussões e investigações em comunidades intencionais. Neste sentido, a utopia supera a noção de irrealidade ou de não alcançabilidade para introduzir a perspectiva de sonhos e esperanças de um grupo.

SARGISSON (2010), por exemplo, dialoga com a *superção da propriedade privada* como base para a utopia já que

A propriedade é uma ideia poderosa; está perto do coração do capitalismo global, informando paradigmas-chave de ontologia (individualista), materialismo, justiça, direitos e ordem social. É uma pedra fundamental da vida moderna. (SARGISSON, 2010, p. 22)

Outros estudos (BOSSY, 2014; BROMBIN, 2015; CASEY, 2017), convergem para analisar a sustentabilidade cotidiana a partir das práticas diárias dos sujeitos e suas subjetividades, o *utopismo cotidiano* cuja

a utopia entendida tanto como discurso que inclui, primeiro, uma rejeição da sociedade existente, e, segundo, se não uma clara concepção de como um outro mundo pode parecer, pelo menos a ideia de que outra sociedade é possível e desejável, e um conjunto de práticas que precisam ser uma tentativa de criar aqui e agora pelo menos algumas das características deste discurso utópico na esperança de se espalhar para o resto da sociedade. (BOSSY, 2014, p.1)

BOSSY (2014) parte do discurso utópico e observa várias práticas que se traduzem na utopia aplicada ao cotidiano dessas comunidades. Para isso se aprofunda no consumismo como movimento político que operacionaliza a utopia, ao se desligar da noção de irrealismo e se configurar como ações concretas dos movimentos sociais pela integração do discurso abstrato de sustentabilidade no cotidiano e pela transformação nas práticas de consumo, por exemplo (CASEY, 2017). BROMBIN (2015) se ampara em conceitos da “ecologia profunda” e nos movimentos de “alter global” cunhado por Trainer (2002, apud BROMBIN, 2015) para subsidiar as discussões de um sujeito cultural, subjetivo, que transforma suas práticas cotidianas como “comunidade cultural” (CASTELLS, 1999 apud BROMBIN, 2015) em direção a uma visão “ecocêntrica”.

SCHIFFER (2018) (um investigador de "Estudos futuros e utópicos" que estuda as comunidades intencionais) baseia-se na mistura do utopismo cotidiano com o programático, e investiga o papel que o utopismo “cotidiano” ou “crítico” podem ter na batalha para "um futuro melhor no cotidiano" cada vez mais determinado pelo capitalismo global neoliberal. Para esse autor, (SHIFFER, 2018), essas iniciativas agiriam como "micro instâncias do melhor como sinais do potencial para o utopismo, como uma forma de crítica, resistência e fuga." (SHIFFER, 2018, p.67). Uma reação que valoriza a

localidade ou a ação “glocal”³⁵ como mecanismo com qualidades de resistência ou mesmo salvação diante da necessidade de confronto à homogeneização que tem sido ofertada pela globalização (Kumar apud SHIFFER, 2018).

Para melhor compreender essas dinâmicas, o autor (SHIFFER, 2018) desenvolve seus estudos vivendo 13 meses em uma comunidade intencional e mescla uma visão utópica "programática" (projeto sociopolítico conhecido como expectativa de um progresso no sistema totalizante³⁶), com uma visão utópica "cotidiana", justamente por esse aspecto de luta e resistência crítica que se estabelece no micro e na rotina ordinária.

Uma rotina utópica, direcionada para a busca de um mundo melhor do ponto de vista do meio ambiente e das relações sociais, pode, à primeira vista, parecer algo muito limitador ou opressivo, cheio de regras, mas que tem sido discutidas como sinônimos de uma "boa vida", alinhada a um fluxo que contribui para "‘aumentar a consciência' e 'criar espaço'" (SHIFFER, 2018, p.77).

▪ **Qualidade de vida**

Quatro autores se apoiaram na *qualidade de vida* como base teórica: BAYULKEN; HUISINGH (2015); BOTTA (2016); GRINDE et al. (2018); MOCK et al. (2019);

Os estudos de Grinde (et al., 2018) e Mock (et al., 2019) se ancoram no *bem-estar* subjetivo (desenvolvido por Diener et al., em 1985) e em teorias de felicidade sustentável, (O'Brien, 2008 apud GRINDE et al, 2018) que discutem a necessidade de se priorizar outras áreas, e não só o crescimento econômico, como possibilidades de melhoria da sociedade (GRINDE et al, 2018).

Os trabalhos analisados, demonstram como o bem-estar está consolidado e é um dos principais benefícios encontrados nas pessoas que se engajam em nichos, como é o caso das CI (MOCK *et al.*, 2019). Bayulken e Huisingh (2015) ampliam esse conceito de bem-estar subjetivo e incorporam outros elementos ambientais como pressupostos para avaliar a qualidade de vida percebida pelos *ecovillagers* (comunitários).

³⁵ Kumar (apud SHIFFER, 2018) cria o termo "utopia glocalizada" cuja *práxis* consciente utópica e contemporânea, a glocalização, seria uma orientação social emergente local, mas direcionada ao que é universal, global.

³⁶ como exemplo temos os teóricos socialistas que, nesta lógica, eram utópicos.

Outra categoria temática que aparece é a dos *princípios de vida lenta* BOTTA (2016) e baseia-se na teoria do pêndulo de Sorokin (1970, apud BOTTA, 2016) para compreender a transição entre as fases materialista e espiritual enquanto resgata a escola filosófica de Epicuro³⁷ para discutir a “simplicidade voluntária como precursora de vida lenta” (BOTTA, 2016, p.), um conceito que se contrapõe “à mentalidade ocidental focada no crescimento contínuo que é inerente às aspirações do sistema econômico capitalista” (BOTTA, 2016, p.).

Outro papel importante registrado nas comunidades intencionais é o da troca de favores e a reciprocidade não controlada (ie, a rede de relações) (SCHIFFER, 2018), o que teria também grande relevância na qualidade de vida do coletivo, e que poderia resultar em outras premissas, mais alinhadas a um outro paradigma.

Assim, o 'sentido de vida' compartilhado (GRINDE, 2009) é algo que aparece em diversos artigos e que poderia ser potencializado em iniciativas sustentáveis.

É importante superar o senso comum de que estes atores, ecochatos, hippies, que se situam socialmente num tipo de vida mais alternativo, apenas criticam a sociedade, já que podem realmente oferecer modelos para uma alternativa melhor, concreta e viável e pautadas pelos benefícios que apareceram em vários estudos, o de se viver uma “vida boa”, com qualidade e bem estar.

A qualidade de vida do sujeito, considerando a atual sociedade que desencadeia doenças epidêmicas e pandêmicas, desde depressão, ansiedade ao COVID-19, precisa ser consolidada no seu cotidiano, e que sejam coerentes com o rumo em que precisa ser considerado a vida planetária, para que se crie sintonia e afinidade, pois são as ações cotidianas e triviais, mas infundidas de propósito, que podem criar o campo adequado para a construção de um novo paradigma. De alguma forma, isso acontece na sinergia gerada com a vida intencional comunitária, no conjunto dos desafios diários em resistir às dimensões socioculturais do neoliberalismo globalizado (SCHIFFER, 2018). Isso pode significar que, para agir, é fundamental se apoiar em uma visão social clara e na coerência com o sentir interno, que se solidifica na práxis, em uma “práxis utópica contemporânea” que Kumar (apud SCHIFFER, 2018) conceitua como “utopia glocalizada”, mas também na compaixão, empatia, amorosidade, solidariedade, desencadeadas intencionalmente a

³⁷ A autora cita a escola de Epicuro como um grupo de amigos reunidos “para alcançar a paz e a felicidade em um ambiente natural, tranquilo”(BOTTA, 2016, p. 4) e autossuficiente.

partir do desenvolvimento da consciência dos sujeitos. Algo que a Educação Ambiental poderia aprofundar como proposta de se ampliar e se superar enquanto campo pedagógico.

Esse trabalho associado à postura crítica, influenciaria positivamente o coletivo, elevando, a consciência da sociedade em geral. Neste sentido, torna-se relevante as inferências de Chaves (et al., 2018) que, ao se aprofundar no conceito de “bem viver” nas comunidades, identificou que a “vida boa” aliada a uma visão ideológica, sustenta a força comunitária e promove significado na simplicidade de ações cotidianas, quando profundamente arraigadas no ecocentrismo e nos ideais ecológicos ou em uma nova “ontologia holística” (Litfin (2009) apud CHAVES et al., 2018), que considera a interdependência dos direitos do cosmos, da terra (como uma mãe e não como mercadoria) e dos seres humanos. (Puente, 2011 apud CHAVES et al., 2018)

Neste sentido, cabe ressaltar que o “bom viver” é desafiador na prática e varia conforme o contexto (CHAVES *et al.*, 2018). Contudo, quando ligados à natureza e outros seres, à sabedoria ancestral, à solidariedade, à harmonia e ao desenvolvimento pessoal, e principalmente, quando focado valores compartilhados, como identificamos nos estudos de comunidades podem promover a sustentabilidade e inovar com mudanças na sociedade (CHAVES *et al.*, 2018).

No contexto da nossa sociedade, marcada pela globalização e a forte atração capitalista, (SCHIFFER, 2018) a comunidade intencional seria um referencial, como um ambiente propício e dinamizador de uma reforma social (utópica), autoconsciente com uma agenda voltada à resistência ao modelo vigente, e um fazer utópico pautado em uma ética universal, colaborativa que transforma o cotidiano, de uma simples rotina irrefletida para ações práticas sustentáveis conscientes.

Diante dos propósitos, metodologias e bases teóricas encontradas neste estudo, vimos que as pesquisas são as mais variadas e com enfoque múltiplo, o que seria previsível pelas multidimensionalidades presentes em uma comunidade intencional. Chama a atenção a grande quantidade de mulheres investigadoras que investem sua energia nesse tipo de investigação, algo que poderia ser interessante aprofundar.

Os estudos avaliados permitiram ampliar o horizonte de aspectos que ainda são pouco estudados e verificar o quão pouco ainda se conhece sobre essas iniciativas inovadoras e que tem atraído cada vez mais pessoas, principalmente jovens que buscam

experimentar um reencontro com o natural, saindo de grandes centros para vivenciar um outro modo possível.

No que compete ao objetivo de melhor conhecer a produção científica para melhor orientar futuros estudos, vimos que os estudos cuja unidade de análise foi o indivíduo, focavam nas percepções do sujeito sobre ele mesmo, a vida na comunidade e os impactos em sua vida pessoal e coletiva, especialmente no que se refere a qualidade de vida e bem-estar. Neste sentido, sugere-se aprofundar nestas questões e em outros elementos das subjetividades de quem vive de forma mais sustentável, por exemplo, as motivações, a espiritualidade e visões de mundo, no sentido de criar potenciais relações que possam contribuir em processos educativos, especialmente os da Educação Ambiental, mirando em como seria possível atuar mais efetivamente para propiciar estratégias que “estimulem” a expansão da consciência, por uma consciência planetária.

Na realidade caberiam mais estudos nas diversas perspectivas observadas nas comunidades, já que eles são escassos e desencadeados principalmente por centros de investigação do norte global, deixando uma grande lacuna junto as comunidades de países do Hemisfério Sul. Por outro lado, há que se aproveitar que muitas dessas comunidades já são bem consolidadas com anos de existência, grande número de pessoas e, portanto já alcançaram uma estabilidade nas formas de se relacionar com o meio e com o grupo da comunidade, o que pode ser de grande interesse para a sustentabilidade e na compreensão desses sujeitos.

2.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, J. Assessing Success in High-Turnover Communities: Communes as Temporary Sites of Learning and Transmission of Values. **Journal for the Study of Radicalism**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 35–57, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/jsr.2012.0005>

AGUILAR, J. Food Choices and Voluntary Simplicity in Intentional Communities: What's Race and Class Got to Do with It? **Utopian Studies**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 79–100, 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 1. ed. [S. l.]: Zahar - Companhia das Letras, 2001.

BAYULKEN, B.; HUISINGH, D. Perceived 'Quality of Life' in eco-developments and in conventional residential settings: an explorative study. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 98, p. 253–262, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2014.10.096>

BELLEZE, G. *et al.* Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: uma análise comparativa. **Ambiente & Sociedade**, [s. l.], v. XX, n. 1, p. 18, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422ASOC20150164R2V2012017>

BERNDT, T. Review: Matthias Grundmann, Thomas Dierschke, Stephan Drucks & Iris Kunze (Eds.) (2006). *Soziale Gemeinschaften. Experimentierfelder für kollektive Lebensformen* [Social Communities. Experiments in Collective Living]. **Forum: Qualitative Social Research**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2008.

BOSSY, S. The utopias of political consumerism: The search of alternatives to mass consumption. **Journal of Consumer Culture**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 179–198, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1469540514526238>

BOTTA, M. Evolution of the slow living concept within the models of sustainable communities. **Futures**, [s. l.], v. 80, p. 3–16, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2015.12.004>

BOYER, R. H. W. Achieving one-planet living through transitions in social practice: a case study of Dancing Rabbit Ecovillage. **Sustainability: Science, Practice and Policy**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 47–59, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15487733.2016.11908153>

BROMBIN, A. Faces of sustainability in Italian ecovillages: food as 'contact zone': Faces of sustainability, ecovillages and food self-sufficiency. **International Journal of Consumer Studies**, [s. l.], v. 39, n. 5, p. 468–477, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ijcs.12225>

CAPES. **Portal periódicos CAPES**. [S. l.], s/d. Disponível em: http://www-periodicos-capes.gov.br/ez30.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cHM6Ly9ybnAtcHJpbW8uaG9zdGVkLmV4bGlicmlzZ3JvdXAuY29tL3ByaW1vX2xpYnJhcnkvbGlid2ViL2FjdGlvi9zZWZFY2guZG8%2FZHNjbnQ9MCMZwY0F2YWlsYWJpbHR5TW9kZT1mYWxzZSZmcmJnPSZzY3Auc2Nwczlwcm1tb19jZW50cmFsX211bHRpcGxlX2ZlJnRhYj1kZWZhdWx0X3RhYiZjdD1zZWZFY2gmbW9kZT1CYXNpYyZkdW09dHJ1ZSZpbmR4PTEEmZm49c2VhcmNoJnZpZD1DQVBFU19WMQ%3D%3D&buscaRapidaTermo=Measuring+mindfulness%20%80%94the+Freiburg+Mindfulness+Inventory+%28FMI%29+Harald+Walach+a%20Cd%20C*%20C+Ni+na+Buchheld+b%20C+Valentin+Buttenmu%C2%A8ller+c%20C+Norman+Kleinknecht+c%20C+Stefan+Schmidt+a. Acesso em: 5 jun. 2019.

CARSON, R. **A primavera silenciosa**. 2. ed. [S. l.]: Edições Melhoramentos, 1969. *E-book*.

CASEY, K.; LICHROU, M.; O'MALLEY, L. Unveiling Everyday Reflexivity Tactics in a Sustainable Community. **Journal of Macromarketing**, [s. l.], v. 37, n. 3, p. 227–239, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0276146716674051>

CHAVES, M. *et al.* Radical ruralities in practice: Negotiating buen vivir in a Colombian network of sustainability. **Journal of Rural Studies**, [s. l.], v. 59, p. 153–162, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2017.02.007>

CUNNINGHAM. Exploring the efficacy of consensus-based decision-making: A pilot study of the Cloughjordan Ecovillage, Ireland. **International Journal of Housing Markets and Analysis**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 233–253, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJHMA-06-2013-0040>

CUNNINGHAM, P. A.; WEARING, S. L. Does consensus work? A case study of the Cloughjordan ecovillage, Ireland. **Cosmopolitan Civil Societies: An Interdisciplinary Journal**, [s. l.], v. 5, n. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5130/ccs.v5i2.3283>. Acesso em: 29 ago. 2019.

DIAS, M. A. *et al.* Os sentidos e a relevância das ecovilas: na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 79–96, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017>

DIENER, E. *et al.* The Satisfaction With Life Scale. **Journal of Personality Assessment**, [s. l.], v. 49, n. 1, p. 71–75, 1985. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13

ERGAS, C. A Model of Sustainable Living: Collective Identity in an Urban Ecovillage. **Organization & Environment**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 32–54, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1086026609360324>

FARIAS, C. That's What Friends Are For: Hospitality and affective bonds fostering collective empowerment in an intentional community. **Organization Studies**, [s. l.], v. 38, n. 5, p. 577–595, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0170840616670437>

FIC. **FOUNDATION FOR INTENTIONAL COMMUNITY - Communities Directory - Find Intentional Communities**. [S. l.], 2019. Foundation for Intentional

Community (FIC). Disponível em: <https://www.ic.org/directory/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

FLEISCHMAN, F. D. *et al.* Disturbance, Response, and Persistence in Self-Organized Forested Communities: Analysis of Robustness and Resilience in Five Communities in Southern Indiana. **Ecology and Society**, [s. l.], v. 15, n. 4, p. art9, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5751/ES-03512-150409>

GEN. **Ecovillages**. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://ecovillage.org/projects/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

GONZÁLEZ; DANS, E. From intentional community to ecovillage: tracing the Rainbow movement in Spain. **GeoJournal**, [s. l.], v. 84, n. 5, p. 1219–1237, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10708-018-9917-9>

GRANIER, N. B. **Experiências de “ComVivência Pedagógica” a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais**. 167 f. 2017. - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2017.

GRINDE, B. An Evolutionary Perspective on the Importance of Community Relations for Quality of Life. **The Scientific World JOURNAL**, [s. l.], v. 9, p. 588–605, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1100/tsw.2009.73>

GRINDE, B. *et al.* Quality of Life in Intentional Communities. **Social Indicators Research**, [s. l.], v. 137, n. 2, p. 625–640, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-017-1615-3>

HAUSKNOST, D. *et al.* Investigating patterns of local climate governance: How low-carbon municipalities and intentional communities intervene in social practices. **Environmental Policy and Governance**, [s. l.], v. 28, n. 6, p. 371–382, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/eet.1804>

HONG, S.; VICDAN, H. Re-imagining the utopian: Transformation of a sustainable lifestyle in ecovillages. **Journal of Business Research**, [s. l.], v. 69, n. 1, p. 120–136, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.07.026>

LEVIATAN, U. Kibbutzim as a Real-life Utopia: Survival Depends on Adherence to Utopian Values. **Psychology and Developing Societies**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 249–281, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0971333613500873>

LOCKYER, J. Community, commons, and degrowth at Dancing Rabbit Ecovillage. **Journal of Political Ecology**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 519–542, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.2458/v24i1.20890>

LOCKYER, J. *et al.* “We Try to Create the World That We Want”: Intentional Communities Forging Livable Lives in St. Louis. **Center for Social Development Washington University in St. Louis**, [s. l.], v. 11, n. 02, p. 1–23, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7936/K7QN668N>

MARDACHE, A. C. Intentional Communities in Romania. Precursor stage of community integration. **Bulletin of the Transilvania University of Braşov**, [s. l.], v. 10 (59), n. 2, Social Sciences, p. 87–92, 2017.

- MARDACHE, A. C. Intentional communities in Romania. Story of their beginnings. **Bulletin of the Transilvania University of Brasov.**, [s. l.], v. 9, n. 2, Social Sciences, p. 97–104, 2016.
- MEADOWS, D. *et al.* **Limites do crescimento.** [S. l.]: Perspectiva, 1978.
- MEIJERING, L. **Making a place of their own: Rural intentional communities in Northwest Europe.** 149 f. 2006. Tese de doutorado - University of Groningen, Holanda, 2006. Disponível em: [https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own\(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385\).html](https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385).html). Acesso em: 17 abr. 2020.
- MENCONI, M. E.; STELLA, G.; GROHMANN, D. Revisiting the food component of the ecological footprint indicator for autonomous rural settlement models in Central Italy. **Ecological Indicators**, [s. l.], v. 34, p. 580–589, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolind.2013.06.011>
- MOCK, M. *et al.* “Something inside me has been set in motion”: Exploring the psychological wellbeing of people engaged in sustainability initiatives. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 160, p. 1–11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2019.02.002>
- MORAIS, S. F.; DONAIRE, D. Comunidades intencionais: um estudo sobre dimensões da sustentabilidade em ecovilas paulistas. **South American Development Society Journal**, [s. l.], v. 5, n. 14, p. 326, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v5i14p326-346>
- MORÃO, R. C. G. **Comunidades intencionais: velhos novos espaços de fuga.** 170 f. 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Rondônia, [s. l.], 2017.
- NATHAN, L. P. Sustainable information practice: An ethnographic investigation. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 63, n. 11, p. 2254–2268, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/asi.22726>
- NEWMAN, L.; NIXON, D. Farming in an Agriurban Ecovillage Development: An Approach to Limiting Agricultural/Residential Conflict. **SAGE Open**, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 215824401456238, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2158244014562389>
- SANTOS JUNIOR, S. J. dos. Ecovilas e comunidades Intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. *In:* , 2006, Brasília. **III Encontro da ANPPAS.** Brasília: [s. n.], 2006.
- SARGISSON, L. Friends Have All Things in Common: Utopian Property Relations. **The British Journal of Politics and International Relations**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 22–36, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-856X.2009.00391.x>
- SCHÄFER, M. *et al.* Facilitating Low-Carbon Living? A Comparison of Intervention Measures in Different Community-Based Initiatives. **Sustainability**, [s. l.], v. 10, n. 4, p. 1047, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su10041047>
- SCHETTERT, C. S. S. **Descalço na simplicidade transformadora de uma ecovila: uma reflexão de suas práticas na construção de políticas públicas.** 230 f. 2016.

Mestrado Profissional em GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS - UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, [s. l.], 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3719002

SCHIFFER, S. J. “Glocalized” Utopia, Community-Building, and the Limits of Imagination. **Utopian Studies**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 67–87, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5325/utopianstudies.29.1.0067>

SULLIVAN, E. (Un)Intentional Community: Power and Expert Knowledge in a Sustainable Lifestyle Community*. **Sociological Inquiry**, [s. l.], v. 86, n. 4, p. 540–562, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/soin.12125>

VAN DE GRIFT, E.; VERVOORT, J.; CUPPEN, E. Transition Initiatives as Light Intentional Communities: Uncovering Liminality and Friction. **Sustainability**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 448, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su9030448>

VICDAN, H.; HONG, S. Enrollment of space into the network of sustainability. **Marketing Theory**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 169–187, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1470593117732456>

WALTER, S. A.; BACH, T. M. Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: inovando o processo de análise de conteúdo por meio do Atlas.ti. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 275, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13058/raep.2015.v16n2.236>

CAPÍTULO III – AS SUBJETIVIDADES DE QUEM VIVE A SUSTENTABILIDADE

RESUMO

Neste capítulo concentra-se o olhar nas pessoas que vivem em comunidades intencionais (CI), para perceber: quem são; quais são as suas visões de mundo; quais as motivações para ir viver na zona rural, de forma comunitária; quão satisfeitos se sentem atualmente com a vida; que relevância teve, e/ou tem esse facto sobre quem são hoje, por quais transformações passaram em suas vidas. Para responder a essas questões, foi conduzida uma investigação usando um método misto, com inquérito por questionário a 152 comunitários e estudo de caso múltiplos com aplicação de entrevistas semiestruturadas a seis membros de Ananda Kalyani. Os resultados demonstram que os comunitários se enquadram em uma visão de mundo integrativa, de forte conexão espiritual e satisfação com a vida; e que se motivaram a integrar a CI por diferentes razões: promoção de uma vida sustentável, ligação com a natureza, desenvolvimento pessoal, promoção do desenvolvimento dos outros, pertencimento, sentido da vida e pelos relacionamentos. Além de realizarem práticas de desenvolvimento, autorrealização e perceberem o impacto que viver em uma comunidade teve em suas vidas.

ABSTRACT

This chapter focuses on people living in intentional communities (ICs), to understand: who they are; what are their worldviews; what are their motivations for going to live in rural, communal settings; how satisfied they currently feel with their lives; what relevance this had, and/or has on who they are today, what transformations they have undergone in their lives. To answer these questions, a research was conducted using a mixed method, with questionnaire survey of 152 community members and multiple case study with the application of semi-structured interviews to six members of Ananda Kalyani. The results show that the community members fit into an integrative worldview, with a strong spiritual connection and satisfaction with life; and that they were motivated to join the IC for different reasons: promotion of sustainable living, connection with nature, personal development, promotion of the development of others, belonging, meaning of life and for relationships. Besides carrying out development practices, self-realization and realizing the impact that living in a community has had on their lives.

INTRODUÇÃO

ÀS MARGENS DO PARADIGMA: A PRESENÇA DE COMUNIDADES NA CONTRACULTURA

Durante a industrialização, as pessoas se mudaram para cidades, que se tornaram vultuosas e alteraram drasticamente o estilo de vida das populações. Neste deslocamento estava a forte motivação de que as cidades propiciariam uma vida melhor e mais confortável que a do campo (MORÃO, 2017), algo que temos visto não ser a realidade do ponto de vista material e emocional (KASSER, 2002). Entretanto, é possível também identificar movimentos de contracultura que se fizeram presentes ao longo do tempo. Concomitante ao afluxo para as cidades, nos processos de urbanização iniciados já há pelo menos dois séculos, outros grupos independentes se movimentaram para construir novos modos de viver e de se situar nos territórios, criando movimentos contra culturais. Nestes movimentos, diversos autores localizam o surgimento de comunidades fortes e autônomas (ARRUDA, 2018) com um sentido utópico (AGUILAR, 2012).

A busca de uma vida comum, alternativa, que se contrapõe aos sistemas está presente desde tempos antigos (SCHETTERT, 2016) e carregou sempre em si propostas de colaboração, fraternidade e união na superação das dificuldades enfrentadas (SANTOS JUNIOR, 2015).

No século XIX, por exemplo, as comunidades utópicas bem sucedidas criaram outras formas de lidar com a propriedade, o trabalho e o grupo. As novas formas de relações que estes utopistas estabeleceram foram determinantes nas suas existências, assim como a comunhão, os compromissos, as motivações e a coesão de grupo tem sido a base das comunidades intencionais, ainda nos dias de hoje (AGUILAR, 2012, p. 37). Arruda (2018) inclui esses utopistas inseridos em comunidades no séc. XIX, como membros de comunidades intencionais (CI), já que possuíam uma predisposição singular em estar num outro contexto cultural, alternativo de transformação social.

Comunidades intencionais são comunidades com uma intencionalidade própria que se estabelecem nas sombras do paradigma vigente, e em sua maioria, com princípios sustentáveis³⁸, possibilitando novos modelos de vida, também na fase contemporânea

³⁸ Vários estudos são relatados demonstrando que as comunidades intencionais são mais sustentáveis do que as iniciativas convencionais em que foram comparadas, com pegada e consumo de carbono (RUBIN; WILLIS; LUDWIG, 2019). Grinde et al (2018) relata estudos de Hendrickson and Wittman (2010); Jarvis (2011); Sanguinetti (2014) que apontam que as vidas nas comunidades intencionais possuem menor impacto ecológico (GRINDE et al., 2018). Bayulken e Huisingh (2015) citam estudos que as pessoas de CI adotaram uma vida

(ARRUDA, 2018) e em todos continentes (FIC, 2019; GEN, 2012), demonstrando na prática o "inédito viável" (FREIRE, 1987, 1992) por meio do "utopismo transformador" (LOCKYER et al., 2011). Mais do que um movimento de protesto, as CI compõem um movimento afirmativo imbuído de propósitos e propostas para a crise global (LIFTIN, 2009 apud CHAVES et al., 2018), cuja implementação é ensaiada e concretizada na prática pelos seus adeptos.

A ciência tem voltado a atenção, especialmente nas duas últimas décadas, aos estudos em comunidades intencionais (WAGNER, 2012; DALY, 2017), com pesquisas que enfocam as histórias de suas fundações (MARDACHE, 2016) e aspectos relativos à subjetividade dos seus membros como: o comprometimento pessoal (AGUILAR, 2012), suas motivações pessoais (LOCKYER et al., 2011; MARDACHE, 2017; MORÃO, 2017), as táticas que utilizam de reflexividade e consciência no cotidiano (CASEY; et al; SCHIFFER, 2018), o bem-estar psicológico (GRINDE et al., 2018; MOCK et al., 2019), como os seus valores influenciam suas práticas (NATHAN, 2012) e quais são suas visões de mundo (CHAVES et al., 2018).

Já que viver em uma comunidade intencional³⁹ requer proximidade entre as pessoas, em uma área específica (SIQUEIRA, 2012) e isolada funcionalmente da sociedade (LEHAVI, 2009), onde se partilham um estilo de vida, uma cultura e um mesmo propósito (Metcalf, 2004 apud DIAS et al., 2017), este estudo visa explorar quem são essas pessoas, seu perfil sociográfico e regimes alimentares, procurando perceber suas cosmovisões, estratégias de desenvolvimento interior e vivências da espiritualidade. Importa conhecer também quais foram os impulsionadores motivacionais que determinaram a escolha por essa opção de vida e como essas pessoas percebem os impactos das transformações que o fato de viver em uma CI gerou em suas vidas pessoais e no seu bem estar. Aprofundar na temática se revela importante não só para conhecer indivíduos que são pouco conhecidos da ciência, mas especialmente para compreender melhor possíveis elementos que podem determinar a escolha individual de investir a própria vida em um projecto sustentável, fora do padrão convencional de sociedade.

Os percursos formativos da Educação Ambiental podem vir a se beneficiar de estratégias desenvolvidas no seio de várias comunidades que determinam/determinaram

mais sustentável (Van Schyndel-Kasper, 2008) com menor pegadas de carbono e água (Scheurer e Newman, 2009; Williams, 2013) e maiores taxas de reciclagem (Miller e Bentley, 2012; Berg, 2004; Baas et al., 2014).

³⁹ Para saber mais sobre o conceito e características de uma comunidade intencional, veja o capítulo 2.

impingir um modo de vida inserido na natureza, o que pressupõe uma indignação dos sujeitos das comunidades intencionais com o atual paradigma além de uma entrega total, a uma experiência concreta de um outro modelo cotidiano utópico. Contribuir para que a Educação Ambiental crítica avance em novos processos, não só intelectuais ou críticos, requer a inserção de elementos novos, de outra base paradigmática e que possa incluir outras epistemologias e a subjetividade humana em seus aprendizados coletivos, empáticos, éticos e amorosamente conectados com Gaia, e todos os seres existentes.

Com esta perspectiva, este estudo visa explorar quem são os sujeitos que vivem em comunidades intencionais, seu perfil, regime alimentar, procurando perceber suas cosmovisões, estratégias de desenvolvimento interior, espiritualidade, quais foram os impulsionadores motivacionais que determinaram a escolha por essa opção de vida, e como essas pessoas percebem os impactos e as causas das transformações que o fato de viver em uma CI gerou em suas vidas pessoais e no seu bem estar; com a intenção de colaborar na reflexão de como estes elementos podem vir a informar processos formativos na Educação Ambiental mais efetivos.

OS COMUNITÁRIOS: QUEM SÃO E O QUE PENSAM

A humanidade evoluiu e estabeleceu um modo de vida moderno, centrado nas cidades, no progresso tecnológico e no conforto. Entretanto, alguns indivíduos abandonam grandes centros e procuram viver em ambientes mais rurais, em comunidades intencionais. Quem são estas pessoas, as motivações para empreender tal mudança, percepção das mudanças vivenciadas, e suas subjetividades como as cosmovisões, satisfação com a vida e as estratégias pessoais elegidas para o próprio desenvolvimento?

Em estudos anteriores foi relatado que as CI são constituídas, em maior parte, por uma classe média, de maioria branca (ERGAS, 2010; LOCKYER et al., 2011; AGUILAR, 2012, 2015; CUNNINGHAM; WEARING, 2013; ERGAS; CLEMENT, 2016; SULLIVAN, 2016; DIAS et al., 2017; GONZÁLEZ; DANS, 2018; VICDAN; HONG, 2018) com níveis educacionais variados, que vão do básico ao mais elevado (LOCKYER, 2011), mas com forte concentração no nível superior e pós graduação e idades médias concentrando-se em dois polos: um com maioria de jovens em busca de novas experiências e outro, dos mais estabelecidos, com adultos com mais de 40 anos (NATHAN, 2012; GRINDE et al, 2018).

Embora alguns se identifiquem com elementos comuns aos hippies, como barbas ou roupas de tecido natural, se associando a uma vida mais ecológica (GONZÁLEZ; DANS,

2018), essa não é uma constante (LOCKYER *et al.*, 2011). Eles produzem sua própria comida orgânica (NEWMAN; NIXON, 2014) e a renda média tende a ser bem baixa (LOCKYER *et al.*, 2011), por estarem desligados dos sistemas formais de indicadores nestas áreas e terem optado por uma vida com simplicidade (SARGISSON, 2010), porém com saúde, alta qualidade de vida e bem-estar (LOCKYER *et al.*, 2011; GONZÁLEZ; DANS, 2018; GRINDE *et al.*, 2018).

Além disso, esses moradores não estão apenas julgando o capitalismo estrutural que precisa ser rompido externamente. Eles percebem essa estrutura paradigmática presente em si mesmos e procuram refazer isso não só em seus cotidianos, mas também internamente (LOCKYER *et al.*, 2011).

As pesquisas sobre motivações pessoais para viver em uma CI apontam que os entrevistados tinham o desejo de obter uma vida melhor, em um lugar com mais contato com a natureza (MARDACHE, 2018; MORÃO, 2017) e cuja prioridade era viver com paz e sossego, especialmente onde pudessem estar mais conectados com a terra e consigo mesmos. A possibilidade de viver com pessoas e objetivos semelhantes em ambientes mais humanos, baseados em simplicidade, com liberdade e alegria, também são outros dos principais motivos (MARDACHE, 2018).

Já na literatura que discorre sobre os motivos originais que levaram à fundação de uma CI, encontra-se toda uma complexidade de objetivos:

1) **ambientais**: no compromisso de reverter práticas de degradação ambiental (GEN, 2016; MARDACHE, 2016); diminuir a pegada ecológica (SIQUEIRA, 2012), a poluição, os impactos nas mudanças climáticas, satisfazer o desejo de viver em harmonia com a natureza; (MARDACHE, 2016), colocar em prática a permacultura (MARDACHE, 2017), a produção alimentar de qualidade (NEWMAN; NIXON, 2014; MARDACHE, 2016) ou a autossuficiência energética (MARDACHE, 2016);

2) **sociais**: por uma insatisfação com as estruturas de exploração (MARDACHE, 2016) do sistema vigente em seus múltiplos aspectos (SANTOS JR, 2016), a necessidade de viver uma síntese entre teoria e prática (SIQUEIRA, 2012) com outros modelos de governança colaborativa (CONCEIÇÃO, 2017);

3) **relacionais**: o desejo de relações gratificantes (SIQUEIRA, 2012) ou para exercer a prática do amor livre (CARVALHO, 2016; CONCEIÇÃO, 2017);

4) **desenvolvimentais**: a intenção de desenvolvimento pessoal profundo (ERGAS e CLEMENT, 2016) 4): partilhar crenças religiosas (MEIJEERING, 2006; ARRUDA, 2018) ou práticas de desenvolvimento espiritual (MARDACHE, 2017).

Genericamente, os pesquisadores constataam que a aposta em uma vida comunitária (GLASS; VANDER PLAATS, 2013; MARDACHE, 2016; 2017) impulsionou pessoas a se engajarem em um projeto de vida, alternativo ao *status quo*, que pudesse criar em pequena escala um modelo social mais fraterno, sustentável e equilibrado, baseado na intencionalidade e nos elementos motivadores do grupo.

Contudo, além desses, pesam, em alguns casos, aspectos mais relacionados com o capital social inerente ao *mainstream*: como viver em um local seguro para se criar os filhos, aumentar a qualidade de vida (GRUNDMANN, 2006; BRITTO, 2018) ou a possibilidade de criar ecoempresas (CASEY et al, 2017).

Schettert, perspectiva “as motivações de uma ecovila^{40 41} a sua “cola”, o que se refere justamente à intenção maior daquela comunidade e sua inspiração conceitual.” (SCHETTERT, 2016, p. 15). A autora defende que são as motivações humanas que constroem laços, a partir do desejo de pertencimento e de partilha, cujo compromisso de comungar uma interioridade recíproca seria maior que o mero desejo de estar junto, criando a identidade e a identificação com a comunidade, com o que partilhar, ao que pertencer e defender, ou seja, com a intencionalidade maior da comunidade, a “cola” que a mantém unida, a sua inspiração conceitual. O indivíduo que pertence e que partilha seus sonhos e planos é quem cria a “cola”, os laços que amarram os propósitos e as práticas das comunidades.

Mardache (2016) comunga da mesma ideia, afirmando que esta “cola”, é muito mais relevante do que motivações de índole mais pessoal para viver em uma CI.

Para além do papel impulsionador das mudanças sociais e quiçá, planetárias, que as subjetividades humanas têm, a intenção de mudança pessoal e a valorização do autoconhecimento, são uma dimensão essencial quando se altera a direcionalidade da vida, pois provoca a reflexividade necessária à ruptura de hábitos (ROYSEN, 2018).

⁴⁰ Em 1990 Gilman cunhou o termo ecovila em uma combinação de design ecológico de construção de comunidade. (ERGAS, 2010). Já no ano de 1998, as ecovilas foram reconhecidas pela ONU como: “uma das 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável, como modelo excelência de vida sustentável” (SANTOS JR, 2006, p.9; SCHETTERT, 2016)

⁴¹ Num estudo, Santos Jr (2016) identificou que quase todos os grupos que se identificaram como ecovilas (96,2% do total que ele inquiriu) se consideravam uma comunidade intencional. (SANTOS JR, 2016, p. 211). Entretanto, é importante ressaltar que nem toda comunidade intencional é uma ecovila.

Não é de espantar que alguns estudos revelem que já haviam antecedentes de preocupações ecológicas e ambientais nos comunitários, levando-os a considerarem completamente natural a escolha de ir viver em uma comunidade com propósitos sustentáveis ((BORELLI, 2014; CARVALHO, 2016; ROYSEN, 2018). Aliás, antes dessa tomada de decisão, estas pessoas sentiam-se numa espécie de encruzilhada gerada pela vivência de situações como: renúncias ou crises profissionais, dificuldades em efetivar atitudes ecológicas em seus lares, conflitos familiares, desafios de interações sociais (BORELLI, 2014), propósitos de sustentabilidade social (VICDAN, HONG, 2018), o nascimento de um filho, a influência de amigos, o contato prévio com outras comunidades ou a proximidade à natureza e à simplicidade (BORELLI, 2014).

Esses dados apoiam as descobertas de estudiosos da psicologia, quando afirmam que as pessoas com maior nível de bem-estar psicológico, são guiadas muito mais por valores intrínsecos do que extrínsecos (DE WITT, 2013) que parecem culminar numa espécie de despertar interior (MARDACHE, 2017), oriundos de experiências espirituais ou insights provocados por dificuldades mundanas, que parece determinar que suas vidas passem a se orientar a um cotidiano mais coerente com seus valores e apoiados em suas visões de mundo.

As visões de mundo perfazem os “sistemas inescapáveis” (DE WITT, 2013a) de interpretação e atuação na realidade, com base em “uma constelação complexa de pressupostos ontológicos, capacidades epistêmicas e éticas e valores estéticos que convergem para organizar dinamicamente uma apreensão sintética do mundo exterior e experiências interiores.” (idem, p.80).

Esta conceitualização nos remete a refletir como a nossa forma de viver atual, enredada no sistema hegemônico capitalista, determina nosso *modus operandi*. A Educação Ambiental opera, critica e inconscientemente amarrada pelos modelos científicos e racionais que ditam um modo de fazer que não alcança e nem supera o atual paradigma, ao que Mauro Guimarães (2011) chamou de “armadilha paradigmática”

Em suma, se mudança pessoal, a visão de mundo, o autoconhecimento e o desenvolvimento espiritual, são dimensões essenciais quando se direciona a vida à sustentabilidade (HEDLUND-DE WITT, 2011, 2014a, 2014b; WAMSLER; BRINK, 2018), pois provoca a reflexividade necessária à ruptura de hábitos (ROYSEN, 2018). O que torna relevante se aprofundar e explorar quem são e o que pensam os indivíduos das comunidades intencionais, a fim de que se possa obter *insights* acerca de elementos importantes que sirvam à evolução dos processos educativos para uma nova sociedade.

Por isso, procuramos perceber suas visões de mundo, satisfação com a vida, espiritualidade, estratégias utilizadas no desenvolvimento interior e percepções sobre o quanto a vida em uma comunidade intencional alterou/influenciou suas vidas pessoais e em que aspectos, com o intuito de verificar se estes elementos subjetivos, poderiam vir a ser desenvolvidos em processos formativos de Educação Ambiental

No sentido de explorar o que pensam as percepções das pessoas que vivem em comunidades intencionais, conhecer o perfil desses comunitários e poder captar, sob suas perspectivas, suas características, cosmovisões, e motivações que orientaram a decisão para essa mudança, acrescidos da reflexão que fazem sobre a importância dessa experiência em suas vidas, as causas e os impactos resultantes desta escolha; assim, os objetivos dessa investigação foram:

- a) Identificar o perfil básico desses moradores, sua proveniência, nível educacional, áreas de atuação e suas escolhas alimentares;
- b) Perceber as suas visões de mundo, sentido da vida, espiritualidade e desenvolvimento interior;
- c) Discernir as motivações para escolher viver em uma comunidade e compreender de que forma morar em uma CI é perspectivado como tendo impactado ou transformado as suas vidas.

3.2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo se enquadra em uma investigação maior que analisa as comunidades intencionais, nomeadamente, seus integrantes, e tem como questão central, identificar aspectos subjetivos desses sujeitos, mais próximos a um “Ser mais ambiental” e perceber como estes elementos poderiam ser aproveitados na dinamização de processos formativos de educadores da Educação Ambiental.

No recorte dado neste artigo, foi utilizado um design multimétodo ou método misto, combinando técnicas quantitativas e qualitativas na produção de dados, com objetivo de complementariedade (PARANHOS et al., 2016), numa estratégia sequencial.

Uma das forças consensualmente reconhecidas do método misto (PARANHOS et al., 2016) resulta da combinação de dados de uma amostra (maior ou mais diversificada) com a profundidade do estudo de caso, contornando as limitações das técnicas empregues nos estudos de métodos singulares. Nesta pesquisa de natureza exploratória, optou-se por um itinerário sequencial com, de acordo com Lieberman (2005), um aninhamento da fase intensiva à fase extensiva inicial, em que a utilização de entrevistas semiestruturadas foi usada para aprofundar os achados de um inquérito por questionário a partir do significado das experiências dados pelos próprios sujeitos, portanto de segunda ordem (ARROZ, 2004). Para isso, foram selecionados os habitantes de uma comunidade intencional que funcionou como caso de estudo, para participar de entrevistas em profundidade.

A fase *extensiva* consistiu na realização de inquérito por questionário feito com moradores de comunidades intencionais de vários países. A fase *intensiva* traduz-se num estudo de caso com função complementar (PARANHOS et al., 2016) e de deixar expandir o processo analítico da investigação (YIN, 2003). Contudo, no que respeito à pesquisa reportada neste capítulo em concreto, a unidade de análise adotada é individual, focando a diversidade das significações, experiências e histórias de vida dos participantes, pelo que o *design* da fase intensiva corresponde mais justamente a um estudo de casos múltiplos, do tipo IV, na medida em que se realizam mais do que um estudo de caso e se adoptam mais do que uma unidade de análise (YIN, 2003) visando não a replicação, mas a possibilidade comparativa.

FASE EXTENSIVA

i. Instrumento de produção de dados: questionário

Para o inquérito foi criado um questionário contendo a maior parte das perguntas fechadas, de resposta ordinal, forçada ou de escolha múltipla, e perguntas abertas complementares (GÓMEZ; FLORES; JIMÉNEZ, 1996; LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2005) tendo na sua formulação sido observadas as orientações de Eisman et al (1998).

O conteúdo das questões foi ajustado aos indicadores respeitantes às dimensões do objeto de estudo focadas nesta pesquisa. A figura 4 mostra essas dimensões, que se encontram integradas num modelo de análise mais amplo, patente no Anexo 1 e em que se pode observar a progressiva operacionalização dos constructos em dimensões, subdimensões e variáveis-indicador – a sua versão mais operativa e apreensível ou mensurável.

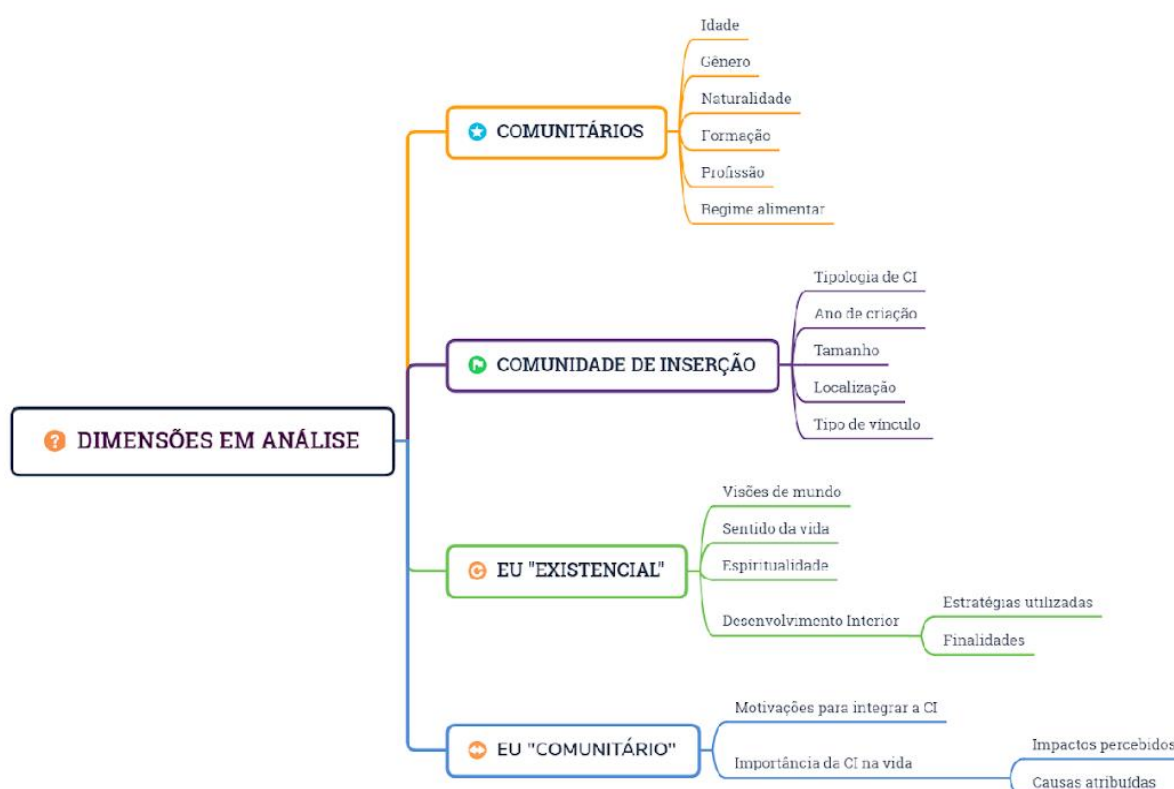


FIGURA 11 – MODELO DE ANÁLISE

A dimensão:

- **Comunitários** traduz-se num conjunto de questões relativas à caracterização do perfil sociográfico dos inquiridos e é composta por perguntas sobre a idade,

gênero, local de nascimento, formação, profissão e o tipo de regime alimentar praticado;

- **Comunidade de inserção** agrega variáveis relativas à caracterização da comunidade intencional em que vive cada respondente, que transportam para questões relativas ao seu ano de criação, localização, dimensão e tipo de comunidade, bem como ao tipo de vínculo que o inquirido mantém com ela;
- **Eu existencial** é vertida em questões subjetivas relativas à caracterização das perspectivas de cada indivíduo sobre o mundo (visões de mundo) e o sentido que atribui à sua vida, e das representações que tem da forma como vive a sua espiritualidade e lida com o desenvolvimento interior (finalidades e estratégias). A maioria destas questões foi adaptada de estudos anteriores e assume o formato de escalas psicométricas desenvolvidas e validadas por outros pesquisadores. Outras questões relativas ao desenvolvimento interior foram construídas de raiz, correspondendo a uma pergunta aberta sobre suas finalidades de desenvolvimento e a uma pergunta de escolha múltipla acerca das estratégias adotadas;
- **Eu comunitário** reúne variáveis respeitantes aos motivos que os levaram a viver em uma CI, as avaliações da forma como viver nessa comunidade intencional impactaram as suas vidas e as causas a que atribuem a transformação percebida pelo fato de aí viver. Essas variáveis foram mensuradas por questões em formato de escala do tipo Lickert.

As escalas aplicadas para avaliar as variáveis-indicador que compõem a dimensão do **Eu existencial** foram:

a) Integrative Worldview Framework - IWF, (HEDLUND-DE WITT, 2012; DE WITT, 2013; DE WITT et al., 2016). A IWF é uma escala de formato ipsativo composta 19 subdimensões articuladas em **cinco dimensões** da visão de mundo: **ontologia** (metafísica, valores da natureza, origem da vida e origem da vida), **epistemologia** (papel da ciência, impactos da ciência e tecnologia, autoridade) , **axiologia** (valores centrais: 1- “o mais importante da minha vida é...”; 2- “o mais importante para mim...”, 3- “para mim, viver uma vida boa é...”; 4- “Eu almejo por...”); **antropologia** (autoidentidade, o ser humano, a relação homem-natureza, a interferência na natureza, natureza e o papel do sofrimento, natureza da morte) e **visão social** (relação indivíduo-sociedade, objetivos da sociedade). Os dezenove conjuntos são constituídos por 4 sentenças (itens), sendo

que duas dentre elas deveriam ser escolhidas como a melhor ou pior opção: “o que eu mais me identifico”, “o que eu menos me identifico” marcando as demais como “não escolhidas”. Essas escolhas avaliam os sujeitos em cada uma das quatro visões de mundo: tradicional, moderna, pós-moderna ou integrativa.

b) Escala de Satisfação com a Vida – ESV (DIENER et al., 1985): um instrumento que mede o juízo cognitivo global do sujeito em relação à sua **satisfação com a vida**. Composta por cinco afirmações: “A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse”; “As minhas condições de vida são muito boas”; “Estou satisfeito com a minha vida”; “Até agora, tenho conseguido as coisas importantes que desejava da vida”; “Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada”; com respostas em formato Lickert, variando entre discordo totalmente até concordo totalmente, em cinco níveis de gradação possíveis. O resultado é avaliado em termos de pontuação global, totalizando até 25 pontos para alto nível de satisfação com a vida.

c) Escala da Espiritualidade – EE (DELANEY, 2005). Tem a finalidade de medir a espiritualidade humana com base nas crenças, intuições, escolhas de estilo de vida práticas e rituais em aspectos como: pessoalidade, interpessoalidade e transpessoalidade, originalmente em quatro dimensões interrelacionadas: 1) **autodescoberta**; 2) **relações com os outros**; sendo que 3) **consciência ecológica**; 4) **Poder maior/Inteligência Universal**, se fundiram em apenas uma dimensão. Se constitui de 22 itens, que poderiam ser graduadas em cinco respostas possíveis em formato Lickert (no original eram seis), variando de discordo totalmente a concordo totalmente. Os resultados são mensurados na somatória da pontuação global dada pelo sujeito.

E do **Eu comunitário**, a

d) Escala *Backpacker`s Personal Development - BPD* (CHEN; HUANG, 2017): avalia o desenvolvimento pessoal em pelo menos **quatro dimensões** que poderiam sofrer transformação após uma experiência significativa pelos indivíduos: sendo 3 itens para avaliar a **capacidade**, **emoção**, **habilidade** e quatro itens que avaliam a **autoconsciência**. É formada por 13 itens, com respostas em cinco itens de escala Lickert variando de discordo totalmente a concordo totalmente e avaliado pelo valor mais alto obtido na pontuação global.

O inquérito foi divulgado por meio digital e alocado em uma plataforma online. Antes do início da divulgação da aplicação do questionário online dez pessoas foram convidadas a preencher o questionário e avaliá-lo numa ficha específica disponibilizada (cf. anexo 4), contendo perguntas referentes à clareza e compreensão dos enunciados ou possíveis obstáculos que pudessem vir a afetar a boa compreensão do objeto de cada questão proposta e à linguagem utilizada (EISMAN; BRAVO; PINA, 1998), bem como à extensão e tempo de preenchimento de todo o instrumento.

Após o pré-teste, a maior parte das observações foram consideradas e resultaram num reajuste de enunciados e ainda eliminação de algumas questões por causa da extensão total do questionário. Ainda assim, notou-se no decorrer da aplicação do instrumento, que houve grande dificuldade para preenchimento em função do tempo dispendido (em torno de 40 minutos), acarretando muitos *missings* especialmente nas questões finais.

Nessa etapa, não se detectou, contudo, um problema no formato da segunda questão referente à aplicação da escala de visão de mundo de DE WITT (2012, 2016), na plataforma “OnlinePesquisa”, por admitir respostas múltiplas em vez do seu formato “forçado”. Tal situação levou a inutilizar todas as respostas registradas com duas ou mais marcações. Embora o problema tenha sido detectado e corrigido ao longo da administração do inquérito, provocou a inutilização de grande parte das respostas, restando apenas 49 oriundas de comunitários para essa análise.

O inquérito foi aplicado no período de 14 de agosto a 30 de setembro de 2019 pela internet, a partir da disponibilização online do questionário na plataforma OnlinePesquisa⁴², pela maior facilidade em convidar os sujeitos, pela possibilidade de expandir rapidamente o tamanho da amostra (CRESWELL, 2002 apud PARANHOS et al., 2016) e pela facilidade na difusão do instrumento de coleta, feita, em português, para comunidades do Brasil e Portugal e, em inglês, para comunidades identificadas nos demais países, a partir do levantamento nos websites de comunidades intencionais.

ii. Critérios de amostragem e constituição da amostra

O universo dessa pesquisa visava contemplar prioritariamente, moradores e membros de CI de diversos países do mundo de acordo com a classificação citada por KOZENY (1995, p. 18; apud ERGAS, 2010), isto é:

- uma reunião de cinco ou mais pessoas,

⁴² <https://www.onlinepesquisa.com/>

- com pelo menos alguns sem relação de sangue, matrimonial ou de adoção;
- em uma mesma localidade geográfica;
- “trabalhando cooperativamente para criar um estilo de vida que reflete seus valores centrais compartilhados” (KOZENY, 1995, p. 18; apud ERGAS, 2010) e de melhoria de suas vidas e da sociedade em geral (SARGENT, 1994 apud SARGISSON, 2010), “através de um design consciente” e,
- “algum grau de separação da sociedade circundante” (VAN DE GRIFT et al., 2017), em geral, instaladas em zonas rurais.

A dimensão deste universo foi estimada com grande margem de erro, uma vez que foi quase impossível de precisar. Isso porque as comunidades intencionais encontram-se, em maioria, em zonas rurais, não tendo (ou não querendo ter) conexão com a internet, não precisam estar filiadas a alguma rede e nem parecem estar muito interessadas em fazer parte de mapeamentos oficiais. No entanto, há algumas listas existentes em instituições ou sites que mapeiam as comunidades intencionais e criam uma aproximação ao universo de CI existentes: no site da Global Network Ecovillages (GEN)⁴³ são reportados 425 registros; na Foundation International Community (FIC)⁴⁴ surgem referidos 454 registros; e no Mapeamento de Ecovilas e Comunidades Alternativas do Brasil (MAC)⁴⁵ são mencionadas 99 comunidades intencionais.

Algumas das comunidades tem registros duplicados nestes três diretórios e após conferência foram eliminadas as repetições. Foram contempladas na amostra todas as CI que observavam os critérios referidos na literatura a apresentados acima (ERGAS, 2010; SARGISSON, 2010; VAN DE GRIFT; VERVOORT; CUPPEN, 2017) e que apresentavam a possibilidade de ser contactadas, totalizando 259 comunidades intencionais.

De acordo com um critério de amostragem intencional, não probabilístico, (VINUTO, 2014; COSTA, 2018), os e-mails foram enviados para os contatos de todas essas CI, que correspondiam a 22 de expressão portuguesa (CI do Brasil e Portugal) e 237 de outros países da Europa, América do Norte e Oceania, contactados em inglês. Além disso, para as brasileiras, em função da escassez de dados, fez-se contatos por e-mail e WhatsApp, com pessoas da área ambiental, permacultura ou que circulam em cursos e atividades realizadas em CI, em cujo corpo das mensagens constava um pedido para que o link fosse compartilhado

⁴³ <https://ecovillage.org/>

⁴⁴ <https://www.ic.org/directory/>

⁴⁵ <https://mac.arq.br/mapeamento-de-ecovilas-e-comunidades-alternativas-no-brasil/>

às outras pessoas de seus relacionamentos que tivessem envolvimento com as CI, procurando assim, expandir a amostra pelos próprios participantes. Assim, sempre que possível recorreu-se, em complementaridade ao critério da “bola de neve” para aumentar o acesso a esse restrito mundo das comunidades intencionais (VINUTO, 2014; COSTA, 2018). Ressalta-se que, para controle, no questionário havia um filtro que inquiria se o respondente residia ou não em uma comunidade.

Os e-mails foram enviados pela ferramenta de distribuição da plataforma Online Pesquisa e realizou-se um acompanhamento cotidiano do preenchimento, verificando-se a quantidade de respondentes que iam se avolumando na plataforma. Isso permitiu que se tomassem ações de reenvio dos convites e de reforço aos que tinham iniciado e depois parado a meio a resposta, além de estender um pouco mais o prazo de término para as respostas, em função do erro detectado na questão 2 que foi comentado acima.

Essa mobilização resultou no preenchimento de 152 questionários respondidos, de comunidades intencionais. Vários motivos podem ter contribuído para gerar um baixo índice de resposta dos membros das CI, como foi assinalado por MEIJERING (2006) noutra pesquisa, como a possibilidade de que as comunidades não terem muito acesso à internet por se localizarem em áreas remotas ou serem pequenas ou não estarem ainda estabelecidas (MEIJERING, 2006), a eventualidade de os responsáveis das CI não terem distribuído o link pelos seus membros ou mesmo pela recolha ter incidido em meses de férias em que as pessoas estão mais dispersas e menos atentas ao e-mail.

iii. Análise de dados

A análise dos dados se baseou nos objetivos exploratórios de reconhecer a visão que os participantes da pesquisa têm acerca de suas práticas pessoais. Os dados obtidos com os questionários foram organizados no Excel, transferidos para o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e analisados utilizando o pacote de software estatístico R para análise estatística descritiva (HILL & HILL, 2000; MERTENS, 1998) e descritiva interpretativa temática (GUERRA, 2006), com o objetivo de identificar o perfil dos comunitários. Para as escalas psicométricas utilizadas, foi calculada a pontuação global e realizados testes de correlação de Pearson, análises de componentes principais e rotação oblíqua, com exceção da escala IWF (ipsativa). Na escala de satisfação com a vida e espiritualidade foi feita a conversão de cinco para seis itens nas análises, tal como nas propostas originais. Na escala de visão de mundo-IWF, foi realizada a contabilização das respostas positivas (que se aproximam) e

negativas (que se distanciam) por indivíduo e item, e registradas para os sujeitos, com base nos quatro arquétipos: integrativo, pós-moderno, moderno e tradicional (DE WITT, 2013a).

A análise da satisfação com a vida apoiou-se em estudos já realizados com diferentes públicos brasileiros ((DIENER et al., 1985; ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; SILVEIRA et al., 2015; OLIVEIRA; COSTA; RODRIGUES, s/d) Já em relação à espiritualidade dos comunitários, foi utilizado como parâmetro de análise o estudo de validação da Escala da Espiritualidade (DELANEY, 2005) e a análise fatorial, aplicada com brasileiros⁴⁶, em 2019, resultando em três dimensões. A escala BPD baseou-se nas mesmas análises utilizadas por outros autores (CHEN; BAO; HUANG, 2014; CHEN; HUANG, 2017) e pretendeu mensurar como eram as mudanças pessoais significativas em quatro dimensões: capacidade, emoção, habilidade, visão de mundo e autoconsciência. Nas respostas às perguntas abertas foram realizadas análise de conteúdo exploratória de procedimento aberto e categorização axial e temática.

FASE INTENSIVA

Para esta fase foi realizado um estudo de caso múltiplo (YIN, 2003), no qual se realizou entrevistas com os sujeitos de uma comunidade intencional, localizada na região Centro de Portugal. Essa escolha se deu diante de um cenário mundial, em que a doença COVID-19, impediu as viagens e exigiu o confinamento de pessoas em diversos países com o intuito de evitar a propagação da doença. Nesta ocasião encontrava-me em Portugal para o trabalho de campo, o que acabou por definir o estudo de caso múltiplo com pessoas de uma única comunidade.

▪ Estudo de caso: os comunitários de Ananda Kalyani

Ananda Kalyani (AK) está localizada na zona rural⁴⁷ da região central de Portugal, a vinte e sete quilômetros da cidade de Covilhã, nos arredores do Parque Natural da Serra da Estrela. Possui uma área de 50 hectares, incluindo florestas selvagens e nascentes, várias ruínas de uma antiga povoação, um rio, pomar e 2,8ha de agricultura orgânica certificada.

⁴⁶ Para a aplicação dessa escala nesta tese foi realizado o estudo estatístico de validação da escala da espiritualidade. Este estudo pretende-se ser publicado em momento posterior mais oportuno.

⁴⁷ Sítio do Carvalhal, 1, Ourondo. Portugal. Coordenadas geográficas 40°10'09.9"N 7°39'49.0"W. Website: <<https://anandakalyani.org/pt-pt/acerca/>>.

Pessoas de diversos países se envolveram ao menos algum tempo na vida de AK, são membros ou simpatizantes da Ananda Marga, interessados em agricultura sustentável, vidas alternativas ou retiros espirituais, *woofers*⁴⁸ e jovens participantes de programas de voluntários da Europa ou do Festival Ananda⁴⁹.

A “cola” da comunidade está baseada nos fundamentos filosóficos de Prabhat Rainjan Sarkar, também conhecido como Shrii Shrii Anandamurti, fundador da Associação de Ciência Intuitiva Ananda Marga⁵⁰, na Índia em 1955. AK foi criada por um pequeno grupo, de quatro pessoas, em 2010, porém a vida comunitária iniciou-se apenas em torno de 2015 e 2016, chegando a 17 membros em 2017 (CONCEIÇÃO, 2017) e 11 membros permanentes e 9 voluntários no momento de coleta dessa pesquisa.

A filosofia e o desenvolvimento das práticas espirituais são um referencial fundamental, entretanto, esse grupo possui também, o propósito de transformação da sociedade por meio de ações e de exemplos, não só desenvolvidos como experimentos deslocados da sociedade, mas para influenciar e interagir com a sociedade, com o intuito de colaborar na formação de novos valores e parâmetros sociais.

O grupo principal de membros é formado principalmente por jovens e adultos, brancos, de classe média, com idades entre 22 a 64 anos (77% do sexo masculino); de várias nacionalidades: portuguesa (6), alemã (4), brasileira (3), francesa (2), americana (1), italiana (1), mexicana (1), inglesa (1), búlgara (1), com doze homens e oito mulheres. Dos portugueses, nenhum é nascido na região, porém quatro tiveram vínculo em momento anterior com a Universidade da Beira Interior, situada na cidade próxima, de Covilhã.

Por ser uma comunidade recente, moradores e voluntários residem em casas localizadas nas redondezas da área, em duas casas comunitárias, uma delas apenas compartilhada entre “moradores permanentes” e a outra entre “moradores permanentes” e voluntários, ambas na vizinha Vila do Paul (CONCEIÇÃO, 2017). Um integrante alugou uma casa na propriedade vizinha da comunidade e mais um casal aluga uma residência privada também no Paul. Assim, apenas dois casais (um de voluntários e um de moradores) residem

⁴⁸ São interessados em trabalhar/aprender voluntariamente que se inscrevem em uma rede mundial que contém o cadastro (fazendas, associações, comunidades intencionais, etc) de áreas com cultivo orgânico, cujos anfitriões do WWOOF, recebem o voluntário para ajudar no trabalho diário por um período, em troca de acomodações e refeições gratuitas. Ver mais em <https://woof.net/>

⁴⁹ Festival acontece todos os anos no Verão, desde 2017 e recebe jovens de vários locais da Europa.

⁵⁰ “Ananda significa “bem-aventurança” e Marga significa “caminho.” A filosofia da Ananda Marga é universalista. Reconhece que é necessário um equilíbrio entre os aspectos mundanos e espirituais da existência, e que nenhum deles deve ser negligenciado às custas do outro.” (ANANDA KALYANI, s/d, s/p).

permanentemente na CI. Apenas no verão europeu, voluntários e comunitários, se estabelecem em acampamentos em AK, isso por não haver ainda uma estrutura suficiente para abrigá-los durante o inverno, que é rigoroso e pode chegar a 6 graus negativos.

Há ainda outras pessoas nessa rede, que vivem em cidades próximas (Covilhã e Fundão) ou estão espalhadas por vários locais de Portugal (Guarda, Braga, Porto, Viseu e Lisboa) que participam e se envolvem em projetos e em algumas instâncias decisórias, sendo difícil precisar quantas são.

CONCEIÇÃO (2017) organiza estes membros em até três camadas de participantes a depender do papel que exercem. Ele exemplifica com pessoas ligadas a empreendimentos da Ananda Marga que objetivam gerar renda para a comunidade como uma empresa de software e um café / restaurante vegetariano (CONCEIÇÃO, 2017).

O cotidiano implica uma série de atividades que são desenvolvidas em conjunto, com vários integrantes dessa rede ampliada em muitos momentos: trabalho, lazer, “pizzas” e a prática espiritual (CONCEIÇÃO, 2017), mesmo que não sempre e nem por todos. Os que moram mais perto costumam ser regulares na meditação semanal, que acontece aos domingos, o Dharma Cakra⁵¹.

As entrevistas foram realizadas com seis pessoas selecionadas a partir dos seguintes critérios: fazer parte do núcleo principal (ou decisório), ser morador permanente⁵², ter forte vínculo com os projetos desenvolvidos, falar português. Dos seis ouvidos apenas uma era mulher.

QUADRO 6 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS

<i>AM1</i>	<i>Italiano</i>	<i>48 anos</i>	<i>morador permanente</i>
<i>AM2</i>	<i>Mexicano</i>	<i>36 anos</i>	<i>morador permanente</i>
<i>AM3</i>	<i>Português</i>	<i>36 anos</i>	<i>morador permanente</i>
<i>AM4</i>	<i>Português</i>	<i>48 anos</i>	<i>morador permanente</i>
<i>AM5</i>	<i>Portuguesa</i>	<i>34 anos</i>	<i>moradora permanente</i>
<i>AM6</i>	<i>Português</i>	<i>22 anos</i>	<i>morador permanente</i>

i. Instrumento de produção de dados: entrevistas

⁵¹ Dharma Cakra (uma palavra em sânscrito onde lê-se tchakra) é a roda do dharma, uma prática coletiva de meditação coletiva, onde se cantam kiirtans e depois se realiza o mínimo de meditação em silêncio. Normalmente, finaliza com alguma curta palestra inspiradora em termos da filosofia espiritual da Ananda Marga seguido de partilha de refeição lacto-vegetariana.

⁵² No momento da entrevista, ocasião 3 moradores apenas falavam inglês, 1 não estava presente, 9 eram apenas visitantes ou voluntários.

A entrevista seguiu um roteiro prévio semiestruturado (ver anexo 3), que permitia a liberdade na conversa e entre as várias questões. Um pré-teste foi realizado com um morador de outra comunidade intencional da Ananda Marga que estava visitando o lugar, gerando a necessidade de reorganizar a sequência das questões. Ainda assim, em várias entrevistas os temas que seriam propostos posteriormente emergiram na conversa, gerando “pulos” entre as questões para priorizar a fluência.

Duas das entrevistas foram realizadas on-line embora as pessoas estivessem a menos de 1 km de distância, por causa das regras de isolamento social imposto pelo governo português em função da pandemia do Covid-19. As entrevistas duraram de 1h07 a 2h55 e foram gravadas no sistema de voz do Windows e no Zoom, para todos os entrevistados.

As entrevistas, foram feitas entre os dias 11 de março e 30 de junho de 2020, quando fiquei em AK por causa do isolamento social imposto pelo governo aquando da pandemia do COVID-19. Esta situação e o fato de que eu já havia visitado o local por duas vezes, em 2018 e 2019, me possibilitou participar plenamente da vida comunitária bem como obter ampla colaboração dos integrantes.

Durante este tempo, participei de várias atividades do coletivo como: refeições, meditações, plantio, colheita de amoras e framboesas ou vegetais, reuniões de planejamento de tarefas, momentos de dança, jogos e brincadeiras, caminhadas em locais de natureza e beleza cênica como montanhas ou cachoeiras, entre outras. Também fui responsável por preparar as refeições em duas ou três vezes na semana, fazendo rodízio, por escala, com os demais, e assumi uma tarefa da faxina semanal. A limpeza diária era executada por todos, o que mantinha a casa sempre em ordem.

Sem dúvida, o maior destaque eram as práticas espirituais que aconteciam duas vezes ao dia, uma antes do café da manhã e outra antes do jantar. Nesses momentos de meditação em grupo, cantávamos “kiirtan” com o mantra “Babanam Kevalam⁵³” pelo tempo de 20 a 30 minutos, seguidos de no mínimo meia hora de meditação, a depender de cada um. Na casa compartilhada principal, reside também um *acarya*⁵⁴ (*whole timer*) que deu ensinamentos

⁵³ Uma palavra em sânscrito que significa, “tudo o que existe é a manifestação da Consciência Cósmica – Tudo é amor!”

⁵⁴ *Acarya* é uma palavra em sânscrito que significa aquele que ensina pelo exemplo. Na Ananda Marga, há duas possibilidades de *acaryas*, entre homens e mulheres, os *whole timers*, dedicados à essa missão em tempo integral e os *acaryas* de família, que constituem família e tem suas profissões, filhos etc. e dedicam o seu tempo livre para orienta aos outros. Ambos ensinam meditação, yoga e outras práticas espirituais.

sobre a filosofia da Ananda Marga em diversos momentos, alguns com participação de pessoas de outros locais, inclusive de fora de Portugal.

ii. Análise de dados

Para as análises das entrevistas as informações coletadas foram organizadas no software *Atlas.ti*⁵⁵, escutadas na íntegra, com marcação das citações quando apareciam verbalmente pelos entrevistados, referências às visões de mundo, sentido da vida ou os aspectos motivadores da mudança para a comunidade. Relativamente à visão de mundo dos comunitários, foram analisadas as respostas ao inquérito com base nos quatro arquétipos estudados por Annick De Witt (2013).

A seguir, foi realizado a análise de conteúdo, a partir da identificação dos dados pertinentes, usando uma categorização com base em procedimentos abertos, em que foi feita a análise temática (ESTEVES, 2006) Os códigos foram criados em sintonia com as ideias que surgiam, sem um sistema de categorização a priori. A partir dessa base fiz relações entre os códigos, construindo categorias em relação axial, que se tornaram subcategorias, de uma categoria maior contendo a síntese e a completude fundamental do que foi evidenciado pelos sujeitos.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atual sociedade, pautada pelo consumo, pensar em viver em uma comunidade pode parecer uma proposta muito radical considerando que as pessoas abdicam de algumas facilidades e confortos da vida moderna. Os resultados oferecem algumas pistas de quem são os comunitários e o que fazem. Para isso, foi traçado o perfil básico (idades, nível educacional e áreas de atuação), tipo de comunidade que vivem, a escolha alimentar, sua visão de mundo, satisfação com a vida, nível espiritual e estratégias para o desenvolvimento pessoal que utilizam.

QUEM SÃO OS COMUNITÁRIOS - PERFIL

Neste estudo, participaram 152 moradores de comunidades intencionais compondo uma leve preponderância masculina (55%) e de diversas nacionalidades: brasileiros⁵⁶ (34%), americanos (25%), alemães (7,5%) e outros (33%), especialmente europeus.

⁵⁵ versão 8.0, completa, adquirida com desconto para estudantes

⁵⁶ Como era de se esperar os brasileiros são a maior parte da amostra em função da forma como foi feita a distribuição do questionário.

Quadro 7 - Caracterização geral da amostra – Fase extensiva (N=152)

Variáveis	Níveis	N	%	N
Gênero	Feminino	32	45,1	71
	Masculino	39	54,9	
Faixa etária/ Idade	< 25 anos	3	4,6	65 46,2±13 anos [18-83] anos
	26 - 40	19	29,2	
	41 - 60	22	33,8	
	> 60 anos	21	32,3	
Escolaridade	Fundamental	0	0	71
	Médio	4	5,6	
	Técnico	3	4,2	
	Superior	22	31,0	
	Especialização	10	14,1	
	Mestrado	21	29,6	
	PhD	11	15,5	
Tipo de alimentação	Onívora	28	31,8	88
	Vegetariana	35	39,8	
	Vegana	2	2,3	
	Crudívora	4	4,5	
	Outras restrições ^{57*}	19	21,6	
Áreas de estudo ^{58**}	Linguística, Letras e Artes	7	10,94	64
	Ciências Agrárias	2	3,13	
	Ciências Biológicas	1	1,56	
	Ciências Humanas	13	20,31	
	Ciências sociais aplicadas	11	17,19	
	Ensino (Educação)	8	12,50	
	Engenharias	5	7,81	
	Ciências Exatas	5	7,81	
	Meio Ambiente	4	6,25	
	Ciências da Saúde	6	9,38	
	Outras	2	3,13	
Áreas de ocupação ^{**}	Aposentados	1	1,47	68
	Ciências Agrárias	3	4,41	
	Ciências da Saúde	3	4,41	
	Ciências Humanas	3	4,41	
	Ciências Sociais Aplicadas	7	10,29	
	Comercial	2	2,94	
	Ed. Ambiental	2	2,94	
	Engenharias	1	1,47	
	Ensino (Educação)	12	17,65	
	Estudante	1	1,47	
	Informática	2	2,94	
	Instrutores diversos ^{59***}	8	11,76	
	Investigação	2	2,94	
	Linguística, Letras e Artes	8	11,76	
	Monges	5	7,35	
	Outras	5	7,35	
	Terapeutas	2	2,94	
Voluntários	1	1,47		

^{57*} sem glúten, carboidratos, antes do pôr do sol, etc

^{58**} áreas de estudo agrupadas de acordo com as áreas da CAPES, destacando-se em separado (negrito) áreas que tem mais afinidade com o foco desse estudo. Para as ocupações, foram incluídas outras áreas específicas conforme as respostas apresentadas, por não se encaixarem nessa referência (CAPES) por serem mais voltadas à organização do trabalho.

^{59***} Instrutores de yoga, dança, teatro, permacultura, meditação, entre outros.

Com relação à faixa etária, as idades encontradas ficaram entre 18 e 83 anos com distribuição equilibrada (em torno de 30%) nas faixas dos 20 aos 40 anos, dos 40 aos 60 e maiores de 60 e média de 46 anos (ver quadro 1). Os valores das faixas etárias mais altas e mais baixas, coincidem, com as idades dos perfis de comunitários identificados por Nathan (2012) e Grinde et al., (2018)

Faz sentido, que um terço dos moradores sejam jovens em busca de novas experiências, entretanto o que poderia ser apenas uma iniciativa de jovens, hippies, sem compromisso, parece ter se consolidado em cotidianos de vidas, quando verificamos a presença de grande parte (n=93) de adultos que residem permanentemente na comunidade (45%) e fizeram parte das suas fundações (19,5%). O restante dos inquiridos tem uma relação mais frágil, sendo 22,5% moradores temporários, 11% voluntários e 2% de visitantes.

Estes números denotam que é forte o vínculo com a comunidade e, se considerarmos que a maior parte das comunidades intencionais já estão bem estabelecidas (n=61), uma vez que 8 em cada 10 foram criadas há mais de 25 anos e 36% existem há mais de 60 anos, torna-se evidente que, mesmo que projetos de vida como esse possam ter se iniciado por algum frágil anseio juvenil ou impulsionado por ondas de contracultura de uma época, transmutaram-se em modelos de vida consolidados.

Os representantes das comunidades interpeladas (n=61) vivem em áreas que variam de 1 a 85 hectares, localizadas em países como o Brasil⁶ (n=27), Estados Unidos (n=15), Alemanha (n=7), Suécia (n=3), Portugal, Itália, Reino Unido, Austrália (n=2, cada); França, Dinamarca, Suíça, Espanha, Taiwan, Argentina, México e Nova Zelândia (n=1, cada), em comunidades intencionais diversas

QUADRO 7 - TIPOS DE COMUNIDADES INTENCIONAIS EM QUE VIVEM (N=152)

	N	%
Ecovilas	57	38,3
Comunidades espirituais (yoga, meditação, Ananda Marga, <i>hare krishna</i> , etc)	40	26,8
Comunidades agrícolas (<i>produção de alimentos com técnicas sustentáveis</i> como agrofloresta, biodinâmica, orgânica, permacultura, etc.)	18	12,1
Coabitação	17	11,4
Terapêuticas (de cura interior e desenvolvimento pessoal)	4	2,7
Comunidades de culturas tradicionais (indígenas, quilombolas ou outras)	3	2,0
Comunidades religiosas (ligadas às religiões tradicionais cristãs, judaicas ou islâmicas)	3	2,0
Outras	7	4,7

Entre elas, tem particular incidência, como podemos observar no Quadro 8, as ecovilas que, adicionando-lhes as comunidades relacionadas à agricultura ou à produção de alimentos com técnicas sustentáveis como agrofloresta, biodinâmica, orgânica, permacultura, etc., representam em conjunto as comunidades de pertença de metade dos participantes (49,3%). Seguem-se, com mais de um quarto dos participantes, as comunidades com propósitos de desenvolvimento espiritual oriundos de diversas escolas e filosofias de base.

A generalidade dos respondentes tem alto nível de escolaridade (n=71; 90%), sendo, tanto os homens como as mulheres, detentores de graduação ou equivalente (ver Quadro 7). Para além disso, boa parte das comunitárias (n=32), cursou o mestrado (19%) ou o doutorado (19%) e cerca de 4 em cada 10 homens finalizaram o doutorado ou têm mestrado (13%) (ver Quadro 7). Tratando-se de gente informada, a opção por modelos de vida alternativos parece ser realizada não por falta de oportunidades, mas no âmbito de trajetórias de possibilidade cultural e educativa e, muito provavelmente também socioeconómica. Estudos anteriores já haviam assinalado uma prevalência de pessoas de origem branca e de classe média, (ERGAS, 2010; LOCKYER et al., 2011; AGUILAR, 2012, 2015; CUNNINGHAM; WEARING, 2013; ERGAS; CLEMENT, 2016; SULLIVAN, 2016; GONZÁLEZ; DANS, 2018; VICDAN; HONG, 2018), tal como as observadas no estudo de caso realizado em Ananda Kalyani.

As humanidades representam as áreas de formação inicial mais significativas (31,25%), seguindo-se a área das Ciências Sociais Aplicadas (17,2%;) e a da Educação e Ensino (12,5%).

As ocupações relatadas pelas pessoas (n=68) são variadas e muitas vezes com uma nomenclatura própria relacionada à vida particular da comunidade. Contudo, cerca de um terço atuam em atividades ligadas ao ensino (30%) em geral, em cursos ministrados pela comunidade ou no âmbito da educação formal (18%), como professores de Biologia ou Educação Ambiental, em escolas próximas ou na educação das crianças da comunidade. Outros 12% ministram aulas de yoga, inglês, música, audiovisual etc. e, 22%, trabalham com atividades relacionadas a atividades administrativas, de comunicação, jurídicas ou económicas (Quadro 7).

Também as escolhas alimentares adotadas por quem respondeu a esta questão (n=88; 58%) refletem um padrão alternativo, na medida em que mais de dois terços (68,2%) se orientam por algum tipo de restrição e cerca de metade (46,6%) não consomem nenhum tipo de animal na sua dieta.

Dentre os vegetarianos, há desde os mais restritos, sem consumo de nenhum tipo de proteína animal, como os crudívoros (4,5%) ou veganos (2,3%), até os mais inclusivos que consomem laticínios (lacto vegetarianos) e ovos (ovo lacto vegetarianos), ainda que estes regimes sejam muito mais frequentes do que os anteriores (40%). Um número significativo dos inquiridos (21,6%), possui também outros tipos de cuidados alimentares como comer “sem glúten”; “só com produtos locais e sazonais”; ou adotar uma dieta “sattvika⁶⁰”.

Por fim, um grupo muito reduzido, constituído por vegetarianos e onívoros, pratica uma alimentação que se baseia em critérios relativos à quantidade ou ao horário: um disse: “como qualquer coisa que eu quero, mas em pequenas quantidades” e outro, vegan, afirmou que nunca se alimenta “após o pôr do sol”.

Pudemos, entretanto, constatar que as classificações utilizadas por alguns sujeitos de dieta vegetariana são muito mais flexíveis do que as categorias da especialidade, uma vez que declaram serem adeptos do vegetarianismo, ainda que afirmem consumir animais – nalguns casos apenas peixe, noutro apenas caça – ou se disseram crudívoros mas cozinham por vezes frituras.

Sem aprofundar ainda mais nestes detalhes, o que interessa prioritariamente para esta investigação é a constatação de que entre os comunitários, uma percentagem significativa adota uma dieta vegetariana, respaldando outros estudos em comunidades cuja partilha alimentar é uma referência importante de caracterização e consolidação da vida comunitária (MEIJERING, 2006; LEHAVI, 2008; GRINDE, 2009; MORÃO, 2017). Além disso, a eleição por uma dieta vegetariana parece estar em consonância com uma postura conectiva com a natureza, em contraposição à exploração, pois integra nessa opção, o direito à vida dos demais seres. Entretanto, esse é um aspecto que ainda precisa ser aprofundado em outros estudos, observando os motivos que levaram as pessoas a adotar essa dieta, seus efeitos percebidos e quais são as diferenças, entre diferentes nichos ecológicos e com os da sociedade geral. Como vimos, os comunitários fizeram uma mudança significativa em suas vidas com vistas a experimentar novas formas de se relacionar consigo mesmo e com os outros numa perspectiva cotidiana e utópica, com novos referenciais de governança e vínculos e numa íntima relação com a natureza.

▪ **Visões de mundo e perspectivas sobre a vida**

Annick de Witt (2013) propõe um instrumento para avaliar as visões de mundo dos sujeitos com base em estruturas conceituais reconhecidas, construídas por cientistas sociais,

⁶⁰ Alimentação “sattvika” se baseia no Ayurveda, é lactovegetariana restrita (sem ovos), prioriza alimentos saudáveis e com força vital, porém evita todos os tipos de alho ou cebola e cogumelos (que seriam alimentos rajásicos ou tamásicos). Para saber mais, ver Frawley (2002)

que representam a cultura, o pensamento ocidental e a “típica ideia” de sociedade ao longo do tempo, integrando aspectos relacionados ao individual e o coletivo. A autora, as classifica em quatro típicas visões de mundo: a) **tradicional**, enfatiza um conjunto de valores conservadores, baseado em segurança, conformidades, tradição, autoridade religiosa, dogmatismo, natureza como criação divina e sem base científica; b) **moderna**, se estrutura pelo poder, realização, autoaperfeiçoamento, hedonismo, positivismo, autoridade secular, empirismo, natureza instrumental e métodos singulares quantitativos; c) **pós-moderna**, com valores ligados ao universalismo, autotranscedência, benevolência, internalização da autoridade (moral, emocional, artística, intuitiva), relativismo, natureza como pluralidade de valores, significados e interesses e métodos qualitativos ou plurais; d) **integrativa**: realidade múltipla, transcendente, imanente, realidade intrínseca e extrínseca são interdependentes, triangulação da autoridade entre científica, espiritual, filosófica e subjetiva; realismo crítico, natureza intrinsecamente valiosa que inclui a humanidade como expressão da força divina; métodos mistos e integrativos.

A presente pesquisa mostrou que há uma forte incidência dos moradores de comunidades intencionais em uma visão de mundo mais integrativa, em torno de dois terços (64,6%), e, um quinto (22,7%) com uma visão pós-moderna. Coerentemente, 90% destes indivíduos sentem maior distanciamento com a perspectiva tradicional (50,1%) e moderna (40,6%) e isso, independe da idade, gênero ou nível escolar.

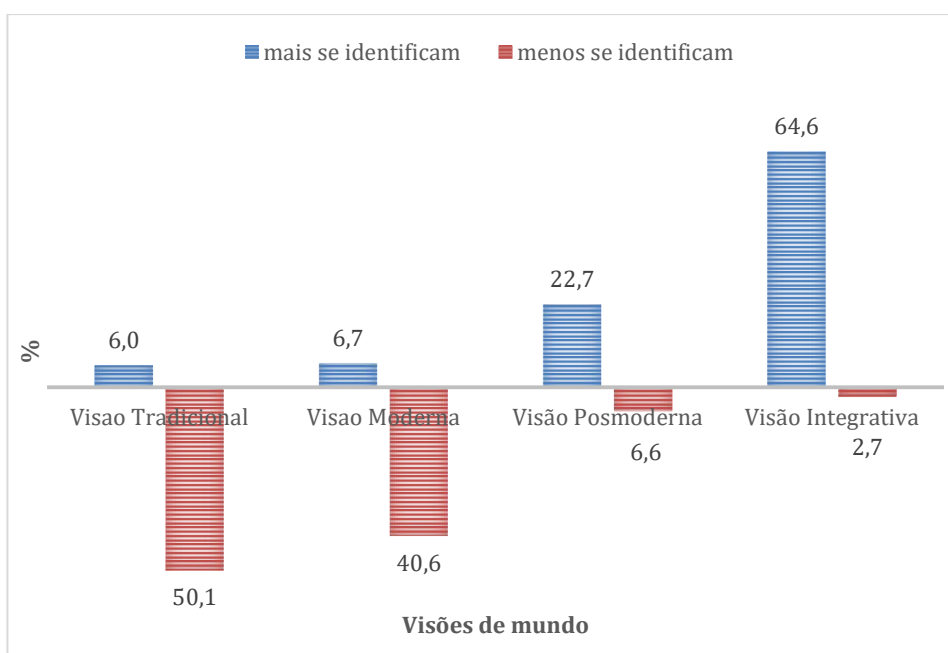


FIGURA 12 – VISÕES DE MUNDO COM QUE OS INQUIRIDOS MAIS E MENOS SE IDENTIFICAM (N=49)

QUADRO 8- CORRELAÇÕES ENTRE AS VISÕES DE MUNDO TRADICIONAL, MODERNA, PÓS-MODERNA E INTEGRATIVA (N=49)

		Visão Tradicional		Visão Moderna		Visão Posmoderna		Visão Integrativa	
		pos	neg	pos	neg	pos	neg	pos	neg
Visão Tradicional	pos								
	neg	-0,071							
Visão Moderna	pos	0,084	0,341						
	neg	0,325	-0,158	-0,165					
Visão Posmoderna	pos	0,215	0,386	0,318	0,155				
	neg	0,134	0,130	0,000	0,087	0,138			
Visão Integrativa	pos	-0,179	0,322	-0,276	0,481	-0,174	0,223		
	neg	0,328	0,173	0,562	-0,136	0,332	0,143	-0,271	

Dos quatro arquétipos de visão de mundo propostos por Annick de Witt (HEDLUND-DE WITT, 2012, 2014a, 2014b; DE WITT, 2015; WITT; WITT, 2017), a visão de mundo integrativa é aquela emergente, que busca “reconciliar o pensamento racional e a ciência com um senso espiritual de respeito pelo cosmos” (HEDLUND-DE WITT, 2014, p.191). Ela integra vários tipos de conhecimento, para além do cognitivo-intelectual com imaginário

emancipatório social e sustentável, a partir de uma base espiritual-unitiva (idem). De Witt (2013) atribui suas origens não só nas questões ambientais, econômicas, políticas, tecnológicas e ou institucionais, mas também na base estrutural da sociedade, que se compõe pelo pensamento filosófico, psicológico, existencial, cultural e espiritual.

Várias investigações têm evidenciado a relação das visões de mundo com o desenvolvimento da espiritualidade e das perspectivas acerca da sustentabilidade e em atitudes que contribuem na minimização das mudanças climáticas (O'BRIEN, 2013; DE WITT, 2015; DE WITT et al., 2016; WAMSLER, 2018a; WAMSLER; BRINK, 2018a; BRINK; WAMSLER, 2019; LEICHENKO; O'BRIEN, 2020). Será por isso muito interessante avaliar, em investigações posteriores, em que medida a clara identificação dos comunitários com uma cosmovisão integrativa, a par da rejeição ou afastamento de uma visão tradicional poderá sinalizar um traço de predisposição para aderir a novos modelos de organização social ou decorrerá da possibilidade de experienciar e se socializar a esses modelos. O esclarecimento desta questão ajudará a compreender como desenvolver pedagogicamente esse tipo de perspectiva – uma problemática crucial para a educação ambiental.

▪ **Satisfação com a vida**

Os comunitários estão entre o grupo de pessoas mais felizes do mundo (GRINDE et al., 2018; RUBIN; WILLIS; LUDWIG, 2019). Rubin et al (2019) descreve os resultados encontrados por Antonovsky e Antonovsky de que o indivíduo mais comprometido com o sistema social⁶¹, é aquele que está mais satisfeito com a sua vida, em termos gerais e nas suas necessidades específicas (1974 apud RUBIN; WILLIS; LUDWIG, 2019) ou seja, o fato de se afastarem da sociedade convencional e agirem com um propósito comum, não os faz secundarizar a importância de seu próprio bem-estar (RUBIN; WILLIS; LUDWIG, 2019).

A escala de satisfação com a vida (BES) aplicada em diferentes contextos tem demonstrado que culturas individualistas e ricas tendem a produzir resultados mais altos, embora Albuquerque et al, 2010 argumente que estas culturas também produzem altos níveis de suicídio. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010. Grinde et al (2018) aplicou a BES em comunitários e obteve níveis muito mais altos quando comparados a outros grupos, ressaltando que condições externas podem influenciar a escala mas não são definidoras, pois

⁶¹ O sistema social neste caso, se referia ao *kibbutz*, um tipo de comunidade intencional em Israel criados a partir de 1910 e baseada em valores socialistas, de distribuição de renda, refeições coletivas, dotado de serviços e bens públicos em número elevado, residência comunitária para as crianças, liberando as mulheres para terem direitos iguais aos dos homens com uma média 440 integrantes, com agricultura comunitária, entre outros princípios

as três características fundamentais que a constitui são: subjetividade, medidas positivas e avaliação global (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010).

Mock et al, sugerem que as pessoas que se engajam na promoção da sustentabilidade tem como um dos principais benefícios o bem-estar (MOCK et al., 2019). Ainda que o número reduzido dos comunitários não seja suficiente para generalizações, procedeu-se a avaliar a satisfação com a vida⁶², no sentido de conhecer mais sobre quem são os comunitários.

A escala aplicada de satisfação com a vida foi desenvolvida por Diener et al (1985), é formada por itens globais e não específicos (PAVOT; DIENER, 1993) possibilitando que os participantes façam um julgamento global de satisfação com a vida pela atribuição de pesos em alguns domínios de suas vidas. Em vários estudos se observou a estrutura unifatorial para a ESV e em geral, o coeficiente de alfa de Cronbach se situa entre 0,80 e 0,96 (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; REPPOLD et al., 2019; OLIVEIRA; COSTA; RODRIGUES, s/d).

Em relação ao julgamento que os comunitários fazem sobre o quão satisfeitos estão com suas vidas (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010), o seu bem-estar subjetivo, verificou-se que na média os comunitários se consideram satisfeitos com suas vidas, com uma média na pontuação global na Escala de Satisfação com a Vida – ESV⁶³, de 18,92 (DP=2,78; mín=5 e máx=25) (N=91).

Este resultado coaduna com os resultados de Bang Nes (2015 apud LOCKYER, 2017) de que os comunitários possuem níveis elevados de satisfação com a vida quando comparado a estadunidenses de diversas faixas etárias. A satisfação com a vida dos homens que vivem em comunidades é elevada e, em média, maior do que universitários do Canadá, australianos adultos, universitários espanhóis, estudantes japoneses e outros. As comunitárias, por sua vez, apresentam valores ainda mais altos, ficando atrás apenas das norueguesas grávidas ou que tem filhos pequenos. (ver Ragnhild Bang Nes, 2015 apud (LOCKYER, 2017). Mais recentemente, Lockyer (2017) encontrou resultados similares na comunidade Dancing Rabbit Ecovillage.

⁶² Para alguns autores a aplicação da Escala de Satisfação com a Vida desenvolvida por Diener et al (1985), se relaciona com a avaliação subjetiva da qualidade de vida, estado de espírito, afeto positivo e felicidade, sem que haja consenso sobre o tema (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010)

⁶³ No caso da aplicação nesse estudo, a escala de graduação de Lickert foi aplicada em cinco gradações, em vez de sete como desenvolvida inicialmente por Diener et al (1985). Assim, foram consideradas a seguinte pontuação global: 2 a 5, extremamente insatisfeito; 6 a 10, insatisfeito; 11 a 14 razoavelmente satisfeito; 15 a 20, satisfeito; 21 a 25, extremamente satisfeito.

▪ **Espiritualidade e desenvolvimento interior**

Atualmente a espiritualidade está muito mais relacionada à um contexto pessoal do que institucional. Trata-se de um conceito amplo que se relaciona tanto com o iminente, pessoal e mais íntimo em si mesmo, como com o total transcendente muito além de si mesmo. Cook identifica treze construtos assentes no conceito da espiritualidade: humanidade, transcendência, significado e propósito de vida, autenticidade e verdade, criatividade, valores, autoconhecimento, consciência e coração, núcleo, força, alma e componente relacional (Cook, 2004 apud GONZÁLEZ-RIVERA et al., 2017). Delaney (2005) a define como um fenômeno multidimensional, experimentado universalmente, que se desenvolve nos sujeitos, numa relação entre o que é socialmente e pessoalmente construído ao longo da vida.

A espiritualidade dos comunitários foi apreciada através da Escala da Espiritualidade (DELANEY, 2005) e a análise fatorial, aplicada com brasileiros⁶⁴, em 2019, resultando similarmente nas três dimensões, encontradas por outros investigadores: a *autodescoberta*, *relacionamentos* e *consciência ecológica/Poder superior* (DELANEY, 2005; EDWARDS, 2012). Possui uma validade de conteúdo de .94 (alfa de Cronbach), com variância moderada de .99 a 3.9 e correlação entre os itens de moderada a forte (.25 a .75) e coeficiente de Pearson de .84 indicando fiabilidade e estabilidade (DELANEY, 2005). Os coeficientes para as três subescalas variaram de 0,81 a 0,94. (DELANEY, 2005)

Neste grupo de comunitários pesquisados, o valor médio obtido foi 113,27 pontos (DP=13,32) e pontuação mínima de 27 e máxima de 132, revelando que dentre os comunitários 10% possuem baixa espiritualidade com potencial para desordens espirituais, 42,5% uma espiritualidade moderada e 47,5% uma elevada espiritualidade., que engloba “a consciência de interconectividade de toda a vida (...) a consciência ecológica” (EDWARDS, 2012, p. 649).

De acordo com as análises, verificou-se maior predominância na primeira dimensão, obtida a partir da análise fatorial da escala, *Consciência ecológica/Poder Superior* (66,7%), cujas práticas espirituais como meditar, orar ou ficar em silêncio, a relação com a consciência interior e com o sentido de conexão superam as barreiras dadas por dogmas de religiões organizadas (modernas ou tradicionais), e coloca a prática pessoal e interior como ponto central no envolvimento com o sagrado e com uma Inteligência ou Poder superior. Um fato

⁶⁴ Para a aplicação dessa escala nesta tese foi realizado o estudo estatístico de validação da escala da espiritualidade. Este estudo pretende-se ser publicado em momento posterior mais oportuno.

que se comprova pela realização de práticas de meditação que foi relatada por grande parte dos inquiridos como uma atividade importante no próprio desenvolvimento interior.

Nas outras duas dimensões resultantes da escala, houve uma incidência de 23,7% em *relacionamentos*, diretamente relacionado com o projeto de vida e o esforço pessoal na valorização de estilos de vida que incluam relacionamentos amorosos com outras pessoas e o respeito e a harmonia para com todas as diversas formas de vida e, 10% na *auto descoberta* onde se incorpora os vários aspectos de um significado pessoal na vida e um propósito.

QUADRO 9 – CATEGORIAS DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Categorias	Práticas na CI	N=258 (respostas)	% das respostas	% comunitários	% dos respondentes
autoconhecimento	Cursos de desenvolvimento interior	8	3,10	8,89	4,3
	terapias	5	1,94	5,56	2,69
conectivas	conversar com amigos	19	7,36	21,11	10,22
	escuta profunda	15	5,81	16,67	8,06
espiritual	entoa mantras	17	6,59	18,89	9,14
	meditação	48	18,60	53,33	25,81
	Retiro Espiritual	14	5,43	15,56	7,53
	rezar	9	3,49	10	4,84
	trabalha voluntariamente	11	4,26	12,22	5,91
fruição corpo e bem-estar	ativ. Física	12	4,65	13,33	6,45
	dança	6	2,33	6,67	3,23
	yoga	12	4,65	13,33	6,45
fruição interior	contemplação	16	6,20	17,78	8,6
	leitura	25	9,69	27,78	13,44
	Relaxamento	7	2,71	7,78	3,76
	visualizações	4	1,55	4,44	2,15
Sociais	agricultura	16	6,20	17,78	8,6
	serviço à sociedade	9	3,49	10	4,84
	Viagens	5	1,94	5,56	2,69

As práticas selecionadas pelos comunitários como mais significativas para o seu desenvolvimento pessoal foram categorizadas em seis categorias conforme os objetivos: **autoconhecimento**, **conectivas**, **espiritual**, de **fruição do corpo e bem-estar**, de **fruição interior** e **sociais**.

Das várias alternativas que poderiam ser selecionadas, destaca-se a opção dos comunitários em privilegiar práticas da categoria **espiritual** (38,4%) e de **fruição interior**

(20%), o que revela uma forte tendência para uma conexão consigo mesmo, em especial para a prática de meditação.

Pode se inferir que a espiritualidade é vivenciada por estes comunitários como algo realmente importante, já que se utilizam de estratégias para coloca-las em prática nos seus cotidianos, com o objetivo de se desenvolver interiormente. As atividades de relacionamento que requerem posturas **conectivas** em relação aos outros como conversar com amigos, ou desenvolver uma escuta profunda; assim como as mais **sociais** e de **fruição corporal e bem-estar** como *dançar* e yoga tem alguma aderência, e as focadas em autoconhecimento como as *terapias* aparecem como pouco relevantes nesse processo.

Faz sentido, considerando a elevada espiritualidade obtidas nos resultados da escala e que, num rol diverso de possibilidades, as atividades colocadas em prática estejam coerentes com o desenvolvimento da espiritualidade.

A prática da meditação é importante nesse grupo de pessoas, embora seja uma prática interna, individual, normalmente acontece em conjunto, caracterizando-se, possivelmente até como um elemento fundante da comunidade, pois também aparece em outros. Roysen (2018) relata que a meditação é uma das práticas que mais foram implementadas nas comunidades que estudou, ainda antes mesmo que elas completassem dois anos da fundação.

AS MOTIVAÇÕES PARA SE INSERIR EM UMA COMUNIDADE INTENCIONAL, IMPACTOS E A IMPORTÂNCIA PERCEBIDA DESSA ESCOLHA DE VIDA

▪ Motivações para a vida em uma comunidade intencional

O conceito de simplicidade voluntária, no senso comum, pode parecer uma espécie de “voto” para se despir de coisas supérfluas. Pode ser coadunado com *aparigraha*⁶⁵, um dos princípios éticos do Yoga que diferentemente de Patanjali⁶⁶, Sarkar sintetiza como “não acumular riquezas nem entregar-se a confortos que sejam supérfluos à manutenção da vida”.) (2008 p.61)

Mardache, 2015 identifica a presença da “simplicidade voluntária” nas comunidades intencionais e, questiona, a noção hierárquica apresentada por Maslow sobre as necessidades

⁶⁵ *Aparigraha* na interpretação de Pátanjali é conhecida como não-possessividade, não-apego pelos sentidos, não-ganância, não apego, não indulgência. Já para Sarkar, *aparigraha* se baseia na ideia de herança cósmica, de sermos guardiões das riquezas do planeta e termos o direito de usar e compartilhar desses recursos para o bem-estar de todos, contrariando a ideia de sermos seus proprietários. (Maheshvarananda 2017)

⁶⁶ Pátanjali é autor do Yoga Sutra, um sistema de aforismos que sistematiza o Yoga Clássico. Os sutras em geral, fazem parte do sistema antigo indiano para registrar e transmitir o conhecimento.

humanas (MARDACHE, 2018). Apoiada em Huneke (2005, p.545 apud MARDACHE, 2018), a autora ressalta que há um ponto, em que os sujeitos superam as deficiências e investem nas necessidades de desenvolvimento, que variam muito entre os sujeitos e se facultam por uma escolha consciente do nível de prosperidade que se quer, que seriam influenciadas por uma gama de questões inatas, e ou culturais e ou ambientais.

Elgin e Mitchell (1977 apud MARDACHE, 2018) revelam que a “simplicidade voluntária” constitui-se de cinco elementos: uma vida não consumista, de simplicidade material; valorização de produtos não industrializados, em uma escala humana; autodeterminação; consciência ambiental; e, autorrealização, no sentido da autenticidade, do crescimento pessoal e espiritual. Elgin (1993) a conceitua como uma maneira de viver que é exteriormente mais simples e interiormente mais rica, um modo de ser no qual nosso eu mais autêntico e vital é posto em contato direto e consciente com a vida (apud MOCELLIN, 2015, p. 80).

Mardache (2018) cita Ballantine e Creery (2009, p. 2) que se apoiam na divisão em duas categorias da autorrealização feitas por Zavesoski (2002 apud MARDACHE, 2018): o da eficiência (que pode ser satisfeita pelo ato de consumir) e da autenticidade (que não pode ser satisfeita pelo ato de consumir), argumentando que apesar de ser uma necessidade universal, a forma de se alcançar a autorrealização depende de determinantes pessoais, culturais e/ou situacionais. Neste sentido, a simplicidade voluntária, presente nos comunitários, se constituiria pela necessidade de autenticidade (MARDACHE, 2018), uma escolha subjetiva que nasce do anseio autêntico por autorrealização nesses sujeitos, não podendo ser imposta por ninguém, diferenciando-se do enquadramento das necessidades dado por Maslow, pois que a “simplicidade voluntária” se liga diretamente à autorrealização, no topo, independente de se ter alçado os degraus anteriores da pirâmide, como acreditava Maslow (MARDACHE, 2018).

Assim como Lockyer et al (2011) e Mardache (2018) investigamos os diferentes motivos que levaram os indivíduos a ousarem viver numa comunidade intencional, os dados desta análise revelam que, dentre os principais motivos, descortinados através de uma análise de conteúdo das respostas abertas obtidas no inquérito, encontram-se a **promoção da sustentabilidade, a promoção do desenvolvimento dos outros, ligação à natureza, desenvolvimento pessoal, relação interpessoal, sentimento de pertencimento, busca por um sentido**, entre outros.

QUADRO 10- MOTIVOS PARA VIVER EM CI - FASE EXTENSIVA DO ESTUDO (N_{RESP.}=158)

Categorias	Subcategorias - inquérito	N=152	%	Subcategorias - entrevistas N=6
PROMOÇÃO DA SUSTENTABILIDADE	Viver de forma sustentável	46	11,6	Outro modo de vida é possível
	Mostrar outra forma de viver e relacionar com recursos naturais	42	10,6	
	Diminuir os impactos ambientais gerados por mim	30	7,6	Melhorar a sociedade
	Trabalhar para um mundo melhor	48	12,1	Melhorar a vida das pessoas
	Aprender tecnologias sustentáveis	25	6,3	
PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DOS OUTROS				Desenvolver (nos outros) a parte mais profunda do Ser
LIGAÇÃO À NATUREZA	Estar perto da natureza	40	10,1	Maior contato com a natureza
DESENVOLVIMENTO PESSOAL	Se desenvolver espiritualmente	34	8,6	
	Me tornar uma pessoa melhor	29	7,3	
	Ter paz interior	19	4,8	
	Se alimentar melhor	13	3,3	
PERTENCIMENTO	Se sentir parte de um grupo	30	7,6	Sentimento de não estar sozinho
				Sentido de família
				Cola espiritual
				A união de esforços
RELAÇÃO INTERPESSOAL	Viver longe da família	3	0,8	
	Ter mais amigos	7	1,8	
BUSCA POR UM SENTIDO	Experimentar, por um tempo, novas experiências	23	5,8	
OUTROS	Outros motivos	8	2,0	

A **promoção da sustentabilidade** (48%) cuja ênfase se destaca por *trabalhar para um mundo melhor* revelando o sonho e a necessidade de estabelecer uma outra sociedade, melhorar a vida das pessoas, *viver de forma sustentável*, *se relacionar com a natureza e com os recursos naturais*, *diminuir os impactos gerados por mim*, e *aprender tecnologias de desenvolvimento sustentável* como bioconstrução, cultivo de alimentos, geração de energia renovável etc.

Ainda neste quesito, ir viver na comunidade foi motivado por comprovar que um “outro modo de vida é possível” parece confirmar que o conjunto de práticas que os comunitários vivenciam, possui o componente utópico para estabelecer novas formas de viver ecologicamente em sociedade (LOCKYER et al., 2011; BOSSY, 2014), não só como experimentos de pequena escala, mas como influenciador de outros modelos, na perspectiva

sinérgica trazida para a Educação Ambiental por Guimarães de que $1+1>2$ (GUIMARÃES; MEDEIROS, 2016).

Outro destaque se refere à ideia de trabalhar para um mundo melhor e de melhorar a vida das pessoas, contradizendo as observações de Mardache (2016), quanto à inexistência da vontade de ajudar os outros como impulso inicial na fundação de uma comunidade.

Mardache (2016) até admite que esses elementos podem estar presentes de forma secundária, entretanto levanta a suspeita de que seus integrantes poderiam sentir que possuem um jeito melhor de viver a ser seguido pelas pessoas que são de fora (da comunidade), velando um egocentrismo. Entretanto, esta não só é uma perspectiva que não aparece em nenhuma das categorias ou afirmações identificadas neste estudo, como ainda é oposta à categoria de **promoção do desenvolvimento dos outros**, em que está explícita a intencionalidade de propiciar experiências aos outros para que *desenvolvam a parte mais profunda do Ser*, por meio de retiros e eventos.

A **ligação à natureza**, como se poderia imaginar, é uma categoria que se materializa pela necessidade de viver em maior proximidade com a natureza, com a harmonia e bem-estar que proporciona, conectando com o conceito de “buen vivir” (CHAVES et al., 2018). Os resultados obtidos em outros estudos em que o ambiente natural foi determinante na decisão de mudança (BAYULKEN; HUISINGH, 2015).

O **desenvolvimento pessoal**, é outra categoria que levou os comunitários a irem viver na comunidade intencional, também encontrado por LOCKYER et al (2011) e que nesta investigação aparece (BAYULKEN; HUISINGH, 2015) em duas facetas, uma mais pragmática no sentido do autocuidado, em se alimentar melhor; e outra, no sentido da interioridade como se desenvolver espiritualmente, ter paz interior e se tornar uma pessoa melhor.

Outras subcategorias demonstram que os principais impulsionadores para a vida comunitária foram desencadeados pela necessidade de **pertencimento**, manifestados no sentimento de não estar sozinho, de unir esforços para propósito(s) comum(s) e no sentido de família, onde se percebe que a intenção espiritual, relacionada com a cola espiritual (da Ananda Marga) foi um forte atrativo.

Questões de **relacionamento interpessoal** também foram mobilizadoras da mudança para os comunitários e aparecem em dois polos, um que agrega, como ter mais amigos, e outro que distancia, pois foi mobilizado para que se pudesse viver longe da família, corroborando outros estudos em que a amizade é importante (BAYULKEN; HUISINGH, 2015).

Como última categoria, a instigante possibilidade de experimentar pelo menos por algum tempo, novas experiências, se mostrou como uma outra temática propulsora, de vida comunitária, reforçando a busca por um sentido, por meio da autenticidade, e corroborando a subdivisão na autorrealização de Maslow feita por Zavestoski (2002, apud MARDACHE, 2018).

Dentre os vários motivos relatados, o conjunto de subcategorias presentes na **promoção do desenvolvimento sustentável** tem bastante relevância, o que nos faz refletir acerca da vida em uma comunidade intencional como proposta radical de transformação de visão de mundo, onde pessoas migraram do sistema hegemônico, individualista e egocêntrico, e adotaram em seus cotidianos práticas em sintonia com os cinco elementos apontados por Elgin e Mitchell (1977 apud MARDACHE, 2018): simplicidade material, escala humana, autodeterminação, consciência ambiental e crescimento pessoal; de “simplicidade voluntária” (MOCELLIN, 2015, p. 80).

No âmbito do desenvolvimento pessoal, é importante evocar mais uma vez a presença da “simplicidade voluntária” como um conceito presente nos comunitários, em seus processos pessoais e, com efeito, fundante das comunidades intencionais, por consolidar, via autenticidade (MARDACHE, 2018) na satisfação das necessidades de autorrealização (MARDACHE, 2018).

Os resultados quanto às motivações dos comunitários demonstram que estes sujeitos tem maior foco em questões que afetam a todos, e se traduz em propósitos que se aglutinam na “cola” da comunidade composta pelos elementos promotores de uma vida mais sustentável e em sinergia com o desenvolvimento pessoal e dos outros.

Além do mais, o enfoque em trabalhar para um mundo melhor e para o desenvolvimento dos outros contesta uma suposição política corrente, de que as comunidades intencionais, seriam centradas em si mesmas, num ilusório isolamento, indiferentes ao que acontece à sociedade.

Nepomuceno (2015) discorre sobre a crítica feita por vertentes que sustentam a importância política, para a transformação da realidade, emancipação, feita a movimentos de Nova Era, ao qual as comunidades intencionais também se filiam, por serem tachados como movimentos narcisistas e egocentros, que Lacroix, (2000 apud NEPOMUCENO (2015) denominou de “umbiguismo”.

Entretanto, como vimos, uma comunidade está repleta de intencionalidades, de cooperação, pertencimento, conexão consigo mesmo, com os outros e com a natureza, com a sociedade, com a busca de sentido e com a promoção da sustentabilidade e do bem de todos, mostrando que o suposto “umbiguismo” não foi revelado.

Na realidade, muitos desconhecem a materialidade que estes movimentos neo-esotéricos (idem) trouxeram para a maior consciência ambiental e cuja consciência de proteção e respeito ao meio ambiente do ambientalismo, é, de certa forma e em certa medida, devedora à cultura da Nova Era (NEPOMUCENO, 2015, p. 58).

Diante dos dados encontrados, é possível refutar as críticas e rotacionar as comunidades intencionais do eixo do desenvolvimento individual, narcisista para o eixo do ecocentrismo, do desenvolvimento planetário.

- **Impactos percebidos da mudança de vida decorrente de ingressar numa CI**

Importa compreender, por outro lado, como é que pessoas que alteraram radicalmente o seu estilo de vida, ingressando numa CI, perspectivam atualmente essa mudança. Como a vida em uma comunidade intencional influencia/influenciou a sua vida? Quanto significativa tem sido para eles essa experiência? Em que aspectos morar em uma CI impactou/transformou as suas vidas? E a que fatores ou causas atribuem esses impactos?

Estas questões surgiram no sentido de dar voz às perspectivas dos sujeitos e complementar aspectos averiguados noutras pesquisas, como a satisfação das pessoas com a vida na comunidade e o quanto eram positivas as mudanças percebidas (GRINDE et al., 2018); a comparação da satisfação com sua vida doméstica e de vizinhança em relação à vida convencional e se é forte o senso comunitário (BAYULKEN; HUISINGH, 2015): os benefícios e dificuldades que experimentaram com esse tipo de vida (LOCKYER et al., 2011); os distúrbios enfrentados (FLEISCHMAN et al., 2010) e se essa seria uma vida boa, um “buen vivir” (CHAVES et al., 2018).

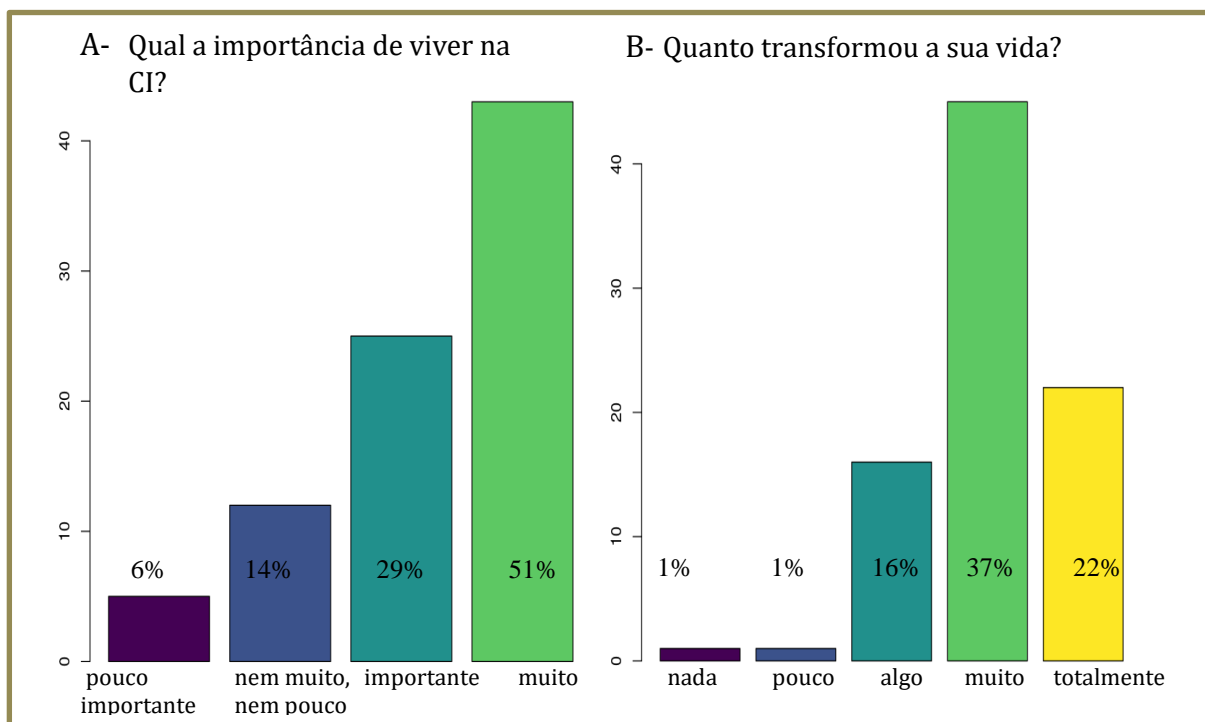


FIGURA 13A, 13B – PERCEPÇÃO DOS MORADORES ACERCA DA IMPORTÂNCIA E DOS IMPACTOS DE LÁ VIVEREM (N=77)

Seis em cada dez inquiridos consideraram que a experiência de viver comunitariamente impactou profundamente a sua vida (totalmente ou muito), conforme pode ser visto na Figura 13b, atribuindo uma importância muito importante (51%) ou grande (29%) a essa mudança (Figura 13a).

Para se aproximar de uma medida que pudesse estimar a transformação vivenciada pelos comunitários, utilizou-se a escala *Backpacker's Personal Development – BPD* (CHEN; BAO; HUANG, 2014; CHEN; HUANG, 2017), pelo fato dela avaliar apenas as transformações experimentadas pelos sujeitos que tenham sido significativas.

Em termos do desenvolvimento interior dos comunitários a escala BPD, avaliava a transformação vivenciada em quatro dimensões: capacidade, emoções, habilidades e autoconsciência. Os resultados mostram que a avaliação que estes comunitários fazem acerca do seu desenvolvimento pessoal é maior do que a que os indivíduos ocidentais que viajam por um ano com mochila pelo mundo em busca de experiências ($M=76,4\%$) (CHEN; HUANG, 2017). A pontuação global média dos comunitários foi de $79,6\%$ ($DP=6,11$; $n=71$), com pouco mais de 50% dos comunitários situados acima dessa média. Nas subescalas, a experiência de

viver em uma comunidade, resultou na maior incidência no desenvolvimento: das capacidades (88,4%), da autoconsciência (80%), das habilidades (80%) e das emoções (76%).

Os tipos de impactos relatados pelos comunitários com o fato de terem ido viver numa comunidade intencional foi categorizado em uma orientação direcionada **para o coletivo** quando as influências eram sentidas neste âmbito e **para o indivíduo** quando os comunitários puderam perceber as mudanças em si mesmos.

QUADRO 12 – IMPACTOS PERCEBIDOS DE VIVER EM CI EXPRESSOS NA FASE EXTENSIVA DO ESTUDO: SUBCATEGORIAS (N_{RESP.}=79)

ORIENTAÇÃO	Tipos de impactos ou aspectos em que percebe a sua transformação por viver em CI (n. respostas=273)		n	%
PARA O COLECTIVO	Legitimação da viabilidade de um modelo social alternativo	formas de intervenção no mundo	15	5,88
		alternativas viáveis ao paradigma dominante	12	4,71
		práticas cotidianas	5	1,96
		uma alternativa de vida que não se adequa a todos	4	1,57
		modos de vida mais sustentáveis	9	3,53
	Socialização a uma práxis cooperativa	senso de comunidade	28	10,98
		maior proximidade (convivialidade)	8	3,14
		reconexão e partilha como valor nuclear	8	3,14
		comunidade desvirtuada pelo ego	4	1,57
	PARA O INDIVÍDUO	Conexão	com a natureza	8
eu, outros, natureza			6	2,35
eu, outros, inteligência superior			5	1,96
aprendizagem na troca de saberes			5	1,96
Oportunidade de desenvolvimento pessoal		competências sociais (relação com os outros)	23	9,02
		perspectivas múltiplas e expansão da visão de mundo	17	6,67
		espiritualidade	11	4,31
		autoconhecimento	11	4,31
		consciência	16	6,27
		esforço e resiliência pessoal	6	2,35
		desenvolvimento pessoal	11	4,31
		modos de vida mais saudáveis	19	7,45
		compromisso ético e senso de propósito	21	8,24
comunidade esvazia o eu	3	1,18		

Um aspecto sublinhado prende-se com a possibilidade de testar e comprovar no cotidiano e na prática as crenças que os fizeram ir para a CI e comprovar que o que se pensava era viável, que a mudança social seria possível. Assim, 18,5% dos impactos relatados referia-se à validação ou *legitimação de um modelo alternativo*, ao demonstrar no cotidiano, ser

possível promover um modo de vida mais sustentável, que coloca em prática uma viável alternativa ao paradigma dominante.

O futuro da humanidade depende da construção e da mudança para mundos regenerativos. Você não muda as coisas lutando contra os mundos existentes. Você muda as coisas construindo novos mundos que tornam os mundos existentes irrelevantes.⁶⁷ (inquirido 286).

E de forma prática, aprender que é possível para toda humanidade, ter respeito pelo ambiente que vivemos. (inquirido 251),

Além da valorização inegável de um conjunto de impactos considerados decisivos, no coletivo, algumas respostas foram no sentido mais refletido de que esta seria *uma alternativa de vida que não se adequa a todos*. Provavelmente, pela exigência e pelos desafios que se impõem em termos de estruturas materiais e de competências pessoais de empatia e de disposição a se aprofundar a si mesmo.

A *socialização a uma práxis cooperativa* (20%) muito presente no *modus operandi* comunitário foi ressaltada pela reconexão e partilha como valor nuclear o que demonstra a importância atribuída ao facto de estar inserido numa proposta que valoriza o desenvolvimento do senso de comunidade.

Ter consideração e respeito consigo mesmo e com os outros. Somos seres sociais e nosso mundo tem mais informações do que os humanos podem analisar. Portanto, é muito mais eficaz e afetivo trabalhar em grupos⁶⁸ (inquirido 333);

Viver em convívio, com maior proximidade também faz parte dessa práxis cooperativa e permite desenvolver competências relacionais essenciais a formas de vida menos individualistas, onde há troca de saberes, a união de esforços e a intencionalidade em agir em sintonia com os demais.

⁶⁷ Do original "The future of humanity depends on building and moving into regenerative gameworlds; You don't change things by fighting the existing gameworlds. You change things by building new gameworlds that make the existing gameworlds irrelevant." (em tradução livre)

⁶⁸ Do original "Being intentional in life is important because it suggests forethought and an attempt to be considerate and respectful to oneself and others. we are social beings and our world has more information than humans can analyze. Therefore, it is much more effective and affective to work in groups." (em tradução livre)

As pessoas de uma comunidade têm a necessidade de conversar para viver em união. Com isso, desenvolvem uma escuta empática que proporciona uma comunicação amorosa com foco no desenvolvimento coletivo. (inquirido 102).

A autorreflexão aparece em uma forte interrelação com o que acontece na comunidade e como esta pode ter sido desvirtuada em seu propósito pelo ego

Hoje percebo o tamanho do ego e da mente que atrapalham a verdadeira conexão em comunidade. Fomos imaturos e não teria como ser diferente. Foi meu caminho e agradeço por ele, pequenos equívocos se acumularam e inviabilizaram minha vontade de persistir... (inquirido 95);

Outros impactos revelam uma racionalidade menos social e mais focada em si mesmos, **para o indivíduo**, por viverem em CI. Dentre as racionalidades em presença, destaca-se o sentido de *conexão*, em suas várias esferas, como consequência da mudança de vida. Esse senso de conexão (8%) foi percebido em diferentes instâncias, entre os comunitários, com a *natureza*; seja na experiência que ocorre entre o *eu, os outros e a natureza*; ou, ainda, num patamar mais profundo, ao envolver o *eu, os outros e uma inteligência superior*.

As reverberações de um elo conectivo entre o ser humano, a comunidade e a natureza remetem-nos para um dos princípios formativos da “ComVivência Pedagógica”: a postura conectiva, no seu sentido mais abrangente, e expande o elo e a conexão com a natureza ao incluir a dimensão do divino.

Foi interessante desvendar as atribuições dos comunitários acerca das transformações que consideram ter sido produzidas nas suas vidas, destacando o enorme potencial destes contextos, quer ao nível da interioridade de cada um, ao ultrapassarem suas limitações e conflitos ou da sua emancipação. Os relatos demonstram que os comunitários expandiram sua visão de mundo adquirindo múltiplas perspectivas, competências sociais na relação com os outros, capacidade de esforço e resiliência, autoconhecimento, desenvolvimento da consciência, da ética e da espiritualidade, além da prossecução do seu projeto de vida, quer ao nível da promoção da saúde ou da troca de saberes. Por exemplo quando afirmam (tenho)

“ferramentas e mais confiança em mim mesmo”⁶⁹ (inquirido 378) ou (me sinto) “empoderada, desenvolvendo meus potenciais” (inquirido 185);

Assim, a *oportunidade de desenvolvimento pessoal* (57%) facilitada e mesmo reclamada pela vida em CI se apresenta como uma conquista significativa para os comunitários, algo que para eles contribui na forma de se relacionar com a sociedade pois tem promovido a superação de si mesmos, o que também corrobora os achados de Mock et al. (2019) de que os objetivos comuns compartilhados (a intencionalidade e o engajamento) são elementos importantes para o bem-estar subjetivo; e, de Bayulken & Huisingh, (2015), de que os aspectos físicos e sociais do ambiente local (a natureza) são fundamentais na melhor percepção da qualidade de vida das pessoas.

(A comunidade) desenvolve resistência (no) desenvolvimento pessoal e canais abertos para aumentar a compreensão entre humanos e seres vivos do mundo. Quando alguém se entende, ele pode se conectar verdadeiramente com o mundo exterior⁷⁰ (inquirido 327);

Pois juntos temos a oportunidade de nos lapidarmos como seres humanos e fazer muito pelo mundo (inquirido, 129);

(...) Isso exige a vontade de fazer trabalho de sombra pessoal (e outras coisas) de cada membro e isso em parte não é tão divertido, mas vale a pena para o objetivo maior; Se alguém não quiser fazer esse trabalho, então não é uma boa ideia morar em comunidade, mas sim encontrar uma outra forma de contribuir de forma adequada.⁷¹ (inquirido 360).

▪ **Causas atribuídas às mudanças percebidas**

Quando perguntado aos comunitários a que causas atribuem os impactos percebidos, aparecem quatro categorias: **a) conexão; b) desestabilização, conflito socio-cognitivo,**

⁶⁹ Do original “tools and more trust in myself” (em tradução livre)

⁷⁰ Do original “It develops personal development endurance and open channel to grow understanding between humans and living beings of the world. When one understands himself he can only connect truly with outside world.” (em tradução livre)

⁷¹ Do original “(...) This demands the will to do personal shadow work (and other things) from each member and this is partly not so fun, but it is worth it for the greater goal.; If someone does not want to do this work, than it is not a good idea to live in a community, but to find an other way to contribute in an appropriate way.” (em tradução livre)

promoção da reflexão crítica; c) disciplinamento ético; d) participação em processos ou dinâmicas de transformação social.

Ao mesmo tempo que a **conexão** é uma consequência da vida comunitária, ela também aparece como causa em suas várias vertentes. Os comunitários relataram que o fato de poder sentir essa maior ligação com a natureza e consigo mesmo e a experiência que ocorre entre o *eu, outros e natureza*; foi uma razão importante, dada pela convivência e o fato de o grupo possuir propósitos comuns, o que gerou forte sentido de pertencimento.

Outra alavanca das mudanças vivenciadas na comunidade foi a **desestabilização, conflito socio-cognitivo, promoção da reflexão crítica** como promotores do desenvolvimento pessoal, em que as dificuldades enfrentadas no terreno e os desafios de uma vida comunitária, com relacionamentos intensos, possibilitaram o desenvolvimento de ferramentas e capacidades pessoais, pragmáticas e sutis, como o desenvolvimento da consciência, ampliação da visão de mundo e aprofundamento espiritual. Neste sentido, o desenvolvimento pessoal, passou a ser uma conquista pela necessidade de reflexão crítica e superação geradas na desestabilização.

Um inquirido afirma que a vida em comunidade o forçou “a aprender a conviver com outras pessoas de diferentes tipos de personalidade e a superar os desafios interpessoais⁷².” (inquirido 308)

O **disciplinamento ético** é outro motor elencado, pois funciona como suporte oferecido aos membros ao estimular o compromisso ético com as decisões do grupo, o esforço na execução das tarefas cotidianas e a disciplina necessária para realizar práticas que permitiram “mergulhar na vida espiritual⁷³” (inquirido 308), um ponto forte como fonte de inspiração e estímulo para o “despertar espiritual” (inquirido 327) e a “meditação” (inquiridos 304, 307), “inspirando e catalisando minha evolução espiritual⁷⁴” (inquirido 280).

Por outro lado, a existência de muitas regras ou disciplinas pode gerar uma alienação, em que o sujeito sente perder a sua identidade por um distanciamento da sociedade

(...) realmente me separou da sociedade mais do que eu queria. Tem sido uma luta para criar meus filhos em alguns casos. A visão permanece, mas a

⁷² Do original “forcing me to learn how to live with others of different personality types and overcome interpersonal challenges.” (em tradução livre)

⁷³ Do original “deepening my spiritual life” (em tradução livre)

⁷⁴ Do original “Inspiring and catalysing my spiritual evolution” (em tradução livre)

realidade parece tão longe. O que é frustrante e às vezes difícil de continuar.⁷⁵
(inquirido 355).

Uma última causa observada foi a **participação em processos ou dinâmicas de transformação social** (intencionalidade transformadora) como raiz de novas práticas cotidianas e de intervir e se relacionar com o mundo, permitindo agir com empatia e se colocar no lugar do outro.

As pessoas de uma comunidade têm a necessidade de conversar para viver em união. Com isso, desenvolvem uma escuta empática que proporciona uma comunicação amorosa com foco no desenvolvimento coletivo. (inquirido 102).

Em síntese, reconhece-se que a vivência de estar em grupo, unindo esforços para superar desafios, se aprimorar como seres humanos, muitas vezes situados em locais inóspitos e com o mínimo de recursos, propiciou mudanças relevantes na vida dos participantes do estudo, alterando suas perspectivas sobre o mundo.

Esses resultados demonstram que viver em uma comunidade intencional parece realmente ter bastante impacto na transformação nos sujeitos, em diferentes âmbitos, inclusive do ponto de vista da mudança interior, como visto anteriormente, o que sugere, por inferência, a presença de mudança (ou desenvolvimento) da consciência.

Este dado associado ao fato de que, este indivíduo morador da comunidade intencional, optou por um modo de vida coletivo, solidário, em conexão consigo, com os outros, com a natureza e o divino, nos ajuda a refletir que esse tipo de atitude, que agrega uma *intencionalidade transformadora* e uma *postura conectiva*, pode ser algo importante a ser mais aprofundado nos trabalhos de Educação Ambiental, no sentido de ampliar e incluir, reflexões para além das críticas, que também considerem o fruir interior, a meditação, os princípios da simplicidade voluntária em termos de coerência com a qualidade de vida e bem-estar em harmonia com a vida que emana também dos outros seres e de Gaia e o desenvolvimento do sentimento de conexão, a partir das relações com outras cosmovisões e pela autoconsciência.

⁷⁵ Do original “If has actually separated me from society more than I wanted. It has been a struggle to raise my children in some cases. The vision remains but the reality seems so far. Which is frustrating and sometimes hard to continue.” (em tradução livre)

O encontro com a vida natural, em conjunto com outros seres de semelhantes propósitos, ambientais, sociais e espirituais, torna a vida cotidiana de uma comunidade intencional, uma *experiência significativa*⁷⁶ propiciando a conexão nos vários níveis percebidos, que gera maior bem-estar e pertencimento, corroborando os achados de Kamitsis e Francis (2013) de que a ligação e conexão com a natureza se relacionam diretamente com a espiritualidade e o bem-estar, sendo que o bem-estar que essa conexão propicia, está significativamente mediado pela espiritualidade.

A *desestabilização*, encontrada na investigação como propulsora de transformação pessoal e social, reforça o papel que as comunidades intencionais têm em termos de propiciar uma reflexão e crescimento do indivíduo ao mesmo tempo em que estes buscam criar formas inéditas de se relacionar com a natureza enquanto inauguram práticas, que se direcionam para consolidar utopias. Por isso, podem se relacionar com a *desestabilização criativa*⁷⁷ presente na proposição da ComVivência Pedagógica. Em muitas afirmações verificou-se que os moradores denotam seus processos transformadores pela percepção e respeito à diversidade humana, de ideias ou das variadas perspectivas, o que requer dialogicidade e amorosidade.

O pertencimento, gerado no sentimento de estar conectado é um fator presente e catalisador nas diferentes situações de uma comunidade intencional, pois é gerador de cooperação e sentido de comunidade; quando os comunitários apontam que a experiência na comunidade os tem permitido realizar processos de transformação em diversos níveis, calcados em novas formas de intervenção no mundo; baseadas na promoção de modos de vida sustentável e de outros modelos nas práticas cotidianas (conjuntas).

Algo bastante relevante para aprendermos a nos relacionar com os outros seres vivos e crucial para nos sentirmos, sermos seres humanos integrantes e integrados na natureza, um fundamento essencial, que muitos povos tradicionais como os indígenas, possuem epistemologicamente⁷⁸, arraigado em suas visões de mundo, vivenciam e expressam na sua relação simbiótica e estreita com a natureza.

Podemos cogitar se seriam estes aspectos a serem contemplados por educadores que pretendam criar proposições educativas efetivas, que considere os seres humanos de forma

⁷⁶ *Experiência significativa* é um conceito que permeia os princípios formativos que estruturam a proposta da ComVivência Pedagógica

⁷⁷ A *desestabilização criativa* é um dos cinco princípios formativos da ComVivência Pedagógica. Ver mais em (Guimarães e Granier 2017; Guimarães 2018; Guimarães et al 2020; Faria 2021).

⁷⁸ Ver mais em Guimarães e Medeiros, (2016); Granier, (2017); Krenak, (2019, 2020)

integral (e todos os outros seres), em suas diferentes perspectivas (material, social, emocional, espiritual).

Esta reflexão se coloca porque os dados demonstram que as pessoas que vivem em comunidade estão em busca de colocar em prática outros modelos de vida, mesmo que utópicos e desafiadores, contudo, vivem em relação direta com a natureza e seus recursos⁷⁹, o que alimenta a convicção de estarem agindo em coerência num cotidiano que busca romper com as estruturas de consumo (e conforto) do modelo convencional capitalista. Ao mesmo tempo, estes sujeitos, se sentem bastante satisfeitos com a própria vida, o que garante bem estar e a sensação que a decisão anterior de optar por uma vida comunitária foi importante e assertiva.

A possibilidade de se desenvolver interiormente também é uma premissa significativa e que provavelmente ajuda a sustentar a continuidade da escolha feita, ao reconhecerem desde as suas motivações iniciais, os benefícios que essa escolha lhes tem propiciado.

Nos parece que os aspectos que foram levantados são muito interessantes para serem melhor explorados numa proposta formativa para a Educação Ambiental, que colabore em aprofundar a discussão e planejamento educativo de envolvimento dos seres humanos para atuar na superação desse sistema que nos devora e poderiam ser aproveitados ao se conceber um outro modelo de se estar no mundo, que contemple a regeneração (em seu amplo sentido) e a sustentabilidade. Como vimos, o desenvolvimento das dimensões da interioridade tem um papel importante nas comunidades intencionais e como alguns estudiosos tem indicado, pode ter relações íntimas com a sustentabilidade (O'BRIEN; WOLF, 2010; WAMSLER; BRINK, 2018a). Assim como a conexão espiritual, emocional, interrelacional e com o ambiente são suportadas nos grupos de comunitários juntamente com a adoção de práticas sociais sustentáveis, tornando esses locais com grande potencialidade de vivenciar experiências significativas de práxis colaborando na desestabilização das estruturas que nos prendem à armadilha paradigmática (GUIMARÃES, 2004).

⁷⁹ Todos estes pontos remontam à concepção de uma experiência significativa, um pré-requisito no planejamento do processo educativo da ComVivência Pedagógica em que se cria “um ambiente educativo intencional para formar educadores ambientais, numa perspectiva mais radical, a partir de outras epistemologias. Constitui-se de reflexão com imersão (práxis – ação e reflexão) com a finalidade de transformar e ser transformado, se tornar um Educador mais Ambiental” (FARIA, 2021, p.84). Para saber mais, ver Granier, (2015, 2017); Guimarães e Medeiros, (2016); Guimarães e Granier,(2017b, 2017b); Cruz, (2019); Guimarães; Granier; Klein, (2020); Faria, (2021).

3.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, J. Assessing Success in High-Turnover Communities: Communes as Temporary Sites of Learning and Transmission of Values. **Journal for the Study of Radicalism**, v. 6, n. 1, p. 35–57, 2012. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/journal_for_the_study_of_radicalism/v006/6.1.aguilar.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.

ALBUQUERQUE, F. J. B. de; SOUSA, F. M. de; MARTINS, C. R. Validação das escalas de satisfação com a vida e afetos para idosos rurais. **PSICO**, v. 41, n. 1, p. 85–92, mar. 2010.

ANANDA KALYANI, M. U. **Acerca | Ananda Kalyani Master Unit**. Disponível em: <<https://anandakalyani.org/pt-pt/acerca/>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

ARRUDA, B. M. **O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo**. 2018. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2018. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1133>>. Acesso em: 29 set. 2020.

BAYULKEN, B.; HUISINGH, D. Perceived ‘Quality of Life’ in Eco-Developments and in Conventional Residential Settings: An Explorative Study. **Journal of Cleaner Production**, v. 98, p. 253–262, jul. 2015. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0959652614011688>>. Acesso em: 9 fev. 2020.

BORELLI, F. C. **Consumo responsável sob a perspectiva prático-teórica: Um estudo etnográfico em uma ecovila**. 2014. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/41/teses/813514.pdf>>.

BOSSY, S. The utopias of political consumerism: The search of alternatives to mass consumption. **Journal of Consumer Culture**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 179–198, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1469540514526238>

BRINK, E.; WAMSLER, C. Citizen engagement in climate adaptation surveyed: The role of values, worldviews, gender and place. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 209, p. 1342–1353, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.10.164>

BRITTO, A. L. R. de. **Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo**. 116 f. 2018. MESTRE EM ARQUITETURA - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.34301>. Acesso em: 21 jul. 2020.

CARVALHO, F. F. de. **Eros e comunidade: uma investigação etnográfica sobre o amor livre como ordem social confluyente na ecovila de Tamera em Portugal**. 2016. UFRJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2016_MEST_Filipe_Freitas_de_Carvalho.pdf>.

CASEY, K.; LICHROU, M.; O’MALLEY, L. Unveiling Everyday Reflexivity Tactics in a Sustainable Community. **Journal of Macromarketing**, v. 37, n. 3, p. 227–239, set. 2017.

Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0276146716674051>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

CHAVES, M. et al. Radical Ruralities in Practice: Negotiating Buen Vivir in a Colombian Network of Sustainability. **Journal of Rural Studies**, v. 59, p. 153–162, abr. 2018. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0743016717301250>>.

CHEN, G.; BAO, J.; HUANG, S. (Sam). Developing a Scale to Measure Backpackers' Personal Development. **Journal of Travel Research**, v. 53, n. 4, p. 522–536, jul. 2014. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0047287513500392>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

CHEN, G.; HUANG, S. Toward a theory of backpacker personal development: Cross-cultural validation of the BPD scale. **Tourism Management**, v. 59, 30 abr. 2017.

CONCEIÇÃO, T. A. P. **Intentional Communities in Portugal: Effects on Social Capital Development**. 2017. Universidade de Aveiro, Portugal, 2017. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/c2f1/ee56319e3874a2b9058df890121a9137e47c.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. [s. l.], p. 23, 2018.

CRUZ, E. **Pedagogia Decolonial do Santo Daime: referências à psicoativação em ambientes educativos**. 2019. Tese de doutorado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2019.

CUNNINGHAM, P. A.; WEARING, S. L. Does consensus work? A case study of the Cloughjordan ecovillage, Ireland. **Cosmopolitan Civil Societies: An Interdisciplinary Journal**, [s. l.], v. 5, n. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5130/ccs.v5i2.3283>. Acesso em: 29 ago. 2019.

DALY, M. Quantifying the environmental impact of ecovillages and co-housing communities: a systematic literature review. **Local Environment**, v. 22, n. 11, p. 1358–1377, 2 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13549839.2017.1348342>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

DE WITT, A. Worldviews and the Transformation to Sustainable Societies. An Exploration of the Cultural and Psychological Dimensions of Our Global Environmental Challenges. 2013. Disponível em: <<http://rgdoi.net/10.13140/RG.2.1.4492.8406>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

DE WITT, A. Climate change and the clash of worldviews: an exploration of how to move forward in a polarized debate: with Mike Hulme, “(Still) Disagreeing about Climate Change: Which Way Forward?”; Annick de Witt, “Climate Change and the Clash of Worldviews: An Explo. **Zygon**®, v. 50, n. 4, p. 906–921, dez. 2015. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/zygo.12226>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

DE WITT, A. et al. A New Tool to Map the Major Worldviews in the Netherlands and USA, and Explore How They Relate to Climate Change. **Environmental Science & Policy**, v. 63, p. 101–112, set. 2016. Disponível em:

<<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1462901116301794>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

DELANEY, C. The Spirituality Scale: Development and Psychometric Testing of a Holistic Instrument to Assess the Human Spiritual Dimension. **Journal of Holistic Nursing**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 145–167, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0898010105276180>

DIAS, M. A. *et al.* Os sentidos e a relevância das ecovilas: na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 79–96, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017>

DIENER, E. *et al.* The Satisfaction with Life Scale. **Journal of Personality Assessment**, v. 49, n. 1, p. 71–75, fev. 1985. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327752jpa4901_13>. Acesso em: 29 jan. 2020.

EDWARDS, A. *et al.* The understanding of spirituality and the potential role of spiritual care in end-of-life and palliative care: a meta-study of qualitative research. **Palliative Medicine**, [s. l.], v. 24, n. 8, p. 753–770, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0269216310375860>

EDWARDS, S. Standardization of a Spirituality Scale with a South African Sample. **Journal of Psychology in Africa**, [s. l.], v. 22, p. 655–659, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14330237.2012.10820581>

EISMAN, L. B.; BRAVO, M. P. C.; PINA, F. H. **Métodos de Investigación em Psicopedagogia**. Madrid: McGraw-Hill, 1998.

ERGAS, C. A Model of Sustainable Living: Collective Identity in an Urban Ecovillage. **Organization & Environment**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 32–54, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1086026609360324>

ERGAS, C.; CLEMENT, M. T. Ecovillages, Restitution, and the Political-Economic Opportunity Structure: An Urban Case Study in Mitigating the Metabolic Rift. **Critical Sociology**, [s. l.], v. 42, n. 7–8, p. 1195–1211, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0896920515569085>

ESTEVES, M. Análise de Conteúdo. *In*: LIMA, J. Á. de; PACHECO, J. A. (org.). **Fazer Investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses**. Porto: Porto Editora, 2006. (Coleção Panorama, v. 6). p. 105–126.

FARIA, J. de S. **Pesquisa-formação em Educação Ambiental on-line: experiências e saberes em rede**. 211 f. 2021. Tese de doutorado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2021.

FIC. **FOUNDATION FOR INTENTIONAL COMMUNITY - Communities Directory - Find Intentional Communities**. [S. l.], 2019. Foundation for Intentional Community (FIC). Disponível em: <https://www.ic.org/directory/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

FLEISCHMAN, F. D. *et al.* Disturbance, Response, and Persistence in Self-Organized Forested Communities: Analysis of Robustness and Resilience in Five Communities in Southern Indiana. **Ecology and Society**, [s. l.], v. 15, n. 4, p. art9, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5751/ES-03512-150409>

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 23^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GEN. **Ecovillages**. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://ecovillage.org/projects/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

GÓMEZ, G. R.; FLORES, J. G.; JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigacion qualitativa**. Madrid: Aljibe, 1996.

GONZÁLEZ; DANS, E. From intentional community to ecovillage: tracing the Rainbow movement in Spain. **GeoJournal**, [s. l.], v. 84, n. 5, p. 1219–1237, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10708-018-9917-9>

GONZÁLEZ-RIVERA, J. A. *et al.* Adaptation and validation of the spirituality scale proposed by delaney in puerto ricans adults. **Revista Electrónica de Psicología Iztacala**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 296–320, 2017.

GRANIER, N. B. **Experiências de “ComVivência Pedagógica” a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais**. 167 f. 2017. - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2017.

GRANIER, N. B. Experiências de “com-vivência pedagógica” como possibilidade de construção de outras epistemologias para formação de educadores ambientais. *In*: EDUCERE - XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, PUCPR. **Formação de professores, complexidade e trabalho docente**. PUCPR: [s. n.], 2015. p. 22903–22912. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21072_11007.pdf

GRINDE, B. An Evolutionary Perspective on the Importance of Community Relations for Quality of Life. **The Scientific World JOURNAL**, [s. l.], v. 9, p. 588–605, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1100/tsw.2009.73>

GRINDE, B. *et al.* Quality of Life in Intentional Communities. **Social Indicators Research**, v. 137, n. 2, p. 625–640, jun. 2018. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-017-1615-3>>. Acesso em: 9 fev. 2020.

GRUNDMANN, M. (org.). **Soziale Gemeinschaften: Experimentierfelder für kollektive Lebensformen**. Berlin: Lit-Verl, 2006. (Individuum und Gesellschaft : Beiträge zur Sozialisations- und Gemeinschaftsforschung, v. 3).

GUIMARÃES, M. **A Formacao de Educadores Ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, M. **Caminhos da educação ambiental: da forma a ação**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

GUIMARÃES, M. Pesquisa e processos formativos de educadores ambientais na radicalidade de uma crise civilizatória. **Pesquisa em Educação Ambiental**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 58–66, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol13.n1.p58-66>

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. **Revista Diálogo Educacional**, [s. l.], v. 17, n. 55, p. 1574–1597, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.17.055.DS06>

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B.; KLEIN, A. L. A “ComVivência Pedagógica” para a formação de educadores ambientais no Caminho de Santiago. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, [s. l.], v. 9, p. 1–12, 2020.

GUIMARÃES, M.; MEDEIROS, H. Q. de. Outras epistemologias em Educação Ambiental: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], p. 50–67, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.5959>

HEDLUND-DE WITT, A. Exploring Worldviews and Their Relationships to Sustainable Lifestyles: Towards a New Conceptual and Methodological Approach. **Ecological Economics**, v. 84, p. 74–83, dez. 2012. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0921800912003710>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

HEDLUND-DE WITT, A. Rethinking Sustainable Development: Considering How Different Worldviews Envision “Development” and “Quality of Life”. **Sustainability**, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 8310–8328, 2014a. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su6118310>

HEDLUND-DE WITT, A. The Integrative Worldview and its Potential for Sustainable Societies. **Worldviews**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 191–229, 2014b. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/15685357-01802009>

HEDLUND-DE WITT, A. The rising culture and worldview of contemporary spirituality: A sociological study of potentials and pitfalls for sustainable development. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 70, n. 6, p. 1057–1065, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2011.01.020>

KAMITSIS, I.; FRANCIS, A. J. P. Spirituality mediates the relationship between engagement with nature and psychological wellbeing. **Journal of Environmental Psychology**, [s. l.], v. 36, p. 136–143, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.07.013>

KASSER, T. **The High Price of Materialism**. Cambridge: The MIT Press, 2002.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. *E-book*.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *E-book*.

LEHAVI, A. How Property Can Create, Maintain, or Destroy Community. **Theoretical Inquiries in Law**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 43–76, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.2202/1565-3404.1208>

LEICHENKO, R.; O'BRIEN, K. Teaching Climate Change in the “Anthropocene”: An Integrative Approach. **Anthropocene**, [s. l.], p. 100241, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ancene.2020.100241>

LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LIEBERMAN, E. S. Nested Analysis as a Mixed-Method Strategy for Comparative Research. **American Political Science Review**, [s. l.], v. 99, n. 3, p. 435–452, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0003055405051762>

LOCKYER, J. Community, commons, and degrowth at Dancing Rabbit Ecovillage. **Journal of Political Ecology**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 519–542, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.2458/v24i1.20890>

LOCKYER, J. *et al.* “We Try to Create the World That We Want”: Intentional Communities Forging Livable Lives in St. Louis. **Center for Social Development Washington University in St. Louis**, [s. l.], v. 11, n. 02, p. 1–23, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7936/K7QN668N>

MAHESHVARANANDA, D. **After capitalism: economic democracy in action**. 2 ed. San German, PR: Innerworld Publications, 2017.

MARDACHE, A. C. Intentional Communities in Romania. Story of Their Beginnings. **Bulletin of the Transilvania University of Brasov.**, Social Sciences. v. 9, n. 2, p. 97–104, 2016. Disponível em:

<<https://web.b.ebscohost.com/abstract?direct=true&profile=ehost&scope=site&authtype=crawler&jrnl=20667701&AN=121252457&h=ptY4%2bEgBjiDq8fci6YtNcB%2bUOCJ4M5nq0XSZxAL5vQ%2fIU%2fPIkBA1QHMDs6G5m0mhHxR4Jyi2nozO%2bIRpACgkig%3d%3d&crl=c&resultNs=AdminWebAuth&resultLocal=ErrCrlNotAuth&crlhashurl=login.aspx%3fdirect%3dtrue%26profile%3dehost%26scope%3dsite%26authtype%3dcrawler%26jrnl%3d20667701%26AN%3d121252457>>. Acesso em: 6 jul. 2019.

MARDACHE, A. C. Intentional Communities in Romania. Precursor Stage of Community Integration. v. 10, n. 2, p. 6, 2017.

MARDACHE, A. C. Intentional Communities in Romania - The Motivation to Live in the Community. **Bulletin of the Transilvania University of Brasov, Social Sciences**. v. 11 (60), n. 2, p. 75–82, 2018. Disponível em: <http://webbut.unitbv.ro/BU2018/Series%20VII/2018/BULETIN%20I/13_Mardache.pdf>.

MEIJERING, L. **Making a place of their own: Rural intentional communities in Northwest Europe**. 2006. [s.n.], 2006. Disponível em:

<[https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own\(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385\).html](https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385).html)>. Acesso em: 17 abr. 2020.

MOCELLIN, A. **Ser humano X Natureza - o dualismo básico do paradigma moderno: um olhar a partir dos novos saberes emergentes**. 101 f. 2015. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/48914/48914_1.PDF

MOCK, M. et al. “Something inside Me Has Been Set in Motion”: Exploring the Psychological Wellbeing of People Engaged in Sustainability Initiatives. **Ecological Economics**, v. 160, p. 1–11, jun. 2019. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0921800918305573>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

MORÃO, R. C. G. **Comunidades intencionais: velhos novos espaços de fuga**. 2017. Universidade Federal de Rondônia, 2017.

NATHAN, L. P. Sustainable Information Practice: An Ethnographic Investigation. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 63, n. 11, p. 2254–2268, nov. 2012. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1002/asi.22726>>. Acesso em: 9 fev. 2020.

NEPOMUCENO, T. C. **Educação ambiental & espiritualidade laica: horizontes de um diálogo iniciático**. 2015. text - Universidade de São Paulo, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.48.2015.tde-01072015-101326>. Acesso em: 1 abr. 2021.

O'BRIEN, K. **The courage to change: adaptation from the inside-out**. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203593882-31>. Acesso em: 8 abr. 2020.

O'BRIEN, K. L.; WOLF, J. A values-based approach to vulnerability and adaptation to climate change. **WIREs Climate Change**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 232–242, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/wcc.30>

OLIVEIRA, F. L. de. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 2, p. 133-143–143, 6 fev. 2015. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.2.03>. Acesso em: 26 mar. 2020.

OLIVEIRA, G. F.; COSTA, J. P. S. P.; RODRIGUES, G. E. A. **Satisfação com a Vida**. [S. l.], s/d. Disponível em: <http://coletanea2008.no.comunidades.net/satisfacao-com-a-vida>. Acesso em: 28 jan. 2020.

PARANHOS, R. et al. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, v. 18, n. 42, p. 384–411, ago. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-45222016000200384&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 3 out. 2020.

PAVOT, W.; DIENER, E. Review of the Satisfaction With Life Scale. **Psychological Assessment**, US, v. 5, n. 2, p. 164–172, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/1040-3590.5.2.164>

REPPOLD, C. *et al.* Escala de Satisfação com a Vida: Evidências de validade e precisão junto de universitários portugueses. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 15–23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/reipe.2019.6.1.4617>

ROYSEN, R. **Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil : o papel das relações sociais e dos elementos das práticas**. 209 f. 2018. Tese de doutorado - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32820>. Acesso em: 1 out. 2020.

RUBIN, Z.; WILLIS, D.; LUDWIG, M. Measuring Success in Intentional Communities: A Critical Evaluation of Commitment and Longevity Theories. **Sociological Spectrum**, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 181–193, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02732173.2019.1645063>

SANTOS JUNIOR, S. J. D. **Zelosamente habitando a terra: ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas**. 2015. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador, BA, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3019636>.

SARGISSON, L. Friends Have All Things in Common: Utopian Property Relations. **The British Journal of Politics and International Relations**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 22–36, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-856X.2009.00391.x>

SARKAR, P. R. **A liberação da mente através do Tantra Yoga**. 4. ed. [S. l.]: Ananda Marga Yoga e Meditação, 2008.

SILVEIRA, P. M. da *et al.* Criação de uma escala de satisfação com a vida por meio da Teoria da Resposta ao Item. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [s. l.], v. 64, n. 4, p. 272–278, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-20850000000089>

SCHETTERT, C. S. S. **Descalço na simplicidade transformadora de uma ecovila: uma reflexão de suas práticas na construção de políticas públicas**. 2016. UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3719002>.

SCHIFFER, S. J. “Glocalized” Utopia, Community-Building, and the Limits of Imagination. **Utopian Studies**, v. 29, n. 1, p. 67–87, 2018. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.5325/utopianstudies.29.1.0067>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

SIQUEIRA, G. D. M. V. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: Novas fronteiras do campo de estudos**. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/96361/310442.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 maio. 2019.

SULLIVAN, E. (Un)Intentional Community: Power and Expert Knowledge in a Sustainable Lifestyle Community*. **Sociological Inquiry**, [s. l.], v. 86, n. 4, p. 540–562, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/soin.12125>

VAN DE GRIFT, E.; VERVOORT, J.; CUPPEN, E. Transition Initiatives as Light Intentional Communities: Uncovering Liminality and Friction. **Sustainability**, v. 9, n. 3, p. 448, 2017. Disponível em: <<http://www.mdpi.com/2071-1050/9/3/448>>. Acesso em: 9 fev. 2020.

VICDAN, H.; HONG, S. Enrollment of space into the network of sustainability. **Marketing Theory**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 169–187, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1470593117732456>

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, [s. l.], v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

WAGNER, F. Ecovillage Research Review. **Realizing Utopia: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches**, n. 8, p. 81–94, 2012.

WAMSLER, C. Mind the gap: The role of mindfulness in adapting to increasing risk and climate change. **Sustainability Science**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 1121–1135, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11625-017-0524-3>

WAMSLER, C.; BRINK, E. Mindsets for Sustainability: Exploring the Link Between Mindfulness and Sustainable Climate Adaptation. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 151, p. 55–61, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2018.04.029>

WITT, A. H.; WITT, N. H. Towards an integral ecology of worldviews: Increasing user-values through understanding worldviews. [s. l.], p. 9, 2017. YIN, R. K. **Estudo de caso**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso**. 2a.ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CAPÍTULO IV – CONTEMPLANDO AS SUBJETIVIDADES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RESUMO

Este estudo procura compreender a percepção e as subjetividades de moradores de comunidade intencional procurando obter uma visão mais panorâmica de como o desenvolvimento pessoal e interior está presente em quem optou por este modo de vida e se tais aspectos se diferenciam ou se assemelham dos dados encontrados em educadores ambientais. Para isso, foi realizado inquérito com educadores ambientais e comunitários, observando indicadores relativos ao nível educacional, a opção alimentar, a satisfação com a vida, a espiritualidade e as práticas utilizadas para o desenvolvimento pessoal. Os resultados apontam semelhanças entre os grupos e são discutidos, tendo como pano de fundo, a ampliação das bases da Educação Ambiental para contemplar aspectos subjetivos e pouco valorizados como fontes de conhecimento.

ABSTRACT

This study seeks to understand the perception and subjectivities of residents of intentional community seeking to obtain a more panoramic view of how personal and inner development is present in those who have chosen this way of life and whether such aspects differ or resemble the data found in environmental educators. To this end, a survey was carried out with environmental educators and community, observing indicators relating to educational level, food choice, life satisfaction, spirituality and practices used for personal development. The results point out similarities between the groups and are discussed, having as background, the broadening of the bases of Environmental Education to contemplate subjective aspects and little valued as sources of knowledge.

INTRODUÇÃO

Muitos estudos demonstram a importância atual de temas como a sustentabilidade, as mudanças climáticas, os impactos ambientais, as novas tecnologias verdes e as repercussões dos estilos da vida humana no planeta. Outras pessoas mais pragmáticas apuraram suas vidas de forma a experimentar na prática como seria viver de uma maneira mais integrada com a natureza, por exemplo. As motivações variam e perpassam por temas como o da qualidade de vida, o da criação de uma alternativa de vida que seja sustentável e saudável, formas para a minimização dos impactos humanos no nosso planeta.

Dessa forma, muitos movimentos mais conectados com a natureza têm surgido e se estabelecido, dos quais permacultura, agrofloresta, consumo sustentável, ecovilas, vegetarianismo, veganismo, são apenas alguns exemplos. Entretanto, apesar de muitos estudos científicos estarem buscando compreender alguns desses movimentos e o quanto ou como essas ações poderiam influenciar a humanidade a viver de uma forma mais sustentável, ainda são poucas as pesquisas que se debruçam no aspecto subjetivo do ser humano em termos de como o desenvolvimento interior ou a consciência seriam (ou não) diferenciais significativos para uma vida regenerativa e equilibrada de todos os seres.

Se por um lado, a ciência se desenvolve, especialmente no que se refere ao ambiente externo, ao avanço tecnológico que busca alternativas⁸⁰ para os desafios do nosso tempo como as mudanças climáticas; a dimensão interior do ser humano tem sido pouco relacionada como qualificada na superação das crises da humanidade, em especial da crise ecológica (WOIWODE, 2016).

Alguns estudos associam os estilos de vida e as atitudes individuais como essenciais para gerar uma sociedade sustentável (DE WITT, 2015; HEDLUND-DE WITT, 2012), mas as atitudes ambientais não tem se desenvolvido nesse sentido e a possibilidade de viver num mundo sustentável está bem longe e pelo curso atual aparenta estar cada dia mais inalcançável.

Por um lado, os comportamentos e atitudes, são influenciados pelo modelo da sociedade em que estamos, mas também são, em grande medida, determinados pela subjetividade dos indivíduos que se desenvolvem em conjunto na relação entre o *modus*

⁸⁰ A geoengenharia pode vir a desenvolver implementos que reflitam a luz solar antes de chegar na Terra ou até mesmo pensar na possibilidade de aumentar as nuvens para “escurecer” o sol por exemplo. (HOGENBOOM, 2013)

da sociedade e o seu papel estruturante, condicionante, das formas de agir no mundo (DE WITT, 2013; ERICSON; KJØNSTAD; BARSTAD, 2014; FISCHER *et al.*, 2017; HEDLUND-DE WITT, 2011; INGLEHART, 1995; WAMSLER *et al.*, 2018; WAMSLER; BRINK, 2018). Fatores como o consumismo, a relação com a natureza, a economia, a política, são em muito consolidadas no indivíduo a partir dos valores e crenças, ética e visão de mundo que se desenvolveram em seus percursos de vida e em consonância com a estrutura que está dada pelo atual paradigma.

O senso comum demonstra que há alguma distância ao considerarmos a mudança pessoal e a mudança social. A primeira está mais diretamente relacionada ao desenvolvimento subjetivo, psicológico ou espiritual, sendo a segunda, mais inerente às ações no mundo e delineadas por uma consciência política. (WOIWODE, 2016).

Ao observarmos as duas vertentes, pessoal e social, é comum que estejam posicionadas em lados dicotômicos e até antagônicos. De um lado, estão as nossas emoções, nossas visões de mundo, nosso sentir, a estética ou a intuição; e de outro, o desenvolvimento científico, as expressões culturais, as decisões políticas, ou o agir no mundo; como se ambas não coexistissem no ser humano integral, mesmo que de maneiras imperceptíveis ou inconscientes.

Alguns autores, Ken Wilber por exemplo, identificaram a ausência da interioridade e da espiritualidade na sociedade atual (HEDLUND-DE WITT, 2014b) e como isso se reflete na concepção de mundo moderna em uma visão de ciência puramente materialista (TARNAS, 2009).

A partir dessa crítica, conceber uma forma de viver em sociedade sob outro paradigma é um desafio da humanidade que perpassa desde a ciência às escolhas dos indivíduos e os direciona a outras possibilidades de se relacionar no mundo. Nesta linha, a escolha por viver uma vida que seja sustentável, em uma comunidade intencional, pode ser considerada um caminho profícuo que concilia mudança pessoal e coletiva, por outras formas de fazer (ou de ser) mesmo que em pequena escala.

Conforme vimos anteriormente, as comunidades intencionais têm se constituído um campo prático de uma vida mais integrada a natureza. Apesar das variações no que diz respeito a organização e motivações que incentivam o agrupamento de determinadas pessoas em comunidades, há o aspecto alternativo em comum, ou seja, de busca por fazer parte de uma outra realidade, onde outro mundo é possível, ou seja, outra forma de viver e se relacionar em sociedade.

Esse tipo de vivência comunitária desestabiliza, pela experiência, os referenciais anteriores do modo de vida dominante, causando, muitas vezes, um choque de realidade e a necessidade de empreender, com reflexão crítica, novas maneiras de ser, estar e agir.

De acordo com os princípios da proposta de ComVivência Pedagógica na Educação Ambiental (FARIA, 2021; GRANIER, 2017; GUIMARÃES; GRANIER; KLEIN, 2020), aqueles que se abrem a esse tipo de oportunidade, de ruptura, mesmo que momentânea com a ordem paradigmática, ao mergulharem em outras lógicas epistemológicas, estariam vivenciando uma “experiência significativa”⁸¹, o que acaba por ocorrer nas comunidades intencionais para o morador ou mesmo para quem faz uma imersão mais curta como visitante. Desde que se pretenda mergulhar numa experiência integrativa, o fato de executar esse deslocamento, possibilitaria novas vivências, num ambiente com outros referenciais e já provocaria o sujeito, o que pode ser resumido em um dos princípios da proposição educativa da ComVivência Pedagógica, o da “intencionalidade transformadora”.

Todos os seres humanos que, de alguma forma, encontram-se conscientemente ou inconscientemente insatisfeitos com o modo de vida da modernidade, podem apresentar um desejo de mudança, de transformação e esse processo pode ser desencadeado a partir de uma “experiência significativa” em uma comunidade intencional (ecovilas, comunidades sustentáveis, tradicionais: indígenas, quilombolas, etc:). Quando vivenciamos com o outro, em comunidade e natureza um modo de vida diferenciado do que estamos acostumados, passamos a estabelecer outras dinâmicas no nosso modo de se relacionar consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o divino. Somente instituindo outra forma de pensamento, no ver, sentir, estar, compreender o mundo (GUIMARÃES; CARTEA, 2020), é possível superar a racionalidade disjuntiva em que a modernidade está estruturada.

Portanto, para se tornar um ser mais sustentável não basta realizar mudanças individuais de comportamento, mas transformar e ser transformado em processos educativos, ou seja, com reflexão e ação, que, se ocorrerem em ambientes comunitários pautado em outras epistemologias, pode ser ainda mais transformador. É a partir dessa

⁸¹ De acordo com a proposta da (Com)vivência Pedagógica, uma “experiência significativa” envolve a imersão em outras epistemologias e está calcada em cinco princípios formativos: reflexão crítica; indignação ética; postura conectiva; desestabilização criativa; intencionalidade transformadora (GUIMARÃES; GRANIER; KLEIN, 2020; GUIMARÃES; GRANIER, 2017; GUIMARÃES; MEDEIROS, 2016)

perspectiva de participação nesse tipo de experiência, com o desenvolvimento de práticas mais radicais de formação, genuínas, que sejam capazes de suscitar mudanças significativas na realidade, que talvez possamos avançar ainda mais além das informações, reflexão crítica, participação-ação e/ou procedimentos consolidados, para que se colha, verdadeiramente, os frutos esperados na Educação Ambiental.

Com o intuito de problematizar essa questão, no próximo item temos como objetivo contextualizar o leitor sobre a concepção teórica de Educação Ambiental que guia tais práticas, além de apresentar e refletir sobre o que vem se delineando como “ComVivência Pedagógica” - uma proposta teórico-metodológica que traz em seu cerne formativo a articulação entre reflexão e imersão, tornando, ao nosso ver, uma comunidade intencional, local e situação propícios na instituição do ambiente educativo que essa experiência formativa demanda e que se potencializa na interrelação dessa outra lógica com as diferentes estratégias e elementos subjetivos próprios dos sujeitos que constituem o grupo comunitário.

SER SUSTENTÁVEL: OS EDUCADORES AMBIENTAIS E OS COMUNITÁRIOS

Na concepção de vários autores (GUIMARÃES, 2004; LOUREIRO, 2003; LOUREIRO *et al.*, 2002; SAUVÉ, 2005), as diferentes abordagens da EA: crítica, popular, conservacionista, ética, socioambiental, mitigadora, sustentável, relacionam-se com uma forma de fazer, de vivenciar e de atuar no meio educativo, caracterizando o “seu pensamento político-pedagógico (CARVALHO, 2004, p. 18).

Existem fortes argumentos sobre a necessidade de se estabelecer a EA sob uma perspectiva crítica, a única que seria capaz de contribuir para o almejado objetivo de transformação da sociedade. (BARCELOS, 2015; GUIMARÃES, 2011; JACOBI, 2005; REIGOTA, 1999; SEGURA, 2001; SORRENTINO, 2000; TRISTÃO, 2005). Contudo, a Educação Ambiental que poderia se colocar como um meio importante para reflexão das práticas desenvolvidas nesse modelo hegemônico tem tido uma práxis, na qual impera, ou uma Educação Ambiental conservadora e pragmática (LAYRARGUES; LIMA, 2011), que focaliza a questão ambiental apenas no indivíduo e no seu comportamento de “cada um faz sua parte” em detrimento de uma visão social, sistêmica e complexa; ou que se concentra na problemática socioambiental, complexa e dialética, mas que desconsidera, aspectos do indivíduo, como sentir, fruir, sonhar, ou apenas Ser. Numa lógica pautada pelo racionalismo cognitivo, que mesmo crítico e emancipatório,

acaba por se alimentar das referências e parâmetros, mesmo que em confronto do modelo hegemônico. O que pode retroalimentar o sistema capitalista neoliberal.

Nesse contexto, o capitalismo engole também a Educação e a Educação Ambiental, que, presas nas amarras desse sistema, reproduz modelos e se apropria do termo sustentável para colorir algumas atividades ou procedimentos pedagógicos que apenas tocam, sem profundidade, a problemática ambiental.

O educador ambiental, formado nesse mesmo modelo como qualquer outro cidadão, conclui sua formação básica em um modelo escolar pautado pelo sistema econômico vigente, em uma educação “bancária”, reprodutora e despolitizada (FREIRE, 1987) que já sabemos ser limitada ao se pensar na transformação necessária rumo a um outro paradigma.

Segundo Isabel Carvalho, a ação do educador ambiental é caracterizada pelo “seu pensamento político-pedagógico” (CARVALHO, 2004a, p. 18) e pela abordagem de EA que sustenta sua ação, ou seja, as várias abordagens da EA: crítica, popular, conservacionista, ética, socioambiental, mitigadora, sustentável (GUIMARÃES, 2004; LOUREIRO, 2003; LOUREIRO *et al.*, 2002; SAUVÉ, 2005) relacionam-se com uma forma de fazer, de vivenciar e de atuar no meio educativo, caracterizando-o. Algo que se reflete no comprometimento do educador e na sua atuação enquanto agente de potencial transformação social.

Isabel Carvalho (2001) classifica a EA em três recortes históricos 1) quando se pretende ser eficaz na tarefa de disseminar conceitos e práticas que deveriam ser incorporadas e difundidas na sociedade (SORRENTINO, 2000); 2) como mitigadora ou minimizadora de problemas ao orientar políticas públicas e políticas de responsabilidade social de empresas, visando minimizar os impactos ambientais das mesmas e, 3) em sua perspectiva crítica, compromissada com a Educação emancipatória (FREIRE, 1987; LIMA, 2009; SEGURA, 2001; SOBRAL, 2014) configurando-se como um poderoso instrumento de superação do velho para o novo paradigma, em uma práxis sintonizada com uma perspectiva ampla da Educação e seus pressupostos críticos.

Entretanto, Mauro Guimarães (2004) aponta que a EA tem se desenvolvido fragilmente do ponto de vista pedagógico, estando pautada em uma EA fragmentada e conservadora, que resulta em práticas ingênuas e pouco eficazes na transformação da realidade ambiental, porque são, na realidade, determinadas pela hegemonia atual.

Guimarães (2011) constata este condicionamento e o denomina de “armadilha paradigmática”, justamente por estar totalmente intrincada no paradigma vigente.

Para o autor, (idem) apenas com um posicionamento político, engajado, crítico e emancipatório se poderia superar o atual paradigma para constituir um referencial crítico e transformador no trabalho dos educadores ambientais, que possa consolidar uma práxis precursora de uma transformação da sociedade, e de um novo paradigma, superando o modelo atual e suas inerentes desigualdades e injustiças, por meio de um processo emancipatório, que se liberte e seja libertador da “armadilha paradigmática” (GUIMARÃES, 2011). e reinvente, outro modelo para o campo social, potente o suficiente para ultrapassar o desequilíbrio civilizatório.

Nesta ótica, o educador ambiental seria uma chave estruturante, um sujeito ativo na construção de outro modo de vida, e, portanto, na efetivação de uma EA crítica, numa ação pedagógica em que as suas visões de mundo e representações sociais se expressam, consolidando significados, aumentando a compreensão dos múltiplos fatores que interferem e interagem na sociedade, ampliando a consciência (no sentido mais amplo) e por conseguinte, a forma de agir, em um mundo que é complexo e não linear.

Mas, como se dá a práxis dos educadores ambientais na transição para esse novo paradigma? Quais elementos são determinantes na atuação coerente entre o ser e o fazer do educador que realmente se efetivam na transição a um novo paradigma?

Não há uma resposta clara ou unívoca de como a EA poderia se configurar, mas sem dúvida que, enquanto seus principais atores e práxis estiverem enredados na “armadilha paradigmática” tenderão a reproduzir o próprio modelo em que se inserem, mesmo que o questionem (GUIMARÃES, 2011; TRISTÃO, 2005). Daí que, a proposta da ComVivência Pedagógica se estabelece como uma proposição fundamentada a partir de uma relação dialógica de convivência (FARIA, 2021; FERREIRA, 2016; GUIMARÃES; GRANIER; KLEIN, 2020; GUIMARÃES; MEDEIROS, 2016) com grupos de outras epistemologias, “ausentes” do sistema (SOUZA SANTOS, 2002), para desencadear a desconstrução paradigmática tão necessária.

A proposta da ComVivência Pedagógica acontece em um ambiente afastado do paradigma disruptivo gerando uma “experiência significativa”, a partir da conectividade empática com novas referências epistemológicas que provoca a conexão consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o divino.

Na “experiência significativa”, o aprendizado é alcançado quando se amplia (ao ver de perto) a vida cotidiana em pequenos grupos da sociedade, cuja diversidade e riqueza seriam ponto de partida à uma antevisão do futuro que se quer,

Cada experiencia significativa reestructura globalmente las experiencias anteriores. Así, el hombre «experimentado» -histórico- que se hace consciente de sí mismo y de su relación con el otro, gana un nuevo horizonte que se debe tener en cuenta en la investigación (ECHEVERRI, 2000, p. 136).

Uma proposta que coaduna com Boaventura Sousa Santos quando propõe substituir a atual (mono)cultura da sociedade humana, base da hegemonia e da sua produção de ausências (SANTOS; 2007), por cinco ecologias: dos saberes, das temporalidades, do reconhecimento, da “transescala” e das produtividades.

Sem dúvida, que dentre os muitos movimentos invisíveis, ausentes ou “não existentes” (SOUZA SANTOS, 2002) situa-se o das comunidades intencionais, comunidades alternativas ou ecovilas, formadas pela iniciativa de pessoas que buscam, no seu dia a dia, escolhas diferentes e se engajam num processo consciente de ações e práticas que considera os ritmos e limites da natureza, também na forma de estar e de se relacionar em sociedade; o que torna este, um grupo de interesse para refletir e (re)planejar a Educação Ambiental.

O caminho explorado nesta pesquisa foi o de confrontar a percepção de aspectos subjetivos das pessoas que se motivaram a ir viver em comunidades intencionais com o de educadores ambientais, visando extrair das possíveis diferenças e semelhanças, entre eles, elementos de reflexão para processos formativos em Educação Ambiental.

Os comunitários buscaram agir, de forma consciente, na transformação do cotidiano de suas próprias vidas no sentido de superar, pelo menos em alguma medida, o modelo hegemônico. Estes moradores direcionaram suas vidas a uma maior conexão com a natureza, em uma vida mais sustentável, transgredindo ativamente a realidade imposta e construíram outra forma de viver, mesmo que “invisível à realidade hegemônica do mundo” (SANTOS, 2007, p.29). Justamente porque os comunitários se distanciaram (inclusive geograficamente) dos alicerces do sistema vigente com seus confortos, consumos e facilidades e se estabeleceram em comunidades situadas em zonas rurais ousando uma nova forma de viver, mais significativa, que consideramos ser importante explorar as características pessoais decorrentes (ou impulsionadoras) desse tipo de vida,

e ajudar a compreender elementos chave que possam ser contemplados para pensar os processos formativos dos educadores ambientais.

Nesse sentido, pretende-se trazer à luz elementos mais subjetivos dos comunitários e dos educadores ambientais, observando como percebem seu bem estar e satisfação com a vida, as escolhas alimentares, a espiritualidade e as práticas que realizam para o seu desenvolvimento pessoal e os propósitos dessas práticas; supondo que é nas subjetividades dos seres humanos que estão os significados e onde se operam, consciente ou inconscientemente, as escolhas, motivações e impulsos que se concretizam, ou não, em um agir, viver e ser mais sustentável.

Afinal, se para vivenciarmos um estilo de vida mais sustentável, quiçá regenerativo⁸², precisamos romper com as raízes históricas e culturais que sustentam o paradigma vigente (Taylor, 1989 apud DE WITT; HEDLUND, 2017), e enveredar por um novo campo (ainda pouco estudado), que contemple relação do desenvolvimento interior e das práticas espirituais dos sujeitos com a superação da crise ambiental.

Neste sentido e considerando que a espiritualidade está relacionada com a autoestima, satisfação com a vida, esperança, propósito de vida, entre outros (Koenig, McCullough & Larson, 2001 apud GONZÁLEZ-RIVERA et al., 2017); justifica explorar aspectos da subjetividade dos educadores ambientais e dos que optaram por viver intencionalmente uma vida em comunidade, para sinalizar novos caminhos a serem percorridos na formação de educadores ambientais que os transformem e possam incentivar a transformação dos educandos.

Um outro objetivo foi o de trazer à luz as estratégias pessoais que essas pessoas aplicam em suas vidas cotidianas para o próprio desenvolvimento interior e se existem disparidades ou semelhanças nestes dois públicos que interagem, cognitiva ou vivencialmente, com princípios de uma vida mais sustentável.

⁸² “O paradigma regenerativo da sustentabilidade reconhece que a humanidade, o desenvolvimento humano, as estruturas sociais e os interesses culturais são parte inerente do ecossistema, fazendo dos humanos participantes influentes da saúde e do destino da rede de sistemas vivos da Terra (...) o desenvolvimento regenerativo é o uso dos recursos para aprimorar a qualidade de vida da sociedade de forma que construa a capacidade de regenerar e manter as condições necessárias para a evolução dos sistemas vivos, humanos ou não.” (TAVARES, 2018, s/p)

SATISFAÇÃO COM A VIDA

No campo da felicidade o governo do Butão, desenvolveu um sistema denominado “Felicidade Interna Bruta” para avaliação da sua sociedade por meio de um conjunto de nove domínios compostas por vários micro indicadores (ANDREWS, 2011a; GRINDE, 2009)

que objetivam mensurar necessidades como: bem-estar psicológico, uso do tempo, vitalidade comunitária, cultura, saúde, educação, diversidade ambiental, padrão de vida e governança. A vitalidade comunitária engloba dimensões da confiança e do pertencimento, o cuidado com as relações, segurança e a propensão à generosidade e à compaixão (GRINDE, 2009).

Na literatura em geral, muitas vezes aparecem confundidos os termos “felicidade”, “satisfação com a vida”, “qualidade de vida” e “bem-estar” por denotarem os mesmos significados. Embora tenham significados próximos e pesquisas que apontam uma alta correlação entre satisfação com a vida e felicidade, o conceito que tem sido mais explorado está no campo do “bem-estar subjetivo”. Ainda assim, felicidade é algo estável, se relaciona com a frequência e o grau de emoções positivas, nível de satisfação durante um período, ausência de sentimentos negativos (ANDREWS, 2011b).

Na sociedade contemporânea, a satisfação com a vida, está diretamente relacionada ao bem-estar. Possui suas origens no Iluminismo que valorizava a vida como foco principal da vida humana. Já no séc. XIX se pautava na crença de que uma boa sociedade possibilitaria a felicidade para todos os seus membros (SILVEIRA *et al.*, 2015).

A satisfação com a vida se baseia em uma perspectiva cognitiva, desenvolvida a partir de um critério próprio de julgamento individual acerca de um conjunto de aspectos da vida relacionados ao trabalho, moradia, saúde, relacionamentos, autonomia, entre outros. Ou seja, um processo de juízo e avaliação geral da própria vida de acordo com um critério próprio que compara as circunstâncias atuais do indivíduo com um padrão por ele mesmo estabelecido. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010)

Na literatura, observa-se que o bem-estar subjetivo tem duas dimensões principais: a afetiva, podendo ser positiva ou negativa (prazer ou desprazer) e cognitiva, que corresponde ao nível de satisfação com a vida. Pavot e Diener (1993) ressaltam que as pessoas tendem a contrapor momentos em que se sentem bem-humoradas com as situações em que se sentem de mau-humor. Ou seja, a satisfação com a vida é dada a partir da experiência do indivíduo, tanto em um aspecto específico da vida, avaliado de forma racional, como pelo juízo geral de sua própria vida.

Pesquisadores tem desenvolvido diversos instrumentos visando medir a satisfação com a vida das populações (OLIVEIRA; COSTA; RODRIGUES, s/d; DIENER et al., 1985; SCORSOLINI-COMI; SANTOS, 2010; REPPOLD et al., 2019) e alguns tem-na referenciado como um componente cognitivo importante do bem estar subjetivo, da felicidade. (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; DAMÁSIO; KOLLER, 2015; SILVEIRA et al., 2015).

Nesta área, existem muitos estudos em vários países do mundo e com vários nichos da população. Ed Diener foi um dos pioneiros na elaboração de um método que permitisse que as pessoas refletissem sobre seu nível de satisfação baseados em parâmetros internos (DIENER *et al.*, 1985). Oliveira e outros (s/d) citam estudos com crianças, idosos, estudantes, migrantes, pacientes e grávidas; desenvolvidos em diversos países com a tradução em vários idiomas como: francês, russo, checo, chinês, árabe, espanhol e português (OLIVEIRA; COSTA; RODRIGUES, s/d).

No Brasil, esse tema tem sido estudado em vários pontos do país, também com diferentes públicos. Entretanto, apesar de toda essa variedade de investigações não são muitos os estudos com a população que vive em zonas rurais (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010), acarretando em um desconhecimento por parte da ciência de como vivem essas populações que tem características próprias.

A dimensão espiritual também é um fator importante para a qualidade de vida, a saúde e o bem-estar (EDWARDS, S., 2012) seja em ambientes educacionais, clínicos ou profissionais. Com o objetivo mensurar de alguma forma a dimensão espiritual. Koenig, McCulloch e Larson (2001 apud GONZÁLEZ-RIVERA et al., 2017), fizeram uma revisão com mais de mil estudos no campo da saúde mental e concluíram que a espiritualidade está relacionada com melhor autoestima, satisfação apoio social, esperança, bem-estar psicológico, otimismo e propósito além de contribuir para decrescer os níveis de ansiedade, solidão, depressão e suicídio.

ESPIRITUALIDADE

No momento de crise atual, há um esforço de alguns pesquisadores, especialmente do Hemisfério Norte, em perceber a convergência entre os aspectos sociais, externos e objetivos, como as crises ambientais e de sustentabilidade da nossa época; com o aspecto interior, da consciência, da subjetividade e da espiritualidade dos indivíduos (ERICSON; KJØNSTAD; BARSTAD, 2014; FISCHER *et al.*, 2017; HEDLUND-DE WITT, 2011,

2013; OLIVEIRA, 2009; SIQUEIRA; PITASSI, 2016a; WAMSLER, 2018; WAMSLER; BRINK, 2018; WOIWODE, 2016).

Estudos apontam uma forte relação da sustentabilidade com a visão de mundo (BENEDIKTER; MOLZ, 2013; DE WITT, 2013, 2015; HEDLUND-DE WITT, 2011, 2012, 2014b), com o bem estar, a qualidade de vida (DE WITT, 2013, 2018; HEDLUND-DE WITT, 2014a), a espiritualidade (HEDLUND-DE WITT, 2013) e a meditação com atenção plena (ERICSON; KJØNSTAD; BARSTAD, 2014; FISCHER *et al.*, 2017; SIQUEIRA; PITASSI, 2016b). Já se faz, inclusive, relações mais diretas não só entre espiritualidade e meditação com a sustentabilidade, como ainda mais especificamente, entre meditação e mudanças climáticas (BRINK; WAMSLER, 2019; WAMSLER, 2018; WAMSLER; BRINK, 2018), compactuando com a importância do desenvolvimento interior como uma chave significativa para ações que minimizem impactos dos seres humanos no ambiente.

O aspecto essencial da espiritualidade é o relacionamento íntimo, pessoal e interno do seu “pequeno eu” com o “Eu maior”, com a sensação maior de propósito (ANDREWS, 2011b), com o que transcende. Essa forte conexão interna com o divino, deslocou a espiritualidade de um contexto que era mais institucional e sediado em estruturas físicas, para um contexto mais íntimo e pessoal, de significado e de propósito na vida. (YI *et al.*, 2006). Essa relação com o divino tem um efeito positivo “nos estados de bem-estar, como altruísmo, amor e perdão, (...) nos relacionamentos consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o ser superior.” (GONZÁLEZ-RIVERA *et al.*, 2017, p.298).

Delaney (2005) “define a “espiritualidade como um fenômeno multidimensional que é experimentado de maneira universal, em parte socialmente construído e desenvolvido individualmente ao longo da vida.” (p. 152), e ainda relaciona com “o conceito de consciência ecológica (...) uma consciência da conexão entre espiritualidade e a preocupação com o meio ambiente (DELANEY, 2005, p.7).

A Escala de Espiritualidade (EE) de Delaney (2005) foi selecionada para fins de medição da espiritualidade e por ter características que identificam aspectos como “crenças, intuições, escolhas de estilo de vida, práticas, e rituais que representam a dimensão espiritual humana”. (DELANEY, 2005, p.2)

4.2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo se enquadra em uma investigação maior que estuda as comunidades intencionais, nomeadamente, seus integrantes, que tem como questão central, identificar aspectos subjetivos do ser humano que podem ser influenciadores na proposição de uma vida sustentável e perceber como estes elementos poderiam ser explorados e se podem contribuir de forma potencial para a efetividade da Educação Ambiental.

Esta é uma pesquisa empírica, de natureza exploratória que se consolidou na aplicação de um itinerário com produção de dados quantitativos, por meio de inquérito por questionário, aplicado a moradores de comunidades intencionais de vários países e a educadores ambientais brasileiros, a partir do significado dados pelos próprios sujeitos às suas experiências, portanto de segunda ordem (ARROZ, 2004).

O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O inquérito por questionário foi criado com a maior parte das perguntas fechadas, de resposta ordinal, forçada ou de escolha múltipla, e perguntas abertas complementares (GÓMEZ; FLORES; JIMÉNEZ, 1996; LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2005). Foram observadas as orientações de Eisman et al (EISMAN; BRAVO; PINA, 1998), para a formulação do questionário.

O inquérito foi aplicado no período de 14 de agosto a 30 de setembro de 2019 pela internet, a partir da disponibilização online do questionário na plataforma Onlinepesquisa⁸³, pela maior facilidade em convidar os sujeitos, pela possibilidade de expandir rapidamente o tamanho da amostra (Creswell, 2009 apud PARANHOS et al., 2016) e pela facilidade na difusão do instrumento de coleta. Foi realizado em português para educadores ambientais e comunitários falantes da língua portuguesa e, em inglês, para demais países.

Antes do início da divulgação da aplicação do questionário online dez pessoas foram convidadas a preencher o questionário e avaliá-lo numa ficha específica disponibilizada contendo perguntas referentes à compreensão dos enunciados ou possíveis obstáculos que pudessem vir a afetar a boa compreensão do objeto de cada questão proposta ou a clareza das perguntas, bem como a quantidade, a linguagem utilizada (EISMAN; BRAVO; PINA, 1998) e o tempo de preenchimento.

⁸³ <https://www.onlinepesquisa.com/>

Após o pré-teste, a maior parte das observações foram consideradas e resultaram num reajuste de enunciados e ainda eliminação de algumas questões por causa da extensão total do objeto. Ainda assim, notou-se no decorrer da aplicação do instrumento, que houve grande dificuldade para preenchimento em função do tempo dispendido, acarretando muitos *missings* especialmente nas questões finais.

i. Instrumentos de produção de dados

As dimensões em análise consideraram o perfil sociográfico dos inquiridos e era composto por idade, gênero, local de nascimento, formação, profissão e o tipo de regime alimentar praticado. Para abordar a subjetividade dos sujeitos foram redigidas questões de múltipla escolha acerca das estratégias de desenvolvimento interior que educadores e comunitários realizam e perguntas abertas, sobre as finalidades dessas práticas. Duas escalas psicométricas também aplicadas, com respostas em escala tipo Lickert: a Escala de Satisfação com a Vida – ESV (DIENER et al., 1985) e a Escala da Espiritualidade – EE (DELANEY, 2005). No início do instrumento três questões serviram de filtragem automática para classificar os participantes em comunitários ou educadores ambientais.

a) Escala de Satisfação com a Vida (ESV)

A medida da satisfação com a vida tem sido considerada, ao longo dos anos, e em vários estudos como um dos indicadores efetivos de bem-estar subjetivo.

Para avaliar a satisfação com a vida tanto de moradores de comunidades intencionais como de pessoas que declararam atuar com Educação Ambiental, o instrumento utilizado foi a Escala de Satisfação com a Vida (ESV) desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Griffin, (1985), visando “avaliar o julgamento que as pessoas fazem sobre o quão satisfeitas encontram-se com suas vidas” (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010, p. 87). A escala é composta por cinco itens que avaliam o bem-estar por meio de um componente cognitivo. As respostas puderam ser escolhidas dentro de uma escala de Lickert de 5 itens, em que 1 significa “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”. Os enunciados tiveram como base a versão desenvolvida por Ed Diener e adaptada por Neto (1993 apud ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010) para a língua portuguesa. Em seu original esta escala foi validada com universitários utilizando-se da Análise Fatorial dos Eixos principais (AFE). Obteve Alfa de Cronbach de 0,87, explicando 66% da variância total do construto (DIENER et al., 1985).

b) Escala da Espiritualidade

A Escala de Espiritualidade (EE) de Delaney (2005) é uma das escalas desenvolvidas para fins de medição da espiritualidade humana e tem características interessantes por identificar diversos aspectos como “crenças, intuições, escolhas de estilo de vida, práticas, e rituais que representam a dimensão espiritual humana. (DELANEY, 2005, p.2)

Para este estudo, foi aplicado o questionário com base nos resultados encontrados por Delaney, (2005), ou seja, com apenas 22 itens⁸⁴. O instrumento, que avalia o nível de concordância com as afirmações expressados possuía seis pontos, em uma escala de Likert. Nesta aplicação as respostas de Likert foram transformadas de seis possibilidades originais para apenas cinco, procurando tornar as escolhas das respostas o mais claro possível. Cada possibilidade de resposta de 1 a 5 foi redigido nessa ordem: discordo totalmente, discordo parcialmente, nem concordo e nem discordo, concordo parcialmente e concordo totalmente).

ii. Constituição da amostragem

Os comunitários foram selecionados a partir de comunidades intencionais em diversos países do mundo, a partir dos seguintes critérios (KOZENY (1995, p. 18; apud ERGAS, 2010):

- ✓ uma reunião de cinco ou mais pessoas,
- ✓ com pelo menos alguns sem relação de sangue, matrimonial ou de adoção;
- ✓ em uma mesma localidade geográfica;
- ✓ “trabalhando cooperativamente para criar um estilo de vida que reflete seus valores centrais compartilhados” (KOZENY, 1995, p. 18; apud ERGAS, 2010) e de melhoria de suas vidas e da sociedade em geral (SARGENT, 1994 apud SARGISSON, 2010), “através de um design consciente” e,
- ✓ “algum grau de separação da sociedade circundante” (VAN DE GRIFT et al., 2017), em geral, instaladas em zonas rurais.

⁸⁴ Delaney (2005) em seus resultados suprimiu o item 23 que estava no original, incorporando-o a outros dois itens já existentes.

O universo da amostra é quase impossível de precisar. Isso porque as CI encontram-se, em maioria, na zona rural, não tem (ou não querem) conexão com a internet, não precisam estar filiadas a alguma rede e nem parecem estar muito interessadas em fazer parte de mapeamentos oficiais. Entretanto há algumas listas existentes em Instituições ou sites que mapeiam as comunidades intencionais e que se uma aproximação ao universo de CI existentes. Há mecanismos de buscas, no site da Global Network Ecovillages (GEN)⁸⁵ (425 registros), da Foundation International Community (FIC)⁸⁶ (454) e no Mapeamento de Ecovilas e Comunidades Alternativas do Brasil (MAC)⁸⁷ (99), sendo que nestes três diretórios muitas comunidades se repetem. Para a seleção da amostra foram utilizados os critérios acima que a literatura caracteriza como de uma CI e a possibilidade de contactadas todas as CI.

Quanto aos educadores ambientais foram selecionados sujeitos que atuam ou atuaram com Educação Ambiental, tendo ou não formação específica para isso; para isso, foram utilizadas as informações disponíveis em sites ou no Facebook (veja o quadro abaixo), além de contatos oriundos dos grupos ou listas de e-mails, especialmente do Brasil e Portugal, da qual a autora faz parte ou recebe boletins e informações. Entre elas podemos citar: Comitê de Bacias Hidrográficas, entidades ambientalistas, grupos de permacultura, professores de escolas, grupos de educadores ambientais no Whatsapp, educadores de projetos sociais, entre outras.

QUADRO 13 – REDES DE CONTATOS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PERMACULTURA.

Nome	Contato
Rede Brasileira de Educação Ambiental	https://www.rebea.org.br/index.php/fale-conosco
Rede de Educadores Ambientais do IFES	https://www.facebook.com/rea.ifes/
Associação Portuguesa de Educação Ambiental	aspea@aspea.org
Rede de Centros de Educação Ambiental	geral@cm-porto.pt
Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado	info@ecocentro.org ; WhatsApp: 62 9 9909 1512
Rede Brasileira de Centros de Educação Ambiental	redceas@esalq.usp.br

No corpo do texto e das mensagens constava um pedido para que o link fosse compartilhado à outras pessoas de seus relacionamentos que tivessem envolvimento com

⁸⁵ <https://ecovillage.org/>

⁸⁶ <https://www.ic.org/directory/>

⁸⁷ <https://mac.arq.br/mapeamento-de-ecovilas-e-comunidades-alternativas-no-brasil/>

comunidades intencionais e com Educação Ambiental, procurando assim, expandir a amostra pelos próprios participantes, definindo-se pela disponibilidade, tipo não probabilístico e por “bola de neve”. Essa mobilização resultou no preenchimento de 276 inquéritos respondidos em português e 115 advindos de vários países (em inglês), perfazendo um total de 391 respondentes. Vários motivos podem ter gerado um baixo índice de resposta do público das CI, como foi relatado por MEIJERING (2006), desde considerarem que a pesquisa não era aplicável a elas, como a possibilidade de que as comunidades podem não ter muito acesso à internet por se localizarem em áreas remotas ou serem pequenas ou não estarem ainda estabelecidas (MEIJERING, 2006).

iii. Procedimentos éticos

Cada participante assinalou, logo no início do questionário online, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foi ainda informado sobre a confidencialidade do estudo, que foi totalmente garantida.

iv. Análise de dados

A análise dos dados se baseou nos objetivos exploratórios de reconhecer a visão que os participantes da pesquisa têm acerca de suas práticas pessoais. Os dados obtidos com os questionários foram organizados no Excel, transferidos para o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e analisados utilizando o pacote de software estatístico R para análise estatística descritiva (HILL & HILL, 2000; MERTENS, 1998) e descritiva interpretativas temáticas (GUERRA, 2006), com o objetivo de identificar o perfil dos sujeitos da pesquisa. Foram também realizados testes de correlação de Pearson, análises de componentes principais e rotação oblíqua nas escalas. Na escala de satisfação com a vida e espiritualidade foi feita a conversão de cinco para seis itens, nas análises. Nas perguntas de respostas abertas foram realizadas análise de conteúdo exploratória de procedimento aberto e categorização axial e temática.

4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO ESTUDO

Do total de 391 participantes que responderam aos questionários, foram excluídos da amostra 80 pessoas por não fazerem parte do foco do estudo, isto é, nem moram em comunidade intencional e nem atuam com Educação Ambiental, o que resultou em 311 participantes para o estudo. Dessa amostra final, em torno de metade moram em comunidades intencionais (n=152) e a outra metade tem ou tiveram no passado, conforme a sua própria declaração, atuação com a Educação Ambiental (n=159).

Dos participantes que responderam à pergunta quanto ao gênero (n=164), aparece a preponderância masculina (59%) entre os comunitários e feminina (67%) entre os educadores ambientais ($\chi^2_{88} = 11,22858$; d.f. = 1; $p = 0,0008054734$). A idade média dos participantes situa-se entre 18 e 83 anos e apresenta maior incidência entre os 41 e 60 anos de idade (51,5%), com 72% pertencendo ao grupo de EA e na faixa etária dos que possuem acima de 60 anos, 72% vivem em CI. ($\chi^2 p=4,96$)

QUADRO 14 – IDADE E DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA EM CI E EA

		#	CI %	#	EA %
Idade da amostra	Até 25 anos	3	100	0	
	de 26 a 40	19	43.2	25	56.8
	de 41 a 60	22	27.2	59	72.8
	mais de 60 anos	21	72.4	8	27.6
	#Total cases	65		92	

Os educadores ambientais eram todos originários do Brasil e os comunitários eram de diferentes nacionalidades: 34% brasileiros⁸⁹, americanos (25%), alemães (7,5%) e diversas outras nacionalidades (33%). Já as comunidades se localizam em diferentes

⁸⁸ Teste de Pearson, qui-quadrado é um teste de correção entre as variáveis, tendo significância quando $p < 0,005$; e muita significância quando $p < 0,0001$ e nenhuma significância quando $p > 0,005$.

⁸⁹ Como era de se esperar os brasileiros são a maior parte da amostra em função da forma como foi feita a distribuição do questionário.

países, sendo que a maior parte está no Brasil⁶ (n=27), seguido por Estados Unidos (n=15), Alemanha (n=7), Suécia (n=3), Portugal, Itália, Reino Unido e Austrália (n=2, cada) e uma em cada um dos países como França, Dinamarca, Suíça, Espanha, Taiwan, Argentina, México e Nova Zelândia.

A grande maioria dos inquiridos (91%) possui no mínimo o nível de ensino superior, ressaltando que os moradores de CI do sexo masculino (54%), apresentaram um percentual maior no nível superior do que as comunitárias sendo, que eles possuem mestrado (38%) e doutorado (12%). Entretanto, de todos os que possuem nível de doutorado, as mulheres da EA são 50%, com destaque para as mulheres atuantes na Educação Ambiental que apresentaram maiores percentuais em níveis de especialização, mestrado e doutorado, do que os homens educadores (Figura 14 e 15).

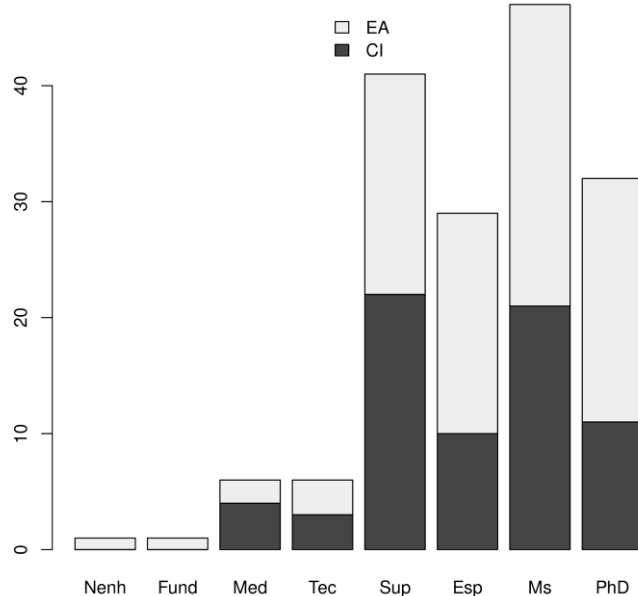


FIGURA 14 - NÍVEL EDUCACIONAL DOS PARTICIPANTES, DISTRIBUÍDOS ENTRE CI E EA (N=163)

Os dados demonstram que pessoas com preocupações ambientais possuem um alto nível de escolarização, corroborando a importância da Educação como um importante componente na formação de uma sociedade mais sustentável. Isso não significa que todos os que tem nível superior possuem essas preocupações ou atitudes na área da sustentabilidade, mas que sem dúvida, a Educação enquanto processo de formação socio, político, técnico e cultural pode propiciar uma ampliação dos horizontes e de

perspectivas, além de aumentar a possibilidade de reflexão crítica acerca do mundo e do *status quo*, contribuindo como uma variável que pode ser determinante na tomada de consciência e de ações de transformação do paradigma.

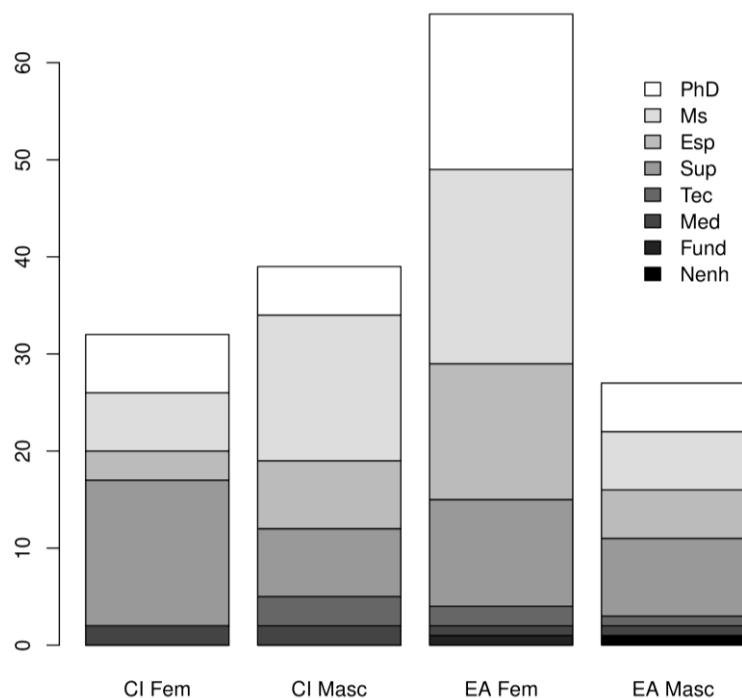


FIGURA 15 - NÍVEIS DE ESTUDO EA X CI

Quanto à formação as áreas eram bem diversas, variando de 1% a 5% em cada uma (Administração, Arquitetura, Artes plásticas, Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Ciências sociais, Comunicação, Engenharias, Exatas, Filosofia, Linguística, Meio Ambiente, Música, Psicologia, Saúde). A formação em Educação e em outras áreas de ensino foi confirmada por em torno de 12% dos que moram em CI e, estranhamente, apenas 16% dos educadores declararam alguma formação nessa área, sendo que dentre estes, 4% em áreas da Educação Ambiental e outros 11% em outras áreas do meio ambiente.

Este ponto é interessante, porque as pessoas que se identificaram como educadores ambientais, possuem formações em diferentes áreas, e parecem ser autodidatas, o que demonstra toda a riqueza da EA e seus saberes, mas ao mesmo tempo. Outro aspecto é o fato de que muitos atuam de maneira informal ou voluntária, sinalizando uma

precariedade no trabalho pedagógico dos educadores com ausência de políticas públicas e nos locais onde atuam, podendo impactar na dificuldade de estruturar processos de maior aprofundamento e reflexão crítica com seus públicos-alvo, algo que um efetivo processo em Educação Ambiental poderia suscitar, se fosse algo mais prioritário em diversas instâncias. Por outro lado, isso não significa que estas pessoas não possam estar desenvolvendo processos de qualidade, e que talvez a formação específica não seja crucial para a realização da EA. Contudo, estes resultados, mesmo que não sejam representativos de todo o universo de educadores, demonstra, no mínimo, uma lacuna e escassez, tanto na oferta como na procura, de processos de formação de educadores ambientais.

No quesito profissão, as ocupações declaradas, também são bem variadas, mesmo entre os educadores, corroborando a ideia de uma prática educativa mais autônoma e informal. Dentre os comunitários, foi quase impossível relacionar com alguma classificação de ocupações oficial como, por exemplo Classificação Brasileira de Ocupações (NOZOE; BIANCHI; RONDET, 2003; MTE, 2010). Isso porque uma grande parte das alusões do tipo de trabalho que desenvolvem não constam e nem fazem parte de listas formais, pois não se tratam de empregos ou profissões reconhecidas, mas apenas atividades inerentes do cotidiano e da gestão colaborativa de estratégias dos usos dos recursos entre estes que se encontram vivendo em uma comunidade.

O tipo de alimentação adotada em ambos os grupos, observamos que a maior parte dos educadores ambientais são onívoros (55%). Já a alimentação vegetariana é a opção que mais aparece entre os inquiridos das comunidades intencionais, com mais de 40%. Outros 25% dos também adotam um tipo de escolha alimentar, que se baseia em alguma restrição, como por exemplo as dietas: crudívora, “sem glúten”; “só com produtos locais e sazonais”; “sattvika⁹⁰” ou ainda, baseada em critérios de quantidade ou de horário: “pequenas quantidades” ou “apenas me alimento antes do sol se pôr”.

⁹⁰ Alimentação “sattvika” se baseia no Ayurveda, é lacto-vegetariana restrita (sem ovos), prioriza alimentos saudáveis e com força vital, porém evita todos os tipos de alho ou cebola e cogumelos (que seriam alimentos rajásicos ou tamásicos). Para saber mais, ver Frawley (2002)

QUADRO 15 – ALIMENTAÇÃO ADOTADA POR COMUNITÁRIOS E EDUCADORES AMBIENTAIS

		CI	EA
Tipo de alimentação	Onívora	31.8	55.8
	Vegetariana	39.8	27.4
	Vegana	2.3	2.1
	Crudívora	4.5	1.1
	Outras	21.6	13.7
	#Total cases	88	95

A escolha em maior parte por uma dieta vegetariana entre os comunitários e em alguns educadores ambientais, possibilita inferir que há uma relação entre a busca por uma vida mais sustentável e saudável e a restrição de proteína animal, demonstrando a reflexão e busca de coerência na práxis permeia não só as racionalidades de como deveria ser a sociedade, mas se entremeia no cotidiano das necessidades, ou seja, que há uma busca pelo menos em metade desses inquiridos da comunidade intencional em aliar princípios e práticas, subjetivas e objetivas.

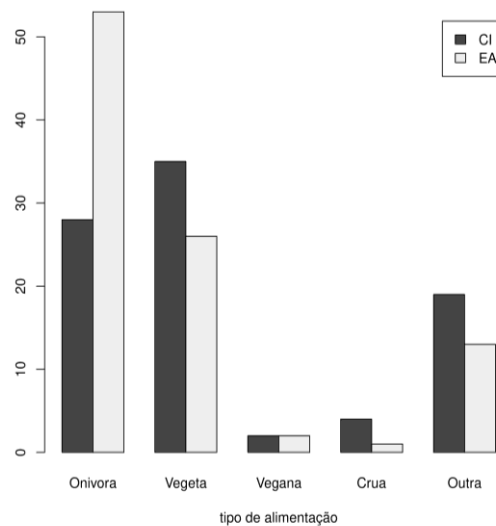


FIGURA 16 - ALIMENTAÇÃO ADOTADA POR COMUNITÁRIOS E EDUCADORES AMBIENTAIS

Claro que seria interessante, pesquisar mais a fundo esse tema tanto nos comunitários como entre os educadores, no sentido de discernir no que se apoiam ou não essas escolhas alimentares, considerando que já há indícios de que as pessoas se tornam

vegetarianas por razões diversas que perpassam, as questões de cuidado com a saúde e bem-estar, de ordem ética e de respeito aos animais, de não exploração, e a questão com o meio ambiente. Por exemplo, hoje em dia já se sabe que o consumo de carne de vaca exerce alta pressão para o desmatamento na Amazônia. Assim, investigar mais esse tema pode trazer luz ao que move esses movimentos e, mais ainda, no interesse da Educação Ambiental, colaborar na compreensão de como se deu e como se dá o processo de tomada de decisão e aplicação dessa escolha.

SATISFAÇÃO COM A VIDA

A utilização da Escala de Satisfação com a Vida no contexto de moradores de comunidades intencionais e de educadores ambientais, indicaram boa consistência interna, com resultados maiores que 0.70 (DEVELLIS, 2003) e o alfa de Cronbach resultou em 0,84 e o padronizado 0,85. A correlação inter-item resultou em 0,54. O KMO⁹¹ 0,85 indica boa adequação para modelo fatorial gerando uma carga para apenas um fator e com forte correlação, ou seja, como os sujeitos avaliam, cognitivamente, a sua satisfação com a vida.

A média da pontuação global na escala de satisfação com a vida dos educadores ambientais foi pouca coisa menor que a média das pessoas que vivem em CI. Os comunitários pontuaram na média em 18,92 (DP=2,78; N=87) com o valor mínimo de 5 e o máximo de 25; e os educadores ambientais com uma média de 17,58 (DP=2,41; N=98) sendo a pontuação mínima de 11 e a máxima de 25. Além disso, 60% dos comunitários e também dos educadores ambientais, estão acima da média obtida no próprio grupo, demonstrando que boa parte em ambos os grupos de participantes, na média, se sentem satisfeitos⁹². Nenhum dos educadores atingiu a pontuação mínima da escala tal qual um comunitário, que apresentou maior dispersão na escala (ver Figura 17).

⁹¹ “O teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) é uma medida de quão adequados seus dados são para análise fatorial” Quanto menor a proporção, mais adequados seus dados são para a Análise Fatorial. KMO retorna valores entre 0 e 1, sendo que valores entre 0,8 e 1 indicam que a amostragem é adequada.

⁹² No caso da aplicação nesse estudo, a escala de graduação de Lickert foi aplicada em cinco gradações, em vez de sete como desenvolvida inicialmente por Diener et al (1985). Assim, de forma proporcional, foram consideradas a seguinte pontuação global: 2 a 5, extremamente insatisfeito; 6 a 10, insatisfeito; 11 a 14 razoavelmente satisfeito; 15 a 20, satisfeito; 21 a 25, extremamente satisfeito.

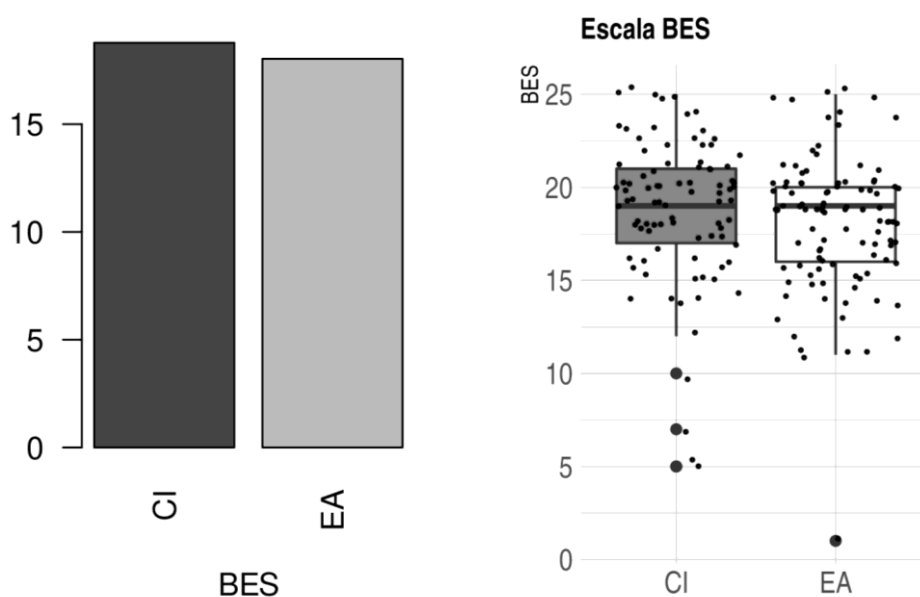


FIGURA 17- COMPARAÇÃO DA ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA ENTRE CI E EA

Como vimos, a vida nas comunidades intencionais, em termos de médias alcançadas na escala de satisfação com a vida, tendeu a ser apenas pouco mais satisfatória que a dos educadores ambientais. A título de comparação, Ehrlich e Isaacowitz (2002 apud OLIVEIRA et al, s/d) demonstraram que pessoas de classe alta mais alta possuem maior satisfação com a vida, o que pode ou não ser o caso dos educadores, mas não é o caso dos comunitários, isso reforça uma descoberta dos autores de que o alto valor de satisfação com a vida se relaciona não à quantidade de riqueza, mas ao fato de o dinheiro permitir gozar de estabilidade e realização pessoal. Algo que ambos os perfis de participantes desse estudo parecem usufruir em certa medida. Por isso, vale a pena pesquisar mais sobre os níveis de bem-estar e satisfação com a vida de comunitários e mais ainda dos educadores ambientais buscando-se compreender os possíveis componentes e diferenças na satisfação desses sujeitos. Os comunitários sabemos que estão em ambientes naturais, em comunhão com uma vida mais saudável e sustentável e que esse pode ser um indicador importante, apesar de ser uma vida possivelmente mais precária se comparada com os confortos disponíveis atualmente nas cidades e que, provavelmente essas pessoas teriam acesso, se quisessem.

A vontade e a disposição dos comunitários em enfrentar os desafios que esse tipo de vida oferece e que os impelem à superação das dificuldades, segundo Oliveira et al (s/d) também constitui um aspecto importante na satisfação com a vida, especialmente, se a pessoa está conectada à uma rede de suporte social, algo nem sempre possível na

vida das cidades. Assim, estar satisfeito com a própria vida, está associada ao bem viver (GUARDIOLA; GARCÍA-QUERO, 2014) e é um componente importante para sustentar o modo de vida, no caso dos comunitários, pois sustenta internamente a decisão de enfrentar as dificuldades e a rusticidade de se estar tão próximo da natureza e os desafios inter-relacionais, enquanto buscam se desenvolver como ser humano coerente e minimizar a geração no ambiente de impactos.

Se a satisfação com a vida está associada ao bem viver (GUARDIOLA; GARCÍA-QUERO, 2014), é preciso contemplar que essa boa vida possa ser construída pelos sujeitos em suas histórias de pessoais e sociais e no trabalho a ser exercido com a Educação Ambiental, trazendo a dimensão da fruição e do hedonismo para a formação dos sujeitos, para auxiliar, quem sabe, na viabilização da ruptura com a armadilha paradigmática.

Essas reflexões, longe de dar uma resposta pronta, surgem com o intuito de expandir os resultados do levantamento de dados realizado e conjecturar outros elementos que contribuam na Educação Ambiental.

ESPIRITUALIDADE

A espiritualidade dos comunitários e dos educadores ambientais foi apreciada através da Escala da Espiritualidade (DELANEY, 2005) e a análise fatorial, aplicada com brasileiros⁹³, em 2019, resultando similarmente nas três dimensões, encontradas por outros investigadores: a *autodescoberta*, *relacionamentos* e *consciência ecológica/Poder superior* (DELANEY, 2005; EDWARDS, 2012). Possui uma validade de conteúdo de .94 (alfa de Cronbach), com variância moderada de .99 a 3.9 e correlação entre os itens de moderada a forte (.25 a .75) e coeficiente de Pearson de .84 indicando fiabilidade e estabilidade (DELANEY, 2005). Os coeficientes para as três subescalas variaram de 0,81 a 0,94. (DELANEY, 2005)

Na análise da pontuação da escala da espiritualidade aplicada (com cinco pontos), vemos que 56,5% dos inquiridos de CI e 54% dos inquiridos de EA se situam no que Delaney (2005) chamou de alta espiritualidade⁹⁴, pois obtiveram um escore acima de 118.

⁹³ Para a aplicação dessa escala nesta tese foi realizado o estudo estatístico de validação da escala da espiritualidade. Este estudo pretende-se ser publicado em momento posterior mais oportuno.

⁹⁴ Em sua pesquisa, Delaney (2005) estabeleceu os seguintes pontos de corte: níveis muito baixos de espiritualidade (escores variaram de 23 a 60), espiritualidade baixa (escores de 61 a 90), ambos indicando potencial para sofrimento espiritual; escore de espiritualidade moderada (pontuação de 92 a 117) podem

A alta espiritualidade é aquela que engloba “uma consciência de interconectividade de toda a vida (...) a consciência ecológica.” (EDWARDS, 2012, p. 649)

Na figura abaixo é possível verificar os pontos de dispersão, demonstrando que os valores obtidos pelos comunitários estão mais concentrados e situados um pouco mais acima do que visualizamos nos educadores, assim como nos educadores também aparecem em uma localização mais abaixo e mais dispersa, com alguns indivíduos a se situarem abaixo de 90 no que Delaney (2005) considerou ser potencial para sofrimento espiritual, de espiritualidade baixa ver figura 18 a,b).

A média da pontuação global da escala da espiritualidade apresentou uma diferença entre os comunitários (média=113,27; DP=13,32; N=81) com o valor mínimo de 27 e o máximo de 132; e os educadores ambientais (média=97,17; DP=10,84, N=97) com o valor mínimo de 59 e o máximo de 120. A mediana dos valores na escala de espiritualidade, para o conjunto de educadores ambientais foi menor, que para os comunitários.

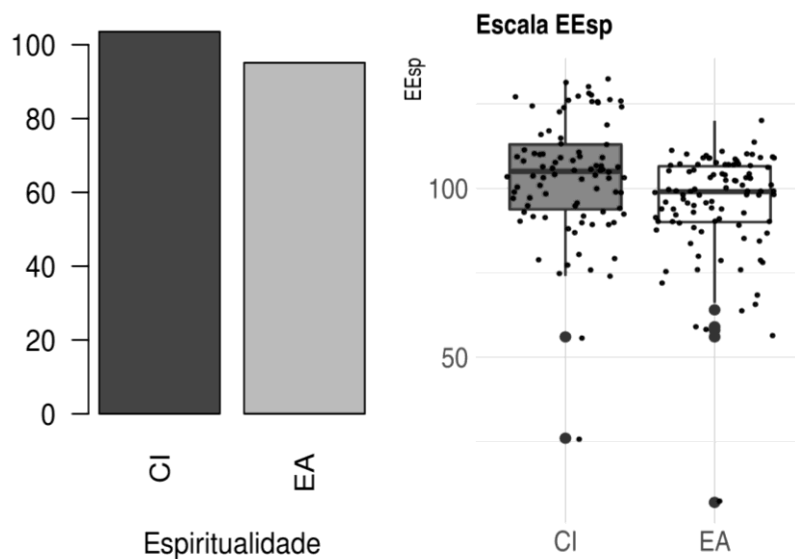


FIGURA 18 A,B - COMPARAÇÃO DA ESCALA DE ESPIRITUALIDADE ENTRE CI E EA

Ao olharmos para essas dimensões da espiritualidade e sua relação com ambos os grupos de inquiridos, é interessante notar que os sujeitos nos dois grupos, tiveram maior pontuação na primeira dimensão, *Consciência ecológica/Poder Superior* (66,7%), o que

indicar um potencial para desordens espirituais; e alta espiritualidade (pontuação de 118 a 138) que sugere uma grande possibilidade de bem estar. (DELANEY, 2005).

pode ser explicado pela existência de uma busca pessoal pela conexão com um poder superior e com a própria interioridade (Figura 19 a,b).

A segunda dimensão mais significativa da escala se refere aos *relacionamentos*, corroborando ainda mais a importância dada, por educadores e comunitários, a se relacionar com a natureza e com outros seres vivos de forma harmoniosa e respeitosa.

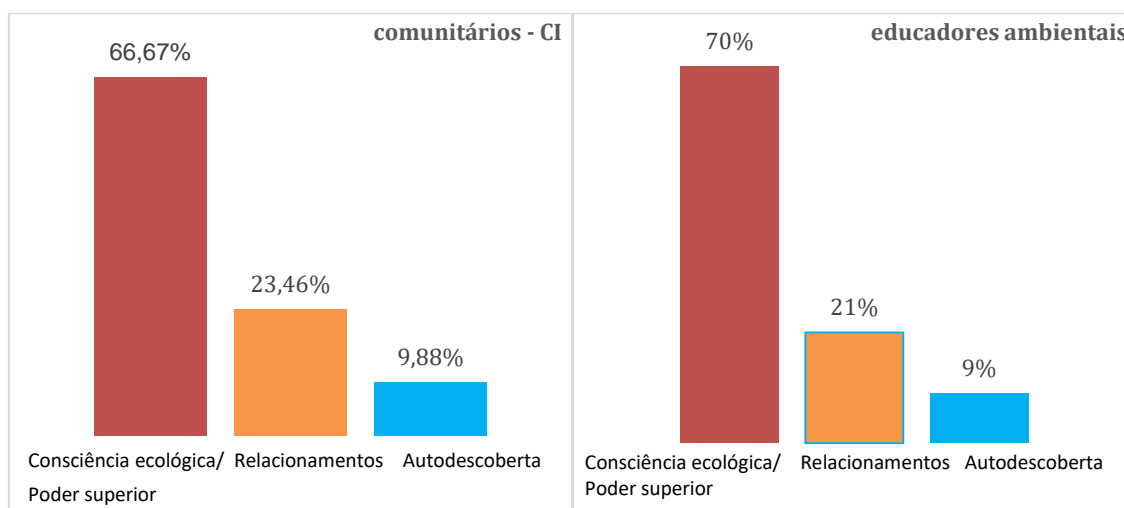


FIGURA 19 A, B - RETRATO DAS DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE DE COMUNITÁRIOS E EDUCADORES AMBIENTAIS

Os comunitários e os educadores apresentam resultados não muito discrepantes nos indicadores que foram utilizados para análise da investigação. Pode ser porque o engajamento e a dedicação nas questões ambientais de ambos, perfaz uma trajetória de pensamento que desponta como sendo diferenciada (em relação ao cidadão comum). Provavelmente, essa configuração acontece pelo fato de que os dois públicos da pesquisa já estar desperto e sensibilizado para a temática ambiental.

A confluência entre os caminhos de busca espiritual e relação com a natureza e os outros seres se reflete também nas atividades que foram mais citadas como prioritárias para se avançar no desenvolvimento pessoal dos participantes, especialmente a **meditação** (em segundo a **leitura**, nos dois grupos), e a **reza**, em terceiro lugar, no grupo dos educadores ambientais (ver Figura 20).

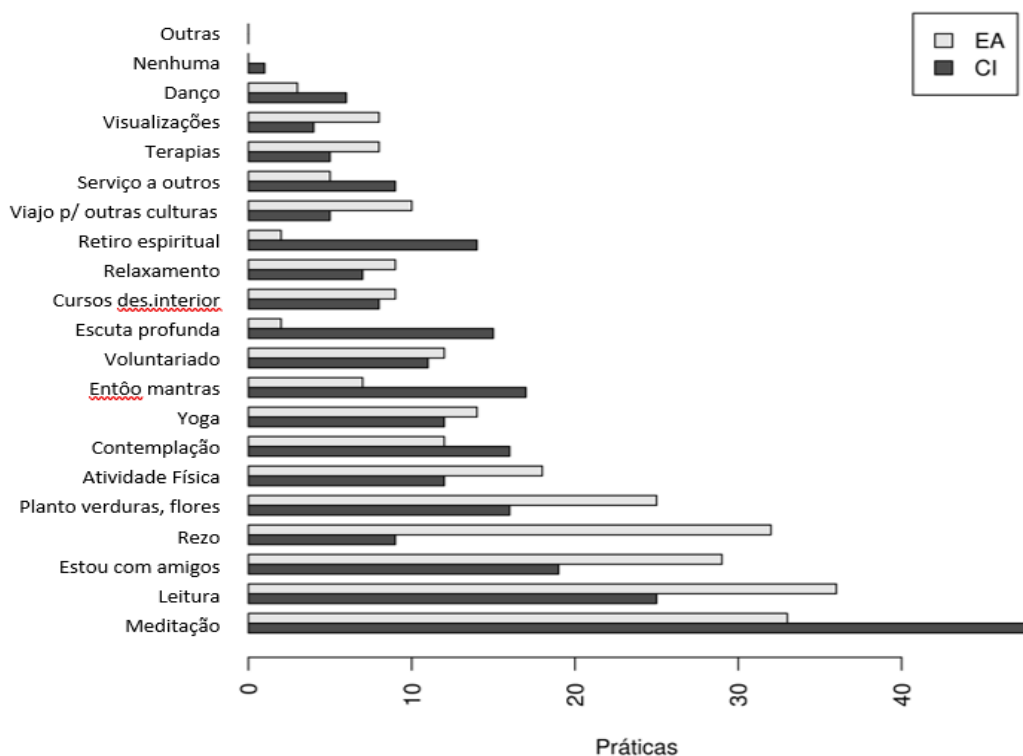


FIGURA 20 - PRÁTICAS MAIS FREQUENTES DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL, CI E EA

A constatação de que a meditação apareça como escolha prioritária entre os comunitários e a leitura para os educadores ambientais, pode ser vista como uma breve fotografia do que os sujeitos nos dois grupos valorizam.

Por um lado, o fato da meditação aparecer em posição destacada, para ambos, corrobora que há uma importância dada aos processos de interiorização e desenvolvimento pessoal que acabam por não ser contemplados na formação dos sujeitos e que, provavelmente, vem da construção percorrida em outros caminhos, normalmente não valorizados em processos educativos, que tendem a ser mais objetivos, instrumentais, utilitários, e de incentivo à razão. Rezar também é uma prática inerente à busca interna de conexão com o sagrado.

Uma busca rápida no Portal de periódicos da CAPES em artigos revisados por pares (com as palavras meditat* AND educat*), resultou em 49.495 resultados e são escassas as pesquisas em Educação Ambiental que debatem sobre essa temática, embora presente como prática, tanto nos sujeitos que buscaram ser/ter uma vida mais sustentável como por educadores ambientais. Neste sentido, vale destacar a existência de pesquisas que correlacionam práticas de meditação com a temática ambiental e das mudanças climáticas, em especial os de Wamsler e associados (BRINK; WAMSLER, 2019;

WAMSLER, 2018; WAMSLER *et al.*, 2018; WAMSLER; BRINK, 2018) ou do desenvolvimento da espiritualidade como fator relevante para a construção de um mundo mais sustentável (BENEDIKTER; MOLZ, 2013; HEDLUND-DE WITT, 2013).

A atividade de leitura é outro aspecto importante como uma estratégia mais expressiva (em ambos os grupos estudados) para o desenvolvimento pessoal, demonstrando a valorização do desenvolvimento do conhecimento cognitivo-racional. Obviamente que a leitura se trata de um instrumento poderoso, amplamente reconhecido na contemporaneidade, que além de propiciar viagem a outros mundos, amplia perspectivas, possibilita introjetar outras realidades e culturas, entre tantas outras benesses. Cabe, porém, uma provocação, no sentido de que, apesar dos amplos e maravilhosos benefícios, as atividades cognitivas/racionais e intelectuais, nem sempre abarcam outras dimensões da vida, reduzindo-a ao que o homem é capaz de entender com seu cérebro, ou seja, é uma lógica pautada sobretudo, em uma visão antropocêntrica de hipervalorização da racionalidade, e do potencial humano, impossibilitando o aprofundamento em outros campos e dimensões mais sutis, ainda por serem valorizadas. Historicamente, essa lógica vem se construindo desde Copérnico, quando o homem, e o que ele produz a partir de sua mente, se tornaram o centro da ciência e a única forma reconhecida de produzir conhecimento, portanto, na visão de mundo dominante (TARNAS, 2009). Uma lógica do paradigma hegemônico, diante do qual, se não for produzido um tensionamento, na forma de ver o mundo, por uma prática diversa, continuará resultando em práticas “reprodutivista(s) na constituição do real” (GUIMARÃES; PINTO, 2017, p. 125).

Neste contexto, ter o homem como centro, suscita várias reflexões que podem ser debatidas, acerca de quem é esse homem que está no centro, a questão da supremacia de gênero, a lógica patriarcal, etc, entretanto, se estes pontos não são o foco dessa discussão, há que se reconhecer que possuem inúmeras interfaces com a crise global que a humanidade vem alimentando. Se o homem está no centro, onde está o outro, o não-homem, os animais, as árvores, a mãe natureza, Gaia? E onde estão o pertencer, o sentir, a amizade, a solidariedade, a empatia, o amor?

Maturana lembra que a partir do amor é que o outro se torna presente e não apenas o revela, mas que lhe dá sentido de sagrado (NEPOMUCENO, 2015). Tiago Nepomuceno, esclarece que o amor na Educação Ambiental é mais amplo do que o sentido comum.

Isso porque o *outro* da EA é outro (...) é uma grande *Outra* grávida de infinitos *outros*. É a Terra, claro. Gaia ou Pachamama para os íntimos. É ela que ocupa o horizonte utópico da educação ambiental, por mais concentradas, específicas e corajosamente modestas que sejam suas práticas, todas minúsculas mas justificáveis diante da urgência dessa grandeza. Se a Teoria Gaia estiver correta, essa *Outra* é seus seres. São esses seres portanto, humanos ou não, nas suas infinitas individualidades e coletividades, pelo que são e pelo que fazem na grande *teia* que sustenta o conjunto, que configuram o *outro* na Educação Ambiental (NEPOMUCENO, 2015, p. 272–273).

O cultivo dessa relação com a *Outra*, objeto da EA, como toda relação que se sente, se dá a partir da profundidade, ou a partir da “vocação espiritual” que a Educação Ambiental possui (NEPOMUCENO, 2015, p. 274), corroborando a necessidade do desenvolvimento da “postura conectiva”, um dos princípios base da *ComVivência Pedagógica*, que contempla o sentido de inserção na totalidade, não só como parte do todo, mas em uma perspectiva que o sujeito é o todo e o todo é o um, e que estamos todos interconectados.

Em termos numéricos de satisfação com a vida e mesmo a espiritualidade possuem mais similaridades do que diferenças, entre educadores e comunitários, contudo, é interessante reconhecer o caráter utópico da vivência na CI, e de um certo compromisso em romper intencionalmente com a “armadilha paradigmática”, ao se apoiarem e valorizarem ações de conexão, com o outro, com a natureza e com o cosmos, com o objeto de reconhecimento e amor da Educação Ambiental, Gaia. O que pressupõe o respeito aos outros seres vivos, (o que justificaria por exemplo, a escolha por uma dieta vegetariana), e uma busca por coerência, que se alinha na práxis, entre o que pensam e o que fazem, entre a teoria e a prática, no significado do avanço interior e concretização externa.

Assim, a vivência dos comunitários é relevante por ser uma “experiência significativa” que pode catalisar processos educativos de transformação, por ter gerado impactos significativos em suas vidas (ver capítulo 2), e na implementação do utopismo no cotidiano, por esses sujeitos que ao se transformar no coletivo, se aproximam do Ser mais ambiental, e potencializam o estranhamento com a visão dominante que precisa ser rompido pelo indivíduo em sua prática coletiva.

4.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, F. J. B. de; SOUSA, F. M. de; MARTINS, C. R. Validação das escalas de satisfação com a vida e afetos para idosos rurais. **PSICO**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 85–92, 2010.

ANDREWS, S. A ciência da felicidade. **Mente Cérebro**, [s. l.], v. XVIII, n. 223, p. 26–35, 2011a.

ANDREWS, S. **A ciência de ser feliz**. São Paulo: Ágora, 2011b.

BARCELOS, M. N. **Armadilhas paradigmáticas na educação ambiental: análise em PPPs de escolas públicas do Ensino Médio de uma cidade do interior de Minas Gerais**. 64 f. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/10535>. Acesso em: 12 out. 2018.

BENEDIKTER, R.; MOLZ, M. The rise of neo-integrative worldviews: towards a rational spirituality for the coming planetary civilization?: Roland Benedikter and Markus Molz. *In*: THE RISE OF NEO-INTEGRATIVE WORLDVIEWS, 2013. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203878293-11>

BRINK, E.; WAMSLER, C. Citizen engagement in climate adaptation surveyed: The role of values, worldviews, gender and place. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 209, p. 1342–1353, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.10.164>

CARVALHO, I. C. D. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 411 f. 2001. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/isabel_carvalho17/publication/267421329_a_invencao_do_sujeito_ecologico_sentidos_e_trajetorias_em_educacao_ambiental/links/56c6256d08ae8cf828fef852/a-invencao-do-sujeito-ecologico-sentidos-e-trajetorias-em-educacao-ambiental.pdf

CARVALHO, I. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2004. (Docência em formação).

DAMÁSIO, B. F.; KOLLER, S. H. Meaning in Life Questionnaire: Adaptation process and psychometric properties of the Brazilian version. **Cuestionario de Sentido de Vida: proceso de adaptación y propiedades psicométricas de la versión brasileña.**, [s. l.], v. 47, n. 3, p. 185–195, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rlp.2015.06.004>

DE WITT, A. Climate change and the clash of worldviews: an exploration of how to move forward in a polarized debate: with mike hulme, “(still) disagreeing about climate change: which way forward?” **Zygon®**, [s. l.], v. 50, n. 4, p. 906–921, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/zygo.12226>

DE WITT, A. Transformative Solutions for Sustainable Well-Being. *In*: MARQUES, J. (org.). **Handbook of Engaged Sustainability**. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 1–30. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-53121-2_12-3. Acesso em: 20 abr. 2020.

DE WITT, A. Worldviews and the transformation to sustainable societies. An exploration of the cultural and psychological dimensions of our global environmental challenges. [s. l.], 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.4492.8406>. Acesso em: 28 fev. 2020.

DE WITT, A.; HEDLUND, N. Toward an Integral Ecology of Worldviews: Reflexive Communicative Action for Climate Solutions. *In*: [S. l.: s. n.], 2017. p. 305–344.

DELANEY, C. The Spirituality Scale: Development and Psychometric Testing of a Holistic Instrument to Assess the Human Spiritual Dimension. **Journal of Holistic Nursing**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 145–167, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0898010105276180>

DEVELLIS, R. Scale development: theory and applications, applied social research methods. Sage Publications. **Thousand Oaks**, [s. l.], p. 1–216, 2003.

DIENER, E. *et al.* The Satisfaction With Life Scale. **Journal of Personality Assessment**, [s. l.], v. 49, n. 1, p. 71–75, 1985. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13

ECHEVERRI, A. P. N. de. **Educación estética y complejidad ambiental**. 1. ed. Manzales - Colômbia: Universidad Nacional de Colombia, 2000.

EDWARDS, A. *et al.* The understanding of spirituality and the potential role of spiritual care in end-of-life and palliative care: a meta-study of qualitative research. **Palliative Medicine**, [s. l.], v. 24, n. 8, p. 753–770, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0269216310375860>

EDWARDS, S. Standardization of a Spirituality Scale with a South African Sample. **Journal of Psychology in Africa**, [s. l.], v. 22, p. 655–659, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14330237.2012.10820581>

EISMAN, L. B.; BRAVO, M. P. C.; PINA, F. H. **Métodos de Investigación em Psicopedagogia**. Madrid: McGraw-Hill, 1998.

ERGAS, C. A Model of Sustainable Living: Collective Identity in an Urban Ecovillage. **Organization & Environment**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 32–54, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1086026609360324>

ERICSON, T.; KJØNSTAD, B. G.; BARSTAD, A. Mindfulness and sustainability. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 104, p. 73–79, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2014.04.007>

FARIA, J. de S. **Pesquisa-formação em Educação Ambiental on-line: experiências e saberes em rede**. 211 f. 2021. Tese de doutorado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2021.

FERREIRA, H. S. **A formação de educadores ambientais na “ComVivência” pedagógica com os saberes da terra**. 143 f. 2016. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2016.

FISCHER, D. *et al.* Mindfulness and sustainable consumption: A systematic literature review of research approaches and findings. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 162, p. 544–558, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.06.007>

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 23ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. *E-book*.

GÓMEZ, G. R.; FLORES, J. G.; JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigacion cualitativa**. Madrid: Aljibe, 1996.

GONZÁLEZ-RIVERA, J. A. *et al.* Adaptation and validation of the spirituality scale proposed by delaney in puerto ricans adults. **Revista Electrónica de Psicología Iztacala**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 296–320, 2017.

GRANIER, N. B. **Experiências de “ComVivência Pedagógica” a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais**. 167 f. 2017. - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2017.

GRINDE, B. An Evolutionary Perspective on the Importance of Community Relations for Quality of Life. **The Scientific World JOURNAL**, [s. l.], v. 9, p. 588–605, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1100/tsw.2009.73>

GUARDIOLA, J.; GARCÍA-QUERO, F. Buen Vivir (living well) in Ecuador: Community and environmental satisfaction without household material prosperity? **Ecological Economics**, [s. l.], v. 107, p. 177–184, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2014.07.032>

GUIMARÃES, M. **A Formacao de Educadores Ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, M. **Caminhos da educação ambiental: da forma a ação**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

GUIMARÃES, M.; CARTEA, P. Á. M. Há Rota de Fuga para Alguns, ou Somos Todos Vulneráveis? A Radicalidade da Crise e a Educação Ambiental. **Ensino, Saude e Ambiente**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/resa2020.v0i0.a40331>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GUIMARÃES, M.; GARNIER, N. B.; KLEIN, A. L. Educação Ambiental na “ComVivência Pedagógica” do Caminho de Santiago. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, [s. l.], v. 9, p. 1–12, 2020.

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. **Revista Diálogo Educacional**, [s. l.], v. 17, n. 55, p. 1574–1597, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.17.055.DS06>

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B.; KLEIN, A. L. A “ComVivência Pedagógica” para a formação de educadores ambientais no Caminho de Santiago. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, [s. l.], v. 9, p. 1–12, 2020.

GUIMARÃES, M.; MEDEIROS, H. Q. de. Outras epistemologias em Educação Ambiental: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], p. 50–67, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.5959>

GUIMARÃES, M.; PINTO, V. P. dos S. Alternativas para processos formativos de Educação Ambiental: a proposta da “(Com)Vivência Pedagógica” diante de grandes e radicais desafios. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], p. 118–131, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.7146>

HEDLUND-DE WITT, A. Exploring worldviews and their relationships to sustainable lifestyles: Towards a new conceptual and methodological approach. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 84, p. 74–83, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2012.09.009>

HEDLUND-DE WITT, A. Pathways to Environmental Responsibility: A Qualitative Exploration of the Spiritual Dimension of Nature Experience. **Journal for the Study of Religion, Nature and Culture**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 154–186, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1558/jsrnc.v7i2.154>

HEDLUND-DE WITT, A. Rethinking Sustainable Development: Considering How Different Worldviews Envision “Development” and “Quality of Life”. **Sustainability**, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 8310–8328, 2014a. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su6118310>

HEDLUND-DE WITT, A. The Integrative Worldview and its Potential for Sustainable Societies. **Worldviews**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 191–229, 2014b. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/15685357-01802009>

HEDLUND-DE WITT, A. The rising culture and worldview of contemporary spirituality: A sociological study of potentials and pitfalls for sustainable development. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 70, n. 6, p. 1057–1065, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2011.01.020>

HOGENBOOM, M. **As grandiosas soluções da geoengenharia para o aquecimento global**. [S. l.], 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130926_clima_geoengenharia_rw. Acesso em: 12 mar. 2021.

INGLEHART, R. Public Support for Environmental Protection: Objective Problems and Subjective Values in 43 Societies. **PS: Political Science and Politics**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 57–72, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/420583>

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 233–250, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200007>

KAMITSIS, I.; FRANCIS, A. J. P. Spirituality mediates the relationship between engagement with nature and psychological wellbeing. **Journal of Environmental Psychology**, [s. l.], v. 36, p. 136–143, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.07.013>

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil. *In*: VI ENCONTRO “PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL”, 2011, Ribeirão Preto. **A Pesquisa em**

Educação Ambiental e a Pós-graduação no Brasil. Ribeirão Preto: VI EPEA, 2011. p. 15.

LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas.** Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LIMA, G. F. da C. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 145–163, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022009000100010>

LOUREIRO, C. F. B. *et al.* (org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez Editora, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. **Ambiente e Educação**, [s. l.], v. 8, p. 37–57, 2003.

MEIJERING, L. **Making a place of their own: Rural intentional communities in Northwest Europe.** 149 f. 2006. Tese de doutorado - University of Groningen, Holanda, 2006. Disponível em: [https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own\(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385\).html](https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385).html). Acesso em: 17 abr. 2020.

MTE, M. do T. e E. **Classificação Brasileira de Ocupações - CBO.** [S. l.], 2010. Disponível em: http://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2016/04/CBO2002_Liv3.pdf. Acesso em: 1 mar. 2021.

NEPOMUCENO, T. C. **Educação ambiental & espiritualidade laica: horizontes de um diálogo iniciático.** 2015. text - Universidade de São Paulo, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.48.2015.tde-01072015-101326>. Acesso em: 1 abr. 2021.

NOZOE, N. H.; BIANCHI, A. M.; RONDET, A. C. A. A nova classificação brasileira de ocupações: anotações de uma pesquisa empírica. **São Paulo em Perspectiva**, [s. l.], v. 17, n. 3–4, p. 234–246, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392003000300023>

OLIVEIRA, P. A. R. de. Consciência Planetária (Planetary Consciousness) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2009v7n14p9. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, [s. l.], v. 7, n. 14, p. 9–11, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2009v7n14p9>

OLIVEIRA, G. F.; COSTA, J. P. S. P.; RODRIGUES, G. E. A. **Satisfação com a Vida.** [S. l.], s/d. Disponível em: <http://coletanea2008.no.comunidades.net/satisfacao-com-a-vida>. Acesso em: 28 jan. 2020.

PARANHOS, R. *et al.* Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, [s. l.], v. 18, n. 42, p. 384–411, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-018004221>

PAVOT, W.; DIENER, E. Review of the Satisfaction With Life Scale. **Psychological Assessment**, US, v. 5, n. 2, p. 164–172, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/1040-3590.5.2.164>

REIGOTA, M. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna.** São Paulo, SP: Cortez Editora, 1999.

REPPOLD, C. *et al.* Escala de Satisfação com a Vida: Evidências de validade e precisão junto de universitários portugueses. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 15–23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/reipe.2019.6.1.4617>

SARGISSON, L. Friends Have All Things in Common: Utopian Property Relations. **The British Journal of Politics and International Relations**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 22–36, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-856X.2009.00391.x>

SATISFAÇÃO COM A VIDA EM PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS.PDF. [S. l.: s. n.], [s. d.].

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. *In*: SATO, M.; CARVALHO, I. C. DE M (ORGS.). **EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PESQUISA E DESAFIOS**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17–44.

SCORSOLINI-COMI, F.; SANTOS, M. A. dos. Avaliação do Bem-Estar Subjetivo (BES): Aspectos Conceituais e Metodológicos. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, [s. l.], v. 44, n. 3, p. 442–448, 2010.

SEGURA, D. de S. B. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. [S. l.]: Annablume, 2001.

SILVEIRA, P. M. da *et al.* Criação de uma escala de satisfação com a vida por meio da Teoria da Resposta ao Item. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [s. l.], v. 64, n. 4, p. 272–278, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000089>

SIQUEIRA, R. P.; PITASSI, C. Sustainability-oriented innovations: Can mindfulness make a difference? **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 139, p. 1181–1190, 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.08.056>

SIQUEIRA, R. P.; PITASSI, C. Sustainability-oriented innovations: Can mindfulness make a difference? **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 139, p. 1181–1190, 2016b. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.08.056>

SOBRAL, M. de M. A importância do pensamento reflexivo crítico e criativo na Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 314–343, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/revbea.2014.v9.1821>

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Thessaloniki: a educação ambiental no Brasil. **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**, [s. l.], 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001173362>. Acesso em: 11 maio 2020.

SOUZA SANTOS, B. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 63, p. 237–280, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>

TARNAS, R. Cosmos y Psique - Indicios para una nueva visión del mundo. *In*: **COSMOS Y PSIQUE - INDICIOS PARA UNA NUEVA VISIÓN DEL MUNDO**. [S. l.]: Atalanta Editorial, 2009. p. 1–122. *E-book*.

TAVARES, F. Desenvolvimento regenerativo, uma evolução na discussão em sustentabilidade. *In*: IDR. 11 jul. 2018. Disponível em: <https://desenvolvimentoregenerativo.com/desenvolvimento-regenerativo-uma-evolucao-na-discussao-em-sustentabilidade/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 251–264, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200008>

VAN DE GRIFT, E.; VERVOORT, J.; CUPPEN, E. Transition Initiatives as Light Intentional Communities: Uncovering Liminality and Friction. **Sustainability**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 448, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su9030448>

WAMSLER, C. Mind the gap: The role of mindfulness in adapting to increasing risk and climate change. **Sustainability Science**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 1121–1135, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11625-017-0524-3>

WAMSLER, C. *et al.* Mindfulness in sustainability science, practice, and teaching. **Sustainability Science**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 143–162, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11625-017-0428-2>

WAMSLER, C.; BRINK, E. Mindsets for Sustainability: Exploring the Link Between Mindfulness and Sustainable Climate Adaptation. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 151, p. 55–61, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2018.04.029>

WOIWODE, C. Off the beaten tracks: The neglected significance of interiority for sustainable urban development. **Futures**, [s. l.], v. 84, p. 82–97, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2016.10.002>

YI, M. S. *et al.* Religion, Spirituality, and Depressive Symptoms in Patients with HIV/AIDS. **Journal of General Internal Medicine**, [s. l.], v. 21, n. Suppl 5, p. S21–S27, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1525-1497.2006.00643.x>

**CAPÍTULO V – COMUNIDADES INTENCIONAIS NA
COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA**

O isolamento social imposto pelo advento da pandemia do COVID-19 tornou ainda mais evidente o atual momento de incertezas que vivemos e as incongruências do atual paradigma da humanidade. A crise em que já estávamos foi amplificada e requer reflexões mais profundas sobre o nosso modelo de sociedade. Em diferentes dimensões temos sofrido impactos, e os problemas ambientais, econômicos, políticos, tecnológicos, institucionais e educacionais tem tornado ainda mais visíveis a incapacidade dos seres humanos diante do pensamento e realidade que reina na nossa estrutura social.

Uma estrutura pavimentada sobre uma base estruturante filosófica, psicológica, existencial, cultural e espiritual (DE WITT, 2013) que vem orientando histórica e progressivamente o sistema pelo qual a sociedade humana se organiza no planeta Terra e condiciona as relações com a natureza, com as outras espécies, com os outros seres humanos em suas variadas esferas compartilhadas. Ou seja, o paradigma comum em que estamos mergulhados, uma propriedade coletiva da humanidade ocidental (KUHN apud BOEIRA E KOSLOWSKI, 2009).

Como visto anteriormente, a noção fundamental de paradigma, desenvolvida por Kuhn (idem), tem valor pela grande contribuição de ter evidenciado um pano de fundo coletivo que embora oculto, determina os pressupostos e os postulados científicos. (Morin apud PELEGRINI, 2012) o utilizou como conceito central na compreensão da sociedade, confirmando que há um campo subjacente aos saberes coletivos, que comandam e controlam os esquemas do pensamento social, das crenças e que tem uma imensa força e domínio sobre as teorias e compreensão de determinada sociedade, ao mesmo tempo em que é difuso, porque permeia todo o tecido social, por meio de diversos sentidos, inidentificáveis, vagos, mas que gera a adesão (até inconsciente) a uma determinada visão de mundo (PELEGRINI, 2012).

Esta compreensão é importante, porque um dos maiores problemas da humanidade tem sido o de lidar com a crise ecológica, no fundo, uma crise paradigmática em que o desafio é desconstruir e superar os modelos vigentes (GUIMARÃES, 2004, 2011)

Uma menina indignada de 14 anos chamada Greta⁹⁵, diante da inoperância da sociedade, arregaçou as mangas e com suas pequenas mãos tem mobilizado o mundo, num gigantesco “puxão de orelha”. Ainda assim, a possibilidade real de que nossos

⁹⁵ Greta Thunberg é uma garota sueca, ativista, que aos 15 anos iniciou uma greve da escola para sensibilizar os governantes sobre a necessidade de atuar efetivamente sobre a mudança climática

governantes levem a sério a crise civilizatória e ajam firmemente para alterar esse rumo é pouco ou quase inexistente. Uma crise que funciona na lógica da imposição do sistema sobre o ambiente, alimentada por uma racionalidade moderna, instrumental, condicionada por uma mais-valia global (SOUZA SANTOS, 2002) opera no indivíduo, que naturaliza suas consequências, e em que a maior parte dos seres humanos, não está ciente ou pensa ser normal as externalidades do capitalismo, tornando-se também, em grande escala, causadores dessa crise, em seu próprio cotidiano (NEPOMUCENO, 2015).

Se nos encontramos nos limites da sociedade atual, é porque vivemos em um modelo que vem sendo criado ao longo da nossa história, fruto do aprendizado cultural de centenas de gerações anteriores, com suas práticas, crenças, valores e utopias pregressas. Se por um lado, essa evolução permitiu que sobrevivêssemos e prosperássemos enquanto espécie, construímos sociedades baseadas na exploração e na submissão de quem tem “menos valor”, colocando-se uma noção de importância hierárquica, determinada pelo antropocentrismo e sua constelação de poder, dinheiro, estrato social, genitália, cor da pele, e tradições “primitivas”, às custas da assimilação dessas outras culturas e outros seres, alçando a modernidade, a cultura ocidental e o modelo hegemônico ao suposto altar dos seres representantes do mundo globalizado.

Como se vê, as práticas humanas estão fundamentadas, cada uma, num imaginário que despreza a diversidade, e estes por si são essenciais na composição do paradigma atual da sociedade. Sem dúvida que esse imaginário está na escola e nos diversos ambientes educativos. Por isso, é um papel importante da Educação e da Educação Ambiental, fomentar processos efetivos para que esses limites sejam transcendidos e superados.

Assente na afirmação de Mike Hulme, de que as mudanças climáticas (que despontam como um espelho da crise civilizatória), "são disputas sobre nós mesmos; sobre nossos sonhos, nossos medos, nossas suposições, ou seja, sobre nossas visões de mundo." (Hulme, 2009 apud DE WITT, 2013, p. 24), torna-se ainda mais necessário que quaisquer reflexões sobre a Educação ou seus processos educativos estejam cientes das amarras do paradigma que nos envolve, para avaliarmos o nosso percurso humano, enquanto seres sociais e em como transcender estes limites estruturais e condicionadores do pensamento coletivo e individual.

Desde a ECO-92 o movimento ambientalista se enraizou e se expandiu no Brasil, e a Educação Ambiental, já há tanto reconhecida mundialmente ganhou mais fôlego e embora não com muito apoio político, se instaurou nos recantos do país. Sem nenhuma

pretensão de resgatar a sua trajetória histórica ou as suas vertentes, já tão bem relatada por outros autores (SORRENTINO, 2000), cabe aqui nesse contexto ajudar a refletir em como repensar a formação de educadores que, muitas vezes não tem preparo suficiente para torná-la efetiva. E mais, discutir sobre que preparo seria esse.

Não se trata apenas de estabelecer novos métodos, pedagogicidades ou de se enfrontar criticamente nos debates culturais para a superação das falhas e despreparos dos educadores. O que inquieta é que a Educação Ambiental, em todas as suas vertentes, também se limita pelo paradigma vigente e pela mentalidade colonial que orienta a sociedade atual.

Apesar de fazer confrontos políticos, econômicos e sociais, a Educação Ambiental crítica e emancipatória, está contida no campo da intelectualidade e da racionalidade humana, e também tem dificuldade em se converter em práxis. Mesmo com toda a contraposição ao sistema e esforço em superar as contradições, ainda tem como parâmetro o paradigma atual condicionante, pois origina seu ponto de vista crítico a partir desse ponto.

O EDUCADOR, SER MAIS AMBIENTAL

Uma abordagem crítica da Educação Ambiental reflete-se em uma prática coerente com o discurso crítico e que busque superar as limitações do paradigma vigente. Para isso, o educador ambiental tem uma importância crucial pois é a sua atuação pedagógica que determinará os limites e as possibilidades de fomentar a reflexão dos alunos e educandos.

Atuar como educador ambiental não é apenas transmitir conhecimentos, informações ou procedimentos que possam colaborar na preservação ambiental ou na minimização de danos ao ambiente. Esta perspectiva é discutida entre os vários autores da Educação Ambiental como sendo conservadora, justamente porque ela limita-se em transitar sob a égide do modelo capitalista vigente sem propor reflexões que possam corroborar no processo de transformação social, ou seja, na visão conservadora a educação ambiental “ajusta-se à reprodução do *status quo* (GUIMARÃES, 2004, p. 20).

Os atos educativos e seus processos dependem de um educador, daquele que media processos capazes de fomentar o aprendizado pelo sujeito (educando). Na Educação Ambiental, esse educador precisaria ter feito um percurso de ação que o tenha formado com as habilidades, reflexões e, principalmente convicções necessárias à fomentar uma mudança desejada em termos de sociedade e paradigmas existentes. Estes

elementos não são claros, se constroem subjetivamente, não a partir de determinado(s) conteúdo(s) ou por processos mensuráveis e controláveis, técnicos ou procedimentais acerca do meio ambiente. Contudo, a premissa de que o educador ambiental é uma figura-chave como mediador no processo educativo em prol de uma sociedade melhor, mais equânime, ultrapassa em muito, a lógica ao qual nos debatemos, porque exige ampliar a os pressupostos atuais da modernidade ao qual estamos submersos e o entrelaçamento das questões ambientais, à uma visão mais complexa, imbricada na teia da vida, cuja ignorância se reflete em diversas facetas e nos desequilíbrios pelos quais passa a sociedade humana.

Nesta investigação, provocada pelo anseio de atuar e contribuir para um mundo melhor, mais sustentável, coube levantar aspectos embutidos em sujeitos que buscaram viver de forma mais sustentável para discernir se estes poderiam enriquecer a Educação Ambiental, buscando avançar em outras possibilidades de proposições, na importância de compreender em como intervir ou propiciar que a ação pedagógica desse educador ambiental, possa, de fato, contribuir para a construção de um outro paradigma da sociedade.

O educador, enquanto sujeito que educa, tem a sua práxis diretamente relacionada às suas características pessoais, determinadas pela sua história de vida, formação institucionais e informais, vivências e os aprendizados com/na natureza, seus construtos relacionais, e as visões de qual mundo “novo”, ou novo paradigma, se quer, se é que se quer. Dessa forma, o educador ambiental seria não somente um representante fiel do que Isabel Carvalho (2004) denomina como “sujeito ecológico”, mas também um sujeito capaz de planejar processos que influencie, pela prática educativa outros seres humanos.

Parafraseando Paulo Freire, o educador ambiental seria antes de tudo uma liderança, um educador que teve em sua formação a possibilidade de criar a partir de si mesmo a produção e a construção do seu conhecimento (FREIRE, 1987) ou ainda que tenha vivenciado situações e ambientes educativos “impregnado por uma práxis pedagógica que busque a ruptura do pensar e agir hegemônico.” (GUIMARÃES, 2004, p. 26).

Neste sentido, a adoção de práticas conscientes, oriundas de reflexão e concretizadas em uma coerência de vida e em seus posicionamentos políticos, sociais, ambientais, etc. são em realidade reflexos de toda uma complexidade humana à qual é preciso se ter em conta ao pensar em processos formativos, para compor uma (form)ação, e para que ocorra o impulso a uma possível transformação social pesa também as

características do educador e não apenas a quantidade de conteúdos e informações que ele é capaz de organizar ou dinamizar.

Não há regras e nem procedimentos prontos ou fáceis, e nem há que se ter. Na realidade, podemos elaborar parâmetros, reflexões, provocações, procedimentos éticos, nortes, guias de ação e outros, mas ainda assim, pode se questionar se todos estes aparatos pedagógicos, constituídos dentro desse mesmo sistema que queremos transformar e que inconscientemente reproduzimos em nosso dia a dia, possibilitariam, e até que ponto, desenvolver um pensamento crítico, reflexivo, atuante, interventivo e principalmente, efetivo para a Educação Ambiental, para que ela seja realmente emancipatória e transformadora, não só para o educando individualmente, mas coletivamente, reposicionando as bases de nossa sociedade em outras premissas.

Historicamente a Educação Ambiental crítica é uma abordagem que se diferencia justamente por buscar aprofundar as contradições da sociedade (JACOBI, 2005; LIMA, 2009). Neste contexto, enquanto campo de estudo e reflexividade, critica e se contrapõe às tendências conservadoras que muitas vezes individualiza o processo pedagógico em temas. Em seus pressupostos estão a reflexão crítica, emancipatória, transformadora e problematizadora do ambiente, para que sua práxis promova a ruptura, em que se estimule a compreensão de que estamos sendo levados pela correnteza do rio e o questionamento se seria esse o caminho a seguir, o “caminho único” a seguir.

Para tanto, a EA se coloca como estratégia em um ambiente que revele as relações de poder e exploração, criando nexos que permitam a superação do senso comum, sincrético, difuso e reduzido, em prol de uma racionalidade baseada no bom senso, significativamente coerente em tecer a transformação dos sujeitos, pelo discernir da complexidade presente no tecido social. Um papel fundamental para a criação de inferências (relações complexas) e conhecimentos capazes de contextualizar as partes em uma totalidade, e dessa totalidade poder inferir suas partes, num movimento recíproco de ir e vir, indispensável em relações complexas.

Não há como questionar a importância social e planetária, de que essas inferências ocorram e se consolidem no contexto da humanidade. Entretanto, à parte de serem ainda poucos os educadores ambientais, tendo em vista a dimensão da crise civilizatória, o que temos visto é que por mais problematizadora e crítica que a Educação Ambiental esteja sendo, sua práxis não tem efetivado mudanças no rumo em que a sociedade vem tomando ao longo dos tempos. A sensação é similar à de estarmos num trem desgovernado em que os educadores ambientais críticos, embarcados nesse contexto, discernem com nitidez os

problemas que causam o descarrilhamento, porém não parecem possuir maiores ou menores recursos que outros atores para atuar, de forma efetiva, a evitar que o trem caia no abismo. No fundo, o nosso pensar e fazer, nos conduz e é conduzido por este mundo dicotômico que nos enlaça ainda mais na “armadilha paradigmática”.

A inserção do indivíduo no coletivo, atuando em processos de transformações sociais é essencial, e há que se ter em conta que esse educador é também transformado pela experiencição na construção de novas realidades. Esta relação é simbiótica, dialógica e horizontal e torná-la um processo consciente e intencional, pode ser uma trilha a ser traçada para gerar aprendizagens potentes para a transformação da sociedade e dos sujeitos que a compõem.

Esta não é uma tarefa fácil e pode parecer aos críticos, beirar a invenção de um novo caminho “único”, mas não se trata de ter uma fórmula pronta para se chegar num lugar específico. Trata-se sim, de fomentar a potencialidade humana e a inteligência (não só a cognitiva), presente em cada ser e também no planeta, para ir além da reflexão crítica, sobretudo com coerência, e ousar traçar novos caminhos, que literalmente se farão apenas ao caminhar, mas com clareza e confiança no que é essencial e importante para todos os seres, inclusive Gaia. Com a convicção de que, se não agirmos conjuntamente como sociedade, numa lógica de cooperação coordenada para sair da crise civilizatória e minimizar as suas consequências, corremos o risco da extinção em várias esferas. Obviamente que essa tarefa hercúlea não cabe apenas à Educação Ambiental.

Um desafio, portanto, refere-se à ampliação das visões de mundo, contemplando outras cosmovisões e epistemologias, que considerem a pluralidade de dimensões, no intuito de criar alternativas em como transgredir a hegemonia cultural ocidental que nos condiciona; em como fluir rumo a outros componentes pouco valorizados, inclusive na ciência social, mas que nos constituem e identificam como seres humanos, para que possamos resgatar ou aprender processos que auxiliem a desencaixar o limitado e limitante paradigma em nós mesmos. Lembrando que, mesmo que pela reflexão crítica o condenemos, ainda assim, a ele estamos amarrados. Um paradigma tão presente que se torna oculto na trama das nossas inconsciências e reflete-se na forma que incidimos no mundo, definindo e intervindo em nossas ações, julgamentos, pensamentos, reflexões, ações, emoções e, obviamente também nas práticas educativas.

Ao pensar em quem seria esse sujeito transformado e transformador, que educa, em quais seriam suas bases formativas e visões de mundo, que atua junto aos outros para que sejam atores de uma outra sociedade me inspiro em Isabel Carvalho (2004) de que

esse educador ambiental precisa estar permeado pelo “sujeito ecológico” e tornar-se um “ser mais ambiental” (GRANIER, 2017).

Assim, uma proposta de formação educativa que fomente a criação desse educador - sujeito ecológico, precisa desconstruir o caminho “único” criado pela modernidade e suas formas de fazer ciência, trazendo outras perspectivas de compreensão de mundo, superando as bases deterministas para outras cosmovisões e epistemologias, e cuja radicalidade da experiência contribuiria na formação desses educadores rumo à transição paradigmática.

DIMENSÕES DAS COMUNIDADES INTENCIONAIS NA CONEXÃO COM A COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA

Desde 2004, Mauro Guimarães tem levantado a importância de repensar as intervenções educacionais na Educação Ambiental, discutindo conceitos essenciais em Paulo Freire (FREIRE, 1987, 1992) e da necessidade de estar imerso no contexto, na prática pedagógica, e com isso poder ousar o “inédito viável” na Educação Ambiental e impregnar suas práticas diárias com significado e sentido, como também é proposto por Gutierrez e Prado (1999).

Os processos formativos em Educação Ambiental tem sido seu objeto de estudo ao longo do tempo e hoje é uma das linhas de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mauro Guimarães inovou ao fazer emergir à consciência a noção sobre a “armadilha paradigmática” na qual os educadores ambientais também se encontram mergulhados. (GUIMARÃES, 2004)

Já nesta época ele propôs eixos essenciais ao planejamento de processos formativos e, de lá para cá, tem produzido e orientado trabalhos nesta linha, culminando na proposição teórica e metodológica da ComVivência Pedagógica⁹⁶ como provocadora de um processo dinamizador para uma Educação Ambiental efetiva e emancipatória. Esta proposição se imbuí de propiciar uma troca de experiências significativas, pela convivência e pelas vivências, de educadores em formação, em ambientes radicais,

⁹⁶ No momento, os vários integrantes do GEPEADS têm se dedicado a discutir e problematizar os elementos fundamentais dessa proposta, em dissertação, teses e artigos. Para saber mais veja GRANIER, 2015, 2017; FERREIRA, 2016; GUIMARÃES; MEDEIROS, 2016; GUIMARÃES; GRANIER, 2017, 2017; SANTOS, 2018; GUIMARÃES; GRANIER; KLEIN, 2020; FARIA, 2021.

caracterizados por modos de vida silenciados na modernidade, por outros referenciais paradigmáticos e epistemológicos.

A ComVivência Pedagógica se baseia pela possibilidade de educadores, vivenciarem num **ambiente educativo**, dialógico e horizontal, amoroso (FERREIRA, 2016), um processo formativo, com vistas a transcender a noção mais material de ambiente⁹⁷ à uma dimensão bem mais ampla, de movimento complexo e fluído entre ser humano, sociedade e natureza, que estando em constante desenvolvimento e transformação, constituiria o pano de fundo, intrínseco e extrínseco dos educadores para tornarem-se atores reais de transformação.

Esta noção vem se desenvolvendo desde 2004, quando Guimarães já propunha o **ambiente educativo** como movimento, um dos dez eixos propostos como necessários na formação de educadores (GUIMARÃES, 2004). O ambiente educativo teria o papel de mobilizar e construir uma ativação da consciência sob uma perspectiva diversa da disjuntiva, ao propiciar, em conjunto com outros eixos e princípios, tornar-se uma experiência significativa, numa perspectiva integrativa, que considera outros espaços, tempos e saberes, outras epistemologias. (FARIA, 2021).

Numa proposta mais recente, a ComVivência Pedagógica que vem sendo construída no âmbito do GEPEADS, o ambiente educativo, vem a ser algo preparado e planejado para catalisar os processos educativos, subsidiado por seus cinco princípios fundamentais: o da intencionalidade transformadora, da postura conectiva, da desestabilização criativa, reflexão crítica e indignação ética; que em conjunto, potencializariam uma ruptura com as certezas e com a homogeneização atual, que paradoxalmente fragmenta os seres humanos em uma mentalidade que opera comportamentos padronizados.

A ComVivência Pedagógica, seria então, uma base para formar o educador-sujeito ecológico, em um **ambiente educativo** intencional, radical, que, a partir de outras referências, constituir-se-ia numa imersão desestabilizadora e de reflexão nesses diferentes espaços “(práxis – ação e reflexão) com a finalidade de transformar e ser transformado, (de) se tornar um **Educador mais ambiental**⁹⁸” (idem, p.84).

⁹⁷ Milton Santos conceitua ambiente como “a organização humana no espaço total que compreende todos os fragmentos territoriais que o compõem” (SANTOS, 1982 apud TASSARA; ARDANS, 2005, p.206).

⁹⁸ Grifos meu

A ideia do educador como um **ser mais ambiental** emerge da reciprocidade entre a desconstrução do “caminho único” (GUIMARÃES, 2011) pelo ser natural que se emancipa, se potencializa e se torna “mais”, se tornando um sujeito mais consciente, inteiro, íntegro e integrado com a multidimensionalidade do mundo (GRANIER, 2017). Este conceito sintetiza a restauração do sujeito na teia complexa da vida, em que estão embutidos premissas de conexão com o mundo natural em que o todo é um, em outros ritmos e na qual a práxis educativa concretiza a possibilidade de atuar em processos emancipatórios.

Complementarmente à proposição inicial em que o ambiente pedagógico é selecionado previamente, reconhecido e preparado como fundante para que ocorra o processo educativo numa ComVivência Pedagógica; nesta tese, não foi planejada ou organizada uma ação educativa em um ambiente preparado. Outrossim, se priorizou conhecer mais acerca de uma realidade já existente, o das comunidades intencionais, que assim como outros espaços cujas diferentes epistemologias estão presentes, foi vista com base no pressuposto de que seria um local em que os sujeitos que ali convergem, estariam mais próximos do “ser mais ambiental”. Esse pressuposto guiou a investigação, na busca de emergir as subjetividades dessas pessoas, a partir de suas próprias percepções sobre aspectos de sua interioridade e das práticas que elegem para colaborar na promoção de seus processos de desenvolvimento pessoal, conquanto serem indivíduos integrados em uma coletividade carregada de propósitos e utopias, e cientes da conexão que vivenciam com os outros e com a natureza.

A mudança pessoal, a valorização do autoconhecimento, o desenvolvimento espiritual, uma alimentação com base ética, seriam então dimensões essenciais, já constatadas em membros de comunidades intencionais (ROYSEN, 2018), a ser contemplado na trajetória dos educadores ambientais, ao se disporem a lutar e agir em direção à sustentabilidade. Estes componentes da interioridade dos sujeitos poderiam ser fomentados para provocar, por uma **intencionalidade transformadora**, a necessária **desestabilização criativa** e a **reflexividade crítica** geradoras de uma **postura conectiva**⁹⁹, consigo e com o todo, capaz de permear o sujeito, por todos os lados e em

⁹⁹ A postura conectiva é o princípio formativo que incentiva a incluir e ampliar as perspectivas do mundo, reconectando o ser humano com o natural, com uma noção empática expandida, (individual e coletiva) e se relaciona diretamente com o conceito de pertencimento.

todas as direções, para reestruturar conscientemente, novas atitudes e uma nova visão de mundo integrativa, consolidadoras de novos e diversos caminhos.

Ao retomar a discussão anterior (capítulos 2,3 e 4) vimos que outros autores (CARVALHO, 2016; ROYSEN, 2018) já haviam revelado a existência de antecedentes com preocupações ecológicas e ambientais nos comunitários, tornando a decisão de ir morar em uma comunidade intencional, um processo que avançou de forma completamente natural (BORELLI, 2014). Porém, o olhar mais apurado sobre estas motivações, revelou que esse “processo natural”, foi resultado de situações, desencadeadas por decisões importantes, onde essas pessoas se sentiram numa espécie de encruzilhada, com gatilhos variados, que inflamaram a **indignação ética** que culminou em edificar uma **intencionalidade transformadora** de viver com maior coerência com princípios internos e externos.

Por isso, ter enveredado em alguns elementos das subjetividades dos comunitários, estimulou a reflexão das ausências no espectro da Educação Ambiental. Estou convicta de que vale a pena aprofundar-se em sujeitos “mais conscientes” numa perspectiva integral, para que contribuam na caracterização de como se estrutura, interiormente, a indignação e como acontece a concretização da intencionalidade, para assim subsidiar a inclusão de outros elementos na efetivação da Educação Ambiental. Afinal, as pessoas que sustentam em seus princípios a busca por uma vida mais sustentável, são guiadas muito mais por valores intrínsecos do que extrínsecos (DE WITT, 2018; HEDLUND-DE WITT, 2013), que parecem culminar em consciência, numa espécie de “despertar interior” (MARDACHE, 2017).

Nesse despertar interior relacionam-se desde experiências espirituais ou insights obtidos a partir da superação das dificuldades enfrentadas e que como vimos, instigou uma infinidade de diferentes objetivos nos sujeitos das comunidades, mas que em suas interfaces nos conduz a suscitar o enorme potencial em expandir as dimensões a serem trabalhadas na formação de educadores ambientais.

Lembrando que a **indignação ética** consolidou a perspectiva de vivenciar a sustentabilidade e os mobilizou a se deslocar para uma comunidade intencional (VICDAN, HONG, 2018), num vislumbre significativo de que “um outro modo de vida é possível”, de uma boa vida.

A escolha em romper e transgredir com a sociedade limitada e renunciar aos seus embustes para ousar construir uma vida mais coerente, equilibrada, com vínculos amorosos, em uma **postura conectiva** com a natureza, com os outros, com o sagrado e

com o todo, apostando em um “buen vivir” são dimensões pouco consideradas no modelo hegemônico e tampouco nos processos formativos, contudo, são construções internas importantes e mobilizadoras dos sujeitos e provavelmente fundantes do consumo desenfreado, numa tentativa de ser feliz, mas com bases em um tipo de felicidade externa e egocêntrica, construída pela modernidade.

Ao utilizar recursos da ciência, dita mais dura, oriundas na modernidade e instauradas pelo modelo hegemônico, procurou-se reconhecer os esforços de outros pesquisadores que trouxeram à cena as visões de mundo e as subjetividades dos sujeitos, para nutrir o diálogo de aspectos subjetivos entre os comunitários e os que atuam como educadores ambientais, e que têm sido pouco valorizados no cenário da Educação Ambiental.

De certa maneira, a escolha nesta investigação, em percorrer um caminho que mergulha no particular, em conhecer aspectos específicos de moradores de comunidades intencionais, pode suscitar críticas, por parecer estar desconectada da visão global que a complexidade ambiental exige. Entretanto, esta particularização em determinadas variáveis da pesquisa, longe de fragmentar o sujeito pela lógica reducionista ou de considerar que uma parte do ser humano se sobreporia ao ser integral, como critica Guimarães (2005), pretendeu revelar aspectos nem sempre claros ou fáceis de captar em seres humanos, que foram, à partida, considerados presentes nos comunitários, por estes estarem mais próximos do que seria um **Ser mais ambiental**.

Levantar as percepções desses sujeitos, pela utilização de escalas psicométricas reconhecidas e categorização com análise de conteúdo, pretendeu (re)conhecer aspectos que estariam presentes nas subjetividades desse **ser mais ambiental** e poder ampliar a percepção do quanto e de como propiciar uma **experiência significativa**, como a que ocorre cotidianamente nas comunidades intencionais, para a Educação Ambiental.

Neste sentido há que se considerar profundamente a possibilidade de compreender melhor as subjetividades dos sujeitos e de considerá-las como aspectos, com potencial pertinência, para ser mais explorado na formulação de processos de formação. Estes são pontos a serem mais profundamente investigado, especialmente com um público-alvo mais amplo, em relação a outros grupos da sociedade, e com a aplicação de outros instrumentos, além de poder verificar se estas perspectivas encontradas se tornam práxis, e se remetem a uma atuação concreta.

A vida nas comunidades, são experiências que nos remetem à utopia, em outro paradigma, portanto podem servir, no mínimo, como uma outra referência a ser

considerada para observar e se pensar o mundo que estamos vivendo. As experiências nas comunidades intencionais podem ser consideradas pequenas, mas podem nos ensinar práticas divergentes do modelo hegemônico atual, expressadas por sujeitos com visão de mundo integrativa, e em cuja atuação, seja pela desestabilização criativa, intencionalidades e reflexão crítica, acabou por criar espaços de busca coerente que pretendem estar mais condizentes com a realidade complexa planetária, colocando na ação cotidiana a pauta urgente de agir em prol da vida do planeta, já tão ameaçada.

AS INTERFACES COM UMA EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA

A título de sistematizar os principais resultados na exploração desse estudo, na bibliografia específica organizada na revisão sistemática e acerca das percepções dos comunitários sobre suas próprias vidas, proposta no capítulo 3, que pretendia conhecer suas características e, poder captar, sob suas perspectivas, aspectos subjetivos que orientaram a determinação em viver em uma comunidade intencional, bem como a avaliação que fazem da importância dessa experiência em suas vidas, suas causas desencadeadoras e os impactos e mudanças que obtiveram por esta escolha; assim como o rebatimento de parte desses aspectos junto com os educadores ambientais; realizado no capítulo 4, apresento a síntese que se segue.

Os estudos foram prioritariamente realizados em Instituições de pesquisa do Hemisfério Norte e a maior parte deles por pesquisadoras. Os estudos focavam nos indivíduos e nas comunidades como unidades de análise e os principais objetivos eram de prever aspectos pessoais e de estilo de vida e caracterizar as práticas realizadas nas comunidades assim como por seus membros. Algumas investigações foram conduzidas para avaliar os valores e ideologias presentes nessas comunidades, os fatores que condicionaram a adesão, como se dá o desenvolvimento da comunicação sobre sustentabilidade, as mudanças ocorridas no grupo através dos tempos, entre outras.

Em termos dos integrantes, as pesquisas se concentraram em compreender o bem-estar, estilo de vida, satisfação e qualidade de vida; e as percepções das diferentes temáticas que os comunitários têm pela sua vida na comunidade intencional.

A grande parte das pesquisas se utilizou de abordagens qualitativas para organizar suas estratégias de coleta e análise de dados. As abordagens teóricas utilizadas, estavam assentes em aspectos no campo das utopias, da qualidade de vida dos sujeitos da gestão e governança, das políticas públicas que incidem e as diferentes formas de inserção no território.

Um ponto central do trabalho era o de compreender melhor quem eram os moradores das CI. As estratégias traçadas pretendiam levantar o perfil, nível de estudo, escolhas alimentares; suas visões de mundo, sentido da vida, espiritualidade e desenvolvimento interior; no intuito de conhecer melhor quem são essas pessoas, o que as diferencia e o que pode ter sido determinante para escolher viver em comunidades utópicas/sustentáveis que pudesse subsidiar as reflexões do processo formativo em Educação Ambiental.

Vimos, que os comunitários são de idades que variam dos 18 aos 83 anos, possuem nível de graduação e pós-graduação. Suas cosmovisões estão inseridas numa visão de mundo integrativa que considera a multiplicidade da realidade e sua interdependência tanto de fatores extrínsecos, baseados no pensamento cognitivo, racional e científico, como de fatores intrínsecos que percebe e insere o imanente, o divino, as emoções, a espiritualidade, ou seja, rompe com a dicotomia e integra o pensamento racional com o sentido de conexão com o cosmos, com a natureza se reconciliando com os outros seres vivos.

Os membros das comunidades possuem uma vida satisfatória e uma relação com a espiritualidade considerada elevada e numa base mais personalizada, não dependentes de instituições religiosas, e engloba primeiramente a dimensão da consciência ecológica e um poder superior, e a dimensão dos relacionamentos, secundariamente.

Em termos de práticas, buscam realizar atividades especialmente no campo do desenvolvimento espiritual, como a meditação e de fruição interior como a contemplação.

As motivações que os fizeram optar por ir viver em uma comunidade intencional foram prioritariamente aquelas do âmbito da promoção da sustentabilidade e de desenvolvimento pessoal, no sentido amplo, que contempla desde a alimentação a ser uma pessoa melhor e mais desenvolvida espiritualmente. A busca por viver próximo à natureza, se relacionar e o desenvolvimento de pertencimento também tiveram um papel importante.

A essa vida comunitária, os integrantes atribuíram uma grande importância na transformação percebida em suas vidas, ocorrida em quatro dimensões: nas capacidades, autoconsciência, habilidades e emoções. Estes impactos percebidos foram relatados tanto na esfera coletiva, legitimando a viabilidade de um modelo social alternativo e a socialização da práxis cooperativa; como individual, como oportunidade de desenvolvimento pessoal e na ampliação do sentido de conexão. No contexto dessas influências os sujeitos pesquisados atribuíram ao próprio sentido de conexão, como uma

das causas da mudança, mas também à desestabilização pelos conflitos sociais e ou cognitivos, à necessidade de disciplinamento éticos, ao seguir regras ou práticas e a participação nos processos e dinâmicas que propulsionam a transformação social.

Quando os comunitários foram colocados defronte dos educadores ambientais, vimos que as idades estavam mais bem distribuídas entre três das quatro faixas etárias, enquanto que os educadores se concentram particularmente na idade entre 41 e 60 anos. Praticamente todos possuem nível superior e uma boa parte pós-graduação, com uma inversão em relação ao nível de estudo e o gênero, os homens possuindo mais mestrado e doutorado nas comunidades e o mesmo com as mulheres, na Educação Ambiental.

A satisfação que sentem com a própria vida em ambos os grupos participantes na pesquisa, foi similar, retornando à percepção de estarem satisfeitos num nível parecido. A espiritualidade teve um nível um pouco maior entre os comunitários, mas ambos situam-se num nível alto, com ênfase na dimensão da consciência ecológica, o que demonstra uma alta consciência da interconectividade e justifica a escolha acentuada nas práticas de meditação em ambos como estratégia de desenvolvimento pessoa. Embora os educadores ambientais tenham preferido em primeiro plano, para tanto, a atividade de leitura.

Em relação à espiritualidade, chama a atenção, uma pontuação que denota alta espiritualidade nos dois grupos e inclusive, coincidentes nas três dimensões em que se situam, denotando um paralelismo na relação com o sentido do sagrado na natureza, com consciência ecológica e a ciência da presença de uma Inteligência superior; no relacionamento ético com os outros, na autorrealização e autodescoberta.

O fato de que os resultados não sejam muito discrepantes pode demonstrar uma possível associação entre uma sensibilidade para as causas ambientais e uma postura conectiva, que considera o todo e a espiritualidade. Pode ser que o fato de os dois grupos estarem sensíveis a causas ambientais e planetárias seja um determinante para isso. Além disso, os comunitários apresentam constantemente, em todas as variáveis, um resultado um pouco acima nos indicadores do que os encontrados nos educadores ambientais.

Contudo, é verificável que os comunitários as vivem mais intensamente na realidade cotidiana que se reflete na criação da coerência entre a teoria e a prática, na práxis, no âmbito interno e externo, algo que pode vir a ter grande relevância na elaboração de estratégias de Educação Ambiental que coopere na superação do paradigma disjuntivo.

Sem dúvida, que em tais práticas encontram-se atividades cotidianas que expandem suas percepções sobre si mesmos e sobre os outros, como a meditação, a vida em consonância com o meio natural, atrelado à superação conjunta de desafios, estruturais e relacionais.

Em alguma medida os comunitários ousaram, romper com a “armadilha paradigmática” em suas vidas diárias buscando uma conjugação mais coerente com a complexidade ambiental, seja gerando menos impactos e/ou confiando numa certa Inteligência que subjaz os ritmos e movimentos naturais do planeta. Os educadores ambientais, mesmo que atento e sensíveis à urgência dos tempos atuais, demonstrada nos resultados próximos obtidos na escala da espiritualidade, não só estão mais suscetíveis porque se formaram nesse modelo, como estão mais intensamente impregnados do que o sistema hegemônico diariamente produz.

Outrossim, são profissionais de uma Educação Ambiental que, mesmo quando confrontadora, está limitada por operar apenas pelo pensamento racional e crítico, como caminho único de superação. Daí que, considerar categorias de transformação interior que vem sendo construída pelos comunitários por meio das reciprocidades de suas relações com os outros, com o meio, com os sentidos, com a natureza, com o sagrado – com o todo, na dimensão educativa, como se pretende na proposição da ComVivência Pedagógica, pode fomentar um salto quântico nos processos formativos, que contemplem o sujeito como ser integral, o coletivo como espaços de crescimento exponencial e a sociedade saudável, utópica, como resultante do “inédito viável” (FREIRE, 1987).

Nepomuceno (2015) destaca sobre a importância de integrar a dimensão da espiritualidade e do sagrado no campo da Educação Ambiental, em função de sua natural vocação espiritual arraigada em uma das origens do ambientalismo, sem com isso abandonar todo o percurso social, político ou de engajamento que faz parte de seu gene, porém expandindo-a em seu escopo no diálogo crítico com as multidimensionalidades da vida e da sociedade, sem ingenuidades ou alinhamento conservadores. Negar isso, é negar o humano e a multidimensionalidade presente em nós, como sujeitos, como coletivos e como sociedade. Por isso, é premente reconhecer que a complexidade ambiental fica facilmente contida pela capacidade racional humana condicionada e muitas vezes acaba por desconsiderar na prática, a complexidade humana e suas nuances holísticas, subjetivas, criativas, emocionais, espirituais ou relacionais etc.

Um ponto interessante é que se constatou que muitos dos componentes importantes que estão sendo desenvolvidos e considerados fundantes da abordagem

teórico-metodológica da ComVivência Pedagógica, são elementos constantemente ativos na vida dos comunitários e que podem ser potencializados como **experiência significativa** da comunidade intencional, se coadunando com os princípios formativos e os eixos provocadores da proposição que vem sendo elaborada (FARIA, 2021).

A pesquisa com os comunitários identificou em suas motivações, subjetividades e visões de mundo integrativa, aspectos consonantes a uma **intencionalidade transformadora**; que desencadeou uma **postura conectiva** além da constância cotidiana da **desestabilização criativa**. Obviamente, que estes achados não se descolam dos outros dois princípios formativos, o da **reflexão crítica** e **indignação ética** também presentes, corroborando os demais trabalhos dos integrantes do GEPEADS, de que todos os princípios formativos possuem sinergia e se inter-relacionam como provocadores de uma dinâmica, de um movimento fundamental para que se tenha o **ambiente educativo**.

A radicalidade é também um pressuposto nessa proposta teórico-metodológica para a Educação Ambiental, que com base em uma postura aberta e conectiva, comporia o caminho de formação do educador ambiental, ativo socialmente, que se posiciona na perspectiva de transição paradigmática como sujeito a se transformar, e facilitador da transformação no outro, para os outros. Para que isso ocorra, esse sujeito precisa ter passado por experiências e processos que tenham possibilitado uma construção crítica da realidade, necessita ter vivenciado em sua formação situações além do conteúdo, informações, ou métodos de como agir no ambiente, enfim, ter na sua história experiências radicais, significativas, em situações reais, que crie choques de crescimento, vivenciais e outros sentidos.

Para que as práticas educativas se transformem, precisamos intervir no sujeito, não como parte (de uma comunidade ou de uma sociedade), mas como ser inteiro, um todo que se relaciona com o todo, em oposição à perspectiva cartesiana. Como vimos nos comunitários desse estudo, este ambiente social, de relações mais próximas, imbuídas de ações e propósitos, tem sido altamente impactante em suas vidas, os tem transformado e possibilitado um viver local mais sustentável, o que corrobora Freire (1992) quando exalta a potência da reflexão e da ação sobre o mundo, e eu acrescento, com intencionalidade, para a sua transformação.

A experiência significativa não só incentivaria a refletir com criticidades sobre o mundo em que vive, seu contexto social, os interesses dominantes, as forças de poder, a realidade presente, etc. como traria sentido e significado construídos nos momentos vividos por meio das relações, afetos, laços solidários, empatia, conexão.

Neste contexto, a comunidade intencional passa a ser, então, um ambiente educativo profícuo, onde se concretizam utopias, e relações humanas, cuja práxis ambiental se estabelece, numa força conjunta e criativa desses pequenos grupos ausentes (SOUZA SANTOS, 2002), que se ancoram na simplicidade voluntária, na renúncia com o estabelecido e na ruptura com o paradigma disjuntivo.

Para melhor ilustrar a relação da comunidade intencional com a proposição teórico-metodológica da ComVivência Pedagógica foi criada a representação abaixo (figura 21) visando representar as potencialidades das interrelações entre os elementos constituintes dos princípios fundamentais e a experiência significativa, para os sujeitos, pela vivência em uma comunidade intencional sustentável e utópica.

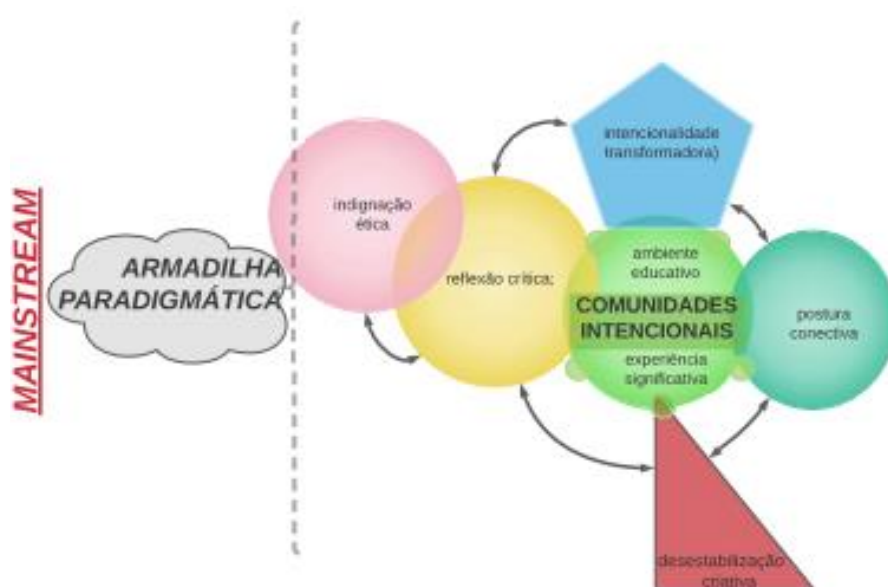


FIGURA 21 - AS COMUNIDADES INTENCIONAIS NA COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA

Importante ressaltar que muitas das características inerentes ao **ambiente educativo** também foram identificadas nas investigações prévias decorridas e levantadas na revisão sistemática e que, como apontado por Faria (2021), no contexto desta investigação, se vinculam com as categorias dos eixos provocadores que permeiam o cotidiano das comunidades intencionais como: a ruptura com a modernidade e seu modelo paradigmático, o reencontro com a natureza, dinâmicas diversas do espaço e suas temporalidades, o sentimento de pertencimento, construção de sentidos, choque de realidade, conhecimento intuitivo e estabelecimento de relações outras. Eixos importantes a serem contemplados para ampliar as dimensões usuais encontradas nos processos formativos da Educação Ambiental.

Com um sentido inverso, das demais investigações acerca da ComVivência Pedagógica em curso no GEPEADS, este trabalho se diferencia por ter sido iniciado a partir da conjectura de que nas comunidades intencionais, estariam presentes um “ser mais ambiental” e, principalmente, que estas já teriam sido fundadas como locais disruptivos e até decoloniais, mesmo que ainda tenham como mais significativas as suas presenças no Hemisfério Norte. Afinal, estas nasceram de uma indignação ética com a realidade imposta, por seres humanos que, numa postura conectiva, estariam cientes e mais conscientes de que habitam e compartilham o mesmo planeta, Gaia, contrapondo-se ao sistema através da práxis e da entrega diária de suas vidas na construção de outras bases paradigmáticas, na forma de se relacionar com a natureza e com todos os outros seres vivos.

Diante disso, vale ressaltar, que à margem de as comunidades intencionais terem suas próprias dinâmicas, inclusive como mobilizadoras de específicos processos educativos, o Gaia Education, por exemplo; é importante considerá-las também para servirem como um ambiente educativo da ComVivência Pedagógica. Afinal, são um espaço carregado de significados diferenciados e epistemológicos, capaz de gerar uma experiência significativa, para educadores ambientais em formação, não se limitando a gerar a transformação apenas àqueles que empreenderam essa experiência radical em suas vidas, mas também a outros que, imbuídos de uma **intencionalidade transformadora**, direcionada à transformação do mundo possam se inspirar nessas comunidades como laboratórios de novas relações de um porvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais motivações para elaboração desta tese perpassou pelo intuito de investigar o que leva determinados grupos de pessoas mudar seu estilo de vida, a ponto de se afastar do paradigma hegemônico e viver em comunidades intencionais.

A relevância desse tema pode ser percebida em diversas áreas, entretanto destaco algumas, pensando do ponto de vista tanto acadêmico como social. O primeiro se relaciona ao fato de que as pesquisas em torno de comunidades intencionais são raras no mundo e mais ainda em nosso país. O segundo, é a possibilidade de compreender como os moradores de comunidades estruturam as suas vidas e se em seus cotidianos há alguma chave que possa repercutir na sustentabilidade como um todo para a sociedade. Outro ponto é que se por um lado, essa investigação não pretende dar uma visão completa sobre todas as práticas subjetivas comunitárias existentes, a análise parcial feita da realidade do público-alvo desse estudo pode vir a ampliar o conhecimento atualmente existente, sobre os comunitários, sobre ser sustentável e possíveis implicações educativas, assim como sugerir questionamentos para novas investigações.

Em termos metodológicos, optamos por apresentar uma análise sistemática da literatura, bem como planejar e desenvolver dois estudos empíricos, sendo o primeiro com uma abordagem multimétodo, ou seja, coleta de dados por inquérito e entrevistas semiestruturadas e o segundo com levantamento de dados também por questionário.

A discussão de cada investigação foi organizada em capítulos independentes e os resultados descritos detalhadamente em cada seção. Para fins conclusivos, podemos apresentar como síntese alguns aspectos interessantes encontrados.

As publicações científicas produzidas na última década, sobre comunidades intencionais, oportunizaram identificar como elas foram caracterizadas e conceituadas, assim como as linhas e as finalidades orientadoras das investigações neste campo. Percebe-se que a maioria dos estudos se concentra em observar aspectos que este tipo de agrupamento coletivo produz em termos de sustentabilidade, seja na relação com o território ou na sua dinâmica cotidiana.

Nesse cenário, é interessante observar que a vida nas comunidades oferece vários atrativos para os sujeitos que procuram maior proximidade com a natureza e o menor impacto ao ambiente, o que inclui a produção orgânica de alimentos e de outros itens necessários, geração de energias por sistemas renováveis, partilha de bens comuns e ter hábitos mais saudáveis. Assim, as comunidades intencionais se sobressaem no quesito

sustentabilidade quando comparadas às iniciativas sustentáveis, especialmente àquelas que estão inseridas na leitura do paradigma vigente¹⁰⁰, por terem impactos mais significativos. Entretanto, não são apenas estes critérios que atraem os sujeitos para esse tipo de vida.

A possibilidade de entrelaçar objetivos comuns no próprio cotidiano, adicionados por afetos, aprendizados, outros sistemas de governança comunitária participativas que considera as afinidades (a sociocracia ou decisões por consenso ou consentimento, por exemplo) e a espiritualidade, enquanto se atua objetivamente para minimizar o impacto de suas próprias ações no mundo são alguns dos aspectos visíveis na bibliografia analisada.

A aplicação de ideais comunitários na maneira como as comunidades se organizam e se autogovernam, a partir de afinidades culturais, éticas, crenças, práticas espirituais, ideologias, utopias e senso de lugar, as distanciam do *mainstream* e as coloca em maior conexão consigo mesmas e com os outros, minimizando a individuação e aumentando o compromisso coletivo com o todo. Assim, o 'sentido de vida' compartilhado é algo que aparece em diversos artigos e que poderia ser potencializado em iniciativas sustentáveis.

O “bem viver” também é um aspecto presente nas comunidades, conforme relatado pelos comunitários, que se expressa no alto nível de satisfação com a vida. Uma satisfação que se manifesta na simplicidade das interações com outros seres e com a natureza, a partir de uma cosmovisão de interdependência com a Terra na perspectiva de Gaia e não do planeta como mercadoria em potencial. Isso inclui a conexão com o senso de lugar, a sabedoria ancestral, a solidariedade, harmonia e desenvolvimento pessoal, propiciando uma vida plena, que inova rumo à autossuficiência e sustentabilidade.

Expressar no cotidiano uma cosmovisão outra do que a que estamos mergulhados já é uma vantagem e os moradores de comunidades intencionais as tem experienciado, mesmo que ocultos e ausentes do sistema. Suas práticas transcendem o que, enquanto humanos de uma era moderna e pós-moderna, temos feito até agora.

Lutar para tratar os sintomas da doença sem perceber que estamos tentando lutar contra os sintomas com a mesma visão de mundo que criou a doença, primariamente, é inconsistente e se caracteriza pela inconsciência de seguirmos o “caminho único”, ou seja,

¹⁰⁰ Foram identificados estudos que comparavam comunidades intencionais com: iniciativas de baixo carbono, da pegada ecológica, de cidades sustentáveis, movimentos de vida lenta, *slow food* entre outras, resultando, em geral, em menos impactos nas comunidades intencionais.

lemos o mundo a partir de uma única cosmovisão, materialista, sem perceber que estamos totalmente imbricados nesse paradigma, com limitações nas nossas ações, pensamentos e sentimentos por estarmos contaminados/inseridos/imersos inconscientemente nesta mesma visão de mundo. Por mais criticidade ou boa vontade que queiramos ter...

Descobrir/inventar/criar/innovar com outros modelos é essencial assim como perceber os elementos presentes que distam das nossas referências arraigadas, enquanto ousamos agir em outro *modus operandi* pode ser a nossa única saída, daí que investigar essas práticas nos comunitários pode nos trazer luz a outros fazeres e saberes, nos inspirando que um outro mundo é possível. Sem a expectativa utópica e a ação cotidiana que possa nos dar pistas de que podemos desconstruir a destruição que temos feito, provavelmente não chegaremos lá.

Em alguma medida, a vida em uma comunidade sustentável, é manifestada por esta utopia no cotidiano e são os comunitários, pessoas como nós, que as implementam e as vivenciam. Pelo menos em algum grau, para eles, a relação com Gaia, se traduz em reflexões que produzem união, relações de respeito, empatia, amor, pertencimento (postura conectiva); e a espiritualidade e o autoconhecimento são elementos cruciais neste processo.

O aprofundamento na temática das comunidades intencionais, apontou que estas articulam um leque de práticas sustentáveis e, obviamente, este modo de vida se relaciona com o desenvolvimento pessoal dos comunitários que nelas vivem, afetando positivamente a qualidade de vida de todos eles, em termos de bem estar e relações sociais, em outra ótica que não a que se coaduna à visão de mundo orientadora do nosso paradigma vigente.

Diante dessas constatações é eminente que vivenciar o cotidiano de uma comunidade é uma experiência não só alternativa, mas criativa, na busca e encontro com outros referenciais, mais humanos, para se relacionar com a realidade mundial. Algo que trouxe significado, a partir de indicadores específicos planejados, ao inquirir e conhecer mais estes sujeitos, e compor o panorama de quem eles são e como vivem, o que pode ser de grande interesse para pensar a formação de sujeitos educativos.

A meditação tem também um papel importante, neste contexto, inclusive por ter sido identificada como prática importante neste estudo tanto para comunitários como para educadores ambientais, podendo vir a ser uma prática fundamental na elaboração de propostas pedagógicas; por propiciar a expansão da mente na conexão com todos os seres e poder colaborar na superação da armadilha paradigmática, especialmente no

desenvolvimento da postura conectiva, ao possuir como horizonte o reconhecimento do significado existencial¹⁰¹ e de direito à vida em todos os representantes encontrados no Universo.

É nesse contexto que identificamos os elementos subjetivos nas práticas de desenvolvimento pessoal e coletivo que os comunitários realizam em seu novo cotidiano e percebemos as potencialidades no cerne das propostas que estruturam uma comunidade intencional. Uma experiência imersiva com os comunitários pode contribuir de forma significativa para o campo da educação ambiental crítica, principalmente, no que diz respeito a viabilidade de propostas formativas para educadores ambientais que, embora sensíveis e engajados nas questões ambientais, estão suscetíveis ao sistema hegemônico e à “armadilha paradigmática”.

Aqui entrelaçamos o que está sendo desenvolvido e denominado por ComVivência Pedagógica, uma proposta teórico-metodológica que tem o intuito de formar educadores ambientais numa perspectiva mais radical, ou seja, de transformação, composto por dois movimentos: reflexão (teoria) e imersão (prática) em um ambiente educativo intencional com base em outras epistemologias, temporalidade, espaços e dinamizado por princípios.

No médio prazo, os resultados obtidos podem colaborar na reflexão da práxis dos educadores possibilitando uma qualificação dos processos educativos em Educação Ambiental e propiciando o fomento a novos estudos científicos na área que possam subsidiar novas pesquisas e o desenvolvimento de processos pedagógicos que sejam significativos (impacto educacional).

Em longo prazo, pode também subsidiar a concepção, elaboração e implementação de políticas públicas, considerando que a EA pode se revelar como possibilidade real no desenho de um novo modelo de relações sociopolíticas e econômicas, (impacto social e cultural) já que o esgotamento planetário é eminente e a necessidade de inovação para superação desses problemas deve ser uma das metas do conhecimento científico. As múltiplas interfaces da problemática ambiental é a vitrine da atual crise civilizatória, algo que exige um conjunto de estratégias e ações prementes, sob risco do extermínio da nossa espécie.

¹⁰¹ “Neste mundo físico, cada objeto tem a sua própria característica. Cada coisa se move com o seu ritmo característico, porém este ritmo individual é uma parte inseparável do Ritmo Cósmico. Assim, para os seres humanos, não é relevante que valor existencial ou utilitário uma entidade possa ter. O fato é que todos os seres criados neste universo estão movendo-se neste cosmos harmonioso.” (SARKAR, 2001)

Um dos elementos importantes dessa proposição é a “experiência significativa”, que como processo formativo pretende criar justamente um ambiente educativo no qual educadores possam vivenciar outras referências epistemológicas, que entrelaçadas pelos cinco princípios formativos da ComVivência Pedagógica gera um “choque de realidade” e a expansão da consciência, contribuindo para romper com as barreiras inconscientes, subjetivas e objetivas, da “armadilha paradigmática” e quiçá, colaborar na construção de uma nova visão de mundo, incluyente, que não se limita a perceber o Universo pela lógica humana, cujo cérebro é na realidade, o centro de poder (TARNAS, 2009).

Certamente, as pessoas que vivem em comunidades intencionais, possuem em maior ou menor grau, esse vislumbre, não só quando apostaram em alterar o seu modo de vida intencionalmente, mas pelos aprendizados cotidianos que esta vida comunitária, de “reencontro com o natural” tem proporcionado. Algo muito importante, que se mostrou como experiência transformadora e de grande impacto na vida dessas pessoas.

Ao interpretarmos, sob a égide dos princípios formativos da ComVivência Pedagógica, os dados dos comunitários, observamos que a comunidade intencional, por suas características, é uma “experiência significativa” para os membros que lá vivem, pois opera com o princípio da **desestabilização criativa**, oriunda da tentativa de romper com a “armadilha paradigmática”, impulsionada por motivos diversos de uma **indignação ética**, geradora da **intencionalidade transformadora**. Possui também potencial para tornar-se um **ambiente educativo** pensado com a finalidade de proporcionar uma experiência imersiva aos educadores e estimular uma **postura conectiva**, de conexão consigo mesmo, com os outros, com a natureza e o sagrado.

Diante desse percurso de mergulhar e conhecer mais sobre quem são os comunitários e coloca-los diante dos educadores, pretendeu-se refletir sobre elementos que considerem as subjetividades dos sujeitos para a elaboração de processos educativos futuros em Educação Ambiental possam potencializar dimensões de conexão do sujeito com o todo e ampliar suas perspectivas em prol de uma visão de mundo que seja integrativa e que supere o padrão dominante, desconstruindo o olhar estritamente focado no científico-racional para inserir e considerar fatores subjetivos como o sentimento, a espiritualidade, o senso de bem estar também como referenciais importantes a serem pensados em processos formativos que contribuam na transformação de educadores ambientais que possam transformar os educandos e, quiçá influenciar a sociedade.

Logo, concluímos que os resultados encontrados podem ser pertinentes para pensar percursos educativos em formação de educadores ambientais, pois os comunitários

ao criarem formas alternativas de viver em grupo e em harmonia com a natureza, a partir de ideologias próprias, rompem com o paradigma hegemônico e se distanciam do modo de vida ocidental convencional possibilitando que se tornem referências de um ambiente educativo propício a uma experiência imersiva significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, J. Assessing Success in High-Turnover Communities: Communes as Temporary Sites of Learning and Transmission of Values. **Journal for the Study of Radicalism**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 35–57, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/jsr.2012.0005>
- ARROZ, A. M. **Tribos acadêmicas ou sociedades pós-modernas? epistemologias pessoais na academia**. 798 f. 2004. Tese de doutorado. Açores, 2004.
- ARROZ, Ana Moura. Quantitativo ou qualitativo? Da oposição à integração. Universidade dos Açores: [s. n.], 2012.
- ARRUDA, B. M. **O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo**. 203 f. 2018. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2018. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1133>. Acesso em: 29 set. 2020.
- AZEVEDO, R. V. P. de M. **Vivendo paradigmas alternativos: Experiências in-vitro de sociedades futuras**. 129 f. 2016. Dissertação de Mestrado - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/12094/1/Disserta%20a7%20a3o%20Mestrado%20Rita%20Azevedo_Vers%20a3o%20Final.pdf
- BARCELOS, M. N. **Armadilhas paradigmáticas na educação ambiental: análise em PPPs de escolas públicas do Ensino Médio de uma cidade do interior de Minas Gerais**. 64 f. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/10535>. Acesso em: 12 out. 2018.
- BINDER, M. Taking to the Sea: The Modern Seasteading Movement in the Context of Other Historical Intentional Communities. **Indiana Journal of Global Legal Studies**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 765–794, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2979/indjglolegstu.23.2.0765>
- BOEIRA, S. L.; KOSLOWSKI, A. A. Paradigma e Disciplina nas Perspectivas de Kuhn e Morin. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 90–115, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2009v6n1p90>
- BORELLI, F. C. **Consumo responsável sob a perspectiva prático-teórica: Um estudo etnográfico em uma ecovila**. 244 f. 2014. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/41/teses/813514.pdf>
- BOSSY, S. The utopias of political consumerism: The search of alternatives to mass consumption. **Journal of Consumer Culture**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 179–198, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1469540514526238>
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. de A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, [s. l.], v. 3, n. 11, p. 121–136, 2011.

- BRITTO, A. L. R. de. **Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo**. 116 f. 2018. MESTRE EM ARQUITETURA - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.34301>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- CARVALHO, F. F. de. **Eros e comunidade: uma investigação etnográfica sobre o amor livre como ordem social confluyente na ecovila de Tamera em Portugal**. 269 f. 2016. Dissertação de Mestrado - UFRJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2016_MEST_Filipe_Freitas_de_Carvalho.pdf
- CARVALHO, I. C. D. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 411 f. 2001. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/isabel_carvalho17/publication/267421329_a_invencao_do_sujeito_ecologico_sentidos_e_trajetorias_em_educacao_ambiental/links/56c6256d08ae8cf828fef852/a-invencao-do-sujeito-ecologico-sentidos-e-trajetorias-em-educacao-ambiental.pdf
- CARVALHO, I. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2004. (Docência em formação).
- CASEY, K.; LICHROU, M.; O'MALLEY, L. Unveiling Everyday Reflexivity Tactics in a Sustainable Community. **Journal of Macromarketing**, [s. l.], v. 37, n. 3, p. 227–239, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0276146716674051>
- CHALQUIST, C. Review of Integral Ecology: Uniting Multiple Perspectives on the Natural World by Sean Esbjörn-Hargens and Michael Zimmerman. **Ecopsychology**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 153–157, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/eco.2011.0017>
- CHEN, G.; BAO, J.; HUANG, S. (Sam). Developing a Scale to Measure Backpackers' Personal Development. **Journal of Travel Research**, [s. l.], v. 53, n. 4, p. 522–536, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0047287513500392>
- CHEN, G.; HUANG, S. Toward a theory of backpacker personal development: Cross-cultural validation of the BPD scale. **Tourism Management**, [s. l.], v. 59, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.09.017>
- COSTA, B. B. O papel da educação na cooptação ideológica em Gramsci e Freire. **Filosofia e Educação**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 338–341, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rfe.v2i1.8635539>
- CUNNINGHAM. Exploring the efficacy of consensus-based decision-making: A pilot study of the Cloughjordan Ecovillage, Ireland. **International Journal of Housing Markets and Analysis**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 233–253, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJHMA-06-2013-0040>
- DE WITT, A. Climate change and the clash of worldviews: an exploration of how to move forward in a polarized debate: with mike hulme, “(still) disagreeing about climate change: which way forward?” **Zygon®**, [s. l.], v. 50, n. 4, p. 906–921, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/zygo.12226>

DE WITT, A. *et al.* A new tool to map the major worldviews in the Netherlands and USA, and explore how they relate to climate change. **Environmental Science & Policy**, [s. l.], v. 63, p. 101–112, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2016.05.012>

DE WITT, A. Transformative Solutions for Sustainable Well-Being. *In*: MARQUES, J. (org.). **Handbook of Engaged Sustainability**. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 1–30. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-53121-2_12-3. Acesso em: 20 abr. 2020.

DE WITT, A. **Worldviews and the transformation to sustainable societies. An exploration of the cultural and psychological dimensions of our global environmental challenges**. 364 f. 2013. Tese de doutorado - Utrecht University, Holanda, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.4492.8406>

DELANEY, C. The Spirituality Scale: Development and Psychometric Testing of a Holistic Instrument to Assess the Human Spiritual Dimension. **Journal of Holistic Nursing**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 145–167, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0898010105276180>

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo, S.P: Editora Gaia, 1992.

DIAS, M. A. *et al.* Os sentidos e a relevância das ecovilas: na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 79–96, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017>

DIENER, E. *et al.* The Satisfaction With Life Scale. **Journal of Personality Assessment**, [s. l.], v. 49, n. 1, p. 71–75, 1985. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13

EISMAN, L. B.; BRAVO, M. P. C.; PINA, F. H. **Métodos de Investigación em Psicopedagogia**. Madrid: McGraw-Hill, 1998.

ERGAS, C. A Model of Sustainable Living: Collective Identity in an Urban Ecovillage. **Organization & Environment**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 32–54, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1086026609360324>

ERGAS, C.; CLEMENT, M. T. Ecovillages, Restitution, and the Political-Economic Opportunity Structure: An Urban Case Study in Mitigating the Metabolic Rift. **Critical Sociology**, [s. l.], v. 42, n. 7–8, p. 1195–1211, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0896920515569085>

ESBJORN-HARGENS, S. Integral education by design: how integral theory informs teaching, learning, and curriculum in a graduate program. **ReVision**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 21–30, 2006.

FARIA, J. de S. **Pesquisa-formação em Educação Ambiental on-line: experiências e saberes em rede**. 211 f. 2021. Tese de doutorado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2021.

- FERREIRA, H. S. **A formação de educadores ambientais na “ComVivência” pedagógica com os saberes da terra.** 143 f. 2016. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. *E-book*.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 23^aed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. *E-book*.
- FUNDAÇÃO LEMANN. **O que é a BNCC? - Notícia.** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://fundacaolemann.org.br/noticias/o-que-e-a-bncc>. Acesso em: 11 maio 2020.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da terra.** São Paulo, SP: Editora Fundação Peirópolis, 2000. (Brasil cidadão).
- GEN. **Ecovillages.** [S. l.], 2012. Disponível em: <https://ecovillage.org/projects/>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- GIBBS, J. **Planet of the Humans | By Jeff Gibbs, Executive Producer Michael Moore.** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://planetofthehumans.com/>. Acesso em: 11 maio 2020.
- GÓMEZ, G. R.; FLORES, J. G.; JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigación qualitativa.** Madrid: Aljibe, 1996.
- GÓMEZ-ULLATE GARCÍA DE LEÓN, M. **Contracultura y asentamientos alternativos en la España de los 90: un estudio de antropología social.** 421 f. 2007. Tese de doutorado - [Universidad Complutense de Madrid], Vicerrectorado de Cultura, Deporte y Política Social, Madrid, 2007.
- GRANIER, N. B. **Experiências de “ComVivência Pedagógica” a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais.** 167 f. 2017. - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2017.
- GRANIER, N. B. Experiências de “com-vivência pedagógica” como possibilidade de construção de outras epistemologias para formação de educadores ambientais. *In:* , 2015, PUCPR. **EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação.** PUCPR: [s. n.], 2015. p. 22903–22912. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21072_11007.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.
- GRINDE, B. *et al.* Quality of Life in Intentional Communities. **Social Indicators Research**, [s. l.], v. 137, n. 2, p. 625–640, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-017-1615-3>
- GRUN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária.** Campinas: Papirus, 2011.
- GUERRA, I. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo - sentidos e formas de uso.** Estoril: Principia Editora, 2006.

GUIMARÃES, M. **A Formação de Educadores Ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, M. **Caminhos da educação ambiental: da forma a ação**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

GUIMARÃES, M. Intervenção educacional: do “de grão em grão a galinha enche o papo” ao “tudo junto ao mesmo tempo agora”. In: FERRARO JUNIOR, L.F. (ORG). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 191–199.

GUIMARÃES, M. Pesquisa e processos formativos de educadores ambientais na radicalidade de uma crise civilizatória. **Pesquisa em Educação Ambiental**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 58–66, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol13.n1.p58-66>

GUIMARÃES, M. Processos formativos do educador ambiental: a práxis de intervenção numa (Com)Vivência Pedagógica. In: , [s. d.]. **Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores**. [S. l.]: EdUECE, [s. d.]. p. 5829–5839. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/PROCESSOS%20FORMATIVOS%20O%20EDUCADOR%20AMBIENTAL%20A%20PR%C3%81XIS%20DE%20INTERVEN%C3%87%C3%83O%20NUMA%20COM%20VIV%C3%8ANCIA%20PEDAG%C3%93GICA.pdf>

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. **Revista Diálogo Educacional**, [s. l.], v. 17, n. 55, p. 1574–1597, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.17.055.DS06>

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B.; KLEIN, A. L. A “ComVivência Pedagógica” para a formação de educadores ambientais no Caminho de Santiago. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, [s. l.], v. 9, p. 1–12, 2020.

GUIMARÃES, M.; MEDEIROS, H. Q. de. Outras epistemologias em Educação Ambiental: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], p. 50–67, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.5959>

GUIMARÃES, M.; MEDEIROS, H. Q. de. Outras epistemologias em Educação Ambiental: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], p. 50–67, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.5959>

GUIMARÃES, M.; PINTO, V. P. dos S. Alternativas para processos formativos de Educação Ambiental: a proposta da “(Com)Vivência Pedagógica” diante de grandes e radicais desafios. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], p. 118–131, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.7146>

GUIMARÃES, M.; PRADO, C. Educação em Direitos Humanos e Educação Ambiental: Ética e História. in: SILVA, A.M.M. e TIRIBA, L. (orgs). In: **DIREITO AO AMBIENTE COMO DIREITO A VIDA**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

GUTIERREZ, F.; PRADO, C. **Livro: Ecopedagogia e Cidadania Planetaria - Francisco Gutierrez Cruz Prado**. São Paulo: Cortez: instituto Paulo Freire, 1999.

HEDLUND-DE WITT, A. Exploring worldviews and their relationships to sustainable lifestyles: Towards a new conceptual and methodological approach. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 84, p. 74–83, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2012.09.009>

HEDLUND-DE WITT, A. Pathways to Environmental Responsibility: A Qualitative Exploration of the Spiritual Dimension of Nature Experience. **Journal for the Study of Religion, Nature and Culture**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 154–186, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1558/jsrnc.v7i2.154>

HEDLUND-DE WITT, A. The rising culture and worldview of contemporary spirituality: A sociological study of potentials and pitfalls for sustainable development. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 70, n. 6, p. 1057–1065, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2011.01.020>

HONG, S.; VICDAN, H. Re-imagining the utopian: Transformation of a sustainable lifestyle in ecovillages. **Journal of Business Research**, [s. l.], v. 69, n. 1, p. 120–136, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.07.026>

INGLEHART, R. Public Support for Environmental Protection: Objective Problems and Subjective Values in 43 Societies. **PS: Political Science and Politics**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 57–72, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/420583>

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 233–250, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200007>

LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003a.

LEFF, E. Pensar a complexidade ambiental. *In*: A COMPLEXIDADE AMBIENTAL. São Paulo: Cortez, 2003b.

LEFF, E.; CABRAL, L. C. **Racionalidade ambiental a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEHAVI, A. How Property Can Create, Maintain, or Destroy Community. **Theoretical Inquiries in Law**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 43–76, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.2202/1565-3404.1208>

LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LEVIATAN, U. Kibbutzim as a Real-life Utopia: Survival Depends on Adherence to Utopian Values. **Psychology and Developing Societies**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 249–281, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0971333613500873>

LIMA, G. F. da C. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 145–163, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022009000100010>

LOCKYER, J. *et al.* “We Try to Create the World That We Want”: Intentional Communities Forging Livable Lives in St. Louis. **Center for Social Development Washington University in St. Louis**, [s. l.], v. 11, n. 02, p. 1–23, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7936/K7QN668N>

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Crítica: princípios teóricos e metodológicos. [s. l.], p. 69, [s. d.].

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. **Ambiente e Educação**, [s. l.], v. 8, p. 37–57, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. *et al.* (org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MARDACHE, A. C. Intentional Communities in Romania. Precursor stage of community integration. **Bulletin of the Transilvania University of Braşov**, [s. l.], v. 10 (59), n. 2, Social Sciences, p. 87–92, 2017.

MARDACHE, A. C. Intentional communities in Romania. Story of their beginnings. **Bulletin of the Transilvania University of Brasov.**, [s. l.], v. 9, n. 2, Social Sciences, p. 97–104, 2016.

MARQUES, E. C. L. *et al.* Dossiê: métodos e explicações da política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 22, n. 64, p. 140–145, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092007000200010>

MARTÍNEZ-ALIER, J. *et al.* Sustainable de-growth: Mapping the context, criticisms and future prospects of an emergent paradigm. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 69, n. 9, p. 1741–1747, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2010.04.017>

MEC. BNCC - Base Nacional de Conteúdo Curricular. [s. l.], p. 470, 2017.

MEIJERING, L. **Making a place of their own: Rural intentional communities in Northwest Europe**. 149 f. 2006. Tese de doutorado - University of Groningen, Holanda, 2006. Disponível em: [https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own\(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385\).html](https://www.rug.nl/research/portal/publications/making-a-place-of-their-own(9d364624-6b5e-48d9-9662-c8f2fc5c0385).html). Acesso em: 17 abr. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. [S. l.], 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 11 abr. 2021.

MORÃO, R. C. G. **Comunidades intencionais: velhos novos espaços de fuga**. 170 f. 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Rondônia, [s. l.], 2017.

NEPOMUCENO, T. C. **Educação ambiental & espiritualidade laica: horizontes de um diálogo iniciático**. 2015. text - Universidade de São Paulo, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.48.2015.tde-01072015-101326>. Acesso em: 1 abr. 2021.

O'BRIEN, K. L.; WOLF, J. A values-based approach to vulnerability and adaptation to climate change. **WIREs Climate Change**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 232–242, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/wcc.30>

OLIVEIRA, F. L. de. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, [s. l.], v. 51, n. 2, p. 133-143–143, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/csu.2015.51.2.03>

PARANHOS, R. *et al.* Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, [s. l.], v. 18, n. 42, p. 384–411, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-018004221>

PELEGRINI, D. F. Sobre o conceito de paradigma no conceito de Edgar Morin. [s. l.], v. 5, n. 1, Revista Triângulo, p. 57–74, 2012.

PIRES, C. do V. Ecoaldeias: construindo alternativas : estudo exploratório do movimento social das ecoaldeias através do global ecovillage network, Tamera e Los Angeles Ecovillage. [s. l.], 2012. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4991>. Acesso em: 24 fev. 2021.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, <Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. 2ªed. Lisboa: Gradiva, 1998. *E-book*.

REIGOTA, M. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1999.

ROYSEN, R. **Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil : o papel das relações sociais e dos elementos das práticas**. 209 f. 2018. Tese de doutorado - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32820>. Acesso em: 1 out. 2020.

ROYSEN, R. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. 2013. Mestrado em Psicologia Social - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.47.2013.tde-31072013-114650>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ROYSEN, R.; MERTENS, F. Difusão de práticas sociais sustentáveis em nichos de inovação social de base: o caso do movimento das ecovilas / Diffusion of Sustainable Social Practices in Grassroots Innovation Niches: The Case of the Ecovillage Movement. **ResearchGate**, [s. l.], v. 39, p. 275–295, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/dma.v39i0.46673>

SANTOS JUNIOR, S. J. dos. **Zelosamente habitando a terra: ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas**. 415 f. 2016. Tese de doutorado - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3019636

SANTOS, D. G. G. dos. **A relação entre o sentimento de pertencimento e a Educação Ambiental**. 122 f. 2018. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-Nova Iguaçu/RJ, 2018.

SARGISSON, L. Friends Have All Things in Common: Utopian Property Relations. **The British Journal of Politics and International Relations**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 22–36, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-856X.2009.00391.x>

SARKAR, P. R. **Neo-humanismo: ecologia, espiritualidade e expansão mental**. 2a.ed. Porto Alegre: Publicações Ananda Marga, 2001.

SCHETTERT, C. S. S. **Descalço na simplicidade transformadora de uma ecovila: uma reflexão de suas práticas na construção de políticas públicas**. 230 f. 2016. Mestrado Profissional em GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS - UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, [s. l.], 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3719002

SCHIFFER, S. J. “Glocalized” Utopia, Community-Building, and the Limits of Imagination. **Utopian Studies**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 67–87, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5325/utopianstudies.29.1.0067>

SCHMELZER, M. The growth paradigm: History, hegemony, and the contested making of economic growthmanship. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 118, n. C, p. 262–271, 2015.

SEGURA, D. de S. B. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. [S. l.]: Annablume, 2001.

SIQUEIRA, G. D. M. V. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: Novas fronteiras do campo de estudos**. 237 f. 2012. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/96361/310442.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio 2019.

SIQUEIRA, G. D. Mapeamento de Ecovilas e Comunidades Alternativas do Brasil. In: **IRRADIANDO LUZ**. 8 out. 2015. Disponível em: <https://irradiandoluz.com.br/2015/10/ecovilas-e-comunidades-no-brasil.html>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SOBRAL, M. de M. A importância do pensamento reflexivo crítico e criativo na Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 314–343, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/revbea.2014.v9.1821>

SOBRAL, M. de M. **Vivências, perspectivas e receptividade de agricultores açorianos a modos de produção sustentáveis**. 149 f. 2009. Dissertação de Mestrado - Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo - Portugal, 2009.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Thessaloniki: a educação ambiental no Brasil. **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**, [s. l.], 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001173362>. Acesso em: 11 maio 2020.

- SOUZA SANTOS, B. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 63, p. 237–280, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>
- STACH, P. B.; SHENKER, B. Intentional Communities: Ideology and Alienation in Communal Societies. **The Antioch Review**, [s. l.], v. 45, n. 3, p. 372, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/4611775>
- SULLIVAN, E. (Un)Intentional Community: Power and Expert Knowledge in a Sustainable Lifestyle Community*. **Sociological Inquiry**, [s. l.], v. 86, n. 4, p. 540–562, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/soin.12125>
- TARNAS, R. Cosmos y Psique - Indicios para una nueva visión del mundo. *In: Cosmos y psique - indicios para una nueva visión del mundo*. [S. l.]: Atalanta Editorial, 2009. p. 1–122. *E-book*.
- TASSARA, E. T. de O.; ARDANS, O. Intervenção psicossocial: desvendando o sujeito histórico e desvelando os fundamentos da educação ambiental crítica. *In: FERRARO JUNIOR, L.F. (ORG). Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 203–216.
- TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 251–264, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200008>
- VAN DE GRIFT, E.; VERVOORT, J.; CUPPEN, E. Transition Initiatives as Light Intentional Communities: Uncovering Liminality and Friction. **Sustainability**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 448, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su9030448>
- VICDAN, H.; HONG, S. Enrollment of space into the network of sustainability. **Marketing Theory**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 169–187, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1470593117732456>
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, [s. l.], v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/temáticas.v22i44.10977>
- WAMSLER, C.; BRINK, E. Mindsets for Sustainability: Exploring the Link Between Mindfulness and Sustainable Climate Adaptation. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 151, p. 55–61, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2018.04.029>
- WATANABE, C. B. **Fundamentos Teóricos e Prática da Educação Ambiental**. Curitiba - PR: Instituto Federal do Paraná, 2011. *E-book*.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**. 2a.ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

Dispositivo de análise

Unidade análise	Construtos	Dimensões	Sub-dimensões	Indicadores	Questio nário (no.)	Entre vista (no.)	Fontes	
Morador de comunidade Intencional	Comunidade Intencional de inserção	Caracterização da CI	Local, história e pessoas	Nome	6.1	43	autora	
				Ano de fundação	6.7	45	autora	
				Tipo de CI	1.2	33	adapt. MEIJERING (2006)	
				Contatos	6.4,6.5,6.6	---	autora	
				Localização	6.2,6.3	44	autora	
				No. moradores	6.8	---	autora	
				Objetivo/Propósito da CI	---	34	autora	
				Área abrangida	6.9	---	autora	
		Atividades desenvolvidas	fontes de rendimento	relacionadas à geração de renda	6.10	---	autora	
				relacionadas à subsistência	6.10	---	autora	
	Perfil sociográfico	Características pessoais	idade	data de nascimento	11.1	36	autora	
				gênero	gen. Identificação	11.2	37	autora
				origem	país de nascimento	11.3	38	autora
				profissão	ocupação principal	11.4	39	autora
				formação	grau de habilitação	11.5	40	autora
				domínio científico	11.6	40	autora	
		Moradia	dinâmicas de moradia	viver junto ou sozinho	11.7	---	autora	
		Agregado familiar	dependentes	idade	11.8	---	autora	
				onde vivem	11.8	---	autora	
		Alimentação	orientação	tipo	5.3	42	autora	
		Contatos	nome	nome	12	35	autora	
				email	12.2	---	autora	
				outros contactos	12.3	---	autora	
	Eu comunitário (relação com a comunidade intencional)	Integração na CI	motivações para integrar	motivos para ingressar	7.2	30, 32	autora	
				pertencimento à CI	tempo de vínculo	7.1,3	41	autora
					tipo de vínculo	7.3	39	autora
				importância atribuída à CI	influência em sua vida	7.4	31	autora
					experiência de vida em outras CI?	tem essa experiência	7.1	---
				identificação da outra CI		7.1.1	---	autora
				numero de anos		7.1.2	---	autora
		Percepção sobre impactos recíprocos entre a CI e o habitante	da CI em si	representações sobre o que mudou em si, com a inserção na CI	8.1	31	Chen et al (2014) Backpacker Personal Development - BPD	
					8.2			
					8.3			
					8.4			
					9.1, 9.2, 9.3			
					9.4, 9.5, 9.6			
	9.7, 9.8, 9.9							
	9.11							
	9.10, 9.12, 9.13							
	8.5							
de si na CI	identificação	10.2	---	autora				
		importância que se atribui na CI	10.1	---	autora			

(continua)

Dispositivo de análise (continuação)

Unid. análise	Construc- tos	Dimensões	Sub-dimensões	Indicadores	Questionário (no.)	Entrevista (no.)	Fonte
Morador de comunidade Intencional	Eu existencial	visões de mundo (de mim para fora) (a consciência que tenho do mundo)	Bem-estar subjetivo	satisfação com a vida - escala	—	13	Satisfaction With Life Scale (SWLS) Diemer et al (1985); Simões (1992)
			Ontologia	Metafísica	2.1	28	De Witt (2013); De Witt et al (2016)
				Valores da natureza	2.2	29	
				Origem da vida	2.3	24	
				Visões sobre a natureza	2.4	5	
			Epistemologia	Papel da ciência	2.5	27	
				Impactos: ciência e tecnologia	2.6	8	
				Autoridade	2.7	26	
			Axiologia	Valores centrais - O mais importante é	2.8	15	
				Valores centrais: É importante para mim	2.9	4	
				Ética central: uma vida boa é	2.10	18, 19	
				Estilo de vida preferido	2.11	17	
			Antropologia	Auto-identidade	2.12	16	
				O ser humano	2.13	12	
				A relação homem-natureza	2.14	11	
				Interferência na natureza	2.15	6	
				Papel do sofrimento	2.16	6	
				Natureza da morte	2.17	21	
			Visão social	Rel. indivíduo - sociedade	2.18	20	
		objetivos sociais		2.19	1, 2		
		objetivos sociais - "no sociedade..."	princípios a ser defendidos	—	3	autora	
		responsabilidade	A quem compete uma vida mais sustentável	—	9	autora	
		Fontes de problemas ambientais	problemas ambientais globais	—	7	autora	
educação	promoção da consciência ambiental	—	10	autora			
fonte ou origem	formação das suas ideias sobre o mundo	—	25	autora			
Eventos	eventos mais significativas	—	14	autora			
Processos - desenvolvimento interior	Espiritual	Escala (EE)	4.1 a 4.22	—	Delaney, 2005		
	processo/ estratégias utilizadas	estratégias a que recorre	5.1	22	autora		
		conteúdos de incidência/ finalidades	5.2	23	autora		

Fonte: autoria própria

ANEXO 2

Modos de vida alternativos e desenvolvimento pessoal - 1.0

Página 1

Instruções

Você está sendo convidado(a) a participar num inquérito que visa investigar novos modos de vida e como eles se relacionam com as nossas perspectivas sobre o mundo e sobre nós próprios e com as práticas de vida cotidianas. Este estudo enquadra-se numa investigação, apoiada pela CAPES, e desenvolvida no âmbito de um doutorado em Educação, realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Brasil.

Participar nesta pesquisa não lhe trará prejuízos nem benefícios ou vantagens pessoais, apenas a oportunidade de contribuir para uma melhor compreensão científica dos movimentos pessoais e coletivos em prol de uma vida melhor. O preenchimento é voluntário, podendo ser interrompido a qualquer momento sem nenhuma penalidade. No entanto, para nós é muito importante contar com a sua colaboração.

Não existem respostas certas ou erradas, uma vez que pretendemos apenas perceber o que pensa sobre várias questões. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea. As suas respostas são confidenciais e os dados do inquérito serão divulgados apenas para fins científicos e de forma anônima.

Obrigada pela sua colaboração!

Após estes esclarecimentos, consinto em participar dessa pesquisa e no uso das respostas para fins científicos, sem autorizar, todavia, a divulgação dos meus dados pessoais *

Sim, aceito participar nesta pesquisa, estando ciente dos seus objetivos e condições específicas

Página 2

1. Comunidade intencional é formada por pessoas que moram em um mesmo lugar e que, de forma coletiva, compartilham uma visão comum.

1.1. Você mora (ou já morou) em uma Comunidade Intencional? *

Comunidade intencional é formada por pessoas que moram em um mesmo lugar e que, de forma coletiva, compartilham uma visão comum.

SIM

NÃO

Página 3

1.2. Que tipo de comunidade intencional? (Assinale a alternativa que melhor caracteriza a sua situação)

- Ecovilas
- Comunidade de preservação da cultura tradicional (indígenas, quilombolas, outras)
- Comunidade religiosa (ligada às religiões tradicionais: cristãs, judaico, islâmicas, outras)
- Comunidade de desenvolvimento espiritual (yoga, meditação, reiki, terapias alternativas, hare krishna, outras)
- Comunidade agrícola (agrofloresta, biodinâmica, orgânica, permacultura, outras)
- Co-habitação
- Centros terapêuticos
- Outra. Qual?

Página 4

1.3. Você desenvolve ou já desenvolveu atividades educativas relacionadas com o meio ambiente, ou sustentabilidade? *

- SIM
- NÃO

Página 5

1.4. Que atividade?

- Sou Educador Ambiental
- Tenho formação em Educação Ambiental ou em Educação para a sustentabilidade
- Trabalho ou já trabalhei em projetos educativos em meio ambiente, educação ambiental ou sustentabilidade.
- No meu trabalho eu atuo com educadores ambientais.
- Outra:

Página 6

Se você se interessa e costuma participar em eventos e atividades relacionados com modos de vida mais conectados com a natureza e ou com o desenvolvimento pessoal, por favor especifique em quais. *

- Permacultura/Agrofloresta/Agricultura orgânica/Biodinâmica, etc.
- Comunidades intencionais, ecovilas, coabitações, etc.
- Meditação/Mindfulness/Yoga, etc.
- Projetos sustentáveis/de contracultura/ etc.
- Comunicação não violenta, etc.
- Economia solidária, cooperativas, etc.
- Desenvolvimento social, políticas públicas, conselhos, etc.
- Ativismo social em questões de raça/gênero/direitos animais, etc.
- Não participo de nenhum tipo das atividades listadas ou que sejam similares
- Outras:

Página 7

As próximas questões examinam a sua atitude perante a vida em geral.

Relativamente a cada problemática, são apresentadas quatro afirmações que expõem visões diferentes sobre o mesmo assunto. Assinale apenas duas.

2.1 Das quatro afirmações relativas a essência das coisas, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Deus está muito acima da vida na Terra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O universo é governado por leis mecânicas e naturais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As pessoas veem o mundo a partir de perspectivas diferentes, que são igualmente válidas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A realidade é complexa: ela é simultaneamente científica e espiritual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 8

2.2. Das quatro afirmações relativas aos valores da natureza, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que **MAIS SE IDENTIFICA**; e
- Aquela com que **MENOS SE IDENTIFICA**.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos de Identifica
A natureza é criada por Deus e é, portanto, valiosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A natureza tem valor porque os seres humanos são capazes de usá-la e dela desfrutar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As pessoas atribuem valores diferentes para a natureza e todos eles são importantes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A natureza tem valor em si mesma, mesmo que não tenha nenhum valor para os seres humanos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 9

2.3. Das quatro afirmações relativas a origem da vida, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que **MAIS SE IDENTIFICA**; e
- Aquela com que **MENOS SE IDENTIFICA**.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos de Identifica
A vida foi miraculosamente criada por um poder superior	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A vida surgiu por evolução biológica, (não foi criada por um poder superior)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apesar do que a ciência e a religião dizem, ainda não está claro como a vida se originou.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O universo é uma expressão criativa de uma consciência em evolução ou "Espírito"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 10

2.4. Das quatro afirmações relativas às visões sobre a natureza, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
A natureza pode ser dura e imprevisível, mas os humanos podem geri-la corretamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A natureza é adaptável e robusta, por isso recupera-se rapidamente dos danos causados pelos humanos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A natureza é frágil, então os humanos podem facilmente destruir seu delicado equilíbrio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A natureza é mais complexa e misteriosa do que qualquer perspectiva única pode capturar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 11

2.5. Das quatro afirmações relativas ao papel da ciência, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Dependemos demais da ciência e não o suficiente da fé.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A ciência é a melhor fonte de conhecimento confiável.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A moralidade, a arte e a intuição são tão importantes como a ciência para aumentar o conhecimento sobre o mundo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para atingirmos uma compreensão real do mundo, a ciência precisa ser integrada com outras formas de conhecimento, tais como o "insight" espiritual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 12

2.6. Das quatro afirmações relativas aos impactos da ciência e tecnologia, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Um dos efeitos negativos da ciência e da tecnologia é que destroem os conceitos de "certo" e "errado" das pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A ciência e a tecnologia estão, definitivamente, tornando a nossa vida mais saudável, mais fácil e mais confortável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A ciência é frequentemente corrompida por interesses específicos/particulares, como os interesses de grandes corporações.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A ciência e a tecnologia podem dar contribuições benéficas quando a sociedade está ativamente engajada com as implicações dos desenvolvimentos tecnológicos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 13

2.7. Das quatro afirmações relativas a formação de opinião, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

Quando eu estou formando uma opinião sobre um assunto ...

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
...tendo a confiar em líderes tradicionais ou religiosos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...tendo a confiar em cientistas/investigadores e outros especialistas/peritos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...tendo a confiar nos meus próprios julgamento/avaliações/juízos, sentimentos e intuição.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...tento honrar todas as perspectivas e combiná-las num todo mais abrangente ou integrador.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 14

2.8. Das quatro afirmações relativas aos seus valores, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

A coisa mais importante na minha vida é ...

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
...estar a serviço da minha família, comunidade e/ou país.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...ser bem sucedido e ter pessoas reconhecendo as minhas realizações.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...fazer as coisas do meu jeito e traçar o meu próprio caminho na vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...pôr em prática o meu potencial interior e, assim, servir a evolução (cultural) da humanidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 15

2.9. Das quatro afirmações relativas aos princípios, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

É muito importante para mim ...

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
... adaptar-me aos outros e comportar-me adequadamente e socialmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... ter dinheiro suficiente para ter e fazer coisas legais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... ser imaginativo e me expressar da maneira que eu penso e vivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... explorar o meu mundo interior, de modo que possa viver em função do meu "verdadeiro" ou "mais profundo" eu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 16

2.10. Das quatro afirmações relativas à base da vida, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

Para mim, viver uma boa vida é...

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
... respeitar a tradição e honrar minha comunidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...ser independente e fazer o que gosto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...apoiar aqueles que estão sendo oprimidos e dominados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...oferecer meus "talentos" únicos ao todo global de que faço parte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 17

2.11. Das quatro afirmações relativas estilo de vida, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

Eu me esforço por ter...

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
...um estilo de vida sóbrio, simples e humilde.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...um estilo de vida confortável e divertido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...um estilo de vida diversificado e expressivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
...um estilo de vida saudável e natural.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 18

2.12. Das quatro afirmações relativas à identidade, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que **MAIS SE IDENTIFICA**; e
- Aquela com que **MENOS SE IDENTIFICA**.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Quem eu sou é determinado pela minha religião e educação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quem eu sou é determinado pela minha posição social e/ou pelas minhas realizações.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me mais um cidadão do mundo do que um cidadão de um país.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me parte do vasto todo interconectado que é a vida e o universo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 19

2.13. Das quatro afirmações relativas ao ser humano, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que **MAIS SE IDENTIFICA**; e
- Aquela com que **MENOS SE IDENTIFICA**.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
O ser humano é o único ser na terra com consciência do bem e do mal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O comportamento humano tende a ser racional e funcional.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os seres humanos pensam principalmente em si.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os seres humanos têm um potencial ilimitado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 20

2.14. Das quatro afirmações relativas à relação homem-natureza, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Os seres humanos devem se comportar como protetores da criação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ao dominar a natureza, o ser humano pode encontrar a liberdade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As coisas naturais são geralmente mais perfeitas do que as feitas pelos humanos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A um nível mais profundo, eu e a natureza somos um só.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 21

2.15. Das quatro afirmações relativas à atuação humana, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Quando se trata de interferir na natureza, a humanidade não tem o direito de brincar de Deus.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os seres humanos podem melhorar a natureza.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Interferir na natureza é arriscado, pois pode ser demasiado complexo para entendermos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cientes da sua conexão profunda, os seres humanos e a natureza podem trabalhar juntos para melhorar-se mutuamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 22

2.16. Das quatro afirmações relativas ao papel do sofrimento, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
O sofrimento das pessoas é vontade de Deus.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O sofrimento é aleatório, não acontece às pessoas por uma razão.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O sofrimento no mundo é criado e mantido pelas estruturas de poder existentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu uso a dor e o sofrimento em minha vida como oportunidades de desenvolvimento pessoal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 23

2.17. Das quatro afirmações relativas à natureza da morte, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que MAIS SE IDENTIFICA; e
- Aquela com que MENOS SE IDENTIFICA.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Na vida após a morte seremos punidos ou recompensados pelas nossas ações nesta vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não acredito em nenhuma forma de vida após a morte.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não sei o que acontece connosco depois que morremos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acredito em reencarnação, ou seja, que vamos nascer de novo neste mundo, depois da nossa morte.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 24

2.18. Das quatro afirmações relativas ao relacionamento com a sociedade, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que **MAIS SE IDENTIFICA**; e
- Aquela com que **MENOS SE IDENTIFICA**.

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
Cada indivíduo precisa sacrificar seus próprios desejos para servir a comunidade e a sociedade em geral.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cada um precisa cuidar de si e defender a si mesmo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A sociedade deve oferecer um cuidado digno para cada indivíduo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando os indivíduos prosperam e florescem, eles naturalmente começam a trabalhar por um mundo melhor para todos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 25

2.19. Das quatro afirmações relativas aos objetivos sociais, escolha APENAS DUAS:

- Aquela com que **MAIS SE IDENTIFICA**; e
- Aquela com que **MENOS SE IDENTIFICA**.

Na sociedade...

ATENÇÃO: Leia as afirmações com muita atenção antes de selecionar a sua opção, pois não será possível alterar a sua primeira escolha.

	Mais se Identifica	Menos se Identifica
... deveríamos ter maior respeito pela autoridade religiosa e tradição.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... deveríamos dar mais ênfase à ciência e tecnologia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... deveríamos dar mais ênfase à arte, cultura e desenvolvimento moral.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... deveríamos dar mais ênfase ao desenvolvimento interior e à autorrealização.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Sobre a sua satisfação com a vida...

Assinale o grau de concordância relativo a cada uma das seguintes frases.

	1 - Discordo Totalmente	2- Discordo	3- Não concordo nem discordo	4 - Concordo	5- Concordo Totalmente
3.1 A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2 As minhas condições de vida são muito boas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3 Estou satisfeito com a minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.4 Até agora, tenho conseguido as coisas importantes que desejava da vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.5 Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Acerca da espiritualidade ...

Assinale o grau de concordância relativo a cada uma das afirmações

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
4.1 Encontro sentido nas minhas experiências de vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.2 Tenho um propósito de vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.3 Estou feliz com a pessoa que me tornei.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.4 Eu vejo a sacralidade da vida cotidiana.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.5 Eu acredito que todas as criaturas vivas merecem respeito.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.6 Eu valorizo manter e nutrir meus relacionamentos com os outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.7 Eu acredito que a natureza deve ser respeitada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.8 Eu sou capaz de receber amor dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.9 Eu me esforço para corrigir os excessos em meus próprios padrões de estilo de vida / práticas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.10 Eu respeito a diversidade de pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.11 Eu medito para ter acesso ao meu espírito interior.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.12 Eu vivo em harmonia com a natureza.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.13 Eu acredito que há uma conexão entre todas as coisas que eu não posso ver, mas posso sentir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.14 Minha vida é um projeto em construção.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.15 Eu acredito em um Poder Superior / Inteligência Universal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.16 A terra é sagrada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.17 Eu uso o silêncio para entrar em contato comigo mesmo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.18 Minha espiritualidade me dá força interior.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.19 Minha fé em um Poder Superior / Inteligência Universal me ajuda a lidar com os desafios da minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.20 A oração é uma parte integral da minha natureza espiritual. alterar apagar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.21 Costumo tirar um tempo para avaliar minhas escolhas de vida como uma maneira de viver minha espiritualidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.22 Eu tenho um relacionamento com um Poder Superior / Inteligência Universal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Relativamente ao desenvolvimento pessoal

5.1 Das seguintes práticas de desenvolvimento pessoal, selecione aquelas que costuma fazer com frequência (escolha até 3 alternativas):

- Medito
- Rezo
- Então mantras
- Escuta profunda
- Visualização
- Relaxamento
- Leitura
- Faço terapia
- Frequento cursos que visam o meu desenvolvimento interior
- Vou a retiros espirituais
- Faço Contemplação
- Faço serviço social
- Pratico yoga
- Pratico atividade física
- Trabalho como voluntário
- Viajo pelo mundo/procuro conhecer outras culturas
- Procuro estar/conversar com amigos
- Danço
- Semeio, planto e cuido de plantas, flores e/ou alimentos
- Não costumo fazer nenhuma destas práticas
- Outra. Qual?

5.2. Considerando as práticas que assinalou na questão anterior, refira agora o que pretende promover/atingir com elas? (selecione até 3 alternativas) *

- compaixão
- desenvolvimento cognitivo
- flexibilidade cognitiva
- aumentar a concentração
- focar a atenção
- desenvolvimento espiritual
- gratidão
- devoção
- aumentar a força de vontade
- iluminação
- para relaxar
- eliminar o stress
- contemplação interna
- auto-reflexão
- conhecer-se a si mesmo
- melhorar a capacidade física
- compreender a natureza humana na diversidade de culturas
- fazer amigos
- vou trabalhar
- outras intenção. Qual?

5.3 Qual o seu tipo de alimentação? *

Assinale mais de uma, se necessário

- Alimentação viva (vegetais, frutas, grãos e sementes, tudo cru, sem cozinhar)
- Vegan estrito (sem nenhum produto de origem animal: leite, ovos, frutos do mar, peixe, carne, mel)
- Lacto-vegetariano estrito (apenas laticínios mas sem ovos, peixe, frutos do mar, carne, etc)
- Ovo-lacto-vegetariano (apenas ovos, mel e laticínios mas sem, peixe, frutos do mar, carne, etc)
- Onívora (todos os alimentos, leite, ovos, carne, vegetais, etc)
- Sem glúten
- Outra:

6. Em relação à comunidade intencional em que você vive...

Abaixo, há um conjunto de questões de caracterização da comunidade intencional em que habita. Por favor, dê respostas tão precisas quanto possível.

6.1. Nome da comunidade:

6.2 Cidade

6.3 País

Página 32

Por favor, informe os contatos da Comunidade Intencional

6.4 Website

6.5 Facebook

6.6 Email

Página 33

6.7. Ano de fundação da comunidade?

6.8. Número total de residentes?

6.9. Área total da comunidade? (m2)

Página 34

6.10. Assinale as principais atividades desenvolvidas, que buscam gerar renda para a comunidade:

(Marque todas as que existem)

- Captação de recursos por meio de doação, campanhas, apoio a causas específicas, etc
- Organização de cursos e formações
- Elaboração de projectos para obter financiamento do governo ou Instituições
- Cultivo de alimentos (vegetais, grãos, frutas, mel, etc) com venda do excedente
- Venda de produtos artesanais (roupa, acessórios, trabalhos manuais em geral)
- Confeção para venda de alimentos (pães, bolos, refeições, etc)
- Encontros/Retiros espirituais
- Hospedagem remunerada de visitantes (hostel, pousada, etc)
- Venda de produtos de origem animal (leite, queijo, carne, ovos, etc)
- Outro:

Página 35

7.1. Morou em alguma comunidade intencional anteriormente? (ecovilas, coabitação, etc)

- sim
- não

Página 36

7.1.1 Qual ou quais?

7.1.2. Quanto tempo?

Página 37

7.1.3 Qual o ano em que foi viver na comunidade intencional?

Página 38

7.2. Quais foram os motivos para que você tenha escolhido viver em uma Comunidade Intencional?

- Viver longe da família
- Se desenvolver espiritualmente
- Se sentir parte de um grupo
- Se alimentar melhor
- Ter mais amigos
- Trabalhar para um mundo melhor
- Viver de forma sustentável
- Ter paz interior
- Estar perto da natureza
- Mostrar ao mundo uma outra forma de viver e se relacionar com os recursos naturais
- Diminuir os impactos ambientais gerados por mim
- Experimentar, por um tempo, novas experiências
- Aprender sobre tecnologias sustentáveis (bioconstrução, cultivo de alimentos, energia, etc)
- Me tornar uma pessoa melhor
- Outro motivo:

Página 39

7.3. Que tipo de vínculo você tem/teve com esta comunidade?

- Fundador
- Morador permanente
- Morador temporário
- Visitante frequente
- Voluntário

Página 40

7.4. Como a vida em uma comunidade intencional influencia/influenciou a sua vida?

Página 41

8. Participação na Comunidade Intencional

- | | Nada | Pouco | Nem
muito nem
pouco | Muito |
|---|-----------------------|-----------------------|---------------------------|-----------------------|
| | importante | importante | importante | importante |
| 8.1 Com base na sua experiência pessoal, classifique quanto importante é viver em uma Comunidade Intencional? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

8.2. Por que?

Página 42

8.3.

Quanto que viver em uma Comunidade Intencional transformou-o como ser humano?

	Nada	Pouco	Alguma coisa	Muito	Totalmente
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Página 43

8.4. Em que aspectos percebe essas mudanças? *

8.5. O que é que, na sua opinião, provocou essas mudanças? *

10.2. Em que aspectos a sua ação/presença teve impacto significativo na comunidade? *

11. Perfil Sociográfico

11.1. Qual é a sua data de nascimento?
(dd/mm/aaaa) *

11.2. Com que género você se identifica? *

Masculino

Feminino

11.3. Em qual país nasceu?

11.4. Qual é a sua ocupação principal?

Página 48

11.5. Que nível de escolaridade você completou? *

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino técnico
- Ensino superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Nenhum

11.6. Em que área?

Página 49

11.7. Com quem mora?(selecione todas as que se aplicarem)

- Sozinho
- Cônjuge ou companheiro(a)
- Filhos
- Outros moradores
- Com os pais
- Outros. Quem?

Página 50

11.8 Por favor relacione as idades dos seus dependentes diretos e onde moram?

	idade	mora na comunidade com você?
1	<input type="text"/>	<input type="text"/>
2	<input type="text"/>	<input type="text"/>
3	<input type="text"/>	<input type="text"/>
4	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Página 51

12. Por favor coloque aqui o seu NOME.

Este, assim como todos os demais dados são confidenciais

12.2. Email:

Este, assim como todos os demais dados são confidenciais

12.3. Outras formas de contato

(Whatsapp, Facebook, Instagram, telemóvel/celular, etc) :

Página 52

MUITÍSSIMO OBRIGADA!

A sua colaboração foi essencial para que eu possa avançar na investigação sobre novos modos de vida!

Peço a gentileza que reencaminhe o link dessa pesquisa <https://www.onlinepesquisa.com/s/e093efb> a outras pessoas que você conhece que tenham práticas ou interesses nos temas ecovilas, Educação Ambiental, Permacultura, práticas espirituais, entre outras.

Por favor copie e envie o link <https://www.onlinepesquisa.com/s/e093efb>

Página 53

Agradeço também por divulgar e compartilhar esse questionário, com conhecidos, amigos e redes que faça parte.

Basta repassar o link: <https://www.onlinepesquisa.com/s/e093efb>

Se tiver alguma pergunta ou sugestão, por favor entre em contato: marcelasobral@gmail.com

Muito obrigada pela sua colaboração.

» **Redirection to final page of Online Pesquisa**

ANEXO 3

Roteiro de Entrevista semi-estruturada

Estou pesquisando pessoas que vivem em Comunidades Intencionais, e sua relação com as mudanças que ocorrem na maneira como as pessoas entendem a si mesmas e ao mundo que as cercam. Partindo da ideia de que essas mudanças podem trazer potenciais específicos para questões de sustentabilidade e de uma nova forma de viver.

Nessa entrevista, estou interessado em saber mais sobre como você vê o mundo, natureza, o papel e o propósito do ser humano, da sociedade, do divino, etc.

Questões de pesquisa

1. Quais você acha que são as principais finalidades ou metas da sociedade global? Onde você se situa diante a oposição bem comum X bem individual? Por que?
2. Que princípios devem ser defendidos pela sociedade?
3. A quem compete construir formas de vida mais sustentáveis? Na sua visão qual o papel de cada um de nós para a construção de uma vida mais sustentável?
4. Como você percebe as questões ambientais globais com as quais nos deparamos hoje? Qual é a fonte desses problemas, aos seus olhos?
5. Como você acha que se poderia promover a consciência ambiental? Como se poderia desenvolver a visão da sustentabilidade junto às pessoas?
6. O que é conhecimento para você? De que maneira podemos obter conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo?
7. Como é que você diferencia o conhecimento que é válido daquele em que não é válido, não digno de confiança, por exemplo, quando vai tomar uma decisão sobre um tratamento para a sua saúde ou dos seus filhos, em que fontes confia para procurar ajuda? Porquê nessas e não noutras? Em que fontes você confia para escolher os alimentos que consome? Então como é que você diferencia o conhecimento que é válido daquele em que não é válido?
8. Como é que você vê o impacto da ciência e da tecnologia na sociedade e no mundo?
9. Imagine que está no fim da vida e olha para trás. O que seria para si ter vivido uma vida boa?
10. Como você gostaria que fosse o seu estilo de vida?
11. O seu estilo de vida atual é coerente com aquilo que disse? Porquê?
12. Como é que você se vê a si próprio? Imagine que o seu espelho pode mostrar tudo sobre si. O que é que você vê?
13. O que é para si Ser Humano no século XXI no planeta Terra?
14. Como você vê ou sente a relação entre o ser humano e a natureza?
15. E os seus impactos?
16. Na sua opinião, a dor e o sofrimento servem algum propósito na existência? Qual?
17. Como é que você interpreta a morte?
18. Você tem um propósito de vida? Qual é atualmente? Qual o legado que você gostaria de deixar...
19. Quanto você se sente satisfeito com a sua vida? Numa escala de 1 a 10 em que 1 é nada satisfeito e 10 é completamente satisfeito, que número melhor representa a sua situação?
20. Para si, existe algo para além da matéria? A vida tem alguma dimensão transcendental? Você acredita na existência de alguma Inteligência Superior? O quê? Qual?... (E se existe algo divino), na prática, como é que ela se relaciona com a sua vida?
21. Para você o que é a realidade? (A realidade é real? - objetiva ou subjetiva)

22. Como é que você acha que o universo surgiu? E a vida?
23. Como você vê a natureza? Para si o ser humano faz parte da natureza ou não? Porquê?
24. Para si, quais são os valores pelos quais vale a pena lutar?
25. Imagine que está no fim da vida e olha para trás. O que seria para si ter vivido uma vida boa?
26. O que você acha que mais contribuiu para formar as suas ideias sobre o mundo?
27. Ao longo de sua história de vida quais foram os eventos que você acha que foram mais significativos para ser a pessoa que é? Os acontecimentos de sua vida que mais contribuíram para alguma mudança na vida
28. Para você é importante desenvolver-se do ponto de vista interior? Quais estratégias você utiliza?
29. O que é que pretende ao escolher essa(s) estratégias (finalidade) (desenvolver a mente? As questões emocionais? Espiritualmente? Etc.)
30. Como você vê o papel da Educação para esse propósito?

Dados do entrevistado

- A. Nome
- B. Idade
- C. Gênero
- D. Local de nascimento
- E. Profissão
- F. Formação
- G. Com quem mora?
- H. Nome da comunidade
- I. Local da CI
- J. Ano de fundação
- K. Tipo de alimentação
- L. Quais foram os motivos que te fizeram vir morar em uma CI?
- M. Há quanto tempo você mora na CI?
- N. O que mudou na sua vida ao vir morar na CI?

ANEXO 4

PRÉ-TESTE

Este questionário será aplicado em pessoas que se relacionam de alguma forma com práticas sustentáveis.

Por enquanto, preciso da sua ajuda para responder o questionário e analisá-lo do ponto de vista estrutural. Assim, por favor te peço que anote possíveis dificuldades que tenha no preenchimento ou no entendimento, em um papel ao lado ou word para me informar no final desse pré-teste.

Obrigada

Marcela de Marco Sobral – marcelasobral@gmail.com

Orientações

O idioma é o português do Brasil, por isso verifique se encontra erros relativos a esse idioma ou problemas de concordância, entre outros. Se você está em Portugal tenha em mente essas pequenas diferenças, mas ainda assim aponte-as para que eu possa me certificar que estão corretas.

Verifique se o enunciado e também as alternativas de resposta estão claras.

Verifique se há pergunta repetidas, se está muito repetitivo ou cansativo.

Por favor anote estes pontos num papel ou melhor ainda num word para que possa copiar e colar no final. Lembre-se de anotar a pergunta.

Por favor, coloque o seu nome e contato para que se eu tiver alguma dúvida em readequá-lo eu possa perguntá-la a você.

PERGUNTAS PRÉVIAS AO QUESTINÁRIO

NOME

WHATSSAP

EMAIL

DATA: __/__/____

Anote a hora e para verificar quanto tempo você demora a responder. No final anote a hora que terminou

Hora de início: _____

PERGUNTAS FINAIS

Quanto tempo você demorou pra responder? Hora final: _____

Onde voce preencheu ?

- a) no celular, ou
- b) no computador

(tabela com 10 linhas)

# Questão	Dúvidas/dificuldades	Sugestões de melhoria

Assim que esse questionário estiver readequado com as suas sugestões, vou precisa de sua ajuda, para me ajudar a divulgar o link para pessoas que você conheça e que se relacionem de alguma forma com os temas dessa pesquisa: Educação Ambiental; Permacultura; Práticas espirituais; Práticas sustentáveis; que moram em Comunidades Intencionais; Ecovilas... em vários lugares do mundo.

Você concorda?

() sim () não

Muito obrigada pelo seu apoio e participação!

Marcela de Marco Sobral - marcelasobral@gmail.com

ANEXO 5

Ferramentas e softwares utilizados nesta pesquisa, para além do pacote Office.

- Atlas.ti – Análise de conteúdo, em texto, áudio e vídeo
- Docear – para sistematização de referências bibliográficas
- Jitsi - para reuniões online de orientação e para entrevistas
- LucidHart – elaboração de fluxogramas e mapas mentais
- PDF – Viewer – para grifar documentos
- PesquisaOnline – para aplicação de pesquisa online
- R – para análise estatística
- SPSS – para análise estatística
- Tableau – para cruzar dados e montar gráficos e tabelas
- Transcribe – para transcrição de áudio ou vídeo em texto
- Trello – na organização das tarefas da pesquisa
- X-mind – elaboração de mapas mentais
- Zoom – para reuniões online de orientação e para entrevistas
- Zotero – para organização de referências bibliográficas